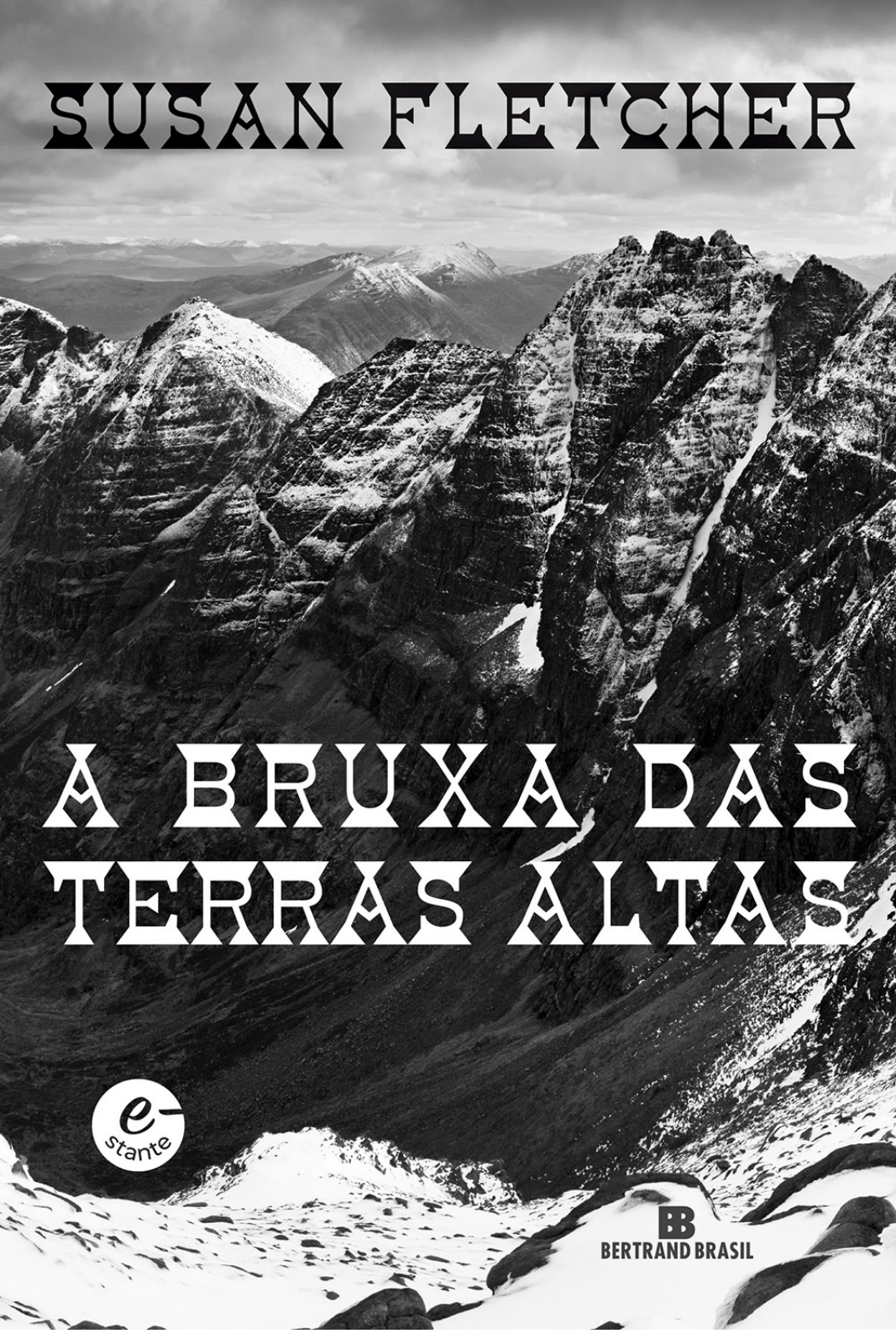


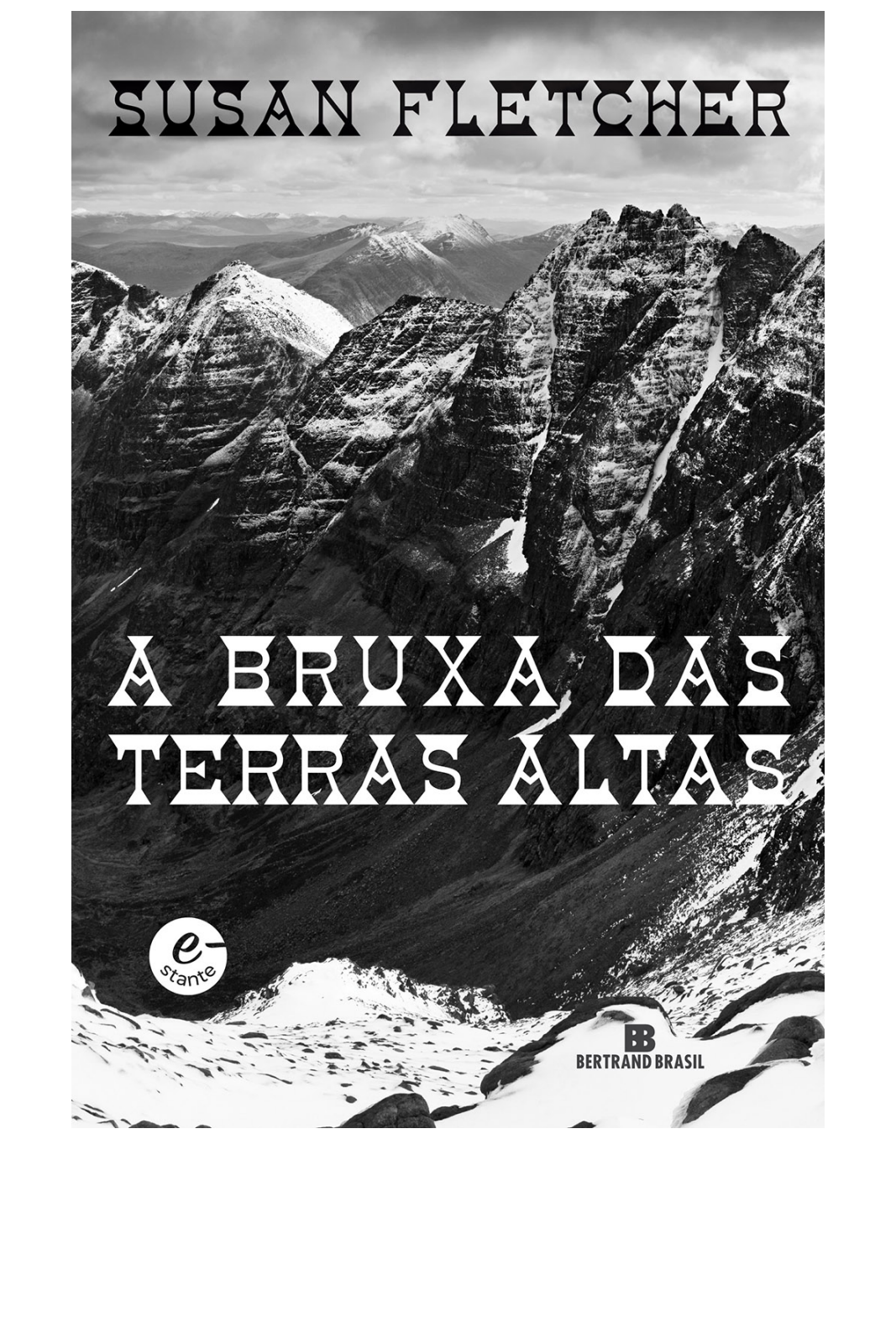


SUSAN FLETCHER

A BRUXA DAS
TERRAS ALTAS



B
BERTRAND BRASIL



SUSAN FLETCHER

A BRUXA DAS
TERRAS ALTAS



B
BERTRAND BRASIL

SUSAN FLETCHER

A BRUXA DAS
TERRAS ALTAS

TRADUÇÃO

CLAUDIA ROQUETTE-PINTO

1ª edição

B
BERTRAND BRASIL
Rio de Janeiro | 2020

Copyright © 2010 by Susan Fletcher

Título original: Corrag Editoração: FA Studio

Texto revisado segundo o novo

Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa
2021

Produzido no Brasil
Produced in Brazil

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

F631b

Fletcher, Susan

A bruxa das terras altas [recurso eletrônico] / Susan Fletcher ; tradução
Claudia Roquette-Pinto. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2021.
recurso digital

Tradução de: Corrag

Formato: epub

Requisitos do sistema: adobe digital editions

Modo de acesso: world wide web

ISBN 978-65-5838-022-1 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Roquette-Pinto, Claudia. II. Título.

21-69946

CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

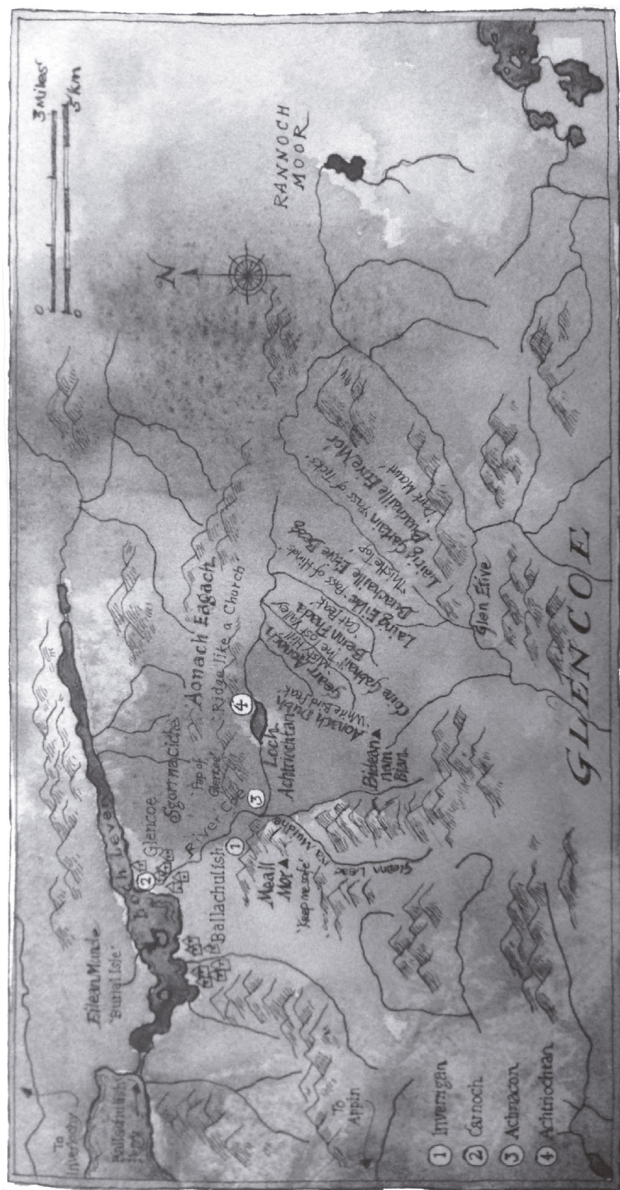
Rua Argentina, 171 — São Cristóvão 20921-380 — Rio de Janeiro — RJ Tel.: (0xx21)
2585-2000

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia
autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:

sac@record.com.br

Para aqueles que estavam lá



Recebi um pedido inesperado outro dia. Haviam ocorrido dois graves deslizamentos de terra no ponto onde as escavadeiras vêm trabalhando nas margens de ardósia. Alguém disse que era porque os trabalhadores haviam perturbado o túmulo de Corrag. Corrag foi uma famosa bruxa de Glencoe... O interessante é que, apesar de sua suposta maldade, ela teria sido enterrada na ilha-cemitério de Eilean Munda. Observava-se, com frequência, que não importava o quanto o mar estivesse bravio, ou o clima tempestuoso, eles habitualmente se acalmavam e permitiam que o barco saísse para o enterro. No caso de Corrag, a tempestade não se acalmava, até que, por fim, ela acabou tendo que ser enterrada próximo ao local por onde a estrada hoje passa. A propósito, nas Highlands¹ era costume as ilhas serem usadas para sepultamentos. Lembrem-se de que os lobos continuaram circulando ali por muito mais tempo do que no Sul.

Barbara Fairweather
Revista do Clã Donald No. 8
1979

Aprende-se mais nas florestas do que nos livros. Bichos, árvores e pedras nos ensinam coisas de que não se ouve falar em nenhum outro lugar.

São Bernardo (1090-1153)

1. Região montanhosa da Escócia (N. da T.).

Edimburgo
18 de Fevereiro de 1692

Jane

Não consigo recordar um inverno tão cruel quanto este, ou algum outro que tenha exigido tanto de mim. Por semanas, agora, temos tido apenas nevascas e gelo. O vento é inclemente e vem do Norte — encontra caminho por dentro do quarto e atrapalha a vela à luz da qual escrevo. Por duas vezes a chama já se apagou. Pelo bem da vela, terei que ser breve.

Tenho notícias tão ruins quanto o clima.

Edimburgo sente calafrios e tosse — mas a cidade também murmura.

Em seus becos e mercados correm sussurros a respeito de traição — a respeito de violência nas terras selvagens das Highlands. As mortes costumam ser violentas naquela região, mas ouço dizer que essas foram especialmente desprezíveis. Dizem que um clã foi dizimado. Os hóspedes ergueram-se contra os anfitriões e assassinaram-nos enquanto ainda estavam em suas camas.

Isso, por si só, já é abominável. Mas ainda há mais. Jane, dizem que foi trabalho dos soldados.

Melhor do que qualquer outra pessoa, tu conheces as minhas opiniões. Conheces meu coração, e se isso for mesmo verdade — se foram as mãos dos soldados que cometeram essa sangria —, então, certamente, foi o rei quem deu a ordem (ou devo dizer o Laranja², o falso regente, pois ele não é meu rei).

Preciso ir até esse vale. Dizem que é agreste e remoto, e certamente estará isolado pela neve, nesta época do ano — mas é o meu dever.

Preciso descobrir tudo o que puder e relatá-lo, meu amor, pois, se William estiver por trás dessa perversidade, poderá vir a ser sua ruína, e a nossa vitória. Como bem sabes, tudo o que desejo é restituir o verdadeiro rei ao seu trono.

Reze por minha empreitada. Peça ao Senhor por um resultado seguro e correto.

Reze pela vida de todos os nossos irmãos nessa causa, pois já arriscamos muito em nome dela. Rezarias, também, por uma melhora no clima? Esta neve está me deixando com tosse.

A vela está derretendo. Preciso terminar a carta, ou logo estarei escrevendo à luz da lareira, que não é suficiente para que eu enxergue bem.

No amor de Deus, e no meu,
Charles

2. *Orange*, no original. Refere-se à Casa de Orange, origem nobre do Rei William (chamado William II, na Escócia e William III, na Inglaterra), o qual assumiu o trono da Escócia em 1689, embora não fosse reconhecido como soberano legítimo por parte do povo escocês. (N. da T.)

SUMÁRIO

Parte um

I

II

III

Parte dois

I

II

III

IV

Parte três

I

II

III

IV

V

VI

VII

VIII

IX

X

Parte quatro

I

II

Parte cinco

I

UM

I
“A Lua é sua Senhora.”
sobre o Alfeneiro
Herbário Completo Culpeper
1653

Quando vierem me buscar, vou pensar na ponta da crista norte, porque foi ali que eu fui mais feliz — com os céus e o vento e as montanhas de limo, escuras pela sombra de uma nuvem atravessando o azul. Vou pensar em como tudo se parece quando parte da montanha de repente se ilumina, e temos a impressão de que aquela pedra foi escolhida pelo sol, destacada pela luz do sol, entre todas as outras pedras. Ela brilha primeiro, e depois escurece outra vez. E vou me fincar ali, as saias voando, e seguir meu caminho para casa. Guardar aquela rocha iluminada pelo sol dentro de mim. E mantê-la a salvo.

Ou então vou pensar no modo como corri enquanto a neve caía. Não havia lua, mas vi a estrela da manhã, que dizem que é a estrela do Diabo; mas é também a estrela do amor. Ela estava brilhando — com tanta intensidade — naquela noite. E eu corria debaixo dela, pensando “que tudo esteja bem, que tudo esteja bem”.

Então, vi o terreno lá embaixo, e ele estava tão calmo, tão branco, imóvel e sonolento que pensei que talvez a estrela tivesse me ouvido e tudo estivesse mesmo bem; que morte nenhuma se aproximava. Era uma noite bonita, aquela. Por alguns instantes, era a maior beleza que eu já havia visto em toda a minha vida. Minha pequena vida.

Ou, então, vou pensar em *você*.

Nos meus últimos momentos de silêncio, vou pensar nele ao meu lado.

Em como ele dizia, suavemente, “você...”.

Alguns a chamavam de “lugar escuro” — como se não fosse possível encontrar bondade naquela montanha. Mas sei que ali havia bondade. Eu subia até as alturas cobertas de neve. Eu me agachava perto do lago e bebia da sua água, e os meus cabelos caíam dentro d’água, então levantava a cabeça e via a neblina começando a descer. Numa noite clara e cheia de gelo, quando disseram que todos os lobos haviam ido embora, eu ouvi, lá de Bidean nam Biam, um lobo

uivando. Era um uivo tão longo, tão choroso, que fechei os olhos para ouvir. O lobo estava chorando pelo seu próprio fim, penso eu, ou pelo nosso — como se ele soubesse. Aquelas noites não eram iguais a nenhuma outra. As montanhas estavam muito negras, como se fossem formas recortadas num tecido, e o tecido fosse o céu azul-escuro, estrelado. Eu conhecia as estrelas. Mas não como aquelas.

Assim eram as noites da montanha. E os seus dias eram de nuvens e de pedra. Seus dias eram de trilhas pelo mato, e de colher ervas em lugares úmidos, ervas que manchavam minhas mãos e deixavam em mim seu per- fume de turfa. Eu vivia molhada, cheirando a turfa. Os cervos trilhavam seus caminhos. Eu também trilhava esses mesmos caminhos, ou então me aconchegava no espaço vazio que seus corpos deixavam no mato e ficava sentindo seu velho calor-de-animal. Eu via o que os seus olhos de cervo, tão escuros, haviam visto, antes dos meus. Assim eram os seus dias — coisas pequenas. Como quando um rio se divide em volta de uma pedra e depois se junta outra vez.

Não havia nada de “escuro”. Nada.

Isso era coisa que eu precisava encontrar — escuridão. Precisava empurrar as pedras para fora do seu lugar de descanso, ou então procurar nas cavernas. As noites de verão podiam ser tão claras, tão cheias de luz, que eu me enroscava toda feito um camundongo e escondia meus olhos com as mãos, atrás de um pouco de escuro para dormir. É assim que durmo até hoje — enrodilhada.

Vou pensar desse jeito. Quando a minha vida estiver acabando, não vou pensar em tiros de mosquete, nem no cheiro que ficou em Achnacon. Nem em coisas sangrentas.

Vou pensar na ponta da crista norte. No modo como meus cabelos esvo- açavam em volta de mim. Em como eu vi a ravina se iluminar e depois escurecer debaixo das nuvens, ou na maneira como ele disse “você me transformou”, parado em pé, ao meu lado. E eu pensei, “esse é o meu lugar”

— meu, o lugar para o qual eu fui feita.

Ele estava esperando por mim, e eu o encontrei, afinal.



Sempre fui de lugares. Lugares para onde as pessoas não iam — como flo- restas, ou o chão macio e pantanoso onde os pés se afundavam e onde, para andar, fazíamos um som de “shlop shlop”. Quando criança, estava sempre pelos brejos. Ficava olhando os sapos, ouvindo o que os juncos faziam na brisa, e gostava daquilo — daquele som. Que era como eu sabia o que era ser eu mesma.

— *Viu?* — dizia a Cora, sorrindo.

Ela também era de lugares. Arrastava as saias pela lama e pela areia molhada. Vivia arranhada, toda manchada de frutas, e, uma vez, morou num velho moinho d'água, em cima daquelas madeiras macias e esverdeadas. Ela dizia que havia se sentido sozinha, ali. Mas que *outra escolha eu tinha? Diga-me!*. Não muita. Certas pessoas não podem ter uma vida cheia de gente. Até tentamos. Vamos ao mercado e dizemos “olá”. Ajudamos a trazer o feno e colhemos as maçãs para fazer a cidra, daquelas macieiras zumbindo de abelhas, mas basta uma coisinha — uma lebre, uma lua esquísita — para “bruxa” aparecer. “Putá.” Eles levantam a sobrançelha. Mandam trazer cordas para nos amarrar, e por conta disso vamos ficando tão tristes, temendo tanto pelas nossas pobres vidas, que acabamos procurando os lugares vazios — o que só faz com que digam “bruxa” ainda mais. “Ela vive sozinha. Ouvi dizer que ela anda nas sombras.” Mas

aonde mais é seguro? Em nenhuma vila. Tudo o que restou para a Cora foram as partes altas, ou as mais profundas. Lugares com tanto vento que as árvores cresciam vergadas e não tinham uma só folha. As pessoas normais não iam até lá, então nós íamos — ela e eu.

Já morei em cavernas e no meio das florestas. Meus pés já se rasgaram de espinhos. Quando eu me esgueirava pelos vilarejos para comprar ovos ou leite, as pessoas faziam o sinal da cruz, cuspiam no chão. Eu conheço cuspe.

Conheço o seu som, também, feito ânsia de vômito, feito um gato puxando os ossos de um passarinho que ele engoliu inteiro, do fundo da garganta, as partes pontudas junto com as penas. Eles cochichavam: “nós sabemos o que vocês são...” Mas sabiam, mesmo? Achavam que sabiam. Quando eu vivia na Inglaterra, as pessoas pegavam velhas verdades — porque nasci num dia de neve, porque gostava de lugares pantanosos — e moldavam verdadeiras mentiras. Diziam que me viram erguer um ombro e me transformar em corvo. Eu nunca fiz isso.

Já morei em terra aberta. Nas charnecas, nas ventanias.

Já morei numa cabana que eu mesma construí, com as minhas próprias mãos — com musgo, galhos e pedra. As montanhas olhavam lá de cima para mim, quando eu me aninhava à noite.

E agora? Agora eu moro aqui. Numa cela, acorrentada.



Está nevando. Pela janelinha consigo ver que está nevando. Foram meses, acho, de neve — de gelo azulado, de frio. Meses de hálito enevoadado. Solto o ar e vejo meu hálito saindo pela boca, e penso “Olha. Essa é a minha vida. Ainda estou vivendo.”

Eu gosto disso — de neve. Sempre gostei. Nasci num dezembro

cortante, de terra dura, enquanto o povo da igreja, com os dentes chacoalhando, cantava hinos a respeito de três homens sábios e uma estrela. A Cora dizia que o clima em que você nasce é seu por toda a vida — é o seu clima particular. “Você vai brilhar mais forte nas tempestades de neve”, ela me dizia. “Ah, sim...” Eu acreditava — porque ela nasceu no meio dos trovões e sempre teve olhos de tempestade.

Sendo assim, a neve e o frio são meus. E já passei por alguns invernos. Já ouvi peixes dando com as cabeças por debaixo do gelo. Já vi um alçapão de força congelar e não ser mais capaz de fazer “bum”, apesar de terem dado cabo do homem, no fim das contas. Uma vez, nesses desfiladeiros altos da Escócia, eu cavei, com a mão, um buraco na neve que havia se amontoado e me enfiei lá dentro, e os soldados passaram correndo por mim, sem saber que eu estava agachada ali. Foi o que salvou a minha vida, acho. Eu sou um osso duro de roer. As pessoas chegam a morrer com este frio, mas eu não. Nunca cheguei a ficar com a pele azul, nem uma vez — um homem já

disse que o que me mantinha aquecida era o fogo do mal dentro de mim e “prendam essa vadia!”. Mas não era fogo do mal coisa nenhuma. Foi só porque eu nasci em uma época de neve e tive que ficar forte para poder continuar viva. Eu quis viver nesta vida. Então eu fiquei forte e vivi.

Além do mais, o inverno é uma estação vazia. É mais seguro. Porque, afinal, quem é que fica andando para lá e para cá nas noites de geada, ou nas manhãs brancas, cheias de vento? Não muita gente, e ninguém por livre e espontânea vontade. Na época das minhas viagens com a égua cinzenta e “Norte e Oeste” na cabeça, eu às vezes ficava sem ver ninguém durante dias e dias. Só nós duas, galopando. Eu e a égua, com flocos de neve nas nossas crinas. E, quando víamos alguém, eram desesperados, na maioria — ciganas que escavavam o chão procurando nozes ou homens arrasados. Bêbados. Um ou outro ladrão. E as raposas, fugindo das armas dos caçadores com aquele olhar — aquele olhar enlouquecido, de terror, que eu conheço bem. Uma vez, encontrei um povo ajoelhado num bosque sombrio na Escócia — estavam tomando o corpo de Cristo pela boca, e havia um padre também, dizendo aquelas coisas de igreja. Fiquei olhando para aquilo e pensando “Por que aqui? E por que de noite?”. Não conseguia entender. Nunca entendi muito bem nem de Deus, nem de política. Mas sei que aquela gente ajoelhada eram “Partidários”³, que é uma palavra feita de pólvora. Eles podiam ser mortos só porque estavam rezando — é por isso que eles rezavam nos bosques, à noite.

E uma vez passei por uma garota sozinha. Ela era da minha idade, ou um pouco menor. Nós nos encontramos no meio das árvores, nas terras baixas, bem cedinho de manhã, e atrasamos o passo,

encostamos nossas mãos. Olhamos uma para a outra por um momento ou dois, com um “tome cuidado” nos olhos, “proteja-se, fique atenta”. Porque, afinal de contas, quem é mais odiado do que nós? Quem é mais solitário do que essas que são chamadas de “bruxa”? Por alguns instantes, nós duas tivemos uma amiga. Mas éramos animais sendo caçados — ela, a raposa e eu. E, então, segui pela trilha por onde ela tinha vindo, e ela seguiu pela minha.



“Bruxa.” É como uma sombra, nunca está longe.

Há outros nomes, também — “feiticeira” e “puta”. “Coisa ruim.” “Vadia” é bem comum, e outros nomes assim, ruins demais até para um cachorro — mas penduraram esses nomes em mim. E eu os arrasto. “Coisa podre”, disseram, uma vez, como se eu fosse um líquido escarrado na rua — como se eu não fosse nem humana. Chorei, nesse dia. No mercado, uma vez, a Cora ouviu “buraco do Diabo”.

Mas “bruxa”...

A palavra mais antiga. A pior. Eu conheço seu peso de lama, grosso. Conheço o formato da boca, quando ela é pronunciada. Para mim, é a palavra mais odiada de todas — mais odiada do que “Highland” ou “Papista”. Algumas pessoas não dizem “William”, como se esse nome fosse veneno; sei que muita gente não quer que ele seja rei. Mas rei é o que ele é, por enquanto. Enquanto eu sempre fui “bruxa”.

Aquele meu parto em dezembro foi bem complicado. Minha mãe sangrou demais, e praguejou e urrou por tanto tempo que a garganta dela se partiu em duas, que é o que acontece nas horas de muita dor. Seu urro tinha duas vozes — uma que era dela, e a outra do Diabo, ou era o que dizia o povo que ficou ouvindo tudo, lá da igreja. E eu caí para fora dela junto com esse som. Eu deslizei para fora e caí na terra cintilante, de olhos azuis, debaixo de um céu estrelado, e ela riu. Ela chorou e riu ao me ver. Disse que a minha vida iria ser assim — fria, dura, ao ar livre.

— Bruxa — disse ela, chorando. Foi a primeira a dizer isso.

Mais tarde, quando o sol nasceu, ela me deu meu nome verdadeiro.

Eu digo essa palavra, olha só. “Bruxa”... E meu hálito se enevoa, e a palavra, branca, rola para fora de mim.

Já tentei não me importar. Já tentei tanto...

Já tentei dizer “isso não dói” e sorrir. Posso até argumentar que “bruxa” foi um presente, a seu modo — é só olhar para a minha vida... Olha só quanta beleza “bruxa” trouxe para mim. Madrugadas de céu rosado, cachoeiras, e praias longas e cinzentas, com o mar trovejando,

e olha só as pessoas que eu conheci. Que pessoas! Já conheci algumas vidas soberanas. Já encontrei vidas sábias, generosas, cheias de espírito, que eu nunca teria encontrado se não fosse por “bruxa”. E quanto amor ela me mostrou, também. Sem “bruxa” eu não teria encontrado o homem que me fez pensar “ele, ele, ele” o tempo todo. Ele, que ajeitou uma mecha de cabelo atrás da minha orelha. Ele, que disse “você”.

Alasdair.

Foi “bruxa” quem fez isso. Então, talvez tenha valido a pena, no fim das contas.

Estou esperando a minha morte. Eu penso “ele” e me pergunto quantos dias ainda me restam para pensar nisso. Viro minhas mãos para baixo e fico olhando. Posso sentir meus ossos debaixo da pele — minhas canelas, meus quadris pequenos — e me pergunto o que vai acontecer com eles quando eu tiver ido embora.

Eu me pergunto muitas coisas.

Como: “Quem vai se lembrar de mim? Quem é que sabe o meu nome verdadeiro — o meu nome todo?” Porque “bruxa” é o que eles vão gritar, quando eu estiver morrendo. “Bruxa”, enquanto o céu escuro se inundar de uma luz feroz.



É como se eu tivesse vivido muitas vidas. É o que eu digo para mim mesma

muitas vidas. Quatro. Certas pessoas têm uma vida só e não conhecem outra, o que é bom, e talvez seja a melhor maneira — mas eu não fui feita para isso. Sou uma folha soprada para todo lado.

Quatro vidas, como as estações.

Qual foi a melhor delas? Eu viveria todas outra vez, porque todas tiveram suas coisas boas. Gostaria de estar de volta à cabana perto do riacho, com os gatos dormindo no beiral. Ou então de andar pela floresta coberta de olmos — malhada de luz, cheia de lagartas. A Cora a chamava de “a amiga dos curandeiros”, porque era lá que encontrava a maioria dos seus remédios. Foi lá, também, que abri o meu ombro pela primeira vez, e onde ficavam os melhores faisões para se caçar e comer, e às vezes nós fazíamos isso.

Ou então gostaria de voltar à minha segunda vida. A minha segunda vida era assim como voar. Feita de terras vazias e vento, e de lama no meu rosto e dos cascos da égua cinzenta. Eu amava aquela égua. Meus dedos davam nós na sua crina, enquanto ela ia galopando por quilômetros e quilômetros, relinchando e levantando poeira. Eu me agarrava, pensando “Vai!Vai!”

Mas é a minha terceira vida que eu queria mesmo de volta, quase toda. A minha vida do vale. Eu vivi essa vida rápido demais — foi uma vida muito curta. E, ainda assim, foi a melhor que eu conheci — em que outro lugar pude ver o meu reflexo e pensar “você está onde devia estar. Finalmente”. E onde mais encontrei pessoas que não se incomodavam comigo, que me deixavam em paz? Puseram uma taça nas minhas mãos e me disseram “beba”. Deixavam galinhas na minha porta, à moda de “obrigado”, e erguiam a mão para me cumprimentar; e eu havia sonhado com isso durante toda a minha vida, tão solitária. Tudo o que eu desejava mais profundamente era ter amor e amigos humanos. Ficar no meio do povo e pensar “esses são os meus. Minha gente”. Foi assim a minha terceira vida.

E a minha quarta é esta — aqui dentro.

É, eu sou de lugares. Mas é porque me fizeram assim — os que me encaravam, os que não confiavam em ervas nem numa garota de olhos cinzentos. Eles me fizeram ser de diversos lugares, sussurrando “bruxa”. Eles me mandaram para o alto, bem alto, para os lugares cheios de ar.

Mas a verdade é que eu queria ter ficado mais tempo com as pessoas — com aquela gente das Highlands, que não se importava com mãos sujas nem com cabelos embaraçados, nem com a minha voz inglesa, e que paravam para olhar os gansos quando eles voavam pro o sul, do jeito que eu fazia.

Então, eu sou dos lugares — do vento, das árvores. Mas sou das pessoas boas, gentis, em geral.

Como o Alasdair. A Cora. O Chefe daquele clã, que está morto agora. Fico pensando na Gormshuil, também. Penso em como ela estava,

naquela noite antes das mortes — como pôs a mão bem perto do meu rosto, mas não em cima dele, como se tivesse medo de tocar em mim. Ela disse: “Vai haver sangue.” Mas ela disse mais do que isso.

— Um homem virá encontrá-la. Um homem virá até você e verá os seus pulsos de ferro, os seus pés pequenos. Ele vai escrever sobre coisas, essas coisas...

Quais eram mesmo aquelas palavras? Eu as varri. Pensava que era o meimendro⁴ quem estava falando, ou um sonho meio sonhado. Eu olhei para a Gormshuil debaixo da neve que caía e sacudi minha cabeça.

Não Meus pulsos?

Olhei para baixo, na direção dos meus punhos, e pensei: “Eles estão rosados, são feitos de carne. Eles estão bem.” Era a erva, com certeza. Os dentes dela já estavam verdes de tanta erva.

Mas, como ela disse, sangue foi derramado em Glencoe. Houve

sangue, realmente.



Um homem virá encontrá-la.

Consigo ouvir essas palavras, agora.

Quem diz essas palavras? Eu as digo. Digo as palavras de Gormshuil e me lembro do modo como ela olhava para mim. Vejo as rugas fundas no seu rosto, que as perdas deixaram ali, e seu couro cabeludo, despontando por debaixo do cabelo ensopado de neve. E me pergunto se ela também estará morta. Talvez sim. Mas acho que ela ainda mora naquele pico de tempes- tade.

— Um homem virá encontrá-la. Punhos de ferro.

De certas coisas nós sabemos. Ouvimos e pensamos “eu sei” — como se aquele conhecimento sempre houvesse esperado dentro de nós. E eu sei. Ela estava certa. Havia uma luz dentro dela quando disse “punhos de ferro”

uma luz ampla, surpresa, como se nunca tivesse tido tanta certeza. Do mesmo jeito que um cervo, quando levanta a cabeça e nos vê, se assusta — porque sabe que somos reais, que respiramos e que estávamos o tempo todo agachados ali.

Sendo assim, eu espero. Com meus grilhões e minha sujeira.

Eu espero, e ele vem. Um homem que eu nunca encontrei vem caval- gando até a minha cela.

Quando me aninho na palha e olho para dentro da escuridão, vejo minhas outras vidas. Vejo os pântanos, o vale. Mas vejo também o rosto dele.

Seus óculos.

Seus sapatos arrumados, de fivela, seu estojo de couro.

3. Membros do Movimento Presbiteriano Escocês, que teve um papel importante na história da Escócia durante o século XVII. (N. da T.)

4. Meimendo negro, planta medicinal indicada contra problemas digestivos que apresenta diversos efeitos secundários, como secura bucal, taquicardia e, em altas doses, alucinação. (N. da T.)

jane,

Escrevo-te esta carta de Stirling. A tinta é ruim e, por isso, perdoe a minha caligrafia ainda pior. Perdoe-me, também, o mau humor. Meu jantar foi composto praticamente de migalhas e minha cama está úmida de frio, ou, talvez, do corpo do ocupante anterior. Além do mais, tinha esperanças de estar mais próximo ao Norte, a essa altura, mas o tempo continua insuportável. Tivemos que nos manter nas estradas mais baixas. Há dois dias perdemos um cavalo, o que nos roubou horas, senão dias. É uma situação deveras frustrante.

Mas deixe-me voltar atrás um bocadinho. Precisamos tomar conhecimento de cada etapa, como uma esposa deve fazer.

Saí de Edimburgo na sexta-feira, o que agora já me figura ter sido há muitos meses. Estou em dívida para com um cavalheiro que me emprestou um cavalo robusto e algum dinheiro — muito embora não possa fornecer-te seu nome. Detesto sonegar verdades a ti, mas revelar mais do que isso poderia pô-lo em risco; direi simplesmente que é poderoso, respeitado e simpático à nossa causa. De fato, notei uma rosa branca bordada em seu casaco, o que, todos sabemos, significa Jacobita. Bebemos à saúde do Rei James e ao seu breve retorno — pois ele há de retornar. Somos poucos em número, Jane, porém somos fortes.

Minha ideia era chegar a um local chamado Inverlochy, na costa Noroeste da Escócia. Lá há um forte e um acampamento. E, além disso, fica a apenas um dia de viagem daquele arruinado Vale de Coe⁵. O cavalheiro assegurou-me que seu governante, um certo coronel Hill, é bondoso e sábio, e que eu poderia encontrar abrigo em sua casa, mas temo que a neve vá me impedir. Viajo em companhia de dois valetes, que mencionam pesadas tempestades de neve nas charnecas, as quais se estendem daqui até o forte. São homens rudes, da região. Enquanto escrevo, encontram-se vagando e bebendo pelos antros da cidade. Não tenho confiança neles. Tenho intenção de insistir em que, não importa o que aconteça, sigamos pela trilha nevada, já que cavalgamos até aqui nas mesmas condições. Mas não posso arriscar outro cavalo. Nem tampouco serei capaz de servir ao meu Deus, caso venha a perecer na Charneca de Rannoch.

Sendo assim, nossa jornada nos levará para Oeste. Inverlochy terá que esperar.

Seguiremos agora para Inverary, um pequeno vilarejo do clã Campbell, às margens do Lago Fyne. Ouço dizer que a costa possui um clima mais ameno. Também ouço dizer que os Campbell são uma gente forte e

próspera. Lá espero encontrar uma cama mais quente do que esta que Stirling me oferece. Lá poderemos engordar nossos cavalos e a nós mesmos também, descansar e esperar pelo degelo. Parece ser um bom lugar para o descanso.

Mas precisarei ficar atento, Jane. Esses Campbell são homens de William. São leais a ele e o apoiam; não simpatizariam com a minha causa.

Chamariam-na de traição, ou de coisa pior. Sendo assim, preciso manter minhas ideias em segredo, frear a língua.

Tempo miserável. Minha tosse está pior e temo que as frieiras voltem. Tu te recordas de quanto me fizeram sofrer em nosso primeiro inverno de casados? Não desejaria passar por isso novamente.

Sinto-me distante de ti. Sinto-me distante da Irlanda. E, também, dos homens que pensam como eu. Escrevi-lhes, em Londres, pedindo por ajuda, fosse em palavras, fosse em fundos para me assistir, mas não recebi resposta. Talvez este mau tempo atrase a correspondência. Talvez atrase as minhas cartas para ti também.

Perdoe-me. Estou sentimental esta noite. É a fome que me perturba — fome de comida, de calor, de um pouco de esperança nestes tempos desesperançados. Também de ti, meu amor. Penso em ti em Glaslough, lendo esta carta ao lado do fogo, e desejaria estar ao teu lado. Mas tenho que servir a Deus.

Querida Jane. Que tu te mantinhas seca e aquecida.

Tentarei fazer o mesmo, e devo escrever-te de Inverary. É provável que venha a ser uma viagem árdua; sendo assim, não esperes uma carta de imediato. Mas tenhas paciência, como também já possuis outras virtudes, pois uma carta há de chegar.

*No amor de Deus, sempre,
Charles*

5. Glen — Vale, em inglês. O topônimo Glencoe designa o Vale de Coe. (N. da T.)

II

“A semente negra também [ajuda] aqueles que, no sono, são perturbados pela doença chamada Ephilates, ou Íncubo, a que comumente damos o nome de Pesadelo⁶.”

sobre a Peônia

Existem os que esperam por mim. Sei que é assim. Sei, também, quem são eles. São aqueles cujos corações eram como o meu, desatado, selvagem. O coração da Cora era o mais selvagem de todos, correndo como correm as nuvens, e ela está me esperando. E também sua mãe, a quem nunca conheci, mas que sei que é pequena e que tem plantas do lago presas nos cabelos. A Sra. Fothers também está me esperando. Certa vez eu a peguei olhando para a estrela da tarde, e ela estava chorando, e então pensei “o coração dela é igual ao meu”. Por isso eu acho que ela está esperando por mim.

Há o homem com a cara de ameixa. Foi o coração que acabou com ele no fim das contas, porque já era um coração cansado quando eu o conheci. E isso foi há anos. E também o menino que encontrei agachado, com medo dos cachorros uivando, espera, pacientemente, por mim. E o nosso porco.

Eu não queria ter matado o porco, com aquele seu focinho veludoso, mas a verdade é que eu o matei e agora ele está à minha espera, como se nunca tivesse se importado de morrer. Ele fica ali esperando, abanando as orelhas.

E a minha égua. Minha égua sarapintada, de ancas largas, que eu amava, amava e amava. Eu a vejo olhando para mim e penso “eu amo a minha égua sarapintada”.

E “eles”, é claro. Os Mac Donald de Glencoe — os que eu não pude salvar. Os escoceses recém-mortos, que aguardam numa fila com suas feridas recentes de mosquete já cicatrizadas, com sua pele intacta, e, quando eu atravessar em sua direção, eles vão dizer o meu nome — e não “bruxa”, e não “Sassenach”.⁷



Essas foram vidas que eu amei e que estão mortas agora. Seus corpos viraram vermes — mas suas almas estão livres no outro mundo, no mundo feito de ar. “O reino”, como a Cora o chamava.

— Para onde todos iremos, um dia. Nossa morte é uma porta que temos que atravessar.

E, do jeito que ela falava, parecia uma coisa boa. Boa e calma. Parte da vida. O que é, na verdade.

Mas eu estava errada quando achei que seria calma. Ou então estava errada por achar que sempre seria desse jeito. Eu era criança, tinha cabeça de criança, e achava que todas as mortes aconteciam quando nos deitávamos, fechávamos os olhos, e dávamos um suspiro. Achava que aquele suspiro ia ser erguido pelo vento e sair voando. Mas não. Só quando matei o porco e ele guinchou foi que eu pensei “a morte pode doer. Pode ser sangrenta e triste”. Foi uma lição terrível que aprendi. Depois dela, fiquei mais sábia. A Cora disse que meus olhos ganharam um cinza mais escuro.

A morte pode doer. É verdade.

E eu já assisti a mais mortes doloridas do que mortes suaves. Houve aquele ninho que caiu, e todas as vidinhas emplumadas dentro dele foram lambidas pelos gatos. Em Hexham, uma vez, amarraram um homem num poste e jogaram pedras nele até ele morrer. E por quê? Provavelmente por quase nada. Houve também a viúva Finton, que não sei do que morreu, mas levou uma semana para descobrirem que tinha ido embora — sentiram o cheiro, e foi só então que a encontraram. Uma porta que temos que atravessar? Nessa parte eu acredito. Acredito porque já vi almas se levantarem e irem embora. Mas nem todas as mortes são de paz. Tem sorte quem consegue uma dessas.

Isso nós não conseguimos. A morte pacífica. Não nós, que temos “bruxa” no lugar do nome.

E por que conseguiríamos, se dizem que nós adoramos o Diabo e que comemos bebês mortos? Se roubamos leite só por querer? Nós nunca temos um fim tranquilo. Com a mãe da minha mãe usaram a cadeira d’água⁸. A vila inteira assistiu enquanto ela ficou bamboleando feito um bote furado, para depois afundar. Eu imaginava a cena, nos meus tempos de criança. Lá fora, nos brejos, entre os sapos e os juncos ondulantes. Eu me agachava até meu nariz entrar na água e não conseguir mais respirar, e pensava “ela morreu assim” e também “será que foi uma morte simples? Sem dor?”. Eu tinha lá minhas dúvidas. Depois, ficava cuspiendo pedaços de junco. A Cora me agarrava, me dizia palavrões e se punha a tirar as ovas de sapo dos meus cabelos.

Existem também as mortes giratórias. Como as dos Homens da Turfa. Essas eu vi; o jeito como eles põem a corda na sua cabeça, como se fosse uma coroa enorme, e amarram duas vezes as suas mãos. A multidão fica assoviando e gritando vivas, como se você fosse um rei. E aí vem o “bum”, e alguns às vezes vão embora depressa, mas

também já vi calcanhares se deba- tendo, e pensei “que tristeza. Que imensa tristeza existe no mundo”.

E o espeto. Uma palavra tenebrosa.

Esse é um destino que eles reservam apenas para nós — as “bruxas” e as “putas”. A vida toda senti medo dos homens do espeto, porque a Cora também sentia. Ela tremia só de falar neles. Ficava pequenininha e se escondia.

— As bruxas têm pedaços que não sangram — murmurava ela. — Ou pelo menos é o que a igreja diz. Então esses homens furam as nossas mulheres com uns espetos de metal, ficam procurando...

E eu perguntava:

De que tamanho são esses espetos?

E ela abria as mãos, assim, do jeito que os pescadores fazem, quando contam aquelas histórias.

Uma porta — dizia Cora — que temos que atravessar. É.

Mas por que dessa maneira? Por que com tanta dor? Eu queria que todos nós pudéssemos encontrar um lugar bem alto, com nuvens e vento, fechar os olhos e entrar num sono profundo; e isso seria a nossa morte. Nada de cordas nem de espetos. Nada de multidões nem cusparadas. Só o vento e a consciência de que as pessoas que você ama estão seguras, de que você vai ser lembrada com carinho e de que tudo está como deveria ser.

É essa a morte que eu escolheria.

Mas não posso escolher minha morte. Ela foi escolhida por mim. A minha morte já foi colhida, como uma fruta.

Por que fogo? — perguntei ao carcereiro.

Perguntei ao homem que veio ver minhas feridas e estancá-las. Perguntei àquele que se chama Stair e que sempre odiou “bruxa”.

Eu disse:

Por que fogo? Por quê? Fogo não, por favor...

E o Stair ficou me olhando através das grades, por alguns segundos.

Então eu supliquei. Rastejei, implorei. Mas ele ficou ali, palitando os dentes, depois rodou devagarinho nos calcanhares e saiu da sala, dizendo:

Imagino que fogo seja o melhor. Está fazendo tanto frio... Vai esquentar um pouco a vila, você não acha?

Comecei a sacudir as barras. Batia meus punhos de ferro nas barras, e chutava meu balde. Comecei a gritar:

Com fogo, não! Não desse jeito! Volte aqui! Volte aqui! Volte aqui!
Volte aqui!

E sacudia, sacudia.

Então ouvi o eco das minhas próprias palavras e os passos dele mor- rendo a distância.

Sendo assim, vai ser pelo fogo. Já estão juntando a lenha do lado de fora. Dá para escutá-los arrastando a lenha pela neve e o som dos pregos sendo batidos. Aqui dentro fico olhando a minha pele. Olho minhas cicatrizes e sardas. Sinto os meus ossos, empurro a pele dos joelhos até os ossinhos debaixo dela fazerem “clank” , para frente e para trás. Acompanho o caminho por onde minhas veias correm, ao longo dos braços, das mãos. Toco a pele rosada, enrugada, entre os meus dedos.

“O reino.” Onde estão me esperando.

Eu os amo, todos eles — Cora, o homem da cara-de-ameixa. Mas não quero ir encontrá-los. Ainda não, não desse jeito.



Estou inquieta, esta noite. Com medo.

Esta noite, minha respiração está rápida demais. Fico andando para cima e para baixo, para cima e para baixo. Fico passando o punho pelas barras de ferro e os nós dos meus dedos começam a doer, e depois a san- grar. Mas a dor me diz “estou viva”, e diz que meu corpo ainda tem sangue dentro dele e está funcionando como deveria. Fico falando comigo mesma e o meu hálito vai saindo pela boca, branco, branco, e quando me sento, enrodilhada, seguro meus pés com muita força e fico me balançando para frente e para trás, feito as crianças, quando há coisas demais em que pensar. Tento dizer para mim mesma, só para me acalmar, “pronto, passou”, mas não funciona. Pressiono os olhos contra os joelhos, e digo a mim mesma que a minha mãe está me esperando, e também a minha égua, e os homens das Highlands, e “não ia ser ótimo vê-la outra vez? Então, pronto, passou”, digo, me acariciando.

Sinto tanto medo que acabei vomitando em cima de mim. E depois chorei. Vomitei no meu cabelo, nas minhas saias, e então fiquei olhando para as minhas mãos e, quando o carcereiro viu aquilo tudo, cuspiu no chão e disse:

— Ah, você está com o Diabo no couro, está, sim. Sua desgraçada, sua imunda... — Como se ele fosse um lorde de tão limpo.

Ele nunca foi nada limpo. Tentei limpar minha roupa. Tentei sossegar. Mas tenho tanto medo... Fiquei chorando e abraçando o meu corpo, e vomitei mais uma vez.

Mais do que tudo, tenho medo da dor. Porque, com certeza, aquilo dói. Com certeza há de ser uma dor além da compreensão, e uma morte lenta, ainda por cima. E tão solitária. “O fogo. ” Toda vez que penso nisso, aperto os braços em volta do meu corpo e choro, aos gritos. Meu choro faz eco. Ouço o eco e penso “que triste, triste

criatura, para fazer um som assim!”. Porque é um som desesperado, semimorto. É o uivo de um bicho totalmente destroçado, estropiado, sem um fio de esperança, sem luz. Sem amigos.

Puxo minhas correntes.

— Não me deixem morrer. Não me deixem ser queimada. Eu me sacudo para frente e para trás, desse jeito.

E, no entanto, tenho um consolo. É pequeno, mas é meu — e sussurro meu consolo dentro das minhas mãos em concha.

“Existem pessoas que vivem graças a mim.”

Vivem. Elas vivem porque eu as salvei — porque ouvi a voz da minha alma, a voz dos meus ossos, as palavras do mundo. Eu ouvi meu útero, minha barriga, meus peitos. O meu instinto. O lobo uivando em mim. E eu disse a elas:

— Fugam para Appin! — e também — Vão! Vão!

E elas foram. Eu as vi correndo pela neve, com as saias levantadas, e as crianças amarradas bem junto ao corpo, e pensei: “Isso. Fiquem seguras. Tenham vidas longas.”

Pronto. Isso me consola. Retira o medo de mim, faz minha respiração se acalmar. Quando me amarrarem nas toras, eu vou dizer “eu salvei vidas”, e vai ser um consolo, e então não vou me importar com as labaredas. Pois e daí, se esse é o preço? A minha vida em troca das deles? Se o mundo exige isso — minha pequena vida, com suas horas solitárias, em troca das vidas de trezentas pessoas ou mais, eu pago. Se isso quer dizer que eles estão vivos, e se quer dizer que o cervo ainda caminha pelas colinas, e no verão os arenques ainda reluzem no lago, e se quer dizer que as pessoas ainda tocam suas gaitas de fole e contam histórias sobre Fionn e seus cães, e o Senhor das Ilhas, e se a urze ainda balança no vento, e se isso quer dizer que “ele, ele”, com o cabelo igual ao mato úmido da encosta, ainda está vivo e a caminho da cura, então eu pago. Eu pago.

Será que está vivo? Acho que sim. Nas minhas horas mais negras, me preocupo pensando que talvez tenha morrido — mas acho que está vivo. Eu o vejo perto do mar. Na lateral do torso, o cataplasma de cavalinha e confrei, que ele levanta. Vê que a ferida está cicatrizando e pensa “Corrag”... Põe o cataplasma de volta no lugar.



Viu só? Estou calma, agora. Posso ver o cabelo dele, vermelho-escuro.

Preciso dormir. Em parte, dormir parece um desperdício das minhas horas finais, um desperdício de fôlego. Mas, mesmo enquanto fico pensando na vida, no amor, no cervo com sua galhada tão bonita,

a Gormshuil vem na minha cabeça — o jeito como ela disse “um homem virá”.

Acho que ele vai chegar amanhã. Meus dias estão cada vez mais curtos.

Deixe que venha. Deixe que faça o que tem que fazer, mesmo que doa. Mesmo que sejam espetos, ou a vez dele de dizer “puta”, ou “feiticeira”. Porque eu ainda estou viva. Os que eu amo ainda estão vivos, e, sendo assim, que dor pode se aproximar de mim? O que há para temer?

As vidas têm muito mais valor do que as mortes algum dia terão. É disso que nos lembramos — da vida. Não do modo como as pessoas morreram, mas como eram carinhosas e tinham os olhos brilhantes, e como viveram suas vidas.

6. No original, *Night-mare*. O uso do hífen nesta palavra, incomum no inglês contem- porâneo, cria uma ambivalência de sentido. Assim, *Night-mare* tanto pode ser inter- pretada como “pesadelo” quanto também no seu sentido literal: “égua (*mare*) noturna (*night*)”. (N. da T.)

7. Palavra escocesa usada para depreciar alguém de nacionalidade inglesa. (N. da T.)

8. Em inglês, *Ducking stool* — “cadeira em que se amarrava o condenado para imergi-lo n’água”. (N. da T.)

Querida Jane,

Tu ficarás contente, penso eu, ao saber de onde te escrevo. Logrei chegar em segurança à vila de Inverary — embora houvessem momentos em nossa viagem quando duvidei de que conseguíssemos. Foi uma travessia árdua, meu amor. Repleta de nevascas. Passamos por águas escuras e desoladas, e o vento uivava como um demônio à noite. Pensava no protetor de joelhos bordado que minha mãe me fez de presente, recordas-te? Ele diz: “Por isso é que podemos dizer com confiança: O Senhor é meu socorro, e nada tenho a temer. Que me poderá fazer o homem?” (Hebreus 13.6) — e foram Sua intercessão e o Seu cuidado o que nos trouxe até Inverary, por fim.

É uma cidadezinha atraente, a despeito do clima. Situada na beira do Lago Fyne, tem certo ar de dinheiro e civilidade, o que se torna deveras bem-vindo a esta altura. Meus aposentos são quentes e secos.

Ficam à beira-d'água, em uma hospedaria de coches que dá a impressão de ser movimentada de dia e ainda mais animada à noite. Os quartos têm lareira e uma janela, de onde se avista o lago, com seu gelo tilintante (sinto um prazer um tanto infantil em ficar olhando todo esse frio, enquanto me mantenho aquecido. Escrevo-te estas palavras olhando para a luz azulada) e surpreendo-me com a resistência dessa gente, que vive em meio a essas montanhas e à intensidade desse vento. Os Campbell são homens generosos. Seu compromisso de fidelidade pode não ser o mesmo que o meu, mas tenho me alimentado fartamente nesta hospedaria, e os dois cavalos que nos restaram, os quais nos serviram tão bem, aparentam estar tão felizes quanto eu com a comida e o descanso. Confesso que meu ânimo está muito melhor do que antes. Até mesmo provei carne de cervo, Jane. Ainda estou palitando os dentes. É carne boa, nutritiva.

Quanto ao meu propósito.

Tenho ouvido falar bastante a respeito de Glencoe. É tudo de que se fala, pelos cantos desta hospedaria. Enquanto ceava, ouvi coisas que fizeram gelar-me o sangue. Dizem que o Chefe foi baleado no momento em que se levantava da cama. A senhora, sua esposa, foi ferida de tal maneira que acabou por morrer nua, na neve, do lado de fora da casa. Ouvi dizer que arrancaram-lhe os anéis dos dedos a dentadas e que suas mãos estavam feridas do modo mais bárbaro.

Fui informado de tudo isso pelo estalajadeiro. Tu ririas, acredito eu, se pudesses vê-lo. O homem tem o cabelo mais vermelho que já vi, e as maçãs do rosto, deveras coradas. Ele transborda de palavras. Estive em Inverary

há uma tarde apenas — quatro horas, no máximo — e já me abordou mais de uma vez. No momento mesmo em que chegamos, pude perceber seus modos furtivos.

Pretendeis ficar aqui por muito tempo?

Respondi que, tão logo como todos os viajantes, encontrava-me à mercê de nosso Senhor, e que Ele e o clima é quem iriam decidir a duração da minha visita. Sinto que ele irá bisbilhotar, Jane. Mas isso é algo que pode acabar nos sendo útil, a seu modo. Pois, se bisbilhotar a mim, também é possível que bisbilhote os outros. Em algum tempo, poderá saber de muitas coisas.

Pensando nisso, perguntei-lhe, casualmente:

Aquele famoso vale encontra-se próximo daqui? Como ficou satisfeito! Chegou mais perto e disse:

Sim, o que resta dele. Foi queimado e destruído. Seus olhos escureceram, e ele achegou-se ainda mais.

Ouçã o que eu vos digo — disse ele. — Não foi perda alguma. Os que foram dizimados naquele vale não farão falta...

Então, recobrou-se, porque, afinal, falava a um estranho, e perguntou: Qual é a vossa graça, senhor? O senhor não me disse ainda.

E que Deus me perdoe, Jane — mas dei falso testemunho. Tendo em mente meu real propósito, não disse a ele o meu nome verdadeiro. Em vez disso, criei um nome com pedaços dos nossos conhecidos. Fiz uso, meu amor, do teu nome de solteira. Pois e se tivessem ouvido falar sobre mim? E sobre meus ensinamentos? E sobre minha postura Jacobita? Não podia correr o risco da gente dessa cidade ficar informada sobre minhas simpatias.

Charles Griffin — disse a ele. — Reverendo.

Reverendo? E qual o vosso propósito aqui? Estais bem longe de casa, meu amigo.

E eu disse:

Vim trazer a palavra amorosa do Senhor para as terras sem lei do Norte. Pois ouvi falar que as Highlands estão cheias de pecado.

E como estão! Ao Norte daqui? Católicos, homens desonestos, criminosos...

Começou a limpar as lentes dos óculos, balançando a cabeça.

Cheios até o topo de crueldade e de modos bárbaros. São uma vergonha para nós! E, além do mais — disse ele, com o dedo erguido —, o Norte está cheio de traidores. Aqueles que tramam contra o rei.

William?

Sim, o rei William. Que Deus o proteja. Graças a Deus, teve sucesso. Foi um nome acertado para uma revolução, não achais?

Tomei um gole da minha cerveja. Eu chamaria esta revolução de tudo, menos de gloriosa. Mas não disse nada.

O homem perguntou:

Já ouvistes falar da bruxa?

Fiquei surpreso ao ouvir aquilo — quem não ficaria? Engoli e disse:—

Não. Sei bem que este país — aliás, também o nosso — já sofreu, em tempos passados, com o problema das bruxas, além de outros feitos obscuros sobre os quais prefiro não me deter.

Mas essa conversa era apenas para disfarçar. Ele disse:

Pois há uma bruxa aqui em Inverary. Ela está acorrentada na cadeia devido aos seus modos maldosos. Ouço dizer — prosseguiu — que está coberta de piolhos e que não possui nem mais um único dente. Está esperando pela morte, por conta de suas maldades. Meu senhor, ela estava em Glencoe...

Jane, minha adorada.

Já discutimos este assunto no passado, tu e eu, nos jardins de Glaslough, ao lado do chorão. Tu te lembras? Usavas teu xale azul, que torna ainda mais intenso o azul dos teus olhos, e falei sobre encantamento. E terminamos por falar sobre feitiçaria, perto daquela árvore. Sei que discordamos.

Homens com a minha fé e a minha profissão conhecem bem este assunto, o trabalho do Demônio. Sabemos que há pessoas que O servem. Talvez não o façam por livre e espontânea vontade, mas o fato é que o fazem. O nome

disso é possessão, e é uma ameaça a qualquer nação civilizada e segura. Há quem sustente que qualquer um ligado a esse tipo de atividade não pode continuar vivo, e que deve ser purgado pelo fogo ou pela água, para seu próprio bem. Muitos pensam desse modo. E tu sabias que estou entre eles?

Que tais mulheres não devem ser toleradas? Isso te preocupa, eu sei. Minhas ideias a esse respeito. Mas, Jane, já não temos, nos tempos que correm, inimigos o bastante? Já não temos o bastante contra o que lutar — outras fés, falsos reis e guerras — sem ainda precisarmos ser perturbados por esses adoradores do Diabo? Quem realmente conhece o poder que possuem? Se existe um Deus, existe um Diabo. E, como sabemos, ambos existem. Já há maldade demais neste mundo, meu amor. Ao nos livrarmos do seu lado sombrio, protegemos seu lado são.

Conheço teus pensamentos. Lembro-me bem. Teus olhos azuis encheram-se de lágrimas. Tu não crês em “bruxa”, ou talvez não confies nos homens que gritam essa palavra, eu sei. Pensas que mulheres como essas talvez estejam apenas doentes. Que talvez sofram de delírios, ou de alguma dor, ou então que temam os homens. Afirmastes sentir pena de tais criaturas, naquele dia, envolta em seu xale azul debaixo do chorão.

E eu amo esse teu lado, que confia, essa tua fé naqueles que não conheces.

Mas, Jane, existe o mal neste mundo, isso eu te garanto. E ele lança sua sombra sobre todo lugar. Ele almeja sufocar toda virtude e toda decência, e

hei de passar minha vida inteira lutando para impedi-lo, assim como fez meu pai. Existe um caminho correto. E meu propósito na vida é devolver todos os homens a este caminho. Para que possamos todos, mais uma vez, caminhar à luz de Deus.

Espero ficar poucos dias nesta vila. É apenas um local de descanso, antes de seguirmos para o Norte, para aquele vale destruído. Esta tal bruxa se encontrava lá, meu amor. Estava presente na noite dos assassinatos, e assistiu a tudo com seus próprios olhos. Não estou muito ansioso por visitá-la, nem por passar meu tempo com tal exemplo de gangrena pagã; nem, muito menos, por pegar seus piolhos.

Mas não devo esquecer-me da causa. Se a bruxa esteve em meio a essas mortes, ela pode ter sua utilidade. Deve ter visto os casacos vermelhos⁹ — e qualquer informação, até mesmo a palavra de uma bruxa, é melhor do que nada.

Está ficando tarde. Já passa da meia-noite; é o que diz meu relógio de bolso. Vou concluir esta carta reafirmando-te o quanto sinto tua falta. São palavras pequenas. Mas, ao lançar os olhos para fora da minha janela, posso ver o Lago Fyne e o mar; e, olhando para oeste, através dele, penso em ti.

Digo a mim mesmo que a Irlanda encontra-se do outro lado de toda essa água. Tu estás do outro lado dessas águas, e também nossos meninos, tudo o que mais amo neste mundo, além de Nosso Senhor.

Mantenha-te forte. Sei que minha ausência te exige bastante e que tens que enfrentar a provação de estar sozinha. Perdoe-me. Peço-te perdão, mas sei que já estou perdoado, pois tua fé e teu amor a Deus são como os meus. Tenho dormido em camas úmidas e precisarei agora conversar com bruxas, em nome de Sua glória e da de James, mas saiba que, enquanto o faço, também penso em ti. Quero que sintas orgulho de mim.

Neva ainda. É verdade que me queixo da neve, mas ela me parece macia e bela, tendo a ti, minha esposa, em pensamento.

Envio-te o meu amor desde o lado de cá do Lago Fyne e de tudo o que há entre nós.

Charles

9. Casacos vermelhos — Como eram conhecidos os soldados ingleses, cujo uniforme oficial foi adotado em 1645. (N. da T.)

III

“Esta é uma planta comum, embora muito negligenciada.

Ela possui grandes virtudes.”

sobre o Confrei

O carcereiro agora me conhece.

Sabe que falo no escuro. E sabe o quanto fico pequena quando me enro- dilho inteira — tão pequena que ele pensa até que fiz magia e desapareci.

— Bruxa nojenta — diz ele, quando me enxerga novamente — Tomara que acabem contigo bem devagar... Eu vou estar lá, me aquecendo.

Mas eu também o conheço. Conheço seus olhos de soslaio e sei que um pouco de morrião-branco iria ajudar aquela pele de folha seca que ele tem nas mãos e que se esfarela sempre que ele se mexe. Essa coisa nas mãos piora com esse tempo. Sei também que ele bebe — o bafo dele é puro uísque e carne velha, e já o ouvi roncando quando havia luz do dia lá fora, ou, ao menos, um céu mais claro do que o da noite. Acho que o uísque deve ser a melhor coisa na vida dele. Conheço seus passos, também. Sei que ele manca e arrasta a perna esquerda. Mais ninguém anda assim — como se fosse a maré subindo. Além do mais, as chaves dele balançam. É a única música que escuto nesta prisão — nenhum canto de pássaro, nenhuma gaita. Só suas chaves e sua perna esquerda pesada.

Conheço o som que faz, quando anda. Este não é o carcereiro andando.

Estes são os passos de um homem que não é ele.



Entre. Quer se sentar?

Estou notando esse seu olhar.

Todos me olham desse jeito, sempre que me veem pela primeira vez. Deve ser o meu tamanho, acho — o quanto sou pequena. Sei que sou miúda. Já fui chamada de camundongo, de filhote de passarinho e

de criança, apesar de não ser nenhuma dessas coisas. O doutor entrou aqui e não conseguiu me enxergar no escuro. Ficou zangado e gritou: “Não há prisioneira nenhuma aqui!” E então mudei de posição com as minhas correntes, elas chacoalharam e sussurrei para ele: “Ah, mas há, sim.”

Mas saia aí da porta. Está vendo como estou presa? A maioria dos ladrões que são jogados aqui dentro não precisa usar correntes como as minhas. São postos atrás das grades, e isso é o bastante. Mas, por causa de “bruxa”, tenho que usar correntes. Eles pensam que vou me transformar em vento e sair daqui num sopro. Ou então virar sapo e sair pulando porta afora. Mas também estou acorrentada por causa do meu tamanho, meus braços de gra- veto, meu corpo magro. O Stair disse que eu poderia me espremer por entre as grades, “então, acorrentem-na! Ponham algemas nela, e bem apertadas! Essa daí não pode escapar”.

Sendo assim, passe pela porta. Eu não vou machucá-lo. Há um banquinho, perto daquela parede.

Conheci uma mulher que sonhou com o senhor. Ela era meio maluca e tão alta quanto um homem. Foi debaixo de uma neve macia, leve, quando os flocos não caíam, mas ficavam suspensos no ar, que ela me falou do senhor. “Um homem”, ela disse. “Depois do banho de sangue, ele virá até você.” Ela falou sobre meus punhos de ferro e o chamou de bem arrumado. Não disse nada sobre os óculos, mas eu imaginei, e também estava certa a respeito dos seus sapatos, brilhantes e com fivelas. E da sua peruca de cachos pequenos.

Que modo, esse seu, de me olhar. Esse olhar que eu reconheço. Que diz “maldita, devassa. Fique longe de mim”.



Então eu já sabia que o senhor viria. Gormshuil era o seu nome. Ela tinha o dom da previsão, apesar de eu não acreditar sempre no que dizia, porque gostava muito de meimendro negro para poder confiar nas suas palavras. Uma vez, ela pôs o dedo no meu peito e disse:

Esposa! — Como se estivesse vendo uma dessas em mim. Eu disse a ela:

Não...

Balancei minha cabeça e dei um passo atrás, mas ela ficou cantarolando aquela palavra.

Esposa! Esposa! — Enquanto se afastava pelo vale.

É isso, o meimendro negro. Uma erva das mais fortes que eu conheço. Em muita quantidade, pode matar, e bem depressa, ainda por cima. Mas acreditei nela quando ela me falou, senhor, a seu

respeito.

É o motivo de o senhor ter vindo aqui o que eu não sei.

Outros já vieram. O senhor não é o primeiro a se sentar nesse banquinho, nem a franzir as sobancelhas para essas paredes. Muitos já vieram. E as razões deles são tantas, e tão estranhas, que é como colher ervas. Uma nunca é igual à outra. Para salvar minha alma do fogo sem fim dos Infernos, é uma. Eu até acho que a minha alma está bem, mas muitos vêm até aqui só para testá-la, para me fazer falar de Deus e me arrepender das minhas mal-dades. Houve o padre que veio me ver e que ficava dando berros, feito um sapo coaxando. Ele falou comigo do mesmo jeito que todos os homens da Igreja — ou seja, como se eu não fosse humana ou, na melhor das hipóteses, simplória. O senhor é um homem da Igreja? Estou vendo a cruz no seu pescoço, e essa sua desaprovação tem um ar meio santificado, divino. Imagino que umas mil palavras da Bíblia morem dentro da sua cabeça e sejam ditas com muita solenidade. Mas salvar minha alma? Acho que não... O senhor não se senta como os outros. O senhor não me encara com a mesma dureza. Aquele padre urrava e me encarava tanto que eu o encarei de volta, e ele detestou isso.

Um traste insolente com o nome de bruxa — disse ele.

Odiava a minha conversa. Sei que sou capaz de falar um bocado. Mas não vejo muita gente, então, quando vejo, eu falo demais.

Ele também me chamou de “prostituta” e de “briguenta”. Disse que a minha conversa o desrespeitava e que o dia em que eu fosse queimada como um porco assando em um espeto ia ser um dia bom.

Então é isso o que me aparece — esses da Igreja. Que acham que são homens melhores só porque vêm aqui me xingar.

E os homens da lei. Esses também já vieram. Mas que lei é essa? Eu não vi nenhum julgamento, senhor. Não vi nenhuma justiça verdadeira. Quando foi que a lei falou em nome da justiça? Nenhuma das nossas mulheres, algum dia, ouviu falar de justiça. Se uma ave piar uma só vez, então eles põem a ave na panela, ou a afogam, ou melhor, penduram o bicho numa corda e depois chutam os pés da cadeira, que é para ele não piar de novo — essa é a lei. “Lei”, acho eu, é como “feiticeira” — dizem tanto essa palavra que já ficamos cegos para ela. O coração dessa palavra, que é a sua parte mais verdadeira, se perdeu, e agora uma mentira maldosa está sentada no lugar com o antigo formato dele. Eu não sou do tipo que pia, nunca fui. Mas isso não faz a menor diferença. Aqui estou eu. Acorrentada.

E os médicos. Houve um doutor. Só um. Um homem que trouxe seus próprios piolhos e que veio olhar o ferimento do tiro de mosquete que me acertou. Disse que estava cicatrizando tão rápido que só podia ser trabalho do Chifrudo — o que, é óbvio, não era. Era uma mistura de cavalinha com um pouco de confrei, fervida e aplicada no local. Ele

mesmo deveria usar um pouco de confrei, pois tinha umas pústulas muito fedorentas, por causa das mordidas dos piolhos. Uma estava cheia de pus, e só vai piorar. Aquele ali não era médico coisa nenhuma.

E, depois, houve o resto. O povo de Inverary, que só queria olhar; olhar e sentir o cheiro da bruxa, a “puta do Diabo”. Eles me atiraram pedras através das grades. E, quando estavam indo embora, tapando os narizes com lenços, puseram moedas nas mãos do carcereiro. E eu fico só imaginando que devem ter rendido uma boa refeição para ele. Ele deve ter comprado um montão de garrafas com o que faturou “daquela bruxa que estava no vale amaldiçoado”.

Ela estava lá? Em Glencoe?

Estava, sim. E viu tudo, é o que dizem. Dizem que se ajoelhou e fez seus feitiços ali mesmo.

E invocou o Diabo?

Ah, sim. Aquele sangue todo, toda aquela matança... Com certeza o Diabo estava lá.

Um homem chamado Stair também veio. Ele se sentou aí, onde o senhor está sentado agora. Olhava para mim como um lobo olha para um animal

que ele viesse perseguindo há muito tempo, e que agora, finalmente, tivesse conseguido pegar.

Isso é tudo o que tenho a dizer sobre ele.



Reverendo Charles Leslie. Tenho a sensação de que conheço esse nome. “Leslie” — como o vento nas árvores, ou a maré subindo...

Eu vi o senhor se encolher quando ouviu “bruxa”.

Ah, sim, certamente é uma palavra maldita. Tem causado muitos estragos ao longo dos meses e dos anos. Muitas pessoas de bem já foram destruídas por ela, casadas e solteiras, belas e estranhas. Homens. Mulheres.

Na sua mente, qual sua opinião sobre “bruxa”?

Sei que, quando ouvem essa palavra, todo mundo tem certa criatura na cabeça. Geralmente, uma mulher. Escura feito o breu e muito má, e toda retorcida, de tão velha. O senhor pensou: “Será louca, essa bruxa?” Pode ser que eu seja. Já me disseram isso. Eu balbucio e gosto de ficar brin-cando com as mãos, e ponho as mãos no rosto quando falo, assim, feito um camundongo faz com suas patinhas, quando come ou quando está tomando banho. Minha voz é áspera e infantil, e isso já foi considerado uma prova, porque costumam dizer que o Diabo levou a minha voz mais grave embora e a comeu, para deixar sua voz ainda mais grossa. O que é mentira, é claro. Eu sou

pequena, e é por isso que minha voz é pequena, também — é apenas isso.

E os feitiços? Ah, já tentaram pôr a culpa de mil coisas em mim — uma

farpas no dedo, uma coruja dando um rasante. Eles punham a culpa de muito mais coisas na minha mãe, mas ela era mais brava do que eu, além de ser bonita e corajosa. Um bezerro com uma estrela na testa tinha sido obra dela, e também aqueles gêmeos, tão idênticos quanto um par de sapatos. Uma vez a Cora me contou que um galo preto cacarejou na porta de uma igreja, e então eles levaram a coisa embora e a enterraram — não a porta, o galo. O que é pior, enterraram o bicho vivo e ela ouvia o galo se debatendo enquanto o apertavam no chão. “Foi o Diabo que nos mandou esse galo”, diziam baixinho. Mais tarde, naquela mesma noite, a Cora desenterrou o galo com as mãos desesperadas, mas já era tarde demais. Ele estava todo cheio de terra. E morto. Então ela o enterrou outra vez, mas com carinho, em um lugar melhor, secreto.

Eu odiava aquela história. O coitado do galo não tinha feito mal nenhum; ele simplesmente era preto e estava passando por lá. Mas a Cora dizia que o que as pessoas enterram é o seu próprio medo.

— Para que ele não as machuque. Para que ele se afaste delas, preso na terra ou no mar.

— E funciona? — perguntei. — Enterrar aquilo que se teme? Ela apertou os lábios.

Talvez. Se isso for feito de uma forma justa e com um coração honesto, cheio de esperança. O que não foi o caso daquele galo, isso eu lhe garanto.

Sacudiu a cabeça, dando um suspiro.

Aquilo foi um desperdício de uma bela vida de frangote...

Sendo assim, o que o povo da vila diz que nós fazemos e o que fazemos realmente são coisas muito diferentes. Nunca fiz um só feitiço. Nunca arran- quei as entranhas de um bicho, nem uivei para a lua. Nunca me transformei em pássaro, nem passei voando à noite sobre as águas de um lago e nem pousei em cima de navios para fazê-los afundar. Nunca beijei de forma obs- cena, nem comi cadáveres de bebê, e também não tenho um terceiro seio, nem tampouco rio fazendo um som parecido com a sopa quando ferve, transborda, apaga o fogo e se estraga, também, porque fica amarga. Nunca li o futuro dentro de um ovo podre. Nunca ri ao ver um assassinato, e nunca invoquei a morte.

Nunca invoquei nada. Só pedi. Rezei.

“Rezar.” Sim, eu também uso essa palavra. Eu rezo — não na igreja e nem com a Bíblia, mas, em todo caso, imagino que seja do mesmo modo que o senhor, com a voz do coração, e não a da boca.

“Filha do Diabo”, eles me chamam. “Coisa ruim.”

Mas, senhor Leslie, eu vou lhe dizer uma coisa. Quando me jogaram “bruxa” na cara certa vez, quando estava atravessando um mercado, a Cora me pegou pela mão e me levou até um beco. Ela me fez sentar ao lado dela, secou minhas lágrimas e disse:

Agora me escute. A única maldade que existe no mundo é a maldade que vive dentro das pessoas. No orgulho delas, na sua ganância e na sua submissão. Lembre-se sempre disso.

E, a julgar pelo que eu vi deste mundo, desta vida, acho que ela estava certa.



Contar? Sobre Glencoe?

A minha história?

Por que a minha história? Existem muitos outros que, com certeza, poderiam lhe contar muito mais. Se o senhor está atrás da verdade sobre aquela noite, a noite das mortes no vale de neve, então vá falar com os que sobreviveram. Vá até os que viveram para enterrar os que não vivem mais e peça a eles para ouvir suas histórias. Eles sabem bem mais do que eu, sobre muitas coisas — como, por exemplo, quem matou o MacIain, e quem passou a espada na mulher dele. De quem era a voz que disse:

— Achem seus malditos filhotes!

Por que a minha história? Eu também tenho uma pergunta, senhor Leslie. Por que razão o senhor quer saber, afinal? Ninguém mais perguntou sobre isso. Ninguém mais se importa que tantas pessoas tenham sido mortas no vale. Eram Mac Donald.

Para que cumprir luto pelos Mac Donald?

É o que dizem. Porque eles roubavam gado. Queimavam casas. Comiam os inimigos.

Clã de bárbaros. Gado para o patíbulo.

Glencoe? Um lugar sinistro...

Acho que a maioria está contente por saber que aquelas pessoas foram esfaqueadas e roubadas. Como se merecessem o que aconteceu. Porque aquela sua vida ao ar livre, sua língua, suas roupas eram uma praga para a Nação, uma larva na pétala da rosa. É isso o que diz o povo das terras baixas. É isso o que o Stair diz, e os Campbell também. E também esse Holandês cor de Laranja que se faz passar por rei.

“Rei...” Isso o enche de ânimo.

Penso que é uma palavra para andar junto com “feiticeira” e “lei”. Uma palavra forte, que pode matar um homem, se for sussurrada do modo errado, ou no ouvido errado. Mas a maioria das pessoas gosta

dessa palavra.

Quase todos os povos têm um homem a quem chamam de “rei”, por quem lutam. E são tantas lutas. Dois homens, duas fés diferentes, e olhe só o que

isso provoca! Divide o mundo ao meio. Faz as nações se entreolharem de olhos apertados, fulminantes.

Sempre com olhos e ouvidos abertos na escuridão. James é seu homem, acredito.

“Jacobita?” Conheço essa palavra. Os homens dos Mac Donald eram isso, “aquele clã jacobita. Aqueles papistas miseráveis de Glencoe”. Eles queriam o mesmo que o senhor, que James volte da França em seu navio e retome o trono, para que tudo possa voltar a ser como Deus queria que fosse. Eles lutaram por isso. Foram até Killiecrankie, hastearam a bandeira do rei naquele lugar, mataram os homens de William, e comemoraram, e cantaram, e fizeram planos contra o holandês, lá no seu vale selvagem, cheio de vento, e uma vez me perguntaram, “quem é o seu rei, filha da Inglaterra? Debaixo de que bandeira você fica de pé?”. Foi na casa do Chefe. Lá havia velas de cera de abelha e um cachorro que ficava com a cabeça deitada nas patas. E eu disse que não tinha bandeira nenhuma — que ninguém me governava. Eu disse: “Eu não tenho rei.”

Isso fez a sala cair em um grande silêncio. Disso eu me lembro bem.

Mas é verdade. Acho que reis só causam problemas. Homens demais morrem em nome deles. Homens demais lutam, matam ou são mortos. E é por isso que, quando ouço “rei”, penso sempre em perda. Ao ouvir “rei”, penso em coisas perdidas.

Tantas coisas já se perderam. Tantas. Tudo por causa dos reis, ou então em troca de uma moeda brilhante.

E me lembro de muitas coisas. O nome do cachorro era Bran, e a neve

tinha se deitado nos galhos de todas as árvores, aquela noite, e eu beijei um homem — houve um beijo — e me lembro tanto! Eu sei de muitas coisas. E, se não falar do que vi, isso também irá se perder.

O Stair já me chamou de “traste intrometido”, mas também disse:

Você deve ter visto muitas coisas, por trás desses seus cílios compridos...

Disse isso com uma voz suave, como se fosse meu amigo, coisa que ele nunca foi.

Livrem-se daquela que viu tudo. Aquela que salvou pessoas e arruinou o nosso plano. Ela, a que se lembra.



Sim, eu vou lhe contar a minha versão dos fatos.

O senhor me diz:

— Conte-me o que sabe. Dê-me nomes! Nomes dos soldados.

E eu vou lhe dar. Eu vou lhe contar sobre o massacre de Glencoe, e sobre tudo o que vi. Sobre os tiros de mosquete, os gritos, e também as ervas que usei, e sobre a verdade. A verdade! Quem mais a conhece como eu? Vou lhe contar cada pedaço. E lhe prometo uma coisa, senhor Leslie: isso vai ajudar sua causa. Vai ajudar a trazer o seu James de volta, porque o que tenho para contar vai fazer os Highlanders parecerem sábios e civilizados, que é o que eles são, mesmo. Vai mostrar a dignidade que têm. Vai provar que esse rei que temos agora não é Laranja¹⁰ coisa nenhuma, e sim vermelho-sangue. Isso eu lhe garanto.

E em troca?

Fale de mim. De mim. Da minha pequena vida. Fale dela, quando eu já tiver ido embora. Porque, se não, quem mais terá restado para contá-la? Ninguém conhece a minha história. Não existe ninguém para quem eu possa deixá-la, então fale sobre ela, lá do seu púlpito, ou a escreva com tinta. Fale de tudo que eu lhe contar, e não acrescente nenhuma mentira. Minha história não precisa de mentiras, está cheia de amor e perdas, então acho que, verdadeira do jeito que está, ela pode ser uma boa história para se contar ao redor da fogueira. Diga: “Corrag era uma boa pessoa.” Diga que “ela não merecia uma morte violenta, nem solitária”. Tudo o que sempre tentei ser foi uma pessoa gentil.

Isso lhe parece justo? É uma boa barganha? Sente-se comigo e escute a história da minha vida, e na hora certa eu vou lhe falar sobre Glencoe. De uma noite de nevasca. Quando as pessoas que eu amava caíram e morreram. Mas algumas delas sobreviveram.



É “Corrag”. Cor-rag. Só isso.

A minha mãe se chamava Cora, senhor. Mas o seu nome mais comum era “feiticeira”¹¹, e, assim, ela juntou as duas coisas, como duas varetas acesas, para fazer meu nome. Esse era o seu jeito. O seu senso de humor.

Mas “Corrag” é também o que chamam de “dedo”, na língua das Highlands. Eu nunca soube, até encontrar aquelas montanhas. Muita gente já apontou seu dedo para mim, então acho que é um nome apropriado. Mas também é apropriado que algumas montanhas tenham essa palavra por nome — as montanhas altas, cobertas de neve. Há a *Corrag Bhuide*, que eu nunca vi, porque fica muito ao

Norte. Mas dizem que é linda, vestida de neblina, e atravessada por lobos. Ela é enorme e maravilhosa, na minha imaginação.

Mas quem iria acreditar? Um homem da Igreja e uma bruxa cativa, ajudando um ao outro, desse jeito? Mas assim é.

O mundo tem suas maravilhas e vou falar sobre elas.

10. O rei dos países-baixos, dinastia dos Orange-Nassau. Orange = laranja, em português.(N. da T.)

11. *Hag*, em inglês. (N. da T.)

Jane, minha amada,

Tenho muito para contar. Há muito o que escrever, pois hoje tive um dia repleto de estranheza. Tanta estranheza que me pergunto por onde devo começar. Pois já não encontrei pecadores, anteriormente? Sim, já

os encontrei. Quando ainda era bispo, conheci muitos deles, ladrões, fornicadores. E tu te recordas do homem que foi enforcado por blasfêmia e por ter duas esposas? Aquele foi um negócio imundo. Tinha esperanças de não precisar pisar perto de tamanha maldade mais uma vez, nesta vida. Mas pergunto-me se agora não terei encontrado algo pior.

Esta tarde, sentei-me para conversar com a bruxa.

Penso que já escrevi brevemente sobre o modo como a descrevem: selvagem, com o coração negro e coberta de piolhos. Meu estalajadeiro, que é a única fonte de todas as informações que consegui saber, até o momento, garantiu-me que ela teria sangue quente e respostas rápidas. Ou era o que tinha ouvido dizer. Perguntei-lhe:

O quanto?

E respondeu-me:

Muito, pelo que ouço falar. É a pessoa mais maldosa que já estive naquela cela. E aquela cela já viu alguns bons patifes, senhor!

E encheu minha caneca.

Levei a Bíblia comigo, é claro. Não me apraz estar tão próximo da vilania, e confesso-te que, à medida que ia caminhando pela neve até a cadeia, senti grande apreensão dentro de mim. Nervosismo, talvez. Assim, enquanto caminhava, ia recitando um salmo, o que acabou por me dar coragem: “Mas o Senhor é fiel, e ele há de vos dar forças e vos preservar do mal.” (Tessalonicenses 3:3 — como bem sabes.)

Deixe-me te contar sobre a prisão onde a bruxa está cativa. Fica na vila, próximo ao castelo. É uma prisão escura, decididamente. Metade construída sobre o chão, metade debaixo dele. Foi erguida, segundo me disseram, para manter presos os ladrões de gado das Highlands, antes de enforcá-los em Doom Hill, mais acima. E talvez fosse a minha ansiedade, mas pensei sentir o cheiro de gado ali dentro. A prisão tem o cheiro de um estábulo, um odor de esterco e umidade. E também aquele odor que emana do medo e de corpos imundos. Os patíbulos de Lawnmarket tinham um cheiro parecido, embora mais brando. E pergunto-me se aquele seria o cheiro da morte, ou o cheiro de antes dela.

Parece-me que o carcereiro faz tanto parte daquelas celas quanto os prisioneiros que mantém trancafiados. O homem diz palavras chulas. Exala o odor da cerveja e de outros vícios, e insistiu em revistar minha

pasta de couro. Mexeu em minha pena e em meu tinteiro. Lançou uma olhadela em direção à minha Bíblia, como se ela o incomodasse. Preciso rezar por sua alma. Depois, tossiu dentro da mão, limpou-a no casaco e esticou aquela mesma mão para mim, à espera de moedas.

Pra vê a bruxa num é di graça — disse ele. É assim que eles falam, aqui nesse país.

Ofereci a ele uma moeda, e ele sorriu, com aqueles seus dentes marrons. Cê tá vendo aquela última porta? É a dela.

O corredor que precisei atravessar não serviria nem para animais. Tomei o cuidado de evitar encostar-me no que quer que fosse. As paredes davam a impressão de estar úmidas. Não sei ao certo sobre o que pisava, mas sei que era mole e não fazia ruído.

Quanto à mulher propriamente dita: Jane, eu me pergunto se até mesmo o teu coração, materno e bondoso, conseguirá sentir qualquer simpatia por aquela desgraçada. Assim que entrei, julguei tratar-se de uma criança. É do tamanho de uma. Mal a enxergava, e cheguei a pensar que a cela estivesse vazia. Foi então que se mexeu, balançando suas correntes, e começou a falar. Tu talvez leias “do tamanho de uma criança” e te enterneças por ela. Mas,

Jane, ela é absolutamente desprezível. Seus cabelos estão enredados em nós e gravetos. Ela está seminua, coberta apenas de uns trapos, endurecidos por excesso de lama, sangue e todo tipo de sujeira. Devo acrescentar que o odor

em sua cela é bem desagradável. Seus pés estão descalços. As unhas, partidas e negras, as quais fica roendo de quando em quando; por uns instantes, fiquei na dúvida se seria mesmo humana. Fui tentado a dar meia-volta, e sair. Mas foi então que pronunciou:

Sente-se.

E eu senti a presença do Senhor ao meu lado, e não saí.

Sentei-me. E foi quando vi seus olhos, no escuro. Eram de um cinza muito pálido, e lhe deixavam com uma expressão um tanto assombrada, como aquela própria dos moribundos. Tinha um olhar desafiador. Olhou-me bem dentro dos olhos e disse-me que estava esperando por mim, o que duvido. Se acaso soube que tencionava ir visitá-la, só poderá ter sido por intermédio de conversas fiadas. Porque as notícias correm velozes, nas cidades pequenas. Até os prisioneiros têm ouvidos.

Ela própria é cheia de conversa fiada. O estalajadeiro estava correto ao se referir à sua língua, pois ela falou por muito mais tempo do que eu. Ficava com os joelhos encostados ao peito, balançando o corpo, como se fosse meio louca, o que, aliás, pode ser verdade. É uma bruxa e, como tal, não merece compaixão — coisa que, aliás, não senti por ela. Mas devo acrescentar que, por sua vez, já sofreu o seu quinhão de maus-tratos. Havia vários hematomas em seus braços, uma casca avermelhada de ferida acima de um olho e uma mancha de sangue na parte lateral do corpo.

Além disso, as correntes feriram-lhe a pele. Talvez todas essas feridas a matem antes mesmo do que as chamas. (Também preciso acrescentar o seguinte: embora machucada e cheia de cortes, destrozada até, não vi nela uma única mordida. Sendo assim, podes ficar descansada, Jane. Não te preocupes mais quanto aos piolhos.)

Deve ter sido bela, um dia. Mas o Diabo toma posse de um rosto tanto quanto o faz com uma alma, e a mulher, agora, é repugnante. O infortúnio estampou-se em suas feições, o que também faz com que aparente ser mais velha do que provavelmente é. Se tiver mais idade que nosso primeiro filho, Jane, deve ser uma questão de meses.

Em suma, a cadeia de Inverary é um lugar deveras imundo. Imunda, também, é sua prisioneira, cuja voz aguda, de menina, falava-me de bondade e de boas ações. Mas não consegui enganar-me. Pois era o Diabo falando. Ele esconde sua natureza atrás de mentiras, e assim, quando a bruxa disse “não vou machucar o senhor”, pude ouvir, claramente, sua verdadeira voz. Pensei “Não vou me deixar enganar por você. Sei quem é.” O Diabo fala de um modo feminino por intermédio dessa criatura. O melhor para ela é o fogo, e o quanto antes. As chamas purgarão sua alma. O fogo a limpará de toda maldade. E, afinal, ser purificada pela morte é muito mais virtuoso do que viver daquela maneira, anticristã e corrompida.

Foi bom sair dali. Ao pisar na neve, enchi meus pulmões de ar fresco. E me pergunto se algum dia terei encontrado um ser humano tão desgraçado quanto aquele. Tinha tomado a firme decisão de não mais voltar. Mas, Jane, a verdade é que estou intrigado. Pois a bruxa mencionou Dalrymple, o Senhor de Stair. Nunca ouvistes falar dele. É um homem das terras baixas.

Seu ódio aos Highlanders é tão famoso quanto seu amor por si mesmo, assim como pelas coisas de valor. É um dos lobos de William. Ronda a Escócia

em nome do rei. Em suma, se os assassinatos de Glencoe tiveram seu dedo, então não será isso uma prova? Uma prova do pecado que o próprio William cometeu?

A despeito de todo o meu desconforto, essa bruxa pode vir a ajudar nossa causa.

Sendo assim, não me permitirei ser desencorajado por seu mau cheiro, nem por sua estranheza. Hei de suportá-la e de usá-la em troca de conhecimento

nada além disso. Pois acredito que deva ter, de fato, informações relativas a James. Contei-lhe meu nome verdadeiro, coisa da qual espero não vir a me arrepender. Mas a quem mais ela o diria? Em breve estará morta.

A bruxa prometeu contar-me a respeito do massacre e de tudo o que sabe, mas apenas se, em primeiro lugar, eu me dispuser a ouvir a história

da sua vida. Tarefa deveras cansativa. Quem saberá que crimes e barbáries aquela mulher não terá presenciado? Mas ela disse:

Ninguém conhece a minha história. E disse, também:

William é vermelho-sangue, e não cor de laranja. E, então, concordei com seu pedido.

Uma combinação deveras curiosa. Não é um acordo que eu pudesse imaginar, quando te escrevi de Edimburgo. Mas Deus opera de modos que apenas Ele decide. Nós temos nossas provações e Ele, Suas revelações.

Este tem sido um inverno do outro mundo. Ficarei muito feliz quando a primavera chegar.

Meu amor, devido a estas informações e devido à falta de pressa da neve em derreter, acredito que eu vá permanecer em Inverary por mais tempo do que havia pensado. Talvez duas semanas, ou um pouco mais. Sendo assim, se encontrares algum tempo para me escrever um bilhete, este ainda alcançar-me-á aqui. Seria uma imensa alegria receber palavras tuas. É o mais próximo de ti que posso estar. E, como sempre, meu desejo é estar bem perto de ti.

Charles

DOIS

I

“Também chamada de Flor do Vento, pois dizem que as flores nunca se abrem, apenas quando o vento sopra.”

sobre a Anêmona

Quais palavras o senhor prefere ouvir? Eu tenho tantas... Como um céu noturno repleto de estrelas, assim é minha mente, brilhante de palavras. Não consegui dormir na noite passada, de tanto pensar. Fiquei deitada por cima da minha palha, pensando: “Por onde começo minha história? De que jeito?”

Poderia falar sobre a noite das mortes, propriamente — sobre como corri, quase sem fôlego, desde Inverlochty, enquanto a neve caía. Ou como o lago parecia escuro, de tanto gelo. Ou sobre o beijo de Alasdair — sua boca na minha.

Ou sobre mais para trás?

Sobre as coisas de antes do vale? A minha vida inglesa?

Vou começar por ela. Vou começar com uma vila de trevos, e com os cabelos negros e brilhantes da minha mãe. Porque é o mais certo, acho eu, começar com meus dias de menina. De outro modo, como o senhor vai poder contar a minha história, se não me conhece? Quem eu sou. O senhor pensa que sou uma desgraçada fedorenta, pesando meio quilo. Sem um coração dentro do peito. Sem pele por cima dos ossos.

Sim, eu espero um momento.

Uma pena, tinta, o seu livro sagrado.

É pena de ganso? Comprida, muito branca. Eu já vi gansos voando, ao cair da tarde, e já os ouvi chamando, e aqueles foram momentos bons. Foi na Inglaterra, nos dias de outono. Para onde é que os gansos estavam indo? Eu nunca soube, na verdade. Mas, às vezes, as penas deles se soltavam, e iam flutuando até os campos de milho, e a Cora e eu as encontrávamos e as levávamos para casa. Ela não sabia escrever, mas gostava de penas. “Tão longas e brancas...”, ela murmurava, acariciando-as. Como essa sua, aí.

É uma mesa pequena, desdobrável?

O senhor trouxe muitas coisas nessa sua maleta de couro.



Existe uma lenda, senhor, de que as bruxas não nascem.

Já ouvi mentiras desse tipo. Que as mães delas são gatas, ou então uma vaca, cujo leite azedou e depois ela vomitou leite talhado em forma de gente. A mulher de um pescador certa vez declarou que tinha nascido das ovas de um peixe, mas era uma baita tagarela — e gostava demais de uísque. E havia também a Doideag. Que jurava que havia nascido, feito um dente, numa pedra lá na ilha de Mull; e acreditava na própria história, acho eu. Mas eu não. Aquela lá vivia correndo atrás de meimendro, assim como a Gormshuil. Uns tipos durões, aquelas duas. Costumavam sorrir ao ouvir falar que um barco tinha naufragado. E eu me perguntava: “Mas por quê? É terrível! Um barco afundou, e todas aquelas vidas...” Mas imagino que sorrissem por conta do que conheciam, fazia muitos anos: perdas e dor. Era por isso.

Um dente? Numa pedra? Comigo, não.

Eu tive mãe. Uma mãe humana, de verdade.

Ela não era igual a nenhum outro ser humano que já vi. Suas pestanas tocavam as maçãs do rosto. Sua risada era como muitos gritinhos em fila, o mesmo som que o passarinho faz quando a raposa chega perto. Usava uma saia vermelho-sangue, e acho que a razão de ela usar essa saia era porque, quando o nosso porco morreu, por exemplo, o sangue dele não aparecia no tecido, de jeito nenhum. Nem o sumo das frutinhas, nem lama. Quando ela girava nas pontas dos pés, aquela saia se inflava como uma asa; como se ela fosse levantar voo. A Cora costumava beber o orvalho da manhã, do mesmo jeito que um gato. Seu corpo farfalhava de tantas ervas que colhia, e ela sabia prever o futuro, e toda vez que ela passava, a maioria dos homens olhava duas vezes, e sorria. O ferreiro era apaixonado por ela. O filho do padeiro a seguia e ficava pondo os pés em cima das suas pegadas. E o Sr. Fothers a odiava — mas não vou falar dele, ainda.

“Ela tinha qualquer coisa” era o que, mais tarde, todos ficavam dizendo.

Pois eu chamo essa coisa de magia, e ousadia. Mas existem pessoas que têm medo disso.

Cora. Todo o Norte da Inglaterra conhecia seu nome. Eu fugi quando já

era quase uma mulher, e durante semanas ainda ouvia lendas. Lendas sobre uma beldade de saia vermelha, lá das terras da fronteira. O modo como fez o relógio da igreja parar, só de apontar para ele, ou como soltava penas, na estação dos faisões. Assim era ela. Eu sabia.

Mentiras, com certeza. Quem é que solta penas, afinal? Mas só as existências mais livres, as mais brilhantes, é que geram fofocas.

A Cora os enfeitiçava — é o que diziam. Cortejava os homens com sua beleza e a natureza com seu espírito. E acabou cortejando a própria morte também, no fim das contas. Pois a última lenda que ouvi a seu respeito foi sobre como o vento enrolou suas saias no cadafalso, e a deixou girando, girando.

A Cora também tinha nascido de um ser humano. A mãe dela não era nenhuma ova; era uma mulher temente a Deus, que tinha rubis nas orelhas e uma das mãos torta. Punham a culpa daquela mão torcida na Cora. Isso porque o parto dela aconteceu bem na hora em que um raio caiu, ateou fogo na casa e queimou a mão da mãe dela quando ela estava empurrando a porta para tentar fugir do incêndio. “Uma criança azarada. A Cora” — que andava igualzinho a uma aranha. Que não engatinhava como os pequenos costumam fazer, mas escalava na horizontal, toda pernas e olhos. Ela entrou andando daquele jeito na igreja, num domingo, e aí, sem querer, arranhou um dos bancos com as unhas, e a marca que deixou era uma cruz invertida.

— É um sinal! — gritaram todos. — Trabalho de Satã!

Quando a febre da caça às bruxas tomou conta deles, foi a vez da mãe dela ser levada para a cadeira d’água.

Você fornicou com o Chifrudo — disseram (porque, ao que parece, tinham medo de dizer o nome dele, mas não tinham medo de matar uma pessoa).

Diziam que sua mão de pata de animal era a marca que Ele havia deixado nela.

É a prova — diziam, censurando-a — do seu pecado.

Que esperança havia para ela? Nenhuma. Minha avó, que tinha sido uma mulher de Deus a vida toda, foi levada até um poço do terror, fora da vila. O marido até tentou salvá-la. Tentou, mas quem consegue desfazer “bruxa”? E assim ele ficou ali chorando, parado, enquanto tiravam toda a roupa dela. E gritou:

Eu amo a minha mulher! — quando ela já estava só de camisolão. Ela já estava só de camisolão. Gritou de volta:

E eu amo o meu marido, eu o amo muito!

E então amarraram seus polegares aos dedões dos pés, de modo que o queixo encostasse nos joelhos. E depois a jogaram n’água. Ela boiou três vezes. Na quarta, afundou — e aquele foi o seu fim.

A Cora estava assistindo. Estava olhando, lá da ponte, com aquele seu olho de bruxa.

Mais tarde iria jurar para mim que “não existe Diabo, só os feitos dia- bólicos dos homens. Todas as coisas ruins”, ela dizia entre dentes, “são feitas pelos homens... Todas!”. E sei que, quando dizia isso, via a

mãe, sua mãe afundando.

Depois disso, o pai dela encontrou uma hospedaria para morar e nunca mais saiu de dentro de casa.

Quanto à Cora, todos esperavam que ela voltasse os olhos para o Senhor e fosse salva por Ele. Mas, a minha mãe? Não mesmo. Ela tinha aquele relâmpago no coração, acho eu, e ele não podia ser domado. Entrou de men- tira para a Igreja, e costumava sorrir disfarçando a revolta. Levava a cruz ao redor do pescoço, mas a usava na verdade para matar moscas e tirar as sementes das maçãs, e outras coisas corriqueiras que não tinham nada a ver com Deus.

Fugiu do vilarejo tão logo cresceu o bastante para conseguir correr.

Tinha 6 ou 7 anos, nem um ano a mais.

Aqueles foram seus dias de peregrinação. Aqueles foram os dias e as noites que a transformaram na criatura que ela era dentro do coração: sabida igual coruja, astuta feito gato. Ela rondava no escuro. Dormia em lugares desertos, onde por anos e anos ninguém havia estado; cavernas, e também no meio das florestas. Até num moinho d'água, coberto de umidade. Ficava parada, de pé, perto do mar, ou se acorcorava nos pântanos, e encontrava com outras pessoas nas suas perambulações. Pessoas que também se escondiam. Bruxas. Ladrões.

Eu aprendi sobre as minhas ervas — costumava dizer — com aquela gente. Eu colhia as ervas naqueles lugares.

E, assim, a Cora aprendeu tudo a respeito de ervas, e cresceu. Ficou alta, e seus quadris se alargaram. Pescou sua saia vermelha de cima de um arbusto de groselha, no caminho de Cumberland, onde tinha sido deixada para secar. E depois a vestiu quando foi ao mercado comprar pão e ovos, e então uma mulher gritou:

Sua ladra! Essa saia é minha!

E a Cora seguiu em frente, sem ovos nem pão. Ela vivia como vivem os ciganos, vendendo curas e lendo o futuro das pessoas. Nem sempre dizia a verdade, porque futuro ruim não paga bem. Imagino que a sua bolsinha de moedas tilintava. Ela sabia falar muito bem, quando era capaz de segurar aquela sua língua descontrolada e decidia usar a outra, polida.

“Criadora de casos.” Foi como a chamaram quando nasceu, e como a chamavam, também, depois que eu nasci. E ela era isso mesmo. Uma criadora de casos. Mas será que não a fizeram ser assim? Os outros? Talvez sim. Porque, se você chuta um cachorro só porque ele latiu, ele vai latir ainda mais alto, no fim das contas.

Fico pensando se teria puxado a ela, nesse ponto. Sei que algumas pessoas diriam isto: “Feiticeira criadora de casos.” Mas eu também já evitei algumas boas confusões. Evitei, sim.



Sendo assim, nasci na Inglaterra. E o senhor pode notar isso pela minha voz.

Thorneyburnbank. Um nome comprido, mas acertado. Porque o riacho tinha mesmo espinheiros na sua margem sul¹². Havia também uma floresta de olmos, e um campo tão pantanoso que as vacas afundavam até os quadris enquanto pastavam seu trevo por ali. Elas comiam trevos na prima- vera, que é quando eles estavam mais doces. Seu leite também ficava mais doce, e a vila inteira ficava mais feliz com aquele leite doce. Quando eu pas- sava pela rua, mais chapéus se levantavam.

Não havia muitas pessoas que conhecessem o nosso vilarejo. A maioria tinha ouvido falar de Hexham, por ficar próximo ao muro que os romanos construíram. A Abadia de Hexham tinha sinos que tocavam do seu lado sul, e, se o vento também estivesse vindo do sul, dava para ouvi-los. É desse jeito que eu me lembro de lá: as vacas no brejo, e os sinos tocando. É uma visão bonita, na minha mente.

Mas as coisas nem sempre eram bonitas. A Cora não se deixava enganar por coisas bonitinhas e agradáveis. Estava cansada de peregrinar, só isso. Por quantos anos uma pessoa pode ficar andando, andando e dormindo em cima da terra áspera? Àquela altura, ela estava cansada. E decidiu ver como seria a vida em Hexham, seguiu atrás de uma vida mais saudável, já que tinha sonhado claramente com esse nome. Mas a prisão a incomodava, acho eu. “Justiça” era uma palavra que desprezava, que a deixava roxa de raiva. A prisão parecia ficar sussurrando essa palavra para ela. Ou, ao menos, o significado que os homens dão para essa palavra, que é, principalmente, a justiça Jeddart¹³. A Cora já havia visto o bastante daquele tipo de justiça, no meio de um poço escuro. E, assim, escolheu para viver um lugar menos povoado, porque, quanto menos gente, maior o bom senso.

Um lar. Um lugar decente para dormir. Uma toca para seu coração de fera.

O modo de vida nas terras da fronteira era agreste e livre. Era feito de climas inóspitos, e também de tantos fantasmas quanto havia gotas de chuva no céu. Havia chuvas tão pesadas que o riacho subia e engolia a ponte do mesmo jeito que um peixe engole um inseto. Chuva em cima de chuva. E isso acabou sendo ruim para os morcegos, também. Os morcegos gostavam de usar a ponte para dormir e costumavam ficar lá, pendurados de cabeça para baixo. Uma vez, no começo da primavera, nós tivemos que trazer o nosso porco para dentro da cabana, junto conosco, porque a lama estava grossa demais, até para ele. E nós três roncávamos à noite, e nos sentávamos pertinho

do fogão, mas não tão perto que desse para sentir cheiro de porco assando.

O inverno podia matar uma pessoa naquele lugar. A terra congelava e todas as coisas nela — os bichos, os arbustos — congelavam, também. Eu já tinha ouvido a história do Velho Bean. Tudo o que encontraram foram suas botas.

Tempo saqueador — dizia Cora.

É, sim. Saqueador, Senhor Leslie. Sa-que-a-dor.

Essa era uma palavra sussurrada. E uma palavra antiga, também. Ela sabia. Sabia que em “saque” havia casas destruídas, pilhagens vergonhosas, gado roubado levado para as florestas do Norte. Tinha ouvido histórias dos tempos antigos a esse respeito, mas também já tinha visto — na mente, naquelas suas viagens estranhas, quando seus olhos ficavam enormes.

Os chapéus deles eram brilhantes, brilhantes. costumava dizer.

Ela os chamava de “os corações tortos”, e também de “cruéis”.

Na hora de me pôr para dormir, a Cora me contava que os saqueadores gostavam de atacar nas noites sem lua, e nas noites úmidas do outono, quando o gado estava gordo e valia a pena ser roubado. O ar às vezes ficava cheio de um nevoeiro grosso, espiralado, e então eles se aproximavam, feito espíritos. Atacavam as fazendas aos gritos, com seus chapéus e suas adagas, vindo atrás do que não tinham o direito de possuir — galinhas, couro, moedas. Mutilavam o quanto queriam e depois deixavam as casas queimando, de modo que, se a noite tinha começado sem lua, acabava se tornando uma noite ardente, cheia de luz.

Eu pensava neles quando era pequena. Pensava em como poderia lutar contra eles, caso viessem atrás do nosso porco, ou das nossas três galinhas magricelas. Achava que podia combatê-los usando um pedaço de pano amarrado em um osso ou em uma pedra em chamas. Cheguei a me distrair com essa ideia. Preferia ficar pensando nisso do que trabalhar pesado. Mas um dia a Mamãe Mundy me viu queimando turfa como fazem os Sentinelas das Fronteiras. E me chamou. Era uma velha toda enrugada, de cabelos grisalhos, e os dentes dela já tinham quase todos caído, a não ser por um ou dois. Ela me contou sobre uma noite, nos tempos em que ainda era jovem e bonita e não tinha conhecido um homem, quando foi forçada a se deitar com um daqueles saqueadores enquanto a cabana queimava por cima da sua cabeça. Foi um clamor na vila, segundo ela. O saqueador a deixou toda machucada, estropiada, mas com vida.

— Eu tive sorte — balbuciava ela. — Os outros foram mortos... Bois foram roubados, e cavalos, também.

Disse que eu devia manter seu segredo bem guardado dentro de mim. Disse que, em todos aqueles anos, não tinha falado sobre aquilo

para nenhuma alma viva, nem mesmo para o senhor Mundy, que, fazia tempos agora, estava dentro de uma caixa debaixo da terra. Ele tinha pisado num prego, foi o que ouvi. O prego estragou o sangue dele, e foi isso o que o levou.

Não sei por que a Mamãe Mundy quis me contar a respeito do saque-ador. Eu só entendi metade do que ela queria dizer, mas nunca mais me esqueci daquilo.

Quando nasci, a maior parte deles já tinha ido embora. Eles cometiam seus crimes antes desse Rei Holandês-Laranja, ou daquele outro, que odiava as bruxas. A Rainha de cabelos vermelhos estava no trono da Inglaterra, na época em que combatiam com o máximo de esplendor ou o mínimo de vergonha, como o senhor preferir. Foi antes daquela guerra, que chamam de civil — quando todo mundo sabe que guerra nenhuma pode ser isso¹⁴. Foram presos e banidos, ou então enforcados como ratos, para que as cidades do Norte pudessem dormir em paz nas noites de outono.

O segundo Rei Charles falava em paz nas fronteiras, na época. Mas ele estava errado, como os reis às vezes estão. Nas fronteiras não havia paz de verdade. Os filhos dos saqueadores, e também seus filhos, ainda estavam vivos. Eram poucos, mas queriam vingança. E, quando minha mãe chegou pela primeira vez em Thorneyburnbank, sabia que os últimos saqueadores ainda atacavam à noite e espreitavam nas encruzilhadas cegas. A bruxa que

havia dentro dela podia farejar suas espadas e armas e seu cheiro de banha de carneiro. Podia ouvir os dentes dos seus cavalos mancos batendo nos bridões, no escuro.

“Sábia Cora.”

E ela era mesmo. Porque calculava que, numa vila que tem os olhos voltados para os saqueadores escoceses, o povo não iria ficar dizendo “bruxa” tanto assim.

— O povo precisa de um inimigo — dizia ela —, e eles já o encontraram.

Entendeu?

Eu tinha entendido. As pessoas costumam lutar contra os Campbell, ou contra os Papistas, ou contra os Ingleses, ou então contra as mulheres que vivem sozinhas. Mas em Thorneyburnbank? Lá eles lutavam contra aqueles saqueadores, aqueles patifes. Aqueles Homens da Turfa.

Uma semana antes de a moça desconhecida vestida com uma saia vermelha chegar ao vilarejo, uma fazendola foi saqueada. Uma dúzia de gansos foi metida em um saco e levada embora. Os homens do lugar saíram em seus cavalos, seguindo o som de uma dúzia de gansos brancos enfurecidos, mas os Homens-da-Turfa estavam bem familiarizados com as quebradas, os lugares que ninguém mais

conhecia. Aqueles gansos provavelmente já tinham sido roubados, depenados e assados antes mesmo que os homens pudessem sentar em suas selas. E o fazendeiro, agora, não tinha nenhum animal, além de um touro velho.

Sendo assim, quando a Cora se aproximou, com aqueles seus cabelos embaraçados e deslizando através da luz desmaiada, o que ela ouviu foi:

Alto lá! Fique onde está!

Então caiu no choro. Começou a falar do seu próprio infortúnio, dez milhas antes, das suas vacas perdidas, de seu homem morto.

Vocês me dariam abrigo? Em nome do Senhor?

A Cora sabia convencer — e mentir melhor ainda. Os homens viram sua formosura, e logo repararam o quanto seus cílios eram compridos. E também como ela ficava, por trás, vestida com aquela saia.

E foi assim que a Cora foi morar em Thorneyburnbank, com seu vento frio, violento e suas águas cantantes.



Nossa cabana ficava perto de um riacho. Era um riacho murmurante, cheio de juncos, que encontrava o Rio Allen e, mais tarde, o Rio Tyne. Os riachos se encontram com os rios como os dedos se encontram com as mãos. A cabana ficava tão perto da água que o chão da casa era quase pantanoso, e

o telhado brilhava, com os peixes que tinham pulado do rio e se prendido ali. A Cora tinha encontrado a cabana meio invadida pelo azevinho e gostava dela exatamente por isso, pois dizem que o azevinho ajuda a manter afastados os raios. Sendo assim, ela deixou o azevinho crescer mais ainda. Mas varria as escamas de peixe do chão e também ia à igreja. Se não fosse, chamaria atenção para si mesma. E o que ela queria era apenas a sombra e um pouco de paz.

Foi assim que ela se comportou no começo. Era limpa, quieta. Conseguia arranjar algum dinheiro vendendo juncos e caules para cobertura. Havia muitos juncos crescendo perto do riacho. E forração é sempre uma necessidade numa terra onde o vento é tão forte, e fortes também são os homens que vêm para atacar.

Em Hexham, ela vendia sua mercadoria e distribuía sorrisos de graça para os homens. Era doce feito mel, ou ao menos deixava que pensassem assim. Para enganá-los, usava a cruz pendurada numa corrente, e aos domingos recebia o corpo de Cristo em sua boca, mas durante uma ou duas horas ela o guardava debaixo da língua, até poder cuspir tudo fora. Que tipo! Quem poderia imaginar que, enquanto estava ali, sentada de cabeça baixa naquele banco, estava pensando em luvas cheias — e em dedões e dedos dos pés amarrados?

Foi uma pena a Cora não ter continuado doce feito mel. Porque ela não continuou.

Sempre tinha sido uma mulher da noite. O lobo que vivia dentro dela tinha começado a uivar, ansiando pelo ar da noite, e por isso ela seguia até lugares desconhecidos. Se fosse vista, ia logo dizendo:

Fiquei viúva. E venho aqui fora cumprir o meu luto, no meio da escuridão...

E isso os satisfaz, por um tempo. Mas era um luto esquisito, aquele seu, levantando as saias, jogando os cabelos para trás.

Não vou falar muito sobre isso. Nem ela costumava fazer isso.

Boca calada! Eu faço o que eu quero, não é você quem faz... — E saía correndo, com os olhos brilhando, noite adentro.

Tudo o que vou fazer é lhe perguntar: que mal ela fazia? Qual era o problema? Ela era dona de uma beleza que atraía os homens, e eles vinham encontrá-la perto do muro romano, e então eles se engalfinhavam ao cre- púsculo, ou se evitavam. De certo modo, eles se buscavam. E, quando o céu clareava, ela apertava outra vez os laços do corpete, dava de ombros e voltava andando para casa, os cabelos soltos, passarinhos cantando ao seu redor.

Eu nunca conheci meu pai, Senhor Leslie.

Nem a Cora. Pelo menos, não por muito mais tempo do que um minuto ou dois.

E eu sei que isso aos seus olhos significa “puta. Devassa. Rapariga”. Eram nomes que ela às vezes dava a si mesma, rindo, e “bruxa” e “puta” é como se lembram dela em Hexham. Acham certo terem esticado seu pescoço como fizeram. Mas eu não.

O que a Cora fazia, Senhor Leslie, não era mau. Maldade muito maior foi feita anos antes, quando ela ainda era pequena. Naquele rio, sua mãe amarrada como se fosse um passarinho.

A Cora tinha lá suas ideias a respeito do amor.

Nunca ame — ela me dizia.

Segurava meu pulso, ou então o meu queixo, e ficava dizendo:

Nunca ame. Porque, quando se ama, corre-se o risco ser ferida, de um modo muito profundo. E, depois, a pessoa vai acabar pior do que estava antes. Então não se apaixone — dizia. — Você está me ouvindo?

E ela me fazia repetir o que estava dizendo.

É uma história bem triste, não acha? Aos meus ouvidos, é, sim. Uma mulher bonita como a Cora com medo do amor. Sendo assim, não a chame de “puta”, fazendo o favor. Não a minha mãe. Ela buscava consolo na com- panhia da lua, dos gatos felpudos, e também ficando perto do fogo. E, além disso, com os beijos de homens desconhecidos. Mas isso feria a quem? A ninguém.

Todos precisamos de algo que nos console. Coisas que nos digam “pronto, pronto passou, agora”.



E então sua barriga começou a crescer. Foi inchando feito as frutinhas da floresta. Mas o que enchia sua cabeça? Alguma espécie de ferocidade. Ela arrancou a cruz do pescoço e saiu de dentro da cabana de peixes e aze- vinho do jeito que estava. Não era mais uma viúva, mas uma mulher do mau tempo. Uma pessoa que não gostava de *Deus*. A palavra d'Ele era “jus- tiça”, ela costumava dizer, e que grossa mentira era aquela, cheia de forcas e espetos.

Na igreja, o senhor Pepper falava de perdão. Ele dizia, no Sabá, “viemos todos do Senhor”, mas o povo prefere ignorar o que não lhe convém. Eles todos cochichavam:

— Essa daí? Com um filho na barriga? E sem homem?

Depois disso, começaram a comparar sua forração de outra pessoa; uma mulher preguiçosa, que cortava o junco do jeito errado, mas era assim que eles agouravam. Só que a tal mulher rezava e também lia a Bíblia, então os juncos ruins que ela vendia eram melhores do que a forração de primeira daquela vadia da saia vermelha. Mas isso não fez diferença. A Cora tinha os seus recursos. Passou a prever o futuro pelos becos e sombras de Hexham. E receitava ervas — samambaia, ligústica — paras as mulheres que estavam precisando. São sempre as mulheres que precisam.

Aquele foi um inverno impiedoso. Um inverno de geadas e de fumaça saindo da boca. O Velho Bean saiu para caçar faisões e nunca mais foi visto. A Cora sabia que o frio era um chamado para os Homens da Turfa. Eles vinham em busca de comida e de lenha, e certa vez um escocês de barba amarela roubou duas vacas, e um cachorro, além de um beijo da leiteira. A Cora ficou toda satisfeita. Agora todos os olhos haviam se voltado para o Norte outra vez, e ninguém mais ficava olhando para a barriga dela, que já estava parecendo uma amoreira carregada de frutos.

Ah, como ela amava os Homens da Turfa... Fechava os punhos de alegria sempre que ouvia o som dos cascos no gelo — “tá-tá, tá-tá”. Amava as noites sem lua e o cheiro das tochas queimando enquanto eles caval- gavam. E, na véspera do Natal, enquanto galopavam na direção de Hexham com as espadas erguidas, minha mãe saiu para o quintal. Urrou com duas vozes. Solto fumaça, no escuro. E, por cima do gelo, eu caí.

— Bruxa — disse, me beijando. — Mas Corrag é o seu nome verdadeiro.

E foi assim. O meu começo.

Vivi à base de peixe velho e leite azedo por meses a fio. Quando chorava, ela me punha deitada no meio dos juncos e então eu adormecia. Devia ser o barulho do vento, ou talvez a umidade. Ela me chamava de “bebê fantasma”, por causa dos meus olhos, que são muito claros e enormes. Comecei a engatinhar na primavera, no meio da floresta de olmos. E dei meus primeiros passos no verão seguinte, perto da cerejeira. Mais tarde, gostava de montar num tronco caído que ficava perto da igreja e cavalgá-lo. Meu cavalo de madeira úmida. Sua sela era feita de folhas e as heras serviam de rédea.

O outono também era uma boa época para cogumelos. A Cora costumava apontá-los para mim, assim como fazia com as ervas.

— Este aqui é bom para enjoo. E este depura venenos. E estes aqui... — dizia, girando um caule bem na frente dos meus olhos — são para o jantar! Vamos correndo para casa cozinhá-los!

E corríamos, os cabelos ao vento.

Ainda assim, os invernos eram melhores.

E eram difíceis, em Thorneyburnbank. Certa vez, um pato congelou no riacho. Ficou grasnando até que uma raposa se aproximou e só deixou suas duas patinhas, encravadas no gelo. Nós gostávamos de chupar os pingentes de gelo, a Cora e eu. Dava para andar por cima do lago, lá no moinho, e uma vez, de tanta neve, uma árvore se partiu e soterrou uma vaca. Tiveram que escavar a neve com as mãos e com pás, até conseguirem encontrar o bicho. Cavaram a noite inteira, e a vaca mugia tão alto que eles não puderam ouvir os Homens da Turfa que, naquela noite, roubaram os cavalos da ferraria. Foi também em um outro inverno que uma daquelas caixas de madeira apa-receu. Eles a deixaram debaixo do teixo, pois não conseguiram enterrá-la naquele chão escuro, duro feito ferro. Os cães e os corvos, que sabiam farejar carne por perto, quebraram toda a caixa. Pobre viúva Finton! Mas ela já estava morta mesmo e por isso não sentiu nada. Todo mundo precisa de comida, afinal.

Mas vi os corvos na praça de Hexham outra vez. Foi no dia em que enforcaram os Homens da Turfa.

Eram cinco. Eu devia ter uns 12 anos quando a Cora veio me dizer, com os olhos pegando fogo:

— Isso é ruim, isso é muito ruim...

Ela queria dizer ruim para nós; mas não o bastante para precisarmos nos manter afastadas. Ela abotoou minha capa, e saímos andando pela neve, até a vila. Aquele som! Havia mais gente na praça do que no dia em que o juiz tinha vindo visitar, ou quando a feira de Natal tinha chegado. Todo mundo falando alto, fazendo troça. Subi num barril, tentando enxergar o que eles estavam vendo, e era a

palavra “cadafalso”. Cinco cordas, formando cinco círculos perfeitos. Aquilo me arrepiou de uma maneira que neve nenhuma tinha conseguido. E a multidão ria dos homens, em pé ali, com suas mãos amarradas para trás. “Aqueles”, pensei, “são os Homens da Turfa”. São apenas homens, com suas cicatrizes e seus olhos tristes. O da barba amarela também estava lá. Ele viu os corvos, como eu vi, limpando as asas, pousados no cadafalso. Tive muita pena dele. Pensei até que podia ouvir seu coração palpitando, e também sua respiração curta. A multidão aplaudiu quando puseram as cordas ao redor dos pescoços dos Homens da Turfa. “Bum”, fez o alçapão, e “bum”, fez o seguinte, e “bum”, e “bum”, e o último homem estava gritando por misericórdia.

Perdoe os meus pecados — implorava, tremendo.

E pode ser que o alçapão ainda estivesse trancado, ou talvez o frio o tenha congelado, eu não sei, mas o fato é que ele não abriu. E então o levaram até uma das cordas, onde outro Homem da Turfa estava pendurado, soltaram o cadáver do laço e a usaram novamente para pendurar o homem que ainda estava vivo.

O povo precisa de um inimigo — a Cora murmurava. E também dizia:

Eu devia saber...Você viu os morcegos? Viu, Corrag? Foram todos embora...

Os morcegos tinham voado para longe no dia anterior. Tinham deslizado lá de debaixo da ponte com suas asas de couro, e não tinham mais voltado. A Cora sempre dizia que é o que os bichos fazem, antes de uma morte. É como acontece também com o clima: eles conseguem sentir a coisa chegando. Sentem o perigo em suas asas, em suas patas, nos seus cascos. E fogem.

Inimigos... — dizia ela.

E naquela noite espalhou ossos na lareira e picou ervas com as mãos, e a nossa cabana inteira ficou cheirando a verdura. Eu sabia o que a estava preocupando. Toda a minha vida ela tinha cantarolado: “Deixe que eles ataquem!” Mas agora eles não atacavam mais, pendurados lá fora, com a neve caindo por cima, e os corvos bicando aqui e ali.

Mais tarde, a Cora caiu no chão e começou a arquear as costas. Era desse jeito que recebia as visões, as visões que eu não tinha. Eu sabia que tinha que ficar do lado dela, alisando seus cabelos até tudo aquilo acabar.

Quando se sentou, murmurou:

Eu tenho o pescoço feito para a forca?

Era tarde. Eu estava pesada de sono, e ela me pareceu estranha. Mas era o medo, acho. Ela prendeu seus cabelos, negros e grossos, com as mãos e os puxou para cima, dizendo:

Tenho ou não tenho? Diga a verdade.

Eu sempre disse a verdade. Então, tendo o fogo como o único som, já que o riacho estava congelado e a coruja não estava piando aquela noite, eu disse a verdade a ela. Mas ela já sabia, também.

Era um pescoço bonito, sim, mas era verdade — tinha sido feito para a força.



A primavera chegou. Sons de água por todo lado. O riacho roncava com o degelo. O trevo estava alto nas áreas pantanosas, deixando o leite doce e o gado gordo. Foi quando peguei a faca e matei nosso porco — uma coisa terrível. Acho que devo ter sofrido alguma espécie de loucura de primavera, ou então foi o efeito da morte dos Homens da Turfa sobre mim. Eu não sei. Mas a Cora ficou azeda. Ela me perguntava por que motivo matar o bicho na primavera, quando tínhamos conseguido atravessar todo o inverno, e será possível que eu era uma idiota? A carne dele não me caiu nada bem, nem no estômago nem na boca. Pobre porco!

Fugi de casa, coberta de vergonha. E passei o dia inteiro escondida na floresta de olmos, acorada perto de um tronco caído. Quando, finalmente, me levantei na meia-luz do fim de tarde, não percebi o tronco e caí. “Toc!”. Um som seco no meu ombro. E, então, veio a dor. Uma dor enorme, quente, e fui tropeçando de volta até a Cora, com o braço direito machucado e meu ombro completamente deslocado para cima. Eu corria e gritava.

Foi a vingança do porco — disse a Cora, seca.

E empurrou meu osso de volta para o seu lugar. “Toc!”, de novo. E aplicou manjerona em cima dele, o que sempre ajuda.

E as coisas seguiam crescendo. As plantações cresceram bastante naquele ano. E isso fez a bolsinha da Cora tilintar, porque, com todo aquele milho dentro delas, as mulheres estavam fazendo muitos bebês. A maioria lhe pedia matricária, buscando um parto tranquilo. Confrei era para secar o leite velho. A Cora me mandava ir buscar samambaia, também, e me ensinava como cortá-la — de um golpe só, e apenas com bons pensamentos. A samambaia também tem seus poderes obscuros: serve para a limpeza secreta das mulheres, digamos assim.

E os animais faziam filhotes, também, bezerros e pintinhos que faziam “piu”. Havia uma gata rajada, de tetas grossas feito dedos, que ronronava toda vez que eu lhe fazia carinho. Era uma boa gata. Mas, certo dia, quando os dentes-de-leão estavam balançando no vento, eu vi a gata deitada. Havia um balde perto dela, e o Sr. Fothers estava ali também, com seu chapéu. Ele olhou fixamente para o balde, depois saiu andando, e eu pensei: “Por que é que a gata rajada está tão

quieta? A linda gata rajada?” Aprumei as costas. Estava quieta demais... E então pensei, “corra!” e no balde encontrei um bocado de água e cinco gatinhos recém-nascidos, escuros, miando por suas vidas. Ficavam arranhando o metal com as patinhas. Estavam de olhinhos fechados. E então, virei o balde e disse: “Acordem! Não morram!” E eles rolaram até alcançar o corpo da mãe, que estava morta e não ronronava mais.

Quando os carreguei até a nossa casa, a Cora me perguntou:

O que foi que aconteceu com eles? Tão pequeninhos... E, com a voz mais baixa ainda, sussurrou:

Quem foi que fez isso?

Pois tinha um ódio todo especial pelas pessoas que afogavam bichos. Nós demos comida a eles. Pusemos os bichinhos perto do fogo e pin-

gamos leite de vaca em suas línguas. Cantei velhas canções para eles, como se tivessem sido feitas por mim, e a Cora dizia:

Como é que aquele homem ousa? Como ele ousa? Uma vida é uma vida, e cada vida...

Ela apertou os olhos quando ouviu o nome dele. Chutou a chaleira, que saiu rolando até lá fora. Mas não se acalmava ao acariciar os gatinhos, nem ao sentir suas línguas de lixa se esfregando na sua mão. O Sr. Fothers odiava os animais. Nós nunca os odiamos.

Os gatinhos sobreviveram — todos os cinco. Era para terem se afogado, em um dia repleto de dentes-de-leão. Mas não se afogaram. Em vez disso, cresceram e se tornaram belos gatos cinza, com olhos tão verdes quanto a menta, e se esfregavam nos nossos tornozelos, com seus rabos em riste. Eu gostava do jeito que suas cabecinhas suaves batiam, de leve, na minha. Com o tempo, começaram a farejar os peixes presos no telhado. Eu me lembro deles assim: lá no alto das vigas, roendo os ossos dos peixes encalhados, com os focinhos todos prateados cobertos de escamas.

Talvez eu não devesse ter salvado aqueles gatos. No fim das contas, eles acabaram trazendo mais do que ratos mortos para a nossa porta.

O Sr. Fothers foi quem começou. Vai ver ele não gostou do jeito como eu salvei os bichinhos.

Gatos? — perguntou ele. — De olhos verdes?

E começou a dizer palavras más a meu respeito. Sobre como eu gostava de me agachar pelos pântanos. Sobre como, em um entardecer, eu tinha me transformado quase em um pássaro e tinha voado, gritando, lá da floresta de olmos até chegar em casa.

Seu braço direito era uma asa. É verdade!

E, assim, a coisa foi indo. Pequenas coisas que, certa vez, tinham querido dizer “saqueadores” — as noites sem lua, ou uns vermes na

farinha do moleiro —, não queriam mais dizer “saqueadores”, porque agora eles estavam mortos. Então quem podia ser a causa de tudo aquilo? De quem era a culpa? No começo, as pessoas ficavam quietas. As pessoas mordiam a língua.

Foi “rei” o que fez tudo piorar. O verdadeiro problema começou naquela época, no ano em que o rei James fugiu para a França, e para ocupar o lugar dele chegou aquele Laranja, o protestante, com sua peruca preta demais. Ele se sentou no trono ainda quente de James, e a Inglaterra deu a esse ato o nome de “glorioso”.

— Que revolução! — disseram eles.

Mas a Cora não concordava. Ela mordia os lábios. Ficava olhando para as estrelas durante muito, muito tempo. Certa noite, puxei a manga de sua camisa. Perguntei:

O que isso quer dizer?

E ela sacudiu a cabeça e disse:

Confusão, eu acho; reis sempre representam confusão.

E, era isso mesmo. Porque “rei” faz o sangue borbulhar. Faz o ar ficar pesado, e estranho. E, à medida que o vento ia girando os cata ventos, os olhos também começaram a se voltar para a cabana ao lado do riacho, coberta de azevinho e com água do brejo.

Pouco a pouco, outras coisas começaram a acontecer.

Pequenas coisas. Um bezerro nasceu com uma estrela branca na testa, perfeita e muito nítida. Era muito bonita. Mas, curiosamente, era assim que o chamavam:

O bezerro marcado... — diziam os homens. — Que coisa mais rara.

E então o Sr. Dobbs, no pasto de quem o tal bezerro ficava, começou a espirrar, dia e noite. A Cora disse que era por causa do ar, que estava cheio de flores. Mas ninguém mais concordou. E, depois, uma coruja desceu piando da torre da igreja, à meia-noite, e as cerejas ficaram mais amargas do que em outros anos. Avistaram uma ratazana na ponte, na meia-lua. E, no alto verão, quando o ar já estava pesado de tanto calor e da falta de vento, o Sr. Vetch parou de dedicar sua atenção à esposa e voltou seus interesses para a garota viçosa, de cabelos claros, que vendia fitas lá em Hexham. A Sra. Vetch ficou muito perturbada.

Ele perdeu a cabeça — choramingava.

No meio da rua, torcendo as mãozinhas rechonchudas, ela gemia:

É feitiço! É loucura! Isso com certeza é... Estávamos apenas olhando. A Cora e eu.

Aquela palavra... — sussurrou a Sra. Vetch.

E ergueu os olhos na direção do céu enfarruscado.

Levou apenas um dia, ou pouco mais do que isso. Até que “bruxa” finalmente apareceu.

Putá! — dizia o Sr. Fothers, quando a minha mãe passava por ele.

Na igreja, o Sr. Pepper fazia o melhor que podia. Ele dizia:

Nós todos somos filhos de Deus e Ele nos ama igualmente.

Mas isso não impedia que as coisas acontecessem. Nem acalmava a Cora, que agora passava a noite em pé, fora de casa. Ela dizia:

O que está vindo? Alguma coisa está vindo por aí... Eu posso sentir. E foi então que o Sr. Fothers afirmou que, em uma noite de lua cheia,

a Cora tinha roubado sua égua cinzenta. Disse que a égua tinha criado asas, e que as duas tinham voado até o Diabo e de volta de lá. Mas... um cavalo voador? Uma mentira com asas, isso sim! Toda noite de lua cheia ele trancava aquela égua e, em vez de usá-la, começou a montar um alazão. O alazão dava pinotes e relinchava toda vez em que via uma sombra, mas o Sr. Fothers preferia arriscar o pescoço no alazão a pôr sua alma imortal em risco, com aquela égua.



Odiá-la? A Cora? Ah, ele a odiava, sim.

Não sei por quê. Talvez por causa da sua beleza. E por seu conhecimento do mundo, seu poder, que era tão forte que dava para senti-lo, quando ela passava. Encostava na nossa pele, como uma respiração. Talvez o Sr. Fothers tivesse ouvido falar dos seus encontros, perto da muralha romana, com homens desconhecidos, e também tivesse vontade — vontade de ser um daqueles homens. De poder desamarrar seu corpete, no meio da escuridão do Norte. Mas como ele poderia? Sendo casado e frequentando a igreja? E, além do mais, minha mãe não iria permitir isso. Ela vivia dizendo que ele tinha cara de galinha, com aquele seu queixo mole e aquele ar de quem vive metendo o bico em tudo.

Homem nojento — ela o chamava. — Nojento.

Sou capaz de ver bondade na maioria das pessoas, porque a maioria das pessoas é boa mesmo. Mas a bondade do Sr. Fothers era difícil de ver.

Ele afogou a gata rajada dentro de um balde. Costumava jogar pedras em mim. Mas sua mulher era tão dócil quanto um filhote de ganso. Certa vez, ela comprou tasneira com a Cora, para usar em um machucado que estava escuro feito ameixa. E que, ainda por cima, tinha formato de mão. Foi a Cora quem contou. A Sra. Fothers ficou vermelha, disse que tinha caído.

Como sou desastrada!

Mas nós sabíamos que aquilo não era por ter caído coisa nenhuma. Uma vez a pobre mulher tentou comprar cicuta, mas a Cora não vendia essas coisas. A cicuta é uma erva muito definitiva. Ela mata, e de um jeito nem um pouco gentil. A Cora sentia muita pena da Sra. Fothers, com sua vida solitária.

Tudo isso é prova da maldade do Sr. Fothers. Além do mais, ele batia na égua cinzenta.

E matou a minha mãe. Eu sei — aqui dentro — que foi ele.



Vou tentar juntar todas as partes, como se estivesse costurando.

William sentou-se no trono. Era um rei tísico — e como se tivesse mandado aquele seu chiado, a cavalo, até o Norte, uma doença alcançou as terras nortistas. Notícias chegavam, de pessoas que tinham morrido de um modo terrível, lá em York. A Cora me disse que não havia erva que curasse aquilo, caso chegasse a Thorneyburnbank. E então nós esperamos. Mas a doença nunca chegou, não que eu soubesse. O Sr. Pepper foi quem caiu morto na igreja; morto, provavelmente, de um coração cansado. Mas o povo ficava murmurando “peste”. A Cora estava inquieta, e entrava no riacho até a cintura. Ela ficava me olhando de um jeito estranho e não conseguia pegar no sono.

O Sr. Pepper foi enterrado aos pés de um carvalho que soltava folhas sobre o caixão, como se estivesse chorando. E o novo homem da igreja usava óculos e um bigode escuro. Era jovem e tinha o ar dos ratos, todo bigodes compridos e movimentos rápidos.

— Ah! — fez a Cora, ao vê-lo. — Existe coisa pior do que a peste, nesse nosso mundo dos mortais. Existe a queda, aos olhos do Senhor. Existe a obra do Diabo. E existem aqueles que conhecem os meios do Diabo. É nosso dever limpar a Terra, livrá-la destes pecadores.

Então um bebê nasceu morto, azul.

E uma lebre foi vista no campo, limpando as orelhas enquanto a lua nascia por trás dela, e a vila inteira pôde ver: a lebre com a lua cheia, branca, por detrás...¹⁵

A Cora começou a fungar. Ela me envolveu em seus braços.

Ela me beijou e me beijou novamente e, em meu coração, eu pensei: “Não falta muito, agora.” Porque eu também tinha visto os estorninhos voando para Oeste; muitos deles, afastando-se de nós. E, assim, dormíamos lado a lado, naquelas últimas noites. Com os nossos cabelos negro-azulados embaraçados.



Um cachorro latiu lá na vila. E, naquela noite, a Cora empurrou os gatos para fora do nosso colchão, me agarrou pelos cabelos e disse:

Acorda! Acorda já!

E eu acordei. E vi seus olhos, arregalados. Ela me tirou da cama

pelos cabelos, gritando. Ela estava com muito medo.

Cora disse:

Pegue a minha capa. E tome este pão. Tome esta bolsa, Corrag. Todas as minhas ervas estão dentro dela. Todas as ervas que colhi, ou conheci, estão dentro desta bolsa, e ela, agora, é sua. Cuide bem dela. Você promete?

Olhei para a bolsa. E então olhei para ela. Bem dentro dos seus olhos, que brilhavam.

E, Corrag, há uma égua à sua espera. Do lado de fora, no charco. Ela está pastando ali. E você precisa pegar essa égua e montá-la. Vá para o Norte-e-Oeste. Cavalgue rápido, e longe, e vai reconhecer o lugar que foi feito para você. E, quando encontrar esse lugar, não saia mais de lá. — Então ela pôs a mão sobre o meu rosto e disse: — Meu pequeno bebê fantasma...

O latido do cachorro voltou, mais perto agora. Perguntei:

Você está vindo também? Ela sacudiu a cabeça.

Você vai sozinha. Vai me deixar, agora, e não poderá mais voltar. Tome cuidado. Seja corajosa. E nunca se arrependa de ser o que você é, Corrag. Mas não ame as pessoas. O amor dói demais e torna a vida dura de aguentar...

Eu assenti. Podia ouvi-la e entendê-la.

Ela afivelou sua capa sobre os meus ombros. Alisou meus cabelos e puxou o capuz.

Seja bondosa com tudo o que vive — sussurrou. — Ouça a voz que mora em você. Eu nunca vou estar longe. E vou ver você outra vez. Um dia. Pendurei sua bolsa de ervas a tiracolo. Vesti sua capa azul-escura, que arrastava no chão, e escondi na manga uma pera e alguns pedaços de pão. Do lado de fora, no ar frio da noite, encontrei a égua cinzenta do Sr. Fothers enfiada até as coxas por entre os juncos molhados. Montei nela e olhei na direção da cabana coberta de azevinho com os peixes no telhado. E lá estava ela, de pé em frente à casa, com sua saia vermelha e seus cabelos negros, um gato cinzento sentado ao lado, e aquela era minha mãe. E, agora, essa é a Cora, para sempre.

Cavalgue — ela tinha dito. — Para Norte-e-Oeste! Vá!Vá!

Galopamos no escuro, através de charnecas e urzais. Eu me agarrava à sua crina, já que não tinha rédeas nem sela. Via o chão abaixo de nós passar correndo. Estava sem ar e completamente apavorada. Perto da muralha romana, paramos para descansar por um tempo. O mundo inteiro estava quieto, as brumas tinham diminuído. As estrelas tinham saído e acho que nunca vi uma noite tão estrelada; era como se o céu inteiro nos acompanhasse enquanto cavalgávamos em direção ao Norte — e toda a magia da terra, também. Comecei a conversar com a muralha. Contei a ela sobre a Cora, e disse a ela que

estava com medo.

Você pode nos manter seguras? — pedi. — Estou com medo.

Acho que a égua me ouviu, porque suas orelhas estavam viradas para frente, e, com a boca, tirou a pera muito de leve da minha mão.

Atravessamos a muralha em um local que ficava próximo a um plântano.

Então cavalgamos por entre as árvores durante muito tempo. Não sei dizer em que momento cruzamos a fronteira da Escócia, mas foi em algum lugar dentro daquelas florestas. Fiz um carinho no animal e percebi que tudo o que eu tinha no mundo, agora, era uma capa, uma bolsa, dois pedaços de pão e a égua cinzenta do Sr. Fothers.



Esse é o meu último ponto da costura, esta noite.

A Cora. Que pensava que os homens com espetos eram quem iria levá-la. Mas não: foi a forca. Não estou bem certa disso, mas acho que a pegaram naquela noite mesmo, e, algumas semanas mais tarde, a amarraram, dedão com dedão. Acho que ela não deve ter dito nada. Acho que foi forte e desafiadora e que sabia que o reino estava esperando por ela, e, sendo assim, para que ter medo? Não acho que teve medo algum. Acho que sacudiu a cabeça, de modo a soltar seus cabelos da corda ao redor do seu pescoço e, depois, olhou para o céu. Porque ela sempre olhava para o céu ventoso do outono. E, então, o alçapão bateu duas vezes contra as dobradiças, e ela sentiu um zumbido nos ouvidos, e eu fico me perguntando o que foi que ela viu no olho do seu último pensamento — se fui eu ou se foi sua mãe, afundando na água.

Também acredito que o Sr. Fothers tenha visto tudo isso. Acho que ele deve ter ido para casa com um silêncio sem nome dentro dele, um silêncio que só fez crescer nas semanas seguintes. Ele deve ter visto a cabana da Cora terminar de ser engolida pelo azevinho e pelas águas dos temporais. E devia pensar nela quando via cerejas ou bezerros recém-nascidos, ou quando um raio iluminava os campos por um segundo, tornando tudo branco e estranho.

Deve ter encontrado seu estábulo vazio e pensado: “Foi a Cora.”

E, quando os gatos dela passaram, esquivos, por ele, acho que o seu coração se abriu com um rangido, feito uma porta.

12. Thorney (Espinheiro); Burn (Riacho, em escocês antigo); Bank (Margem). Assim, *Riacho da margem espinhosa*. (N. da T.)

13. A expressão “justiça Jeddart”, na qual o acusado é enforcado primeiro e julgado depois, parece ter sido criada devido à execução sumária de uma gangue de malfeitores nesta cidade,

um antigo burgo real na fronteira da Escócia. (N. da T.)

14. *Civil*, em inglês, tanto pode significar o mesmo que em português (não militar) como, também, *gentil* ou cortês. (N. da T.)

15. Mito pagão. Nas religiões originais do Reino Unido, ligadas à terra e anteriores ao Cristianismo, acreditava-se que ver uma lebre olhando a lua traria crescimento, renascimento, abundância e boa fortuna. É possível que na época da caça às bruxas esse simbolismo tenha sido invertido. (N. da T.)

Querida Jane,

Hoje estou deveras cansado, meu amor. Não no corpo, ou algo semelhante, como me encontrava na ocasião em que cavalgamos, em meio a nevascas e ao vento, até alcançarmos essa localidade. É minha mente quem, de fato, está fatigada, o que certas pessoas consideram fadiga ainda maior. Sinto-me grato por ter tido a chance de deixar aquela cela, e confesso-te que ansiava por essa paz que só a solidão e um bom fogo sabem oferecer — e, com efeito, oferecem-me, no momento mesmo em que te escrevo. Dou-me por satisfeito, também, por este abrigo, por este quinhão de luz e de calor. E, em igual medida, alegro-me por essa cadeira onde me assento, pois o banco de três pernas sobre o qual tenho precisado equilibrar-me é demasiado baixo, e, com o tempo, é bem capaz de trazer-me problemas para a coluna.

Também encontrei satisfação em fazer uma refeição apropriada. Não pensava que ainda tivesse algum apetite, tendo estado em lugar tão pouco palatável, mas, depois de comer, senti-me restaurado. Às vezes sentimos fome quando julgamos não a sentir.

Tu certamente deves estar ansiosa em ouvir o relato de meu mais recente encontro com a bruxa. Vou falar-te sobre isso, mas hei de usar uma quantidade menor de palavras, pois aquela mulherinha é capaz de falar consideravelmente mais do que jamais o fiz em toda a minha vida. Jane, tu sabes que eu rezo. Tenho rezado continuamente e escrito meus panfletos. E não é verdade que já fui chamado de orador do século? Palavras generosas, porventura. Entretanto, pergunto-me se, algum dia, fui capaz de falar de tal maneira como essa bruxa. Sua fala é como um rio, que corre e transborda em riachos menores, os quais não vão dar em lugar algum. E, então, volta ao seu ponto de partida. Enquanto a ouvia, não pude deixar de cismar, cá com meus botões, será loucura? Ademais, seu modo de mover as mãos me impele à mesma pergunta. Pois raramente está quieta. Fala guardando as mãos bem próximo ao rosto, como se quisesse pegar nas palavras, manuseando-as enquanto as pronuncia. Podes vê-la? Não sou exímio em descrições. Minha força toda se encerra nos sermões, não na fala decorativa.

Penso que terá sido isso o que me fatigou, seu modo de falar. Pura tagarelice.

Porém, para além disso, o que essa bruxa diz! Fico feliz ao pensar que tu não estavas presente, meu amor. Quanto malefício! Quanta blasfêmia!

Sentou-se como uma mendiga, toda olhos e farrapos, e contou-me sobre tanto pecado que fui levado a experimentar toda uma variedade de

sentimentos, a repulsa e o ódio entre eles. Sua mãe pareceu-me um ser humano dos piores que há — devassa seria palavra excessivamente amável para ela. Está certo que ela (a mãe) passou por situações um tanto penosas na juventude. Mas isso não justificaria a trilha errada que decidiu tomar, de modo tão libertino. Ervas não são assunto com que devamos perder tempo. A oração é a grande cura, e o verdadeiro doutor, e não essa alquimia verde que jamais serei capaz de tolerar. E aquela rapariga mentia, ocultava seu rosto falso por trás de um sorriso de igreja! Chegava a comungar, com a intenção de esconder seus costumes depravados.

Não me recordo do seu nome. Não desejo recordá-lo — é um nome venenoso. Mas afirmo que, ao livrar-se dela, o mundo saiu vencedor.

Corrag defende-a, certamente. Que mal ela fez? Senti vontade de responder-lhe, imenso mal. Pois uma mulher libertina provoca grande prejuízo. Mas soube refrear a língua.

Penso ser esse o motivo pelo qual minha mente encontra-se tão molestada, meu amor. Por ter tido que aguentar toda uma tarde de divagações e ofensas, que, por fim, não trouxeram qualquer benefício à nossa causa Jacobita. Como uma infância na Inglaterra teria o poder de recolocar James no trono? De que modo uma tagarelice sem fim, a respeito de gatinhos que quase se afogaram, seria capaz de depor William?

Ainda assim, a bruxa garante ter notícias que nos ajudarão. A respeito de Glencoe e das tais mortes. Se assim for, terá valido o sacrifício. Além do mais, de que outro modo preencheria minhas tardes, num clima hostil como esse? Jane, neva ainda mais neste momento.

O estalajadeiro possui o dom sutil de materializar-se, como um espectro, do meio do nada. Ao encontrar-me na escada, esta tarde, demonstrou surpresa em saber que eu havia estado onde estive, quando estou certo de que tinha completo conhecimento disso. Trocamos amabilidades. Porém, na hora em que me voltei, ouvi:

— E como foi com a maldita, na prisão? Foi prestativa? Fedorenta?

Dizem que pode se transformar num pássaro...

Agi com educação, Jane, mas não satisfiz sua vontade. Não esta noite, pois teu interesse é cansativo, a hora, adiantada, e seu marido já não é mais tão jovem quanto o foi um dia.

Vou dizer-te apenas mais uma coisa sobre Corrag. A despeito de todas as suas feridas e de toda a sua tristeza, a despeito da condição depauperada em que se encontra, e a despeito de sua garrulice, maldade e mãos inquietas, a mulher sabe contar uma história. Tem olhos que enxergam os menores detalhes da vida, seja um aroma ou o modo como uma árvore se mexe.

Senti-me, por um breve momento, como se estivesse, de fato, ali, na tal vila de Thorneyburnbank, onde viveu. Mas escolho dar a essa sensação o nome de enfeitiçamento. E hei de resistir. Essa é mais uma prova dos seus pecados.

Ademais — e espero que isso não vá ofender-te— os cabelos dela parecem-se com os teus. Não em seus nós e espinhos, decerto que não. Mas na mesma cor escura, no mesmo comprimento. Penso no peso dos teus cabelos, da última vez em que os soltei. Vi-te enrolando uma mecha em seu dedo, enquanto falava, e me pus a pensar em ti quando criança, antes de conhecermo-nos. Se nossa filha estivesse viva, eu te asseguro de que teria esses mesmos cabelos.

Escrever-te-ei novamente, amanhã. O que mais faria em horas como essas, se não escrever à minha esposa? Em vez disso, sentar-me-ia na semiescuridão, a sonhar contigo. Se não existisses em minha vida, por-me-ia a imaginar a mulher que desejo por esposa — e ela seria tu. Exatamente como és.

Tua paciência me surpreende. E preocupo-me com a tua preocupação quanto à minha saúde e segurança. Mas não te abales. Porventura não estou bem protegido? Não possuo eu um verdadeiro escudo? “O próprio Senhor caminhará adiante de ti, e estará ao teu lado; não deixará que o teu joelho se dobre, e não te abandonará.” (Deuteronômio 31:8)

Escreva quando puderes.

Charles

II

“É normalmente encontrada debaixo das sebes, e ao lado das valas sob as casas, ou em vielas ensombradas e outros lugares baldios, em quase toda parte dessa região.”

sobre a Hera Terrestre

Na noite passada, ela esteve comigo. Quando o senhor já tinha ido embora, ela se sentou no banquinho e ficou olhando para mim, com seus olhos brilhantes de pássaro. E eu disse a ela: “Falei de você a um homem, hoje”, mas imagino que ela já soubesse. Pensei em todas as coisas que são dela, que me fazem pensar nela toda vez em que eu as ouço, ou vejo. Trovões, cordas. Toda erva que já usei, senhor Leslie, traz minha mãe dentro dela. Foi minha mãe quem me ensinou sobre ervas. Na floresta de olmos ela as colhia,

esfregava suas folhas. Fervia suas raízes, pressionava seus caules, e dizia:

— Não pense que as folhas pequenas são inúteis. Às vezes, são as mais úteis de todas...

E eu só sei o que sei sobre as plantas folhosas porque ela as conhecia, e pôde passar isso adiante.

Então, toda vez em que eu salvava uma vida, a Cora também a salvava.

E sempre que eu curava uma dor, ou fechava uma ferida, a Cora também a fechava.

— Nunca ame — foi o que ela me disse.

E às vezes eu pensava, “então ela, certamente, não me amou”. Se disse “não ame”... Sei que às vezes tinha um gênio difícil. E sei que, na maior parte do tempo, vivia sonhando acordada, sempre com um meio-sorriso para oferecer. Mas havia momentos em que uma nuvem parecia descer sobre ela. E a fazia sibilar, de um lado ao outro da cabana. Ela corria para debaixo da chuva e urrava e dizia palavrões. E odiava a palavra “justiça”, assim como as igrejas, e roía as unhas, e até me dava uns tapas, de vez em quando. Quando eu dizia alguma má palavra a seu respeito, punha um cardo verde dentro da minha boca e dizia:

Mastiga!

Fazia isso para que eu aprendesse a dor daquelas palavras. E, enquanto eu ia mastigando a lanugem do cardo, pensava: “Isso não é carinho”. Mas também pensava: “Isso não é ela...” Não era a verdadeira Cora.

Não ame...

Mas acho que ela me amava, sim. Penso que sim. Porque penteava meus cabelos, à noite, e quando desloquei meu ombro ela o beijava, e dizia:

Pobres velhos ossos...

Em um certo inverno, em Hexham, catamos flocos de neve para comer e deixamos nossos contornos na neve funda. E cantamos canções de bruxa, antigas e maliciosas, no caminho de volta para casa, e aquilo era bom. Havia amor naquilo.

Mas não havia o outro amor. Não pelas pessoas, senhor. Ela não amava homem nenhum. Ao contrário, acho que embrulhou seu coração e o guardou bem guardado, e só deixava aqueles homens a cobrirem como os touros cobrem as vacas, bufando em sua nuca. Ela nunca se encontrava com o mesmo touro mais de uma vez. Nem quando eram bonitos ela os encontrava de dia, porque e se o seu coração fugisse e depois ficasse solto? Eu ponho a culpa na cadeira d’água por isso.

Cavalgue para Norte-e-Oeste. E não volte atrás.

Não devem parecer grande coisa aos seus ouvidos, essas palavras. Mas a Cora não precisava ter dito nada disso. Podia ter me deixado continuar a dormir naquela noite, a noite dos cães que latiam. Ou, então, podia ter montado a égua cinzenta comigo, e teríamos fugido juntas para a Escócia, atravessando as florestas, com os nossos cabelos voando.

Mas o que ela disse foi “cavalgue para Norte-e-Oeste”. Porque sabia que iria morrer.

Sabia que iriam segui-la; e que iriam caçá-la até que a encontrassem. E, quando a encontrassem, que a enforcariam, e a quem mais estivesse com ela.

Seja bondosa com todas as criaturas — disse ela.

Morreu sozinha. O que, aos seus olhos, era melhor do que morrer com a filha do lado.

Se eu sinto falta dela? Às vezes. Como sinto falta do sono macio, sem sonhos, de quando era criança, e que certa vez conheci, mas hoje não conheço mais. E queria que sua morte não tivesse sido por assassinato. Por um tempo desejei que tivéssemos tido um adeus melhor, verdadeiro. Mas ela agora está no reino. É um bom lugar para estar.

E veio me dar seu adeus, tempos depois.

Foi em um entardecer, em uma floresta de pinheiros. Ergui os olhos e vi seu espírito passando por mim. Sabia que ela tinha virado espírito, porque os espíritos são pálidos e bastante silenciosos, coisa que a Cora nunca tinha sido na vida. Ela andou por entre as árvores e lançou um olhar para mim. Estava muito bela e agradecida — e esse foi seu adeus.

Pensei nela perto da muralha romana. Com as estrelas e todo aquele silêncio. Ao lado da égua, que mastigava calmamente sua pera.

Pensei nela na floresta, também. Havia uns sons pequenos, como o vento soprando lá no alto, ou uma pinha caindo. E eu achava que aqueles barulhos talvez pudessem ser a Cora, como se fosse ela falando comigo. Fiquei escutando por algum tempo, pensando “é você? Você está aí?”. E o vento fez as árvores calarem, o que era como um “sim. Eu estou aqui”.

Pensei no modo como costumava se acocorar nas vielas, vendendo ervas e segredos.

Em como gostava de groselha.

Mas de que adianta ficar olhando para trás? Não serve para nada. Não dá para evitar, mas também não ajuda. Tive a Cora comigo.

Eu nunca vou estar longe.

Então eu disse “vamos em frente” — eu tinha que ir. Sabia que uma vida estava me esperando.



Senhor Leslie. Estou feliz em vê-lo.

Pensei que talvez não fosse voltar hoje. Porque sei como a minha conversa às vezes é. Sempre fui dessas que ficam falando, falando, dessas que falam tanto que os olhos dos outros vão se parecendo com os olhos dos peixes, meio mortos. Vai ver foi essa vida solitária que eu tive. Passei a maior parte do tempo sozinha, ao ar livre, sem uma alma viva com quem conversar, a não ser a minha própria, e então, quando há alguém por perto, eu falo, falo, falo.

Será que foi tão ruim? O senhor ficou cansado ontem à noite?

Estou contente que esteja aqui novamente. Com a sua mesa dobrável e a sua pena de ganso.

Sei que o senhor não se importa muito com o que eu estou lhe contando. Para que um seguidor devoto de James quereria ouvir falar de Hexham, de éguas cinzentas, ou de Homens da Turfa? Ele não quer saber nada disso, eu bem sei. Mas vou lhe dar o que precisa, na hora certa.



A floresta, então. A égua.

A égua do Sr. Fothers, a cinzenta, a que ele tinha chamado de “enfeitiçada”, sua “velha pangaré grisalha”. Ele a havia trancado a cada lua cheia, sem dar a ela nem água para beber, porque acreditava que a água chama o Diabo para dentro de casa. Então o bicho ficava lambendo as paredes e relinchava, pedindo chuva. E nós levamos um balde para ela, a Cora e eu. Uma noite, nós levamos um balde e oferecemos água a ela e a égua bebeu e bebeu. Depois soltou o ar pelas narinas com toda a força e começou a arranhar a porta com o casco, e a Cora disse:

— Esta égua é boa demais para ele. O que era verdade.

E agora era eu quem a estava cavalgando. Era eu quem montava nela. Eu.

Olhei para baixo. Ainda não havia olhado detalhadamente para ela. Tinha acariciado seu focinho, perto da muralha romana, e pressionado meu rosto contra seu pescoço e me agarrado à sua crina, enquanto galopava. Mas não estávamos galopando agora. Estávamos seguindo a passo, através de uma floresta, e eu podia ver que aquele era um belo animal: branca no topo, com pintas castanhas na parte traseira e na barriga, como se tivesse passado por cima de maçãs maduras e elas tivessem explodido, manchando seu corpo. Eu ia sentindo seu balanço. Era larga como um barril e minhas pernas tinham que ficar esticadas para fora.

E era alta. Talvez não para maioria das pessoas, mas sou minúscula, sendo assim, para mim ela era tão grande quanto uma casa. O chão parecia longe, lá embaixo. Depois de um tempo aprendi que para montá-la era melhor eu correr um pouquinho, agarrar sua crina e pular nela. Se isso a incomodava, nunca reclamou. De vez em quando até levantava a pata dianteira para que eu pudesse pisar, o que era realmente útil nos momentos de correria, quando o povo vinha gritando “bruxa!”. E, depois, eu procurava feno ou uns punhados de menta para oferecer para aquela doçura de cavalo. Acho que o meu jeito de montá-la devia ser bem melhor do que ter aquele homem gordo, de chicote e esporas, nas suas costas. Uma vez eu o vi com um bridão de metal horroroso, puxando muitas e muitas vezes a boca daquela égua, até ela começar a soltar uma espuma rosada e a revirar seus olhos feito louca. Homem ruim. A única coisa que eu punha na boca da égua cinzenta eram peras.

Ela também não era muito quietinha, não. Fui descobrir isso entre aquelas árvores. Costumava relinchar quando as coisas lhe agradavam ou desagradavam. E, quando eu lhe fazia carinho, ela resfolegava, e às vezes roncava, naquele seu sono fundo, de cavalo. Passou quase toda a

vida comendo alguma coisa — junco, urtiga, labaga —, e então, quase toda a vida sua barriga resmungava para si mesma, com toda aquela comida lá dentro. Como todo mundo sabe, comida cria ar. E então, quando todo aquele ar encontrava uma saída, a égua podia fazer um bocado de barulho. Não é muito educado dizer isso, mas aquela ali bem que sabia apitar.

Sim, eu falo com carinho. O senhor também falaria.

Os animais não ligam para “bruxa”, nem para “feiticeira”. É por isso que são tão sábios e valiosos. Por esse jeito que eles têm de só se importar em saber se são bem tratados ou não. É assim que deveríamos viver. A égua sacudiu o corpo e tirou “bruxa” de cima dele como se fosse uma mosca, ou uma folha que tivesse caído em suas costas. Ela dava coices em quem tentasse me machucar, e, quando eu estava me sentindo sozinha, gostava de esfregar a cabeça nos meus ombros. Era isso o que fazia estar ao lado dela ser assim tão bom.

Com ela, eu estava feliz. Ia cavalgando pela floresta e lhe dizendo isso.

E a chamava de “minha égua”. Dava um beijo em minha própria mão e depois punha a mão no seu pescoço.

Aquela égua não pertencia mais ao Sr. Fothers. Ela era minha.

Entramos mais fundo na floresta. O que mais poderíamos fazer? “Não volte atrás”, a Cora tinha dito, e “vá para Norte-e-Oeste”. Sendo assim, entramos mais fundo na floresta.

Estava chovendo. Era o “pinga-pinga-pinga” caindo dos galhos, e o “tchoc-tchoc-tchoc” das patas na lama. Nós nos abrigávamos debaixo das árvores que tinham caído, ou então em alguma cabana abandonada, feita de pedra e limo. Em matéria de alimentação, comíamos o que encontrávamos

pinhas, raízes. Frutinhas silvestres. Eu tirava as formigas de um tronco, com o dedão, murmurava “me desculpem” para elas e as comia. Certa vez, tropecei em uns cogumelos que brotavam como se fossem espuma de dentro de uma fenda em um tronco, e os colhi, os assei em umas folhas de alho e eles foram uma espécie de jantar. Tinham o sabor de Hexham. Havia um homem que costumava vender cogumelos por lá, e tínhamos comprado um penny¹⁶ deles, a Cora e eu, e depois devorado tudo. E pensei nela enquanto comia. A égua jantou urtiga-morta e musgo.

Aqueles eram dias úmidos, escuros. Quando me lembro deles, penso em “triste, úmido, escuro”.

Às vezes eu fazia fogo. Era difícil, com toda aquela umidade, fazer uma fogueira que não ficasse chiando nem soltasse fumaça escura — mas, por uma ou duas vezes, consegui. Uma vez, encontramos uma clareira com um riacho, e musgo verde e tão brilhante que até

fosforescia. Foi lá, perto do fogo, que abri a bolsa da Cora. E tirei as ervas de dentro dela e as deitei sobre as pedras. Havia centenas delas, todas amarradas com barbante, cada uma com a sua natureza, o seu cheiro, as suas propriedades. Algumas ainda estavam frescas e macias. Outras pareciam tão velhas que viravam pó ao toque dos dedos, e eu me perguntava se ela não teria encontrado aquelas ervas quando era bem mais jovem, nos seus próprios tempos de peregrinação.

Pensei: “Algumas dessas ervas devem ser mais velhas do que eu.” Malva, cerefólio, vara-de-ouro.

Beijo-de-freira e Eufrásia, que é rara, mas vale a pena procurar por ela.

Clareia os olhos de um modo extraordinário.

Juntei uma a uma. Depois guardei todas elas na bolsa de pano da minha mãe e disse para a égua:

— Estas são as colheitas de toda uma vida.

E ela ouviu com atenção. E as árvores e o musgo verde-dourado, também.

Pus a bolsa debaixo da capa, para mantê-la protegida. Foi então que a égua deu um passo atrás. Relinchou.

E ouvi um passarinho fazer “flep flep flep”, e então virei o rosto, “o quê?”

Fui agarrada.

Fui agarrada com força, e um braço apertando a minha garganta não me deixava respirar. Eu não conseguia respirar; o braço era muito forte e eu chutava e me debatia. A égua resfolegou. O pássaro fez “flep”.

Não conseguia respirar, de jeito nenhum. Meus olhos lacrimejavam, e aquele braço me levantou tão alto que meus pés saíram do chão e tive um daqueles instantes frios e curtos quando pensamos “agora eu vou morrer”. Mas foi nesse instante que pensei “não, não, não vou, não”. Fiquei furiosa. Tentei arranhar o tal braço, mas minhas unhas estavam roídas, então estiquei as mãos para trás, tentando tocar o rosto do homem, ou as orelhas dele, ou seus cabelos. Encontrei os cabelos. E os puxei com toda força — o que não adiantou nada —, então fui apalpando o rosto até encontrar os olhos. E aí empurrei meus dedos bem fundo neles. Os olhos costumam ser umas coisas meio moles. Senti que tinham estourado bem embaixo dos meus dedos, e aí ouvi um grito, um uivo, e o homem então me soltou. Eu me arrastei para longe dele, tomando golfadas de ar.

O homem gritava:

Meus olhos, meus olhos!

A égua rinchou, enquanto eu tossia pesado. O homem gemia:

Meus olhos estão sangrando. Ela me cegou!

E foi assim que eu soube que ele não estava sozinho. Eu me virei.

Eram três. Como se não fosse verdade, três outros homens saíram do meio do escuro. Mas eu sabia que eles eram bastante reais: estavam fedendo, cobertos de lama e usavam uns blusões de couro muito fino, além de estarem tão car-regados de cordas e espadas enferrujadas que logo pensei “conheço o seu tipo...”. Eu me lembrava. Tinha visto, em uma manhã de neve. Tinha visto cinco cordas balançando.

Encarei-os. Olhava para cada um daqueles rostos enquanto ia andando, de costas, na direção da égua. Um deles tinha a cara cor de ameixa, como se estivesse meio queimado, e levantou as mãos para mim.

Passe essa bolsa para cá e ninguém irá machucá-la.

Sacudi a cabeça. Eu iria guardar as ervas da Cora para sempre. Por toda a minha vida.

Nós já vimos. Dê-nos o seu dinheiro.

Eu não tenho dinheiro algum — disse eu.

O homem cuspiu sobre um arbusto. Deu mais um passo na minha direção.

Ninguém viaja sem dinheiro.

Então puxou uma adaga e rosnou outra vez:

A bolsa.

Notei seu sotaque, que era escocês. Conhecia bem aquele sotaque: era o mesmo dos mascates da estrada que tinham acenado para mim. Certa vez, comprei um espelho de prata de um escocês, tinha achado tão bonito, e a Mãe Pindle viu. Ela cuspiu a palavra “escocês” como se dissesse “puta”. Ou “peste”.

Eu não tenho dinheiro!

O homem sorriu por um instante, como se eu fosse uma piada. E então veio para cima de mim, me levantou e me encostou em uma árvore. Ele estava lutando comigo, procurando a bolsa com tanta brutalidade que meus dentes estavam chacoalhando, e então dei um berro e acertei sua cabeça.

Rá! — fez ele, encontrando o que queria. A bolsa da Cora.

Sacudiu a bolsa e ela se abriu, e tudo o que estava lá dentro caiu para fora

rabanete, ligústica, erva-doce, confrei, flor de sabugueiro, sálvia. Tudo espalhado pelo chão da floresta.

Dei um grito. Caí de joelhos, tentando juntá-las. Era como se a minha mãe estivesse espalhada ali no chão, também, e por alguns instantes tudo caiu no silêncio. Só se ouvia a minha voz dizendo:

Não, não, não...

Pegue o cavalo, então.

Dei outro grito. Corri para a égua, que estava de cabeça erguida e andava para trás, e não parecia estar gostando nada daquilo. Eu me agarrei à sua crina, mas um dos Homens da Turfa segurou minha

perna, me impedindo de montar, enquanto a égua tentava me levar, a boa garota. Mas o homem estava agarrado à minha bota. E o meu corpo estava tão esticado que era como se eu estivesse em uma roda de tortura, e o chão estava logo ali, abaixo de mim, e eu sabia que não iria conseguir segurar a égua por muito mais tempo. Também sabia que, se soltasse minhas mãos, eles a levariam, e foi então que gritei:

Vou amaldiçoar todos vocês! Vou invocar o Demônio e ele não vai gostar nada disso!

Bem, foi um senhor truque.

Eles me largaram como se eu estivesse pegando fogo. Caí no chão, mas consegui me levantar e me virei, dando as costas para a égua, com os braços esticados à minha frente, como se quisesse escondê-la, protegendo-

-a. Aqueles quatro homens só conseguiam ficar me olhando — ou melhor, três deles me olhavam, porque o quarto ainda estava rastejando e gemendo “meus olhos”. Acalmei a respiração e os encarei de volta. Foi como se a floresta inteira tivesse me ouvido, todos os passarinhos e insetos, e naquele momento pensei, tarde demais, que dizer coisas de bruxa talvez tivesse sido uma besteira. Eu estava fugindo dos caçadores de bruxas, e sem dúvida alguma devia haver muitos deles naquele país também. Afinal de contas, os ratos atravessam paredes. Mas agora eu já havia dito. Ponto final.

Bruxa?

Os homens se entreolharam.

Depois, olharam para as ervas ali no chão, compreendendo.

Houve uma pequena pausa, e podíamos ouvir nossas respirações e a chuva fazendo “ping-ping”. Então eles resmungaram alguma coisa, naquelas palavras de escocês. Depois ficaram me olhando por tanto tempo que eu já estava me sentindo meio quente, estranha.

Eu não tinha dito “sim, eu sou”, porque nunca chamei a mim mesma de bruxa. Freei a língua e fiquei fazendo carinho no pescoço da égua, do modo que ela gostava, para acalmá-la.

Quantos anos você tem?

Fiz biquinho. Estava aborrecida porque eles tinham perturbado a Cora e porque tinham feito suas ervas caírem para fora da bolsa, e agora estavam pisando nelas, o que era uma tristeza e um completo desperdício.

Este vai ser o meu décimo sexto inverno — disse.

E qual é o seu ofício?

— Qual é o seu?

Que insolência, a minha! Às vezes eu sou assim, e isso vem da Cora.

O cara de ameixa ficou me olhando. Uma garota inglesa? Metida em uma capa de adulto? Com um cavalo roubado?

Talvez tenha sido a suavidade que nasceu em sua voz. Ou a meia-

luz. Ou, talvez, tenha sido a minha solidão o que me fez falar com ele. Eu não sei. Mas disse:

— Minha mãe me mandou embora. Eles a chamam de bruxa e a odeiam, e ela vai morrer em breve, então ela me disse para fugir na direção Norte-e- Oeste, para longe de Thorneyburnbank, para não morrer, também. — Olhei para o chão. — Essas eram as ervas dela. São minhas, agora. Para vender, acho eu, e para me manter segura. Elas são tudo o que tenho neste mundo, fora os meus cinco sentidos e a minha égua.

Tudo isso saiu em um jato. Era como se as minhas palavras fossem água e então jorrassem, mas, e agora? Nós ficamos parados ali, no meio das minhas palavras, como pássaros pernaltas no meio de um rio. Eu estava sem fôlego, e um pedacinho de mim estava ficando com os olhos úmidos, porque eu tinha pensado na Cora morrendo. Mas eu não ia deixar que vissem isso.

Pensei comigo mesma: “Sua idiota.” Ninguém gosta de matracas.

É melhor ficar de boca fechada, mas eu nunca fiz isso. O que aconteceu a seguir foi ainda mais estranho.

Eles não se aproximaram de mim. Não agarraram a minha bolsa, nem a minha égua. Era como se fossem animais que tivessem recolhido as garras, depois que eu tinha mostrado meu verdadeiro rosto. Do mesmo modo que o ar melhora, depois que o temporal já veio e já foi. Ficamos ali nos entreo- lhando, tirando a chuva de cima das roupas. Arrumei minhas saias e tentei deixar meus cabelos um pouco menos desgrehados.

O cara de ameixa disse:

— Enforcar uma pessoa é um pecado bem maior do que os pecados que a maioria dos enforcados comete.

Como se estivesse tentando me consolar.

Dei uma fungada. Disse:

É, sim.

Ele olhou para mim.

Eu conheço Thorneyburnbank — disse. — Não fica perto de Hexham?

Lá não há uma cerejeira?

E então ficou tão abatido, tão vazio e entristecido que até senti pena dele, e parei de ter medo. Ele olhou para as minhas ervas, espalhadas pelo chão, e disse:

O que você sabe fazer? Sabe remendar?

Algumas coisas.

Consegue remendar os olhos dele?

Isso porque o pobre coitado ainda estava caído lá no chão, todo ensan- guentado.

Imagino que sim — eu disse.

E costurar? E cozinhar?

Não eram meus maiores dotes, mas eu podia fazer aquilo.

Sei — eu disse. Ele assentiu.

Remende os olhos dele — disse. — Conserte a minha tosse e o pé daquele ali. E remende uma veste ou duas, que lhe daremos um pouco de carne. E você vai poder descansar um pouco.

Ele me ajudou a recolher as ervas da Cora e a guardá-las na minha bolsa.

Eu os segui pelo meio das árvores. Ia andando e ouvindo o “pinga-pinga” enquanto minha égua resfolegava, e murmurei para mim mesma, e também para ela, e para o que quer que seja que nos ouve e nos vê — Deus, ou os espíritos, ou o eu secreto, ou tudo isso junto —: “Essa agora é minha segunda vida.”

Ela começou quando a da Cora chegou ao fim. Minha segunda vida. Minha vida a galope.



Eram fantasmas, senhor Leslie.

Não espectros, feitos de neblina e de ar, nem tampouco almas penadas. Apenas homens fantasmagóricos. Os últimos da sua raça, pois os dias dos saques já haviam terminado. Pensava que todos os Homens da Turfa tinham sido enforcados, ou então expulsos. Mas ali estavam eles. Com seu suor e suas botas de pele de cabra.

Eles me levaram até uma clareira cheia de umidade e musgo. Uma perna de cabrito fervia dentro de uma panela. Um cavalo manco e solitário dor- mitava debaixo de uma árvore, e três galinhas bicavam a terra. A luz do entardecer era empoeirada, como costuma ser nos celeiros, e, quando ergui meus olhos, vi a estrela vésper brilhando por entre as árvores.

— Tome.

Eles me ofereceram uma caneca com um pouco do caldo que estava na panela.

Eu pensava em como eu costumava ser, nas coisas em que acreditava, poucas horas atrás, e não era nada daquilo.

Remendei os olhos do homem, aquela noite. Fiquei feliz por ter eufúria, e fiz uma compressa com linho, e dizia, enquanto aplicava aquela mistura nas suas pálpebras.

Pronto, já passou.

Depois tirei um espinho de um calcanhar. Para a tosse, que chiava feito um balde cheio de alfinetes, peguei unha-de-cavalo e amorei, com um pouco de leite.

Eu disse:

Beba isto esta noite e a sua tosse irá embora de uma vez. Não existe erva melhor para o peito.

Comi um pouco daquela carne de cabrito, que estava saborosa.

A fogueira estalava. Minha égua cochilava lado a lado com o cavalo.

Nós já encontramos outras como você — disse o cara de ameixa.

— Como eu? — levantei os olhos.

Fugitivas. Que andam se escondendo. Estas florestas estão cheias de gente sendo procurada por alguma coisa. Coisas grandes e pequenas.

Pôs um pedaço de cabrito na boca, e começou a mastigar.

Por causa de uma criança que nasceu morta. Por causa de um coração arredio. Por causa da própria fé.

Assenti.

Minha mãe tem o coração arredio. Ele ergueu os olhos.

Mas ela não está fugindo com você?

— Não. Porque senão eles iriam segui-la. Eles a seguiriam, e a encontrariam, e então iriam me encontrar, também.

Ao dizer isso, meus olhos se encheram de lágrimas, e acho que ele notou.

— Nós somos iguais, nós e você. Você pode pensar que não, mas somos, sim. Os nossos antepassados estão quase todos mortos, pelas mãos dos enforcadores. Também vivemos segundo as leis da natureza. Que são as verdadeiras leis. — Balançou a cabeça. — As leis dos homens não são como deveriam ser.

Eu também pensava assim. Continuei comendo.

— Nós somos os Homens da Turfa — disse ele. — O pai do meu pai foi um saqueador, e meu pai, também. E eu sou o último de todos eles. Mas, enquanto eles violavam e queimavam (e eu sei que faziam esse tipo de coisa, e que Deus os perdoe por isso), só costumo pegar o que preciso, e nada mais. Um ovo. Um carneiro, talvez. E, também, só tomo dos ricos.

Ele me deu uma olhadela, como se esperasse que eu concordasse com aquilo. Então disse para si mesmo:

— Eles nos chamam de assassinos, mas eu nunca matei ninguém. Nunca machuquei ninguém.

Igualzinho à Cora — eu disse. — Puseram a culpa nela por um bebê que nasceu azul.

E não foi por causa dela?

Não.

O fogo dançava ao redor de si mesmo. Ouvi a barriga da égua roncando, e era todo aquele feno lá dentro.

Thorneyburnbank... — disse ele. — É, eu conheço esse lugar. Muito trevo. O gado de lá era mais doce, quando eu era garoto. Havia uma ponte em meia-lua. E aquela cerejeira...

As cerejas eram ótimas. Ele assentiu.

Eram, sim. O meu irmão gostava delas. Ele gostava daquilo tudo.

Da árvore inteira?

— Da vila inteira. Com as suas vacas gordas. Seu riacho cheio de peixes. Mas o povo... — Jogou um pouco de grama seca dentro do fogo. — Meu irmão dizia que eles eram azedos. Que eram azedos uns com os outros, e que roubar de gente azeda era um pecado menor do que roubar das boas pessoas.

— Algumas pessoas eram boas— eu disse, ríspida.

Estava pensando na Sra. Fothers, com seu hematoma em forma de mão. No Sr. Pepper, que nunca tinha se incomodado com o jeito da Cora, nem com o meu.

Ele limpou o queixo no braço.

— Algumas eram. Há sempre uma ou duas estrelas, nas noites escuras.

Nisso eu acredito. Mas... — Olhou na direção do fogo.

E seu olhar pareceu tão imensa e profundamente triste que tive vontade de lhe perguntar o que era. Mas nem precisei.

Ele disse:

Nós costumávamos roubar naquele lugar. Quando éramos mais moços, roubamos uns gansos. Mas então o meu irmão queria mais, e voltou até lá, atrás de duas vacas gordas. Roubou as vacas de um fazendeiro que costumava bater no rebanho com uma vara até os animais sangrarem, o que não era certo. Eu estava lá. Eu o ajudei.

Levantou os dedos.

Duas vacas. A gente nunca pegava mais do que o necessário, e nunca deixava a pessoa sem nada.

— E depois? — perguntei. Mas acho que sabia.

Eles foram até lá uma terceira vez — disse, balançando a cabeça.

Ficou em silêncio por um bom tempo, e eu podia ouvir o vento se movendo, muito acima de nós. Sentia o cheiro dos pinheiros e da fumaça.

Foram enforcados em Hexham. Faz quatro anos, esse inverno.

Eu estava vendo toda a cena. Estava lá outra vez, e podia ver tudo: os corvos esperando, a multidão gritando, o momento quando os alçapões faziam “bum!”.

A barba dele era amarela? Virou o rosto para mim.

Era. Você viu?

Não disse a ele que sempre via aquela mesma cena, na minha mente: aquele pulo pequeno e único, quando a corda se esticava até o final.

Eram todos homens seus?

Meu irmão, um tio e três amigos.

Ele não disse mais nada sobre o assunto. Não disse mais nada, aquela noite, apenas:

Você vai dormir bem, aqui. — E eu acreditei.

E dormi bem mesmo, embaixo da capa da minha mãe, respirando o ar da noite.

Mas não, não havia mais nada para se dizer sobre aquelas mortes. Sei que algumas pessoas consideram errado falar sobre a morte dos outros. Que isso as faz morrer uma segunda vez. Talvez ele tenha pensado que seu irmão tivesse sofrido uma nova morte, aquela noite, ao lado da fogueira, com o gosto da carne de cabrito nas nossas bocas. Parecia tão sofrido. Tinha esfregado os olhos. É errado roubar, mesmo que seja uma galinha, ou um ou dois nabos, mas muito pouca coisa merece a força. E aqueles homens não mereciam.

Sinto muito — eu lhe disse. Ele assentiu.

Nós roubamos duas vacas. E eles, cinco vidas humanas.

Não acredito que falar sobre o modo como as pessoas morreram pode fazê-las morrer duas vezes. Acredito que isso as mantém vivas. Mas nem todos pensam assim.



Aquele foi o homem que conheci melhor. Ele, com sua flor avermelhada no rosto, que, suponho, fosse de nascença, e que erva nenhuma poderia apagar. Ela nascia na sobrelha e seguia, passando por cima de um olho. Era cor de ameixa e brilhante, e acho que a Cora teria gostado dela. Ela adorava as diferenças. Dizia que a verdadeira beleza está nas diferenças.

Os outros Homens da Turfa mantinham-se na sombra, ou então dormiam, mas o cara de ameixa ficava sempre perto de mim. Como se gostasse daquilo. Talvez gostasse. Talvez se sentisse mais próximo do irmão, ao ficar perto de uma garota que tinha assistido à sua morte terrível. Não sei.

— Você vem? — perguntava ele.

— Para onde?

Para dentro da floresta, sempre. Seguia por trilhas antigas. E me levava a riachos que prateavam de peixes, e colhíamos frutas silvestres e madeira para fazer fogo.

É deste jeito — dizia ele — que se pega o peixe.

E o segredo era a lentidão. Ele movia a mão tão devagar que o peixe pensava que seus dedos eram algas, e então fechava a mão em concha e erguia o peixe no ar com um “aqui! Viu?”. Ele me ensinou como defumar o peixe e como separar a carne das espinhas. Eu sussurrei “obrigada” para o peixe, enquanto o comia, e o Homem-da-Turfa sorriu de leve, e disse:

Corrag, ele não pode ouvir você, agora.

Sentado perto do fogo, ele me mostrou como se esfolia um coelho e como usar a pele do bicho. Nós dois consertamos o telhadinho, feito de musgo e de galhos grossos, debaixo do qual nos amontoávamos toda vez que chovia pesado. Foi ele quem me ensinou como construí-lo.

E, certo dia, eu lhe perguntei:

Você sabe alguma coisa sobre cogumelos?

Mas ele não sabia. Então o levei até os lugares mais úmidos e lhe ensinei os seus nomes, e lhe mostrei seus chapéus, pálidos e veludosos. Fiquei muito contente com isso, porque antes eu me sentia como se estivesse recebendo mais do que oferecendo, e eu gosto mais de oferecer.

Ele era muito bom com histórias. Conhecia muitas delas, tantas... Talvez soubesse que eu adoro contos estranhos e cheios de aventura, porque sempre que tirávamos a lanugem das crinas, juntos, ou sacudíamos as árvores para derrubar as lagartas, ou então nos sentávamos perto da fogueira com o caldo entre as mãos, ele me contava um desses contos. Eu dizia: “Me fale de...” E algumas histórias eram tão maravilhosas que eu mal conseguia res-pirar, enquanto ouvia. Contos sussurrantes, do outro mundo, sobre luas vermelhas e sobre um menino que falava mais sabedorias do que um homem adulto, ou sobre uma luz verde no céu, que vinha do Norte. E, também, sobre uma casca que tinha três ovos dentro dela. Ele me contou como, certa vez, havia desmaiado por causa de uma ferida e sido acordado com uma língua áspera lambendo o seu sangue. A língua de uma raposa.

Uma raposa? — perguntei, duvidando. Mas ele tinha certeza absoluta.

E também tinha histórias de saques para contar. Não sobre si mesmo, porque dizia que nunca tinha saqueado, no sentido real da palavra.

Mas os outros, os que vieram antes de mim. Viviam em uma época brutal. Tinham que se esconder e atacar, e rastejar ao entardecer, e lutar contra os Guardiões das Fronteiras, e fugir de celas de prisão. Queimavam

todas as fazendas que saqueavam, e o céu da noite ficava cor de laranja. Cheio de fagulhas.

— Como se o sol tivesse nascido mais cedo — eu disse.

Mas o que eu também pensava era: “Por quê?” Por que razão um homem escolheria uma vida daquelas? Assassinando e incendiando. Ferindo outras pessoas. Não fazia sentido aos meus ouvidos pequenos, e não havia bem nenhum naquilo. E eu disse isso a ele.

Existem outras maneiras de viver. Ele suspirou.

Sim, talvez. Mas essa era a maneira naquele lugar. Havia tanto ódio no ar Dava para sentir seu cheiro na fumaça da lenha e dava para ouvir

no som do vento. Ainda dá. Um escocês é capaz de cortar um inglês ao

meio, mas também é capaz de dar sua vida pelo escocês ao seu lado, e é assim, também, na Inglaterra. Isso nunca mudou, durante toda a minha vida. E nem vai mudar. Já houve luta e esperteza demais para se conseguir limpar o ar de todo esse mal. — Balançou a cabeça. — Política...

Aquilo me fez pensar. Na luz do entardecer, entre as árvores que pin- gavam, disse para mim mesma, “Escócia”. Se não fosse pelo sotaque, aquele lugar se parecia com a Inglaterra, para mim.

Esperteza?

Voltou os olhos na minha direção e me olhou de frente. Então, os con- traiu.

Você não entende muita coisa a respeito de países, entende? Sobre tronos? Lealdades? — Sacudiu levemente a cabeça. — Se está indo para Norte-e-Oeste, minha pequena, terá que aprender bem mais do que sabe agora.

Nós nos sentamos perto da fogueira, aquela noite. Estava remendando um colete meio rasgado e, enquanto costurava, ele foi me falando do que cos- tumava chamar de “necessário saber” e de “verdades”.

A Escócia é feita de dois países. Espetei meu dedo.

Dois países? A Escócia? Como assim?

— A Inglaterra diz que é um só. Mas a Inglaterra está errada, nesse ponto. Highland e Lowland¹⁷ — disse ele. — São como dois mundos.

Jogou um ramo de pinheiro dentro do fogo, e dele subiu aquele cheiro doce, parecido com o Natal.

— E qual deles é este mundo daqui? Este, onde estamos agora?

— Aqui são as fronteiras — disse ele. — Que, de muitas maneiras, também formam um país à parte. Mas elas vão dar nas terras baixas, não muito longe daqui. E as terras baixas são verdes e frondosas. Mais pessoas vivem ali. É uma gente cordial, ou pelo menos é o que gostam de dizer sobre eles mesmos. Dizem que são mais educados, que conhecem mais do mundo do que os outros. Falam inglês, assim como nós falamos. É a região da rea- leza. A Rainha Mary, que está morta agora, costumava viajar até seu castelo de Bothwell, perto daqui. E há também Edimburgo, que é uma cidade alta e fedorenta, mas uma cidade de verdade. — Sacudiu a cabeça. — Eu nunca vou vê-la. A maior cidade que verei, nesta vida, é Carlisle.

Mas ela é bem grande. Foi a Cora que me contou.

Mas não como Edimburgo. Dizem que o castelo é tão alto que se

pode ver Londres lá de cima. Foi lá que enforcaram um bispo, entre os muros do palácio, e cada novo rei ou rainha precisa desfilar pela Milha Real, para que a multidão possa dar vivas e acenar para eles.

Eu não gosto de reis — eu disse.

Eu também não sou muito amigo deles. Mas a maior parte do povo das terras baixas está a favor deste novo rei Laranja. E — fez questão de res- saltar — você precisa se lembrar disso.

Fechei a cara. Tinham sido os asseclas do rei Laranja quem tinham colado “bruxa” na Cora. Comecei a costurar com mais força. Estava empur- rando a agulha contra o tecido.

Mas as Highlands... Levantei o rosto.

As Highlands são outro mundo. Eu também nunca estive lá. Elas ficam longe, longe, na direção Norte. E estou velho demais para ir até lá, agora. Mas dizem que é um lugar completamente selvagem. Vento, chuva, pântanos e os lobos uivando. E é um povo mais forte, o que vive naquelas terras agrestes. Porque você precisa ter a alma resistente, para sobreviver ali.

Resistente?

Sim. É um lugar de bárbaros. Sem lei. Ou, pelo menos, sem as leis que governam o povo das terras baixas. Lá, eles têm sua própria língua. Sua própria fé.

Tomou um gole do caldo. Então, achou um osso lá dentro, o pescou-o, e ficou olhando um tempo para ele. Depois o pôs no fogo e disse:

Eles são odiados.

Por quem?

As Lowlands odeiam as Highlands, do mesmo jeito que os cavalos odeiam as moscas. Você vai ver, logo, logo.

Odeiam por quê? Ele deu de ombros.

Porque eles vivem sem lei. E por seus costumes católicos. Dizem que as Highlands são um atraso para a nação... Que os clãs são bárbaros. Eles brigam entre si, isso é o que eu escuto. E muitos patifes vivem lá em cima. Até eu já ouvi falar neles. Eu! Aqui embaixo! Mas falam mais dos MacDonald. É um clã com muitos ramos, como uma árvore. Comentam muito a respeito dos Glencoe. Sobre suas espadas velozes... Seus roubos.

Fechei um ponto. Pensava no quão pouco sabia sobre o mundo. E no quanto a minha antiga vida estava longe, com seu azevinho e seus sapos nos charcos. Por alguns instantes, me pareceu uma vida boa, aquela minha vida de Thorneyburnbank. Tinha vivido aquela vida, conhecido aquelas pessoas. Mas nunca tinha encontrado alguém que falasse sua própria língua. Esta vida de agora me parecia mais dura. Com mais sombras a atravessar.

Por algum tempo, fiquei em silêncio. Depois sussurrei:

E o que vai ser de nós? De pessoas como eu? O que “bruxa” quer dizer aqui? Lá de onde eu venho, eles enforcam as bruxas ou então as afogam no lago. Ou as mandam até um juiz para serem julgadas, e não as matam, no fim das contas. Mas elas continuam sendo chamadas de “bruxa” para sempre, e pelo resto da vida as pessoas vão atirar pedras em sua direção.

Ele ficou olhando para mim. O modo como me olhou me fez pensar se, algum dia, não teria tido filhos. Era aquele tipo de olhar carinhoso que os pais costumam ter. Era, de certo modo, um olhar triste. Talvez desejasse que eu tivesse mais do que eu tinha — além de “bruxa”, e de ficar remendando coletes numa floresta. Esfregou o calcanhar da mão sobre sua mancha ver- melho-ameixa.

Vou lhe contar. Quando eu era jovem, havia umas febres. Períodos de caça às bruxas, como houve também no Sul. Queimaram uma mulher, lá em Fife. E depois, na praça do mercado, as pessoas andavam por cima de uma coisa úmida, que bem podia ter sido ela. O corpo dela.

Deve ter visto meu rosto, pois acrescentou, rapidamente:

Isso foi no Leste. Nas vilas dos pescadores, onde a coisa foi pior.

Então, não vá para o Leste.

E como é no Norte-e-Oeste?

Tomou um gole do caldo, ficou mastigando alguma coisa. Engoliu.

Sim, lá vai ser melhor. Você talvez fique mais segura nas terras selvagens. Porque eu acho que o povo das Highlands é ainda mais odiado do que você algum dia será.

Balancei a cabeça.

Eu ansiava pelos céus de ventania. Queria estar onde os lobos ainda uiavam.

Cavalgue para Norte-e-Oeste — a Cora havia dito. Talvez tivesse tido uma visão, e soubesse.

Não volte para cá. Norte-e-Oeste.

— Sim — eu disse, como ele havia feito.

E remendei o colete, para que o protegesse bem.



Senhor, se lhe conto essas coisas, é para que o senhor fique sabendo, também. O senhor precisa saber como é a Escócia. Talvez já saiba que ela é feita de dois países, onde as partes baixas vivem cheias de ódio pelas partes altas. Civis com ódio dos bárbaros. Cidades com ódio dos vales.

“Highland e Lowland”. Anote aí. Escreva, também, sobre o seguinte:

Que, enquanto eu vivia com os Homens-da-Turfa, minha mãe

morreu. E eu pude ver tudo, dentro da minha cabeça. Tinha me ajoelhado perto de um lago e estava bebendo água com as mãos em concha, quando vi meu próprio reflexo e, por um instante, pensei que fosse ela. A água faiscava ao seu redor. A luz brilhava, radiante, em volta do seu pescoço, e foi assim que eu soube. Soube que o tempo dela havia acabado.

E aqui está o que eu penso. Penso que uma corda foi colocada, delicadamente, ao redor do seu pescoço, por mãos cuidadosas — como se o algoz a amasse um pouquinho e não quisesse que ela se fosse. Seus cabelos rodopiavam ao redor. Seus dedões estavam atrás das costas, bem amarrados. E nos últimos momentos ela deve ter olhado para o céu e pensado “é tão bonito.”. Também olhei para cima. Vi as árvores que se balançavam e as

nuvens cinzentas passando sobre mim. Respirei fundo, enquanto ela respirava fundo, também. Fechei meus olhos.

Senhor Leslie, eu enviei a ela todo o amor que algum dia eu já senti. Enviei o meu amor até a Inglaterra, desejando que ele a encontrasse e que ela pudesse morrer naquela força sentindo que era amada. Que eu a amava.

— Diga a ela que estou viva. Diga a ela que estou salva. Naquela noite, vi seu espírito.

Ela entrou na clareira com as mãos livres, e sua saia vermelha farfalhava à medida que se aproximava. Ela estava no reino, onde não existe o mal. Ela me olhava de lá, e sorria.

Então é verdade, sei que está morta. Sei que nos meses seguintes o rio tomou de volta sua cabana. E que todos os traços da sua vida foram apagados. A não ser por mim.



Fiquei com aqueles homens por três meses. Por três mudanças de lua. Por três vezes, vi a lua entre as árvores acima da minha cama passar de um fino crescente pálido para uma lua-fruta, pesada, que eu até poderia colher, e segurar nas minhas mãos. Remendei aqueles olhos feridos em setembro; e tinha geado, na época em que parti, com a barriga cheia de carne e a cabeça cheia daquelas canções. Eles costumavam cantar velhas canções de ladroagem, ao lado do fogo. Canções de amor e de amores perdidos.

Ele me ensinou muitas coisas. A Escócia era feita de dois países. Duas fés, duas línguas. E, também, a tirar a pele de um coelho me um único puxão.

E me deu de presente uma adaga de lâmina curta. E me ofereceu, também, “os MacDonald são um clã feroz”, para levar comigo.

Mas, talvez, a melhor coisa que eu tenha aprendido tenha sido esta: que não podemos conhecer a alma de alguém, nem sua natureza, até termos nos sentado lado a lado e conversado com ela. “Homem da Turfa”, certa vez, já havia querido dizer “confusão”. Mas, agora, queria dizer tristeza. E cabritos.

E se eu não os tivesse encontrado? Nós sempre podemos nos fazer esse tipo de pergunta. Se não tivessem me visto, e visto minha bolsa, o que seria de mim, agora? Talvez eu tivesse sido mais imprudente, naquelas terras baixas, e, por isso, poderia ter me deparado com a morte. Talvez eu não tivesse encontrado as Highlands. Nunca. E nem encontrado Glencoe, nem “ele”.

“Alasdair”. Aqui está ele, agora. Em minha cabeça.

Se eu sabia que estaria me esperando? Se o meu coração pressentiu sua presença, mesmo antes de vê-lo? Isso é invencionice, eu bem sei. Mas assim que o Homem da Turfa com cara de ameixa pronunciou “Highland” para mim, pensei: “Isso... Isso! É este o lugar!” Onde as pessoas são agrestes, as árvores foram curvadas pelos ventos e onde há lagos que refletem o céu. Onde os homens vivem agachados, esperando. Onde eu poderia viver do jeito que eu sou.

“Vá para lá. Siga adiante.”



E eu segui. No fim das contas, eu fui embora.

Um vento calmo, noturno, remexeu as árvores, e me fez pensar: “Norte- e-Oeste.” Pensar nos olhos da minha mãe.

Sabia que tinha que ir embora. E, assim, depois que a primeira geadada assentou, eu me levantei. Ajustei minha capa ao redor do meu corpo e fiz um gesto para a égua. Olhei para os quatro homens dormindo ali no chão. Eles estavam respirando, debaixo de suas capas. E por algum tempo fiquei ouvindo aquela respiração. Disse “obrigada” no ar e desejei que meu agradecimento continuasse ali, para que pudessem ouvi-lo, logo que acordassem e percebessem que eu tinha partido.

Deixei um ramo de amor-perfeito ao lado do homem com o rosto cor de ameixa. É uma planta que tem o nome acertado, pois fortalece o coração e o conforta. E ele foi o melhor de todos, para mim.

Então partimos galopando.

Eu não tinha rédeas para a égua, e por isso me agarrei à sua crina e disse:

— Vai!

Para fora da floresta, por cima dos campos brancos e gelados, e por baixo de um céu com tantas estrelas que, enquanto me segurava, sorria um pouquinho. Podia sentir seu calor e ouvi-la resfolegando,

enquanto seguí-amos adiante. E sabia que era uma partida digna de uma bruxa — noturna, secreta.

Às vezes, temos tanto para dizer que não conseguimos dizer mesmo nada. Às vezes, é melhor não dizer adeus.

16. Moeda inglesa equivalente a um centavo. (N. da T.)

17. *Highland e Lowland* — Terras altas e terras baixas (N. da T.)

Jane,

Começo a familiarizar-me com essa vila. Todas as manhãs, depois de um jejum de peixe defumado, saio em passeio, com meu capote bem abotoado e meus protetores de orelhas. Naturalmente, cerco-me de cuidados, pois nessa costa existem uns ventos oblíquos, e eles são fortes o bastante para desequilibrar um homem. Também sou muito cauteloso no que diz respeito à neve. Ela amontoa-se pelas esquinas e por sobre os telhados. E procuro manter-me distante dos pórticos, de modo a evitar que uma rajada de vento derrube uma montanha de neve sobre mim, o que não seria de grande ajuda para minha tosse. Nem tampouco para o meu humor.

A despeito do clima, esse é um belo lugar. Minha caminhada leva-me próximo a um castelo e a uma bela igreja. A área do mercado é tão larga que todo o povo da vila poderia reunir-se ali ao mesmo tempo e, ainda assim, todos conseguiriam mover-se com plena liberdade. (No centro dessa área há um barril ou dois e também alguma madeira empilhada. Será o local da incineração da prisioneira, dentro de algum tempo. Mas quem poderá prever quando tudo há de descongelar? Pergunto-me se algum dia.) Devo acrescentar que na beira do lago existem algumas moradas elegantes e deveras bem localizadas. Deve haver um bocado de dinheiro em Inverary. Ou, ao menos, no seio da família Campbell.

Em meu passeio dessa manhã, que me levou bem próximo ao castelo, estive pensando nesse nome. Campbell. O que sabemos a respeito de clãs, tu e eu? Não muito e, creio eu, não o bastante. Tudo o que sei a respeito dessas terras ainda é conhecimento novo e incipiente. Foi aquele senhor de Edimburgo quem primeiro alertou-me a respeito das Highlands. Sobre o modo como seus clãs costumam guerrear entre si e se agarram aos seus ressentimentos, colhendo suas vinganças anos mais tarde. Ele também fez comentários sobre os Campbell. Chamou-os de duas caras. Lembro-me bem disso. Disse-me que, assim como uma moeda, eles têm duas faces.

Charles — disse ele, aquela noite —, precisas ter pleno conhecimento disso: os Campbell são vistos como uma família de astutos, voltada para seus próprios interesses. Ou, ao contrário, como sábios em questão de melhorias e em maneiras de aumentar o que possuem. Nessa viagem, irás ouvir ambas as opiniões.

Assegurou-me, ainda, que os Campbell são donos da maior parte das terras a Oeste.

E, além disso — disse, erguendo o dedo, de modo a garantir que eu lhe prestasse toda a atenção —, eles nunca saem perdendo...

Sendo assim, as pessoas odeiam os Campbell ou os admiram. Ou são amigos ou inimigos.

Neste momento, porém, penso que, para mim, eles são ambas as coisas.

Isso talvez soe estranho a teus ouvidos. Mas não é mesmo uma grande verdade? Trata-se de excelentes anfitriões, e em meu passeio dessa manhã fui cumprimentado (como Reverendo Griffin, é verdade), o que me afigura sempre como um motivo de encorajamento. Boas maneiras, creio eu, são a marca do homem civilizado. Mas serão inimigos, também pela razão de serem homens de William, além de não enxergarem erro algum no fato de um holandês vir ocupar um trono estrangeiro. Tampouco há como negar sua contundência nas negociações. Os Campbell têm por costume espionar, e sinto que cada centavo gasto e cada palavra dita aqui são cuidadosamente registrados. Não desejaria ter que lutar contra um Campbell, Jane, fosse com armas, fosse com ideias.

Amigos e inimigos, então — ambas as coisas.

Meu estalajadeiro conta-me maravilhas sobre o clã dos Campbell.

Afirma que seus membros são homens honestos e tementes a Deus.

Uma luz na escuridão das Highlands — disse ele. — Os do Norte são bárbaros infíéis. Apiedo-me de vossa senhoria — acrescentou —, bem como de vossa missão. Pois tenho cá minhas dúvidas de que lograreis torná-los decentes apenas com palavras. Ou por qualquer outro meio!

Disse tal coisa e, balançando a cabeça, pôs-se a polir um copo.

Perguntei-lhe mais uma vez a respeito dos homens de Glencoe. Ele então sorriu de lado, com aquela boca torta.

Se nós somos a luz, aqueles MacDonald são a escuridão! — disse-me.

E seu chefe? Tão alto quanto dois homens, com um casaco de pele de touro e uma taça, a qual tinha o costume de usar para beber sangue. Os MacDonald de Glencoe eram, com efeito, os piores de todos — disse, antes de cuspir no chão. — Vossa senhoria não há de encontrar muita gente chorando por aquela corja de ladrões!

Jane, devo acrescentar que nem todos estão mortos. Ouvi rumores, na estalagem, de que alguns MacDonald teriam sobrevivido àquela noite brutal. Que vários ainda vivem. De fato, meu hospedeiro me garante (com olhos apertados) que muitos fugiram em direção às montanhas. De que modo lograram sobreviver é algo que não posso imaginar. Por todos os relatos, parece inacreditável que tenham resistido. Já que, segundo consta, o clima seria tão impiedoso quanto os próprios assassinos.

Ainda assim, alguns encontraram abrigo. A mulher de um pescador, que catava objetos na areia, esta manhã, sussurrou-me:

Alguns foram para Appin, senhor.

Appin é uma vila costeira que se encontra na direção Norte. É território dos Stewart (mais clãs!). E estes Stewart, segundo ouço falar, também são jacobitas e estariam abrigoando seus irmãos, neste momento. Talvez me dirija a Appin quando a neve, enfim, diminuir.

Passei esta informação a Corrag. Falei-lhe sobre Appin e sobre os sobreviventes que talvez se encontrem ali, e ela agarrou-se às barras da cela e desatou a sacudir suas correntes, enquanto perguntava:

Quem? Quais deles? Quais são seus nomes?

Parecia febril, e seus olhos faiscavam. E pôs-se a arfar, quando, por fim, eu disse:

Não possuo nomes.

Foi o Diabo, creio eu, quem deixou tão rubras as maçãs do seu rosto.

Descubra esses nomes — pediu-me. — E os filhos, sobreviveram? Suas esposas?

Mal escrevi a respeito da bruxa nesta carta.

Pois continua como sempre foi — ainda falante, ainda pequenina.

Ainda uma prisioneira, e com razão. Pois falou-me a respeito de ladrões e de homens perdidos. Falou, também, sobre saqueadores que vivem nas fronteiras, com os quais teria passado algum tempo, aprendendo truques com eles. Afirmou que unha-de-cavalo poderia aliviar uma tosse como a minha. Mas que espécie de feitiçaria é essa? Quem diz essas coisas é o Diabo. Minhas ideias a seu respeito tornaram-se mais sombrias. Não posso deixar-me abalar pelo modo como aparenta ser gentil. Certamente está mentindo.

Ainda assim, preciso reconhecer que possui um modo de falar capaz de encantar a um homem mais fraco. Um homem menos precavido.

Talvez seja sua voz infantil, ou as palavras que utiliza (já não sei qual das duas — porventura ambas?). Passou muito tempo a contar sobre sua vida entre as árvores, nas terras da fronteira. E, quando, de volta da prisão, eu atravessava a neve, pensei ter sentido o cheiro de musgo e de terra molhada. Tive a nítida impressão de pisar em pinhas.

Feitiçaria, isso sim. Mas não me deixarei enganar.

Devo acrescentar que me encontro deveras preocupado com o cavalo.

Aquele castanho, o que o senhor de Edimburgo me fez a gentileza de emprestar. Ele não parece muito bem de saúde, e essa é uma verdadeira preocupação. Quando fui até os estábulos para vê-lo, tinha uma das patas traseiras erguidas no ar. Ainda não sei por que motivo. Mas pretendo encontrar um ferreiro. É possível que venha a ser negócio custoso, temo eu, mas é fato que, tão logo o tempo clareie, irei precisar de um cavalo. Será uma viagem escarpada e bem pouco amigável, essa nossa até o Norte, até Glencoe.

Uma carta, então, meu amor? Sinto falta de ouvir a tua voz, ainda que saiba que não há modo de fazê-lo. No entanto, ler tuas palavras seria o mesmo. Ponho-me a imaginar tua caligrafia — sua inclinação e suas pernas compridas — e preciso pedir-te que me envies um bocadinho delas. Dar-

me-ias este prazer? Minha esposa faz-me falta.

III

*“As folhas, aplicadas sob os pés descalços, feridos pelas viagens,
são um ótimo refrigério para os mesmos.”*

sobre o Grande Amieiro

O senhor está de volta. Está, sim. E sabe alguma coisa sobre Appin? Sobre quem pode estar ali? O senhor mencionou isso tão casualmente, quando foi embora, na noite passada, que tudo o que pensei, no escuro, foi “quem é que está em Appin? Quem conseguiu chegar até lá? Quem estará a salvo?”. Eu mal dormi. Fiquei criando mil imagens sobre o que pode ter acontecido, desde aquela noite sangrenta até agora. Sei que as tempestades de neve e as trilhas das montanhas devem ter desencaminhado muitos deles. Matado mais do que os mosquetes.

O senhor sabe os nomes?

Por favor, procure ouvi-los. Poderia perguntar? E, se ouvir os nomes das pessoas que ainda estão vivas, então os passe para mim. Todas as noites e todas as manhãs eu penso: “Permita que ele esteja a salvo. Permita que ele esteja se curando. Os outros também. Permita que todos estejam seguros.” Mas penso no Alasdair mais do que nos outros.

Posso ver que ainda está nevando. A neve aumentou?

Talvez nunca pare. Talvez vá nevar e nevar, até não conseguirmos mais nos mexer, de tanta neve, até congelarmos, e então vai ser assim. Só as pessoas como eu é que irão sobreviver. As que gostam do frio, ou, ao menos, não se incomodam com ele. E então vamos viver em cavernas debaixo da neve e vamos ter olhos negros e pele azul. Talvez.

Mas isso é um sonho estranho que eu costumo ter. Não vai ser nada assim.

— A primavera sempre chega — era o que a Cora dizia, concordando com a cabeça.

Porque ela nunca gostou de neve. Gostava muito mais do clima quente.

Dos brotinhos verdes.

A primavera sempre chega. É verdade.

Mas suponho que eu não chegue a vê-la. Eu os ouço arrastando a lenha para mim, até pelo meio da neve. Estão esperando o degelo, acho eu. Quando ele vier, virão me buscar, para me queimarem em toda aquela lenha. Sendo assim, o tempo de neve está a meu favor. É o meu clima. Vou ter partido na época em que o os passarinhos voltarem a cantar, e os botões de flores despontarem.

Apenas cinzas. Uma caveira enegrecida.

Conversinha piegas. Mas tenho direito a um pouco dela, acho eu. Ser queimada viva. Nunca queimei uma só coisa vivente e nunca queimaria.

Não importa a natureza dela ou o que tivesse feito. Nunca.

Como é que uma vida pode queimar a outra? Que parte deles não possui sentimentos, a ponto de poderem dizer “queimem-na!” e depois virarem as costas e irem embora, antes que o cheiro de queimado acabe de se infiltrar nas suas perucas? Nunca compreendi uma coisa dessas.

Mas eu não sou como a maioria.



Aquele inverno. Aquele inverno longo, azul-aceso, que atravessamos, ela e eu. Ela ia quebrando o gelo com os cascos. Esmigalhava os campos cobertos de gelo e chutava a neve para o alto, e se assustava bastante, toda vez que um galho derrubava aquela carga branca em cima das suas costas. Relinchava, saía em disparada. Certa vez, caí de cima dela bem dentro de um monte de neve. Mas ela voltou e ficou me farejando por ali, até me encontrar. Acho que se sentiu um pouco responsável, porque suas orelhas estavam apontadas para frente. Ela sempre virava as orelhas para frente quando ficava feliz ao ver alguma coisa.

Eu gostava de chupar os pingentes de gelo. E vi algumas noites enluradas, sobrenaturais. Às vezes, o céu estava tão claro que eu punha minha capa por cima das suas ancas, enquanto ela dormia. Porque ela sentia mais frio do que eu. Ela foi parida em um verão, muito tempo atrás.

Nós cavalgávamos, atravessando antigos vales de saqueadores. Bebíamos a água dos fossos dos castelos.

E viajávamos quase sempre à noite, porque essas são as horas mais vazias. Eu dizia “Norte-e-Oeste” em seus ouvidos, e seguíamos, debaixo das estrelas. Passávamos com cuidado pelos lugares úmidos. Prendíamos a respiração naqueles lugares. Porque o que é que se esconde, no meio de toda aquela umidade? “Nada de bom”, eu pensava. Mas nós galopávamos, também. Pelas as extensões abertas, acolchoadas de neve, e pelos vales ventosos, e sob as árvores nuas. Ela

gostava daquilo. Quando é que tinha galopado antes? Vivendo trancada e levando surras? Quando galopava, ela costumava pôr as orelhas para trás. Eu podia sentir seu esforço debaixo de mim, ouvia sua respiração e, toda vez em que diminuíamos o passo, ela estava com muco nas narinas, de tanto galopar. E resfolegava. Depois soprava com força pelas narinas, limpando-as, e ficava coçando o rosto na perna, enquanto eu dizia:

Muito bem! — E: — Boa garota! Quase a perdi por causa disso.

Não por causa do muco. Mas do galope.

Perto do castelo Hermitage, onde a rainha Mary, que agora já morreu, tinha desatado suas anáguas para aquele tal de Bothwell, a minha égua afundou em um pântano. Todos os pântanos estavam endurecidos pela geada, ou ao menos tinham estado assim. Nós tínhamos passado sobre eles, com as nossas crinas voando. Mas aquele pântano não estava congelado. E nós afundamos de uma vez. Eu escorreguei de cima dela e consegui subir numas pedras, mas, como era uma égua pesada, ela ficou presa. Comecei a gritar, chorar. Suas patas e a parte de baixo do seu corpo tinham desaparecido debaixo da lama. Agarrei sua crina, e comecei a puxá-la.

Por favor, não morra aqui — dizia a ela. Ela relinchou.

Suba! Levante-se!

Ela girava aqueles seus olhos castanhos e suas narinas se abriam e se fechavam, se abriam e se fechavam. Ela afundou mais ainda.

Por favor, não...

Mas a égua não morreu. Andei até ela. Comecei a murmurar coisas carinhosas para ela, para acalmá-la. E, quando estava bem calma, pus um pouquinho de menta em uma pedra à sua frente. Sentindo aquele cheiro, ela tentou alcançá-la com a boca. Então, me posicionei por trás dela, e, com umas folhas de cardo nas mãos e um urro pronto para sair nos lábios, bati nela com tanta força que minha mão ficou pinicando e minha garganta se partiu em duas. E ela levou tamanho susto com aquela lambada e com o som que eu tinha feito que, de um pulo, conseguiu se içar, e ficou livre.

Então encontrou a menta e começou a mastigá-la. Sacudiu a crina. Por um instante, eu tinha sido dura com ela.

Depois, não fui mais dura, não, de jeito nenhum. Eu me agarrei ao seu pescoço pantanoso. Pensava “não a ame”, porque eu tinha prometido; mas a verdade é que eu amava o modo como ela procurava os meus cabelos com a sua boca, e depois o deixava cheio de baba; e estava muito feliz que não tivesse morrido naquele pântano. E me perguntava se o coração podia receber ordens, assim.

Ela estava cinzenta na parte de cima e com lama preta, por baixo. Quando olhei de cima dela, parecia estar flutuando. Uma criatura, um meio-cavalo, navegando através da escuridão.



A maior parte do tempo, viajávamos no lusco-fusco. Naquelas horas em que nem é dia, nem noite. A Cora as chamava de “horas-nem-uma-nem-outra, que é quando o mundo está despertando, ou se aninhando para dormir. Quando a luz é um pouco estranha, e nossos olhos podem pensar: “Mas o que é aquilo? Aquilo, se mexendo ali?” Quando nada está se mexendo lá fora. A aurora e o poente têm sempre essa luz suave. Suas sombras são ralas e, ao atravessar essas sombras, cavalgando minha égua, eu me sentia como se as estivesse partindo ao meio. Mas, assim que passávamos, elas se juntavam, outra vez.

A Cora também costumava dizer:

São horas em que os véus estão mais finos.

E com isso queria dizer que as paredes entre este mundo e o outro, o mundo mágico, ficavam mais frágeis.

— Você pode esticar os dedos e tocá-lo...

Eu nunca tinha sentido isso quando era pequena. Mas lá fora, galopando com a égua, eu sentia, sim. Trilhando pela lama, com os céus cada vez mais profundos e os passarinhos voando de volta para se aninhar, eu podia sentir tudo aquilo no meu corpo. “Eu não estou sozinha. Eu estou sendo olhada”, era o que eu pensava, junto com o nascer do sol.

O senhor me encara como se o que eu digo não fizesse sentido. Como se eu tivesse pronunciado uma blasfêmia.

Eu só queria dizer que essas são as minhas horas favoritas.

E olhe que eu vi cada uma... Que auroras! Que poentes! Nós os víamos de uns lugares estranhos, porque costumávamos dormir em camas bem diferentes, ela e eu. Pedras, celeiros, ilhas. Uma toca de texugo abandonada, que me deixou com cheiro de almíscar por dias a fio. Certa vez dormi no alto de uma árvore. Naquela noite, senti que a Cora estava comigo.

Você está aí? Está comigo, esta noite?

Estou com você todas as noites — ou foi o que sonhei que ela tinha dito.

E dormimos, também, dentro de uma igreja. Ela estava vazia, em ruínas. Havia azevinho no lugar onde o teto deveria estar e uma pomba aninhada na pia de batismo. Estávamos com as franjas coladas na testa, depois de três noites de chuva. E, sendo assim, quando encontramos a igreja vazia, nós duas dissemos:

Sim! É aqui.

Eu me deitei em um banco, para descansar. Folheei velhos cadernos de hinos e contemplei o rosto calmo, feito de madeira, de Jesus em sua cruz. E pensei em como Seu rosto era gentil. Gentil. Enquanto tantas coisas nada gentis tinham sido cometidas em Seu nome.

Era um lugar pacífico, além de seco. A égua soltou um pouco de gás perto do altar, seguido do que o tinha provocado, mas essas coisas são naturais, e acredito que a igreja não tenha lá se importado. Ela estava nos oferecendo abrigo. Abrigo e amor são do que é feita a fé. Ou, pelo menos, era o que o Sr. Pepper costumava dizer.

Que igreja? De que cidade?

Eu não sei. Existem tantas igrejas diferentes... Sei que esse rei William tem uma fé e odeia a outra, e que o James pertence à outra e odeia a que não é a sua; e, sendo assim, eles não são iguaiszinhos? Em todo esse ódio?

Aquela era a igreja da natureza. É assim que vou chamá-la: A Igreja da Mãe Natureza. Porque a amoreira silvestre enrolava-se ao redor do púlpito, e ela tinha o arrulho dos pombos por sermão. Seus hinos eram o som dos besouros, sapateando na madeira.

Talvez mais igrejas devessem ser como aquela.

Nós nos mantínhamos longe das vilas. O senhor pergunta o nome delas como se eu as tivesse atravessado, ou ficado por algum tempo ali. Mas eu fazia o meu melhor para me manter longe dos lugares onde as pessoas estavam. E de “bruxa”.

Quando encontrava alguém, era quase sempre por acaso. Porque tinha chegado a um ponto onde dois caminhos se encontravam e, pelo outro caminho, vinha alguém. Nós diminuíamos o passo, nos entreolhávamos. Mas a maioria dos viajantes noturnos não deseja ser visto, e, sendo assim, dão-se por satisfeitos em fingir que também não viram nada. Encontrei um homem e sua mulher, fugindo. Não perguntei o porquê, mas vi que o ventre dela estava redondo; talvez não fosse a mulher dele. Pisquei com simpatia para eles e lhes ofereci um sorriso. Eles fizeram a mesma coisa. Fizemos pequenas trocas, também: ervas em troca de um ovo ou de uma fatia de pão. Mas não trocamos uma palavra. No limite de um bosque, no lugar onde as árvores se encontravam com um campo, quase cinzento pela luz do luar, nos desejamos o bem uns aos outros, com o olhar. “Escondam-se direito. Fiquem a salvo.”

Vi também um homem no alto de uma pedra, ao nascer do sol. Ele tinha se sentado com as pernas dobradas e olhava para o Leste. Resolvi me sentar ao seu lado, por um tempo. Podia sentir a sua dor, e, quando finalmente falou, ele disse:

Disseram que eu perdi o juízo — com aquele sotaque escocês.

Ele não olhava para mim. Seus olhos estavam fixos no sol, que vinha subindo — o que me dizia que ele não tinha perdido o juízo coisa nenhuma, e que também era como eu: às vezes tão surpreso com uma visão que tudo o que conseguia fazer era ficar olhando fixamente para ela. E, então, vimos o nascer do sol juntos e ouvimos os sinos

distantes tocando no dia de Natal e dividimos o pão dormido que eu havia encontrado na igreja, com um pouquinho de vinho.

E os Partidários? Já lhe falei sobre eles? Eu os vi, em um bosque. Não me pergunte o que eram, pois eu não sei, ao certo. Mas suponho que fosse uma fé sendo perseguida por outra. Suponho que fossem pessoas com medo de perder suas vidas, por causa de quem era o seu Deus. E, assim, faziam suas orações a Ele de um jeito muito secreto. No meio das árvores, e à noite. Desse modo, não havia muitos que pudessem encontrá-los. Só as corujas, e uma ou outra raposa. E eu, é claro. Uma fulana inglesa, com um rosto meio triste, que conseguia ver beleza em uma árvore totalmente sem folhas. Que não tinha ninguém a quem contar sobre aquelas pessoas, no bosque; e assim seu segredo estava seguro comigo.

Adiante sempre. Mas nós também tivemos nossos momentos de coragem. E esses aconteciam sempre que passávamos por alguma tabuleta anunciando cenouras ou leite fresco, e ficávamos com vontade de prová-los também. Então, eu lambia meu polegar e limpava meu rosto com ele. Depois, arrumava os cabelos e ia bater na porta de alguém. Eu sorria. Certa vez, tentei falar com um vendedor de cenouras imitando o sotaque escocês, mas ele ficou piscando os olhos, depois sacudiu a cabeça e disse:

Perdão?

Quando usei meu próprio sotaque, ele deu um passo atrás. Mesmo assim, consegui algumas cenouras. Talvez os sotaques não importem, quando se tem a chance de ganhar alguns centavos.

Chegamos a uma fazenda debaixo do nevoeiro. Atravessei a neblina, na minha capa cor de bruma, montada em um cavalo de névoa. E tentei comprar um pouco de aveia, porque minha égua parecia magra. A mulher do fazendeiro ficou me encarando, com olhos brilhantes como duas contas, e então me perguntou:

O que você tem aí nessa bolsa?

Olhei para baixo. Algumas folhas estavam escapulindo de dentro dela, e tinha sido isso o que ela vira. Fiquei sem palavras. Dei de ombros.

Ela disse:

Se você tem remédios aí dentro, estou precisando de alguns.

Para quê?

Pesadelos. Meu menino tem tantos que agora tem medo de ir dormir e está ficando doente.

E eu a ajudei a resolver o problema. Dei-lhe um pouco de peônia e expliquei a ela as virtudes dessa planta, enquanto ela balançava a cabeça, concordando. E nos deu um pouco de aveia. Mas, mais tarde, enquanto eu limpava o pelo da égua em um bosque, com umas folhas

de cardo, comecei a ouvir:

Lá está ela! A bruxa! Ela curou meu menininho! Bruxa! Bruxa!

Que injustiça! Que maneira de retribuir uma gentileza. Eu não conse-

guia enxergá-la, por causa do nevoeiro; mas era ela, com toda a certeza. E a égua deu um suspiro, levantou a pata dianteira, para que eu pudesse subir, e eu disse:

Vai! Do jeito que puder, nesta neblina.

E ela foi. Conseguiu enxergar o caminho. E não batemos mais em portas, depois disso.

Nós bebíamos a água dos charcos. Dormíamos em velhos estábulos.

Passamos por uma vala, pensando em nos acomodar ali, quando um galho estalou e a égua deu um recuo. Tinha um menino agachado lá dentro.

Por que você está se escondendo?

Falei duro com ele. Ele não disse uma palavra. Mas pude ouvir uns cães latindo, nos campos, e toda vez em que ouvia aquele som ele se encolhia todo; e assim eu entendi que temia pela própria vida. Foi então que eu disse:

Suba! Rápido!

A égua nos levou através de um rio, com água na altura do peito. A correnteza estava forte, por causa do degelo, e as águas roncavam, e seus cascos se chocavam de encontro às pedras do rio. Mas o menino, por fim, ficou a salvo dos cachorros. E depois seguiu em frente.

Em uma noite muito úmida, enquanto nos arrastávamos pela lama, começamos a ouvir uma respiração entrecortada, que não vinha da chuva. Olhei ao meu redor, franzindo os olhos. E bem ali, numa sebe, havia uma lebre. Toda enrolada no arame. Estava sangrando no pescoço, então desci da égua e fui cuidar dela.

Coitadinha de você — eu disse, enquanto afastava o arame.

O arame cortou as pontas dos meus dedos, e meu sangue então se misturou com o sangue da lebre. Mas, pelo menos, ela estava livre. E aí foi embora, com suas pernas compridas. E eu acabei tendo que enrolar as mãos em folhas de labapa, por um ou dois dias.



Ainda tenho as cicatrizes daquela armadilha. Está vendo só?

Mas tenho muito mais cicatrizes do que essa. Porque uma vida de fugas também tem as suas feridas. Tem arame e cordas. Tem as pedras que me atiravam junto com “bruxa”, enquanto eu fugia, e olhe que a maioria delas foi só um vento passando rápido ao lado das minhas orelhas, ou então uma pancada com som seco sobre as ancas da minha égua. Era quando “bruxa” doía mais. E ainda tenho cicatrizes de um

cachorro que tentou me pegar.

E uma vida de fugas tem seus momentos solitários. Tão solitários, e tão compridos, que penso que as feridas da alma são, de fato, as piores. Termos que passar ao largo dos lares, como nós passávamos. Termos que nos esconder dentro dos bosques, enquanto uma família seguia, rindo, pela estrada. Uma família! E que família eu conhecia? É verdade que havíamos sido bastante felizes — a Cora e eu. E o porco, antes de eu matá-lo. E as nossas galinhas magricelas. Aquela tinha sido a minha vida de família. Mas não havia um pai para chamar de meu, nem um sobrenome. Só “Cora”, só “Corrag”.

— Aquela mulher de saia vermelha, que mora ao lado do rio, com a filha...

E eu tinha me importado? Nunca tinha me importado. Nós éramos como éramos, ela e eu. Mas, agora, eu tapava a boca da égua, enquanto, parada ao seu lado, observava. Aquela era uma família de verdade, que estava passando por nós: pais, irmãos, crianças, esposas.

Fiquei coçando o pescoço da égua, enquanto eles seguiam o seu caminho.

Talvez ela tenha sentido o mesmo. Ela via campos repletos de cavalos, ou então a porta de um estábulo, e apontava as orelhas para frente. Ela nunca os chamava. Mas levantava o rabo e ficava saltitando nas patas; certa vez, eu a levei até uma potranca baia, que estava em um celeiro. Elas encostaram seus focinhos e ficaram ali, respirando. Depois esfregaram seus traseiros na parede, lado a lado. E senti pena de que a égua tivesse que deixar sua amiga. Mas ela precisava fazer isso. Tínhamos que ir para Norte-e-Oeste.

É solitário viver aquela vida noturna. Vida de fuga.

Como um certo entardecer que presenciei. Era de um colorido vermelho e cinza-pena. E eu pensei: “Olha quanta beleza.” Mas a égua estava

ocupada, catando nozes no chão. E, assim, fiquei olhando para todo aquele céu completamente sozinha. E soube que aquele momento — olhar as sombras se alongando, sozinha — era como a vida da Cora também tinha sido. Ela havia perdido seus pais e, depois, fugido. E ela tinha corrido, corrido tanto. E eu desejava que ela tivesse visto ao menos um ou outro pôr do sol

tendo alguém ao seu lado, de mãos dadas. Que não tivesse visto todos eles sozinha.

Sendo assim, é verdade, o coração tem lá as suas cicatrizes. E tem, também, seus espaços vazios. De modo que eu me perguntava se ele seria capaz de assoviar, em um dia de vento bem forte. E me perguntava se ele poderia vazar, nos dias de chuva. Um coração cheio de buracos.

Em território agreste, aberto, em uma noite de lua cheia, eu ia pensando em corações e em bruxas. Enquanto cavalgava, ia olhando para a lua, lá em cima, sonhando meus sonhos. Foi quando ouvi vozes.

A égua as ouviu, também. Orelhas em pé. Desci dela escorregando e fui rastejando na direção daquele som. Por entre uns arbustos de pilriteiro, logo depois de um tronco caído, eu vi a luz de uma fogueira. Era uma luz quente, agradável. Ao lado do fogo, pude enxergar um coelho sendo assado em um espeto, e um grupo de homens, sentados perto do animal, tomando cerveja. Não eram homens comuns, porque vestiam casacos vermelhos e tinham botas brilhantes nos pés. Usavam também calções amarelos.

Soldados — murmurei, no meio das folhas.

Mas por que ali? Eu não sabia, e nem queria saber. Se estivessem sentados com ar sóbrio, conversando em tom tranquilo, talvez eu me aventurasse a aparecer, e pedisse um pedacinho do seu coelho, em troca de uma ou duas ervas. Mas sóbrio não era, definitivamente, a palavra para eles. De jeito nenhum. Eles ficavam passando uma garrafa de alguma coisa entre eles, e chegavam a babar. Um deles estava dizendo:

Posso dizer para vocês por que eles têm tanto uísque e por que gostam tanto dele?

Por quê?

Porque o Diabo também bebe uísque. Ele toma um trago toda noite...

Todos começaram a rir.

Ele é escocês!

O Diabo? Deve ser de Glencoe, com certeza! Eles riram novamente.

Mas, meu senhor, isso é injustiça com o Diabo! O Chefe daquele clã é muito pior do que ele... Um verdadeiro açougueiro, é isso o que ele é. E aquele vale é pior do que todas as labaredas do inferno!

Eu não acreditava em nada daquilo. E não estava gostando daquela conversa diabólica, nem de como aquele tal de Vale de Glencoe soava aos meus ouvidos. Apesar dos seus botões brilhantes e dos seus casacos escarlate, pensava: “Não se mostre para eles. Volte. Deixe-os para lá.”

Então, me voltei.

Mas, ao fazer isso, minha saia ficou agarrada em uma amoreira e precisei puxar o galho para poder passar, e ele então se esticou, rangeu e depois se soltou de mim, farfalhando.

As risadas se interromperam. Fez-se silêncio. Então, ouvi palavras curtas, duras, e um grunhido, e depois o som de metal sendo desembainhado, e os soldados já estavam se pondo de pé.

Um deles olhou para cima e me viu. Tinha os olhos vermelhos, da bebida e da fumaça, e seu rosto estava da cor do seu casaco.

Ele disse:

Ora, ora, ora — com um sotaque inglês. Sotaque inglês, em um campo da Escócia.

Ele veio andando na minha direção. Respondi:

Fique onde está — eu disse.

E, então, ele ouviu o meu sotaque.

Ela é inglesa — disse, virando-se para os outros. — Uma garota inglesa, tão longe, aqui no Norte... Ora, ora.

Ele aproximou-se de mim. Começou a apalpar os arbustos de pilriteiro. Eu estava tentando me afastar, mas ele esticou os braços e me encontrou, e então seu peso caiu por cima de mim, me derrubando no chão. Comecei a me debater. Comecei a gritar. Podia sentir o gosto de terra. Gritei outra vez, dizendo:

Não, não, por favor, não!

E, quando pôs a mão sobre a minha boca, para me obrigar a ficar calada, dei-lhe uma baita mordida. Ele teve que me soltar, e então me empurrei para fora dos arbustos e fiquei de pé.

A égua começou a relinchar, e consegui pular em cima dela. Mas fui puxada para baixo, muito mais para baixo, e caí pesadamente. Tanto que, com a pancada, cheguei a perder o fôlego. Aquele peso todo estava outra vez em cima de mim, o meu rosto empurrado contra a relva, o meu peito prestes a se quebrar, quando ouvi:

Shhh. Calma, agora. Eu não vou machucar você.

Ele dizia isso suavemente, como se realmente não tivesse essa intenção. Mas eu sabia muito bem o que ele queria. Começou lambendo a minha orelha, dizendo:

Você vai ser boazinha comigo, agora...

Eu não ia ser boazinha com ele. Não ia ser boazinha nem com ele nem com seus amigos, que estavam ali, cacarejando perto do fogo. Desejei ser mais forte. Desejei ser alta, e de ter garras e dentes pontudos, só para poder me erguer e lhe dar um grande chute. Desejei ser mesmo a bruxa que tantos pensavam que eu era, que sabia fazer magia ou até desatar o céu, de pura raiva, e então me lembrei da Mamãe Mundy, que tinha sido montada por um saqueador, enquanto o telhado ia queimando por cima de sua cabeça, e pensei no quanto tinha sido machucada, e agora o soldado tinha começado a me apalpar por baixo das minhas saias e dizia, “assim, assim”, e eu odiava aquilo, odiava, e minha égua também odiava, e estava andando para trás e bufando, e então pensei “Isso não! Não desse jeito, não com esse homem, e não aqui!”, e tentava impedir que ele mexesse mais nas minhas saias. Ele estava me puxando enquanto eu escorregava, e então pensei: “Não vou deixar que ele me encontre, não vou deixar que ele.” Fechei meus olhos.

Cerrei os dentes. “Poc!”

Um som seco.

Uma dor quente, imensa. Penetrou. E me inundou. E, pouco a pouco, comecei a rugir, rugir de dor. Rugia e gritava, e então as mãos dele pararam. Seu peso saiu de cima de mim. O soldado se levantou, deu um passo atrás.

Mas o que ?

Levantei também, tremendo toda. Com meu ombro levantado lá para cima, igual a uma asa, e o meu braço balançando, solto no ar. Sem parar de urrar, como tinha feito em Thorneyburnbank, na floresta de olmos, tanto tempo atrás.

Deus me proteja! — disse ele, olhando para a minha forma transfigurada.

Então disse:

Uma bruxa...

Comecei a soluçar. E me agarrei à égua com meu braço esquerdo.

Pendurei meu corpo na lateral do seu corpo e disse:

Vá! Vá, por favor!

Ela nunca tinha me carregado daquele jeito, metade montada, urrando daquela maneira. Virou a cabeça, rapidamente, para me olhar. E, enquanto olhava, o soldado voltou à carga com suas mãos grandes e seu bafo de uísque e cravou as unhas nela. Ele agarrou sua cauda, e a puxou com toda força. Isso a fez gritar, e começar a dar coices, e, depois, a pôr as orelhas para frente, resfolegar e me levar depressa, depressa, depressa, para dentro da escuridão do Norte.

E como galopamos! Como andamos, aquela noite; e em outras noites, também. Como aquela égua estava com as orelhas viradas para trás e o pes-coço esticado para frente, para bem longe de mim, a crina entre os meus dedos, e os cascos batendo sobre a lama e sobre as pedras, no escuro. Eu me agarrava a ela com toda a força. Quando galopávamos, mantinha minha cabeça abaixada. Encostava meu rosto na lateral do seu ombro, olhava para baixo e via suas patas dianteiras como se fossem um relâmpago, brancas, brancas, brancas! Ou, então, via o mato passando correndo, sentia os rios borrifando água por cima de nós duas e os galhos das árvores agarrando meus cabelos. Quando havia estrelas, eu olhava para cima. Mas, quando o ar estava frio, e a lua, cheia, e minha égua galopava através dos urzedos, naqueles momentos em que alcançava a velocidade da meia-noite, quando ela atingia seu ponto mais selvagem, eu fechava os olhos. E, com o seu calor de um dos lados do rosto, e o frio do vento do outro, podia sentir a magia dentro de mim. Dizia a ela, em pensamento, “Vai!”. E pensava: “Mais rápido! Mais rápido!” E, por alguns instantes, não importava que eu estivesse suja, nem cansada, que não houvesse um pedaço de carne na minha barriga; não importava que me chamassem

de “bruxa”, nem que eu não possuísse um lugar seguro para ficar. Porque estava galopando com a minha égua, por uma paisagem fria e desconhecida, e era então que pensava: “Estou viva. Estou vivendo, e estou viva.” A minha mãe não estava mais. Outros também não. Mas eu, sim. E estava feliz com a minha égua, e sorria por cima do seu ombro, enquanto galopávamos atravessando a noite.

Por cima dos urzedos e por dentro das florestas. E de uma praia, também. Galopamos sobre a areia, com sal nos nossos cabelos. E galopamos subindo colinas; e, quando a aurora chegava, parecíamos estar mais altas do que todas as outras coisas no mundo. Éramos dois vultos negros contra o céu em expansão.

Às primeiras luzes do dia, diminuíamos o passo. Recuperávamos o fôlego e descansávamos um pouquinho. Olhávamos para trás, para a água brilhante, batendo nas pedras e víamos os pássaros voando de volta ao lugar de onde os havíamos enxotado. Os caminhos por onde tínhamos passado marcados no mato.



O senhor está quieto, agora. Não encontra palavras para dizer.

Meu ombro? Ele faz aquilo, mesmo. Pula fora, por vontade própria, mas também posso forçá-lo. Posso fazê-lo se desencaixar e ficar alto, feito uma asa. E, mais tarde, depois que a égua já tinha me levado embora, escorreguei até o chão e bati o braço de encontro a uma pedra. “Poc”, outra vez. E foi assim que consertei meu braço.

Chorei um pouco com aquela dor. Chorei, também, pelo que tinha acontecido, e pelo que quase tinha me acontecido. E chorei ao ver o rabo da minha égua, pois ele quase não existia mais, arrancado pelas mãos de um soldado. Mas ela me tocou com seu focinho, e depois o esfregou na pata da frente, e eu fiquei fazendo carinho nela. Puxando de leve suas orelhas de coelho.

Mas quem é que ama um cavalo, hoje em dia? Quem é que ama os ani- mais? Eu amava a minha égua, que galopou durante trezentas noites comigo. Que farejava meus bolsos, procurando peras ou folhas de menta. Que, às vezes, ficava encarando durante muito tempo as coisas — uma árvore, o portão de um pasto — como se elas pudessem fazer “bu!” para ela. Eu a amava. Sabia que a amava. E, amando-a, sabia que o coração não pode receber ordens e que a cabeça não tem poder para mantê-lo preso.

— Não ame. — Mas eu já estava amando. Foi a minha melhor amiga, acho eu.

Ela me levou até Glencoe.



Diga-me, senhor Leslie, o quanto ama sua esposa? Eu penso que o senhor a ama enormemente. O senhor falou dela todas as vezes que se sentou aí, nesse banquinho. Seus lenços foram bordados por ela, acho eu, e seu tin- teiro tem tampa de prata. Seria um presente? Ele é muito bonito. O senhor disse que meus cabelos são como os dela, e eu já peguei o senhor olhando para eles, quando eu os torcia, assim.

Eu sabia bem o que eu era. Quando fiquei em pé pela primeira vez, no charco, ouvindo os sapos coaxando, vendo as nuvens se movendo. Eu sabia. “Diferente. Solitária.” Sabia que seria difícil encontrar o amor.

Mas sabia que o encontraria. Sempre soube.

Enquanto aquele soldado ficava me apalpando, e minha boca se enchia de lama, eu havia pensado — eu sabia: “Um dia vou amar um homem com todo o meu coração. Ele vai segurar a minha mão.” E não seria aquele soldado quem iria me tomar, ou me conhecer. Não ele.

Eu lhe digo isso: que criaturas nós somos... Que poderes trazemos dentro de nós! De todos nós. O quanto já sabemos, se apenas escolhêssemos passar algum tempo em nossa própria companhia. Que amor profundo podemos sentir!

O senhor vai me deixar, agora? Estou perdida, esta noite. Perdida com tudo isso.

Hoje vou me aninhar com o homem que encontrei, no fim das contas. Seu nome era Alasdair. Ele tinha os cabelos iguais ao mato na encosta da montanha, quando está molhado e as samambaias estão velhas: cabelos ver- melho-escuros, vermelho cor de terra. Ele sabia ver a beleza de uma casca de ovo, e amava seu filho. Certa vez, ele disse: “Você...”

O senhor vai voltar? Amanhã?

Vou nos levar até as Highlands. Para as alturas. Para os céus de ven- tania.

Meu amor,

Sinto-me feliz. Neva, agora, e encontro-me distante de tudo aquilo que amo; todavia, sinto-me feliz. Que felicidade (esta é uma palavra demasiadamente débil para expressar aquilo que senti) foi ver tua caligrafia elegante, poder tocar as margens do papel sobre as quais as palmas das

tuas mãos devem ter repousado, enquanto me escrevias. Ao contato com tua carta, imaginei poder sentir o calor do teu corpo. Mas, claro está, não podia fazê-lo. É simplesmente que, em um clima como esse, frequentemente sonhamos com o calor, e julgamos poder senti-lo. Como bem sabes, sinto muitíssimo a tua falta.

Li tuas palavras sentado em minha cadeira, próximo à janela. Dispunha de uma bela vista da colina, além do lado Norte-e-Oeste do lago, que ainda se encontra com uma grossa cobertura de gelo. Alimentei o fogo, cobri-me com um grosso cobertor e abri o envelope. E foi como se estivesses falando diretamente comigo, no interior daquele quarto. Certa vez, pedi-lhe para não mais chamar-me de “querido” — tu te recordas? Julgava que esta palavra roubaria toda a dignidade e a solenidade, as quais, segundo meu pai, são qualidades que todo homem necessita possuir. Censurei-te por usar “querido” certa vez. Mas fui um tolo por tê-lo feito. A juventude faz-nos demasiadamente tolos. Contudo, a idade e a ausência transformaram-me.

Pois, sentado em minha cadeira, senti-me grato ao encontrar a palavra “querido”, escrita ali. Como pude, algum dia, imaginar que ela seria capaz de roubar-me a dignidade? Se hoje considero essa palavra, em si mesma, tão dignificada... Pois o amor é um dom honesto e digno, oferecido por Deus para vicejar entre um homem e sua esposa. E considero-me abençoado por ele. Pus-me a acariciar aquela palavra com o meu polegar.

Amo verdadeiramente o fato de que não sejamos iguais. Alguns homens desejam uma esposa que concorde amiúde com o marido. A maioria dos homens é assim, acredito. Não eu. A esposa que desejo és tu, e nenhuma outra. Jane, amo profundamente o modo como enxergas o mundo, com estes teus grandes olhos azul-escuros. Acaso me repreendes? Hei de aceitá-lo. Posso ser rígido, bem sei, além de egoísta.

Escrevestes “porventura a palavra ‘bruxa’ tenha o poder de prejudicá-la, e à tua causa”. O modo em que te referes à prisioneira (doravante usarei apenas essa palavra, pois é exatamente isso o que ela é, não concordas?

Sendo assim, não será um equívoco chamá-la desse modo) revelou-se exatamente como eu imaginava que o farias. Tu nunca apreciastes o termo. Ainda assim, surpreendestes-me com tua eloquência e veracidade.

“Ela é tão humana quanto nós”, foi o que dissesstes, “mas se não alimentarmos ou regarmos um ser vivo, ele tornar-se-á deformado e apodrecerá”. E estás certa, meu amor; sinto-me envergonhado por tê-lo esquecido, ou deixado de vê-lo. Pois foi exatamente o que fiz. Ouvi “bruxa” e depois vi-a e, então, julguei-me ultrajado. A respeito de que te escrevi, em minhas cartas?

A respeito de minha repulsa, se bem me recordo. Hei de rogar perdão ao Senhor, pois não nos ensina Ele a tolerância, e também que nenhuma alma perdida terá sido sempre assim? “Ele não rejeitou nem reprovou um infeliz na miséria.” (Salmo 22:25 — é uma das páginas arrancadas na tua Bíblia, no lugar onde as traças a encontraram. Creio que ainda esteja legível. Meu amor, um dia, hei de comprar-te uma Bíblia nova, sem vestígios de traça. Tão logo esteja novamente em solo irlandês. E esse há de ser um dia bom.)

Sendo assim, não devo mais considerá-la bruxa, ou um semianimal. Ela está doente. E, quiçá, como em tantas outras doenças, um pouco de cuidado talvez já constitua metade do remédio. Sua solidão e seus cabelos emaranhados, além do modo como fala consigo mesma, são todos parte do seu desvio, e devem-se à falta de amor. É, de fato, uma surpresa que não se tenha tornado embrutecida, e cruel.

Afirmo-te, Jane, que toda crueldade em sua vida parece ter sido cometida em seu detrimento, em vez de por sua causa. Mas ainda é cedo para falar.

Há tanta ternura em ti. Ao passar os olhos por tua carta, deparo-me com “se ela fala em solidão, então é, de fato, pobre”, e estas são palavras amorosas. Tu não conhecestes Corrag; no entanto, falas de tal modo que tenho a impressão de que a conheces. De que talvez a visites sozinha, e nenhuma das duas comente o fato comigo. Talvez atravesse, semanalmente, o Mar da Irlanda, levando até aquela prisão uma lamparina e o teu perfume de violetas, e te assentes naquele banquinho... Bem sei que não o fazes.

Todavia sei, igualmente, que mulheres guardam segredos entre si.

Noite passada ouvi Corrag descrever uma aurora invernal — seus céus cor-de-rosa, seu silêncio —, e creio que adorarias ter ouvido aquelas palavras e visto tal céu. Tu és meu pequeno pássaro. Cantas e enche a casa de Glaslough com teu canto. Mesmo quando não dizes uma só palavra.

E eis aqui uma verdade que tu me ensinastes: que, se fosses tu, Jane, quem brincasse com as mãos enquanto fala, e cuja voz possuísse um timbre agudo, eu haveria de considerá-lo delicado e encantador. No entanto, porque é uma prisioneira quem o fez, e quem o faz, dou a isso o nome de loucura.

É um erro de minha parte.

“Não te deixes cegar por James, meu querido. Não presumas a vontade de Deus.” Escreves de modo superior a mim. E era eu o estudioso, eu, o ensaísta. Li tuas palavras e ponderei sobre elas, na cama. Porventura

presumi a vontade d'Ele? Seu propósito em relação a mim? Não saberia dizê-lo. Todavia, estás correta ao recordar-me o quanto se faz necessária uma mente aberta e humilde. Sempre fui da opinião de que a restauração de James foi — e é — meu motivo real para estar neste país. Afinal de contas,

é a razão pela qual a Irlanda baniu-me, chamando-me de traidor, por não o ter aceitado como rei. Contudo, posso estar enganado ao pensar dessa maneira. Ele — nosso Senhor — costuma agir de maneira assombrosa.

“Quanto a mim, qual oliveira verdejante na casa de Deus,/confio na fidelidade de Deus/para todo o sempre.” (Salmo 52:10. Mais uma vez, é possível que as traças tenham lido esse trecho. Afinal, são traças estudiosas e cristãs.)

Lamentei saber das notícias sobre o clima na Irlanda. Parece-te absurdo se te digo que sinto falta de toda aquela chuva? Sinto falta de todos os climas, com exceção da neve e do gelo. Se estivesse em Glaslough, caminharia sob a chuva, deixaria que ela caísse sobre o meu rosto. E, depois, voltaria para ti.

Certamente hei de escutar a prisioneira com toda a atenção. Estás certa, todos temos nossas histórias, e o direito de contá-las, e de assegurar que sejam ouvidas. Tu não a vês como uma desgraçada, e por essa razão devo tomar emprestados teus olhos. Sei que a ideia da sentença de morte perturba-te. Para dizer toda a verdade, pergunto-me se essa ideia não perturba igualmente a mim. Embora esse não fosse o caso, quando a encontrei pela primeira vez. Era minha opinião que os adoradores do Diabo

não deveriam ter permissão para viver. Ela, sem dúvida, costuma blasfemar, o que consiste em pecado, e é bem verdade que já travou conhecimento com alguns ladrões, ao longo da vida. Contudo, serão esses pecados merecedores da morte? Não saberia dizê-lo. Além do mais, Corrag já sofreu muitos destratos por parte dos soldados. Não quero dar-te qualquer outro detalhe, para evitar que te perturbes. Porém, fico satisfeito em dizer-te que ela não foi ferida da maneira como eles pretendiam. Nem as prisioneiras merecem um tratamento assim.

São tempos sombrios, esses nossos. Parece haver tão pouca luz em nossas mentes e corações. Minha Bíblia e teu nome são a minha luz. Ademais, devo confessar-te que há qualquer coisa no caráter da prisioneira (seu amor à vida, penso eu, ou sua gratidão em estar nesse mundo) que suaviza meu passo, toda vez em que saio caminhando neve afora. Eu chamaria a isso de enfeitiçamento. Mas nós banimos tais palavras, agora.

Agradeço-te outra vez por tua carta. Guarda-a com todo o meu carinho, e hei de levá-la comigo aonde for. Seria egoísta e vergonhoso pedir-te outra? Caso encontres tempo.

Envia meu amor aos nossos meninos. Lembra a eles de que um pai na Escócia não significa um pai sem o poder de punir ou repreender. Espero que tratem sua mãe do modo como merece ser tratada. Com amor e a mais completa admiração.

Charles

IV

“Erva-da-Lua é uma erva (diz-se) capaz de abrir fechaduras e tirar ferraduras dos cavalos que nela pisarem... Algumas pessoas do interior, que conheço, costumam chamá-la de ‘Desferre o Cavalo’.”

sobre a Erva-da-Lua

Nessas horas vazias, quando o senhor não está comigo, fico olhando para mim mesma como se fosse uma desconhecida.

Meu rosto. Meu colo. E meus braços, com suas veias, suas cicatrizes dei- xadas pelos espinhos e por um velho gato inglês. Olho para minhas pernas como se não me pertencessem. São pernas marcadas, cobertas de lama. Às vezes, agarro meus dedos. Esfrego um no outro e sinto a pele macia que se esconde entre eles. Pele secreta. Penso “meus dedos”. Eu os chamo “meus”.

Encosto o polegar no pescoço e ouço o meu coração. Ele bate, bate. E inspiro, expiro. Inspiro. Expiro.

Tenho certeza de que o carcereiro diz:

— Loucura! — quando me vê apalpando meu corpo, olhando minha respiração branca, fria, tornando-se vapor antes de desaparecer.
— Bruxa!

diz ele.

Mas ele não sabe por que faço essas coisas, por que ergo as mãos à minha frente. Essas mãos. Que são pequenas, senhor Leslie, mas pense só em tudo o que elas já seguraram, em tudo contra o que já se esfolaram. Quantas ervas, quantas pedras...

Eu sempre me observei assim. Foi “bruxa” que fez isso. Na floresta de olmos, em Thorneyburnbank, ou dormindo em uma praia, durante a maré baixa, eu olhava para o meu corpo como se ele fosse, de algum modo, mar- cado. Como se eu o tivesse recebido há pouco tempo.

Por que eu sou tão pequena? — perguntei a Cora. Pois ela não era. Ela deu de ombros e disse:

Você é como a minha mãe. Ela era pequena.

Mas todas as coisas ficam pequenas, amarradas dedão com dedão.

Ainda assim, olho para mim mesma mais ainda, nesses dias e noites

escuros. Olho com olhos antigos, sábios; porque sei que em Mercat Cross estão trazendo madeira, arrastando-a lentamente pela neve. Cordas. Breu. Sei que estão fazendo isso. Que fazem isso para mim. Olho para mim mesma, senhor, porque não acredito que eu vá queimar, e simplesmente ir embora. Que minha pele vai se tornar negra e se abrir inteira. Que meus cabelos vão virar labaredas.

Essa pele pálida, macia entre meus dedos dos pés vai ser a primeira a queimar, acho eu. Essas partes.

Será que a Cora se sentia assim? Quando puseram a corda em volta do seu pescoço? Será que ela sentiu o quanto era forte, o quanto estava viva? Será que seu coração batia tão feroz nos seus ouvidos, assim feito um tambor, a ponto de não poder acreditar que a queda viria, o “bum”, e que ela, então, teria partido? O chefe dos MacDonald dizia que nunca se sentia mais vivo do que na véspera de uma batalha, com sua espada pousada sobre o colo. Eu agora acredito nisso. Acredito que, quando pensamos que a nossa vida em breve vai estar acabada, os nossos corpos, partidos, conseguimos enxergar cada pedaço nosso. Todos os cabelinhos nos meus braços. Minhas partes enroladas.

A Cora e um homem desconhecido me fizeram. Eu venho deles dois.

Mas venho também do vento e do céu e das árvores, e do que quer que tenha feito tudo isso. Eu sempre pensei assim. Mas digo isso agora, porque me consola.

E preciso de consolo, pois tenho medo, essa noite. Sei que eles estão amarrando os barris.

O que irá me consolar? Seu rosto, que eu agora conheço. É um rosto melhor do que a maioria dos que entram nessa cela. Agora conheço suas expressões e o que elas querem dizer. Essa expressão, por exemplo. Essa que o senhor está fazendo. É tristeza, uma espécie de pena que o senhor tenta esconder.

Pois eu sei que o senhor acredita que não deveria senti-la. Não por uma bruxa. Talvez o senhor pense “sou um reverendo e odeio todos os peca- dores”, e, assim, o senhor diz a si mesmo “queimem-na!”. Eu sei. Mas vejo compaixão nos seus olhos, e acho que o senhor se comove comigo. Vi sua tristeza enquanto eu estava falando sobre meus dedões pegando fogo.

Não sou assim tão má, afinal, sou? Não uma “feiticeira”, nem uma “coisa ruim”.

A minha égua, também, irá me consolar. Posso vê-la. Nessa meia-lua. Posso vê-la tão claramente que penso que estou montada nela. Com seus ombros sarapintados debaixo de mim, com sua crina grossa, pálida. “Boa garota.” Ouço os ruídos das suas narinas carnudas. E,

quando eu me abaixava e dizia “vai!”, ela sempre entendia, sempre — e saía em disparado. Dava um pulo para frente, sacudia o corpo e partia.



Chorei, depois daqueles soldados. Chorei por meu ombro dolorido e pela brutalidade de tudo aquilo, e também da força que tinham. Chorei por causa do que eles queriam. E pelo que eu tinha e não tinha.

E, é claro, àquela altura eu estava com saudades de Thorneyburnbank, claro que estava. Sentia saudade dos charcos, e da minha cama de menina, e dos gatos nos beirais, com suas línguas de ponta prateada. Sentia saudade dos olhos úmidos e redondos da Mamãe Mundy, e também das suas histórias. Do azevinho, que se agarrava aos meus cabelos toda vez que eu passava. Sentia falta de todas essas coisas, enquanto cavalgava em direção às Highlands, porque pensava “aqueles eram dias seguros! Eram dias conhecidos.”. E não existem, mesmo, aqueles dias em que tudo o que buscamos é

segurança, calor e uma boa refeição?

Mas — eu disse à égua — aqueles dias não eram tão seguros assim...

Não com o Sr. Fotherby por perto, com aqueles seus olhinhos estreitos. Não com “o povo precisa de um inimigo” E vai ver que era por causa disso

que eu estava chorando — porque, em nenhum lugar, eu algum dia tinha estado a salvo.

E assim, quando o chão começou a ficar mais alto e mais pedregoso, e a água que eu bebia passou a ter um gosto pesado e fresco de turfa, e quando a terra na qual eu me ajoelhava ficou preta nos meus joelhos, e os lagos ficaram cobertos de névoa, e os pássaros pairavam perto dos picos, e à medida que os castelos iam se tornando menores, situados em lugares cada vez mais altos e mais cheios de ventania, e conforme as casas, e também os cavalos, começaram a se espaçar, e ao descer da égua para cruzar um rio, que depois de quilômetros e quilômetros não tinha tido uma ponte sequer, não fui capaz de ver nenhuma ponte à minha frente, o que me levou a pensar “será que alguém já esteve, algum dia, aqui?” — eu não tive medo. Nem um pouquinho. Entrei no rio até a cintura e disse: “Highland.” Eu sabia.

E, sim, aquelas terras tinham sido chamadas de “brutais”. Tinham sido chamadas de indomadas. E seu povo não era também considerado “bár- baro”? Fiquei em pé dentro de um rio, em uma noite de verão, e perguntei:

— O que pode ser mais brutal do que tudo o que passei?

Contei aos insetos que tinha sido agarrada, cuspidada, perseguida e chamada de “bruxa”. E também que minha égua tinha sido machucada e que minha mãe estava morta.

Atravessamos o rio, e seguimos em frente.

E, quando rompeu a madrugada, entramos nas Highlands.



Como posso falar sobre essa terra sem dizer a palavra “selvagem”? Ou “bonita”? Eu nunca tinha visto tanta beleza. A Cora havia me ensinado que a beleza estava nas diferenças, nas visões que a maioria das pessoas não sabe apreciar, ou das quais têm medo.

Ela tinha dito:

— Por que, afinal de contas, você não acha o resto assim, meio sem graça?

Ela tinha adorado o ovo com duas gemas. Tinha adorado o bezerro com seu sinal de estrela.

E, enquanto eu cavalgava pelo Urzedo de Rannoch, ia pensando nela. Em como teria dançado, ali. Ela teria se deitado e enchido as mãos com a turfa, apertando-a contra o rosto. Teria mergulhado aquelas suas saias vermelhas nos lagos, e arrancado os juncos, e corrido atrás dos cervos, de braços abertos. Pois ali era a casa da sua alma. Sem ninguém. As pessoas diziam “bruxa” e amarravam polegares aos dedos dos pés. Mas ali havia lagos tão calmos que era como se tivessem um segundo céu por dentro. E, quando um pássaro solitário vinha roçar de leve a água, havia dois pássaros. Quando ventava, a urze fazia um som de chocalho. O vento chegava, contornando os penhascos e as laterais das colinas como se fosse água, sacudindo-se todo, agudo, quase branco. Passava assoviando por dentro das caveiras dos bois, e meus cabelos se punham a chicotear contra o meu rosto, dizendo “voa, voa, voa”. E, quando o vento finalmente afastava-se outra vez, eu podia ouvir as abelhas. Podia ouvir o passo macio dos cervos, e seus dentes sobre a relva. Eu gostava deles. Gostava dos seus corpos grossos e avermelhados e das coroas sobre as suas cabeças, como se eles fossem os verdadeiros reis do mundo — e não um holandês asmático. Ou um Stuart, escondido na França.

Ouvia o “splash, splash, splash” da água no lago, e o “poc” que os peixes faziam com a boca.

“Norte-e-Oeste”, sempre. E cutucava a égua, para que seguisse adiante. Ela sentia o vento batendo em seu meio-rabo e ia em frente.

Nós dormíamos encostadas às pedras. Parávamos de pé, em lugares altos, e olhávamos ao longe. Eu me perguntava como devíamos nos

parecer, a égua e eu, de pé lado a lado, naqueles picos, com a brisa nas nossas crinas e nossas saias voando. Eu me perguntava o quê, ou quem, nos via. E ficava coçando sua orelha.

Boa garota. Minha eguinha velha.

E, ao dizer aquilo, soube que era verdade. Eu sabia que ela estava velha. E já sabia disso desde a primeira vez em que havia me içado até as suas costas, enquanto a Cora gritava “vai, vai!”. Pois eu me lembrava dos seus dias de potro. Eu me lembrava dela farejando o vento, lá no seu pasto. Eu estava no colo da Cora, catando peras com ela, e minha mãe tinha acabado de dizer:

Vamos dividir uma pera com aquele cavaleiro ali?

E nós a alimentamos. Ela era magra e de pernas compridas, mas já tinha aquele seu traseiro salpicado de marrom e suas orelhas de coelho. Ela havia farejado e encontrado a pera. E eu tinha visto meu rosto no reflexo dos seus olhos. E ela, o seu rosto nos meus.

Aqueles foram os dias da nossa juventude, nossos dias ingleses.

Eu disse tudo isso para ela. Que sempre tinha gostado dela. Que sempre tínhamos sido amigas, ela e eu.

E, como se também soubesse, em seu coração, que estava velha agora, e que sua vida passada, de surras, a tinha tornado velha cedo demais, e como se soubesse que tinha galopado tanto comigo que seus ossos já estavam duros e doloridos, e que nossa jornada estava quase completa, ela abaixou a cabeça e soltou um longo suspiro na relva. Ela ainda tinha o mesmo jeito ruidoso de um potro, e ainda saía em disparada por causa do barulho das folhas. Mas ela agora tinha as costelas saltadas para fora, as costas, fundas.

Em um dia de céus com clarão, olhei bem dentro dos seus olhos. Eles continham todo o urzedo. Toda a sua luz, o seu céu, e as suas águas. Mas seus olhos também me pareceram tristes. Como se ela não tivesse vontade de deixar aquele lugar. Como se soubesse que o reino estava se aproximando, agora.

Eu a acariciei. E disse:

Eu sei.

Eu não a montei no seu último dia. Segui andando ao seu lado, afastando os galhos para ela poder passar, escolhendo bons rochedos nos quais nos proteger. Colhia ervas enquanto caminhávamos e as oferecia a ela. E ela ia mastigando, enquanto seguíamos.

Boa garota!

Nunca tinha havido uma garota melhor do que ela, em todo esse mundo. E o céu de verão começou a trovejar, e o vento apertou e então, assim que seu pescoço foi alvejado em cheio por uma gota de chuva, depois outra, e mais outra, fiz uma promessa a ela: que eu iria encontrar um local apropriado para podermos descansar. Uma cama.

Um teto. Pois o quão justo seria continuar repetindo “Norte-e-Oeste”? Não era justo, não mais.

Os raios chegaram.

E minha cabeça seguia ao lado da sua, enquanto caminhávamos, e seus cascos iam batendo sobre as pedras. E então a chuva caiu, furando a lama. Batia com força, em cheio, nas nossas cabeças, deixando nossos cabelos colados no rosto. Os pelos da égua escureceram e ela abaixou ainda mais a cabeça, enquanto seguíamos aos tropeços, as duas, à medida que a chuva engrossava. A água chegava a machucar. O céu explodia e roncava.

Pobre égua... Suas últimas horas nessa terra foram úmidas e frias. Ela parecia ir afundando cada vez mais nos charcos, parecia arrastar a própria alma, e eu gritava para ela:

Vamos descansar já, já!

Mas onde? Eu não conseguia enxergar nada, não conseguia ver um só lugar onde pudesse aquecê-la, e ela estava velha, a minha pequena égua estava velha, e a chuva estava nos machucando e nos deixando cegas, e o vento empurrava os nossos corpos e eu não tinha nada na mente, além do desejo de um pouco de segurança.

Comecei a rezar. E gritei, debaixo da chuva:

Por favor, deixe que possamos encontrar abrigo! Por favor!

Protegi meus olhos da chuva e fixei meu olhar e, justamente quando pensava “não há nada, aqui. Estamos perdidas”, vi uma pequena cabana feita de pedra.

Não era grande coisa. Só uma cabana rústica e meio arruinada. Mas tinha um telhado e três paredes e meia. Então eu disse:

Olha!

Nós nos apressamos. Eu ia empurrando a égua por trás, e ela, por fim, entrou na cabana e começou a se sacudir. E eu soube, assim que entramos, que aquele seria o lugar onde ela iria morrer.



Dentro da cabana de pedra havia urtiga e algum musgo. O chão estava seco. Arranquei um pouco de musgo das pedras e juntei um bocado de urze seca, de modo a fazer um cantinho macio para ela. E disse:

Deite-se aqui.

Ela respirava pesadamente. Ficamos ali paradas, a égua e eu, e deixamos que nossos ouvidos escutassem o modo como a tempestade soava mais aba- fada, agora.

Passei as mãos nos seus pelos encharcados. E lhe disse que estava a salvo naquele esconderijo, com suas paredes grossas e seu musgo, e que podia dormir.

E a égua cinzenta, que eu chamava de “amiga”, deu um suspiro tão fundo quanto todos os vales e oceanos. Seus joelhos fizeram um som parecido com o de seixos batendo, e ela caiu. Desabou sobre o musgo, depois rolou de volta suavemente, deitando a cabeça no meio da urze seca. E seu corpo sarapintado se expandiu, enchendo-se de ar.

Eu me deitei também. Pus as mãos sobre sua barriga e comecei a falar com ela. Contei-lhe todas as nossas melhores histórias. Como a da igreja abandonada, coberta de folhas, e as florestas e geadas que havíamos atravessado galopando, e os rios caudalosos através dos quais ela tinha me carregado. Da lebre, em sua armadilha. Do menino que tínhamos salvado dos cachorros. Da noite que havíamos passado em uma caverna, ela e eu, dormindo no chão, focinho com focinho.

Eu dizia:

— Você se lembra?

E ela batia as pestanas, como se lembrasse.

E então ela soltou o ar de um jeito longo e muito cansado, de um jeito que dizia que o reino estava esperando por ela, agora, e que ela estava indo para lá. Seus lábios inferiores começaram a tremer. Aproximei meu rosto do seu rosto. Comecei a passar a respiração das minhas próprias narinas para as narinas dela, e olhava para dentro do seu olho brilhante, semicerrado. Eu não queria que ela partisse. Eu me lembrava de como ela ficava mastigando seu feno, em sua baia, nas noites de lua cheia. E como levava o Sr. Fothers, contra a vontade dele, para dentro das valas, atrás de pêssegos e folhas de amora silvestre. Pensava nela assoviando, e em como entendia “vai!”.

Não queria que ela partisse, de jeito nenhum. E pensava, “fique, por favor...”.

Mas as vidas precisam ir. As vidas não podem ficar.

Eu a chamei de “boa”, então. Eu a chamei de “boa senhora”, e dei batidinhas em seu pelo. Passei sua última noite com a cabeça apoiada em sua barriga, e, no meu sono, vi o que ela tinha visto em sua última expiração: um rio, com um pássaro solitário parado bem próximo a ele, e um campo de feno.

Quando acordei, ela estava fria. Penteei sua crina, retirando seus nós e espinhos, e deitei-a no chão, cuidadosamente. Dei um beijo em seu focinho. Do lado de fora, o céu estava pálido e não havia mais vento nem chuva.

Eu sabia que não podia ficar deitada ali, sentindo a sua falta.

Não existe magia que traga os mortos de volta. E acredito que os recém-

-falecidos precisam de quietude para fazer suas próprias despedidas, para poderem deixar para trás suas velhas formas terrenas e escapar. Acredito muito nisso.

A chuva tinha deixado os lagos menores tão transparentes quanto vidro. O ar tinha cheiro de novo. Lavei o rosto em um riacho e bebi dele, e notei como o céu clareava, em tons de rosa, em direção ao leste. Era uma contemplação boa, pacífica. Fiz um agradecimento sincero ao que quer que seja que nos acompanha, nessas horas, um “obrigada” também pelo seu jeito de ser e um pedido para que a mantivesse bem, de agora em diante. Quando olhei de volta através da turfa, pude ver o contorno da cabana no meio da escuridão. Ela nunca tinha encontrado um lugar de descanso melhor, em todos os seus dias. Nem mesmo o Sr. Fother's poderia ter forrado seu estábulo com uma urze ou um musgo tão macios. E era um consolo para mim que ela tivesse morrido em um abrigo de cavalos tão excelente.

Fiquei olhando. E, enquanto eu olhava, seu espírito saiu para o ar da manhã. Ela sacudiu a crina, pastou um pouquinho.

E segui em direção ao Norte com pelos prateados de cavalo colados em minha capa.



Fiquei no Urzedo de Rannoch por vinte dias. O vento diminuía durante a noite, e, assim, eu viajava nessa hora; pois, embora a lua estivesse min- guando, ainda clareava o bastante. Aprendi a reconhecer os charcos no escuro. Usava pedras para atravessá-los. Eu me alimentava de raízes. Alguns caules possuem um néctar por dentro que nós podemos sugar, e aquilo era o suficiente para o próximo punhado de quilômetros. Mas minha capa se agarrava em galhos e espinhos, conforme eu andava, e meu corpo estava exausto depois de um ano inteiro de “Norte-e-Oeste”. Eu ficava parada, completamente imóvel, nos lugares mais altos. Eu me acorava perto de lagos enrugados pela chuva, e ficava ouvindo aqueles pingos, e sentindo seu peso nas costas das mãos. Pensava: “Eu fui feita para estar aqui. Fui feita para ver essa chuva.”

O tempo de ficar perambulando tinha acabado para mim. Perto de uma rocha coberta de líquen, eu disse:

— Vou caminhar só por mais um dia. E aonde tiver chegado, dentro de um dia, é lá que vou ficar. Vou ficar.

Aquilo não era um encantamento. Era apenas uma alma cansada falando.

Disse isso para o urzedo. Mas o urzedo já sabia.



O senhor tem sido paciente. Quantos dias dessa minha tagarelice

tem aguen- tado, sentado aí? E nem uma vez disse “ande com isso, Corrag”, nem tam- pouco “Para mim, chega”. Então imagino que vá ficar feliz com a próxima parte, pois será a minha chegada. É o começo de tudo, propriamente dito.

Gentil Senhor Leslie, com sua pena de asa de ganso.

Ouçã. Cheguei ao vale em uma noite de lua cheia, quando a égua já tinha partido.

Ainda havia magia no mundo, e ainda havia lobos nos lugares solitários. Os Partidários tinham sido, quase todos, banidos, William mal havia sido coroado e já fazia seus ruídos de protestante asmático, e “Jacobita” era uma palavra recém-nascida, ainda úmida do seu parto difícil. Os homens que eu amava ainda estavam vivos, assim como alguns homens que eu não amava. Eu ainda não tinha inspirado a respiração de um cervo macho. Eu me jul- gava sábia então, quando, não, na verdade estava muito longe da sabedoria. Cheguei ali como a rainha da chuva e do vento, como a rainha do can- saço, com uma saia tão carregada de lama que tinha duas vezes o próprio peso. Ia arrastando ramos na minha cauda, com musgo e aranhas pen- duradas. As aranhas tinham tecido suas teias nos meus cabelos durante a noite, e algumas mariposas estavam, agora, presas ali. Meus cabelos eram asas e brancura, e eu podia sentir as perninhas passando pelo meu rosto, enquanto andava. Levava cardos na bainha das saias e vinha com alguns deles nas mãos. Meu corpete rangia, coberto de esterco seco e lama.

Não era uma figura bonita, aquela que caiu do céu dentro do vale.

Mas eu realmente caí para dentro dele. Finquei meus pés em Glencoe e pensei: “Este é o lugar.”

Não é esse o nome que o senhor vem me pedindo para ouvir, toda noite?

— Glencoe, Corrag! Fale-me de Glencoe... É a respeito de Glencoe que preciso saber...

Sendo assim, vou falar sobre ele. Vou falar dele, agora.

“Este é o lugar.” Eu estava certa. Porque, quando o encontra, o coração reco- nhece seu lar. E, quando o encontra, permanece ali.

Minha amada Jane,

Este bilhete será mais breve do que o anterior. Terá de sê-lo, pois o relógio avisa-me que já é mais tarde do que desejaria. O erro foi todo meu, pois, ao deixar a prisão, não regressei diretamente ao meu quarto. Estava pensativo e decidi caminhar. E acabei indo dar na praça da vila. É lá que devem queimar a prisioneira, quando o degelo vier, e passei um tempo olhando a lenha, amontoada ali. Tentaram recobri-la com panos, pois a neve continua caindo. Havia, também, um aviso pregado em um poste, com as palavras “bruxa” e “julgamento pelo fogo”. Não há data; apenas se menciona o primeiro dia claro e sem neve.

Já expressei meus sentimentos a respeito daqueles que não compartilham da nossa fé. Mas seria um homem duro, um homem, ousou dizer, empedernido, se, ao ver a madeira amontoada ali, não me sentisse um bocadinho comovido.

Passa da meia-noite, e minha vela está quase no fim. Corrag (não pensei mais em “bruxa”, nem a chamei mais desse modo desde a tua carta, meu amor) falou sobre a região das Highlands esta noite e sobre o urzedo selvagem que fica antes de Glencoe. Não escrevi uma única palavra de sua história, pois também eu me encontrava perdido dentro dela. Não escrevia porque meus olhos e meus ouvidos estavam naquele urzedo de ventania,

e não sobre o papel. Jane, ela é capaz de tais relatos. Não sabe ler, nem tampouco escreve, e precisou contar nos dedos das mãos e dos pés para lembrar quantos dias tinha passado naquele urzedo. Não obstante, sabe falar bem. Ela tem o dom das palavras, e não hei de chamar isso de feitiçaria. Direi que é um talento que Deus lhe deu, quando Ele a criou, antes que se afastasse do Seu nome.

Meu estalajadeiro, que notou meu retorno tardio esta noite, veio me dizer:

Então, a prostituta enjaulada finalmente confessou? Já conjurou o Diabo para o senhor?

E fez um som com a garganta, uma espécie de raspadura, como se fosse vomitar. Julgo que esperava ouvir novidades. Lendas, as quais depois pudesse contar para os fregueses. No entanto, eu me encontrava exausto, Jane, e então disse apenas:

Não, ela não fez nada disso.

E, de fato, ela não o fez. Falou-me sobre o Urzedo de Rannoch, e suas palavras estavam envoltas em ternura. Contou sobre uma morte, nas montanhas, a morte de um cavalo ao qual havia se afeiçoado. Como bem

sabes, um animal é apenas um animal. A despeito disso, penso que talvez aquele cavalo tenha sido a única vida que não lhe foi tirada, que permaneceu com ela. E tampouco a chamava de “feiticeira”. Seus olhos ficaram úmidos ao me relatar aquela morte. Preciso reconhecer que ela teve uma vida deveras solitária.

Jane, ela faz lembrar-me de ti. Não em sua solidão, certamente, pois disto jamais me destes sequer um indício. Tampouco nossos meninos o permitiriam. E não em sua aparência, a não ser por seus cabelos, a espessura, o modo como caem. Contudo, Corrag é capaz de deliciar-se com os pequenos detalhes da vida, os quais, devido à pressa, raramente logramos notar: a abelha em um botão de flor, o som que o peixe faz com a boca. Sei, igualmente, o quanto amas todas essas delicadezas. Costumas ficar ouvindo o canto dos pássaros e lembras-te de nossa excursão à costa, quando nossos meninos ainda eram recém-nascidos? Trouxeste de volta uma pedra do mar, e, quando te perguntei o porquê, disseste-me:

Porque eu teria sentido a falta dela.

Como se a minha pergunta parecesse estranha aos teus ouvidos. Fiquei pensando sobre isso, esta noite.

Pensei, também, em meu pai. Perguntei-me o que teria feito, se lhe oferecessem um banquinho de três pernas para sentar-se diante dessa moça. Teria ele se comovido, como ela insiste que ocorreu comigo? Mas sei a resposta, com certeza. Pois meu pai não se abrandava nem com as mortes, nem com os nascimentos, e nunca teria se comovido diante de “bruxa”.

Teria apressado sua morte ou acabado com ela ele mesmo.

Meu amor, tenho também refletido bastante a respeito da nossa perda. Devo confessar-te que a nossa morte, silenciosa e particular, fez-se presente em minha mente e coração, esta noite. Por um ano, ou quase isso, não tocamos, os dois, no assunto da morte de nossa filha. E compreendo o porquê. Que mãe escolheria discutir tamanha perda? Contudo, asseguro-te aqui, por escrito, que não me esqueci. Não imagine que eu tenha esquecido.

Perdoa-me. Tu já sofres o suficiente com a minha ausência, e não pretendo causar-te um sofrimento ainda maior.

Preciso acrescentar um pouco de luz a esta carta.

O relato de Corrag chegou finalmente a Glencoe. Acredito que, a partir de amanhã, hei de ouvir mais detalhes sobre esses tais MacDonald. E

ouvi-los da boca de alguém que não se mostra tão tendencioso quanto os Campbell. Ou, caso não ouça a seu respeito, ouvi-la-ei falar sobre o vale e suas montanhas. Tudo o que escuto do meu estalajadeiro e do resto das pessoas aqui é: “Que lugar escuro! Um ninho de ladrões.”

Sendo assim, tenho esperanças de que, a contar de amanhã, receberei informações que me permitam escrever uma carta mais completa para

Londres. Não com pedidos de fundos (ou, ao menos, não exclusivamente), mas confirmando que o massacre foi ordenado pelo nosso presente rei e que posso prová-lo. Hei de prová-lo. Essa ideia enche-me de ânimo. E ilumina esta carta, não é?

E agora quero escrever, como de costume, sobre ti. Estás bem? Ao ver minha caligrafia sentirás o mesmo que eu, ao ver a tua? Espero que durmas bem, Jane, sabendo que retornarei para ti. Pois hei de voltar.

Escrever-te-ei novamente, amanhã. Pretendo retornar à praça, cujo monte de lenha e barris cobertos de neve hão de assombrar-me bem menos, à luz do dia. Sentir-me-ei menos magoado olhando para tudo aquilo, e hei de reconhecer a mim mesmo outra vez. Também pretendo levar o cavalo ao ferreiro. Pois, embora não disponha de muito para pagar a ele, o animal encontra-se em sofrimento e apenas irá piorar. Ao menos, há de estar mais quente, lá na forja.

A vela apagou-se agora. Termino esta carta para trocar de roupa, à luz da lareira.

Estou muito distante, mas sempre contigo.

Charles

TRÊS

I

“A estima é uma joia.” sobre o Sabugueiro Negro

Eu amo ter podido estar ali. Amo o fato de ter visto aquele lugar antes que todos os problemas o alcançassem. Que tenha caminhado pelo vale e me banhado em seus riachos. Amo ter tido a chance de cravar meus dentes nas suas frutinhas silvestres, quando ele era apenas “um covil de ladrões”, e não coisa pior. A maioria das pessoas não irá mais vê-lo. A maior parte do mundo não vai nem mesmo saber seu nome, ou escrevê-lo. Ou então, se fizerem isso, irão falar da sua maldade, das suas feridas, das suas mortes e traições. Irão dizer:

— Glencoe? Houve muitos assassinatos ali...

E não dirão mais nada, porque o que elas saberão? Não vão saber que nos dias de verão as nuvens moviam suas sombras pelo chão do vale, por cima das cabeças das vacas e sobre a urze, por cima dos lagos, por cima de mim.

Antes que ele fosse um vale ensanguentado, ou ficasse soterrado pela neve, Glencoe costumava ser iluminado pela lua. Foi em um vale silencioso e noturno que penetrei, com lama e mariposas presas nos cabelos. O vale era feito de alturas. Tamanha altura que, para vê-la, tive que inclinar a cabeça, e de tal modo que precisei abrir um pouco a boca e esticar os braços à minha frente para não cair. Olhei lá para o alto. E mais alto.

Era feito de ar frio, misturado ao hálito do mar. Tinha um aroma pesado, terroso, de plantas à noite, e também tinha águas e sons de água. E, ao fincar meus pés ali, aspirando tudo aquilo, eu soube em todo o meu ser que aquele era o lugar que minha mãe tinha em mente quando, ainda viva, tinha ficado de pé ao lado da cabana, com aquela sua saia vermelha, e dito :

— Norte-e-Oeste, agora! Norte-e-Oeste!

E sabia que era o lugar que a minha égua tinha visto, debaixo dos seus cílios brancos, o lugar para onde galopara. Eu não tinha rédeas, então como poderia tê-la guiado? Como poderia tê-la dirigido? Ela me levava aonde queria, e tinha escolhido aquele lugar.

Quando o homem da cara de ameixa, ou qualquer outra pessoa, dizia “Highland”, eu pensava: “Sim.” Como se uma parte profunda, feminina, dentro de mim soubesse mais do que o resto. Como eu poderia explicar? Vou deixar sem explicação. Tudo o que sei é que, quando diziam “é um lugar selvagem” ou “eles têm modos bárbaros”, eu pensava: “É lá. Lá que eu devo estar. Vá para lá.”

O senhor consegue vê-lo? Com seu olho da mente, que é o nosso olho que melhor vê? Um vale tão estreito, e com as laterais tão íngremes que era como se estivéssemos andando na palma de uma mão quase fechada. Alguns diziam que isso os amedrontava, que aquele era um punho de pedra. Outros diziam que as montanhas eram tão altas que podiam cair e esmagar um homem. Mas eu nunca me senti assim. Sentia que Glencoe era um lugar bondoso. Era uma mão aberta na qual eu podia me deitar e que me man- teria segura.

— Ele me quer aqui — era o que eu dizia a mim mesma. Pois ele não tinha chamado por mim?

Atravessei o capim alto e tomei a água de um poço.

Então, me deitei no meio das pedras, puxei a capa da minha mãe por cima de mim, fechei meus olhos e dormi.



Dormi o dia inteiro. Dormi, e não foi a luz do dia o que veio me acordar. Foi a respiração de uma vaca. Ela estava me farejando, com aquele seu focinho úmido, e para além da sua cabeça peluda eu podia ver as pedras e o céu do entardecer.

“Pedras e céu.” Palavras curtas. Dizer “era pedras e céu” soa como se não fosse muita coisa. Mas era. As pedras podem ter mil cores — cinzentas, marrons, cinza-arroxeadas, azul-escuras. Podem ter musgo e líquen dos lados, e também urze, bétulas e vidoeiros, quedas d’água. E também as marcas dos lugares onde antes as quedas d’água estavam. Pode haver cavernas e pedregulhos soltos, prestes a rolar, e cervos andando em fila, e um pássaro encarapitado lá em cima. E eu via todas essas coisas, sentada ali. Notava as diferentes cores e os contornos, contrastando com o céu. Quando me levantei para descer, pelo meio do gado, apoiei minhas mãos em cima de uma rocha, um pouco mais abaixo da crista norte. Eu podia senti-la. Tinha um calor antigo e uma sabedoria. Era áspera como uma língua. E, como todos os céus que vi ali, havia um céu de ventania.

Continuei andando. Ia abrindo caminho mais para baixo, mais para dentro do vale cheio de penumbra. Minha saia arrastava seus galhos, que agora arrastavam seus próprios galhos, também. Era uma carga barulhenta de carregar e ficava mais alta a cada passo, juntando mais

folhas, mais pedras e turfa. Olhei para trás, para a minha cauda. Era feita de farrapos e estrume de vaca, e rodei o corpo, tentando me livrar dela. Mas, ao fazer isso, minhas saias também viravam, e fiquei rodando como se fosse um cachorro perseguindo o próprio rabo. Não conseguia alcançar os galhos. Eu me esticava, mas, ao fazê-lo, eles se afastavam de mim. Fiquei girando, girando, por um ou dois minutos.

Parei e pensei naquilo.

Uma aranha estava pendurada nos meus cabelos por um fio de sua teia. Acima de mim, a névoa pálida da tarde veio baixando, bem devagar, rolando lenta para dentro do vale. E, enquanto a observava, ouvi um ruído. Era um ruído conhecido, um ruído que todos os lugares selvagens possuem, se ficarmos ouvindo tempo o bastante. O som de um rio caindo lá do alto.

Segui em frente, e o som foi aumentando, a urze foi diminuindo, e cheguei a uma luminosa queda d'água.

“Feito vidro”, pensei. Como ela jorrava, batendo contra as pedras! Como era límpida! Como jorrava!

Tirei a roupa. Deixei minha bolsa no chão e desatei a capa. Meu corpete estava cheio de nós, endurecido de tanta lama velha, mas meus dedos conseguiram desembaraçá-los, e saí de dentro das saias, de onde não saía havia meses. Tirei as botas e as meias. Então olhei para o meu camisolão. Estava encardido, e estava manchado de sangue e de suor, além da baba da égua. Era a história da minha antiga vida. As manchas da minha antiga vida.

Tirei o camisolão. Estava completamente nua.

E fiquei ali, em pé e nua. Não tinha ficado nua por um ano, ou mais; e, assim, fechei os olhos e fiquei sentindo a névoa sobre a pele. Continuei ali por um bom tempo. Estava imóvel, simplesmente sentindo — sentindo o ar batendo sobre mim, e a umidade, e observando o modo como minha pele se encolhia diante da corrente de ar que a água desloca ao cair. Aquilo tudo me deu um pouco de vontade de chorar. Eu não entendia por quê. A respiração da água, talvez? Como se eu a reconhecesse, como se sentisse saudade. Ou, talvez, meu corpo estivesse agradecido, imensamente grato. Talvez fosse a Cora. Porque eu sabia que ela teria feito a mesma coisa, se estivesse ali. Teria arrancado fora as roupas, teria aberto os braços.

Caminhei até um amieiro. Ao lado dele, comecei a tirar as mariposas do cabelo e a pendurá-las nas suas folhas. Uma por uma. Eu dizia:

— Isso aí...

E, quando todas aquelas vidas pequeninas tinham saído de cima de mim, prendi o fôlego e dei um passo à frente, entrando na cachoeira. Era tão fria e tão forte que perdi o fôlego. Eu gritei. Era a água mais forte que eu já havia conhecido, e caía em socos ao meu redor e em

cima de mim, com muito mais força do que qualquer chuva, algum dia, tinha caído. Chegava a quase machucar. Quase feria, mas deixei que caísse, pois era como um verdadeiro banho. Como se todos aqueles dias antigos estivessem sendo lavados de mim. Como se todas aquelas tocas de raposa, charcos e galopes, e toda aquela tristeza estivessem saindo de mim, agora. Fiquei de pé, debaixo da cachoeira. Sentia meu cabelo encharcar.

Quando já tinha tomado o bastante daquele temporal, comecei a nadar. Saltei da cachoeira para dentro do poço profundo. Flutuava feito uma estrela. Depois puxei minhas roupas para dentro d'água e comecei a lavá-las, uma por uma, deixando-as de molho, esfregando-as nas pedras e retirando a lama com o dedão. Eu cantarolava. Limpei minhas unhas com espinhos. Os passarinhos esvoaçavam acima de mim, e o último raio de sol veio atravessar as folhagens. Aquele era um ótimo lugar de banho. Lugar particular. “O Encontro das Águas”, é como é chamada. Assim me disseram, tempos depois.

Quando minhas saias tinham uma cor nova, e meu corpete parecia mais limpo, eu os pendurei nas pedras. Estava completamente escuro, agora — ou quase. Havia uma lua fina por cima de mim, bem além das copas das árvores. Eu me deitei. Espalhei meus cabelos ao redor, encolhendo os joelhos.

Sim, eu me deitei. Espalhei meus cabelos ao meu redor e estiquei a capa por cima de mim, de modo a não ficar tão nua. E pensei: “Minha terceira vida.” Funguei um pouco. E sorri. Estava olhando para o alto, para todas aquelas pedras e todo aquele céu.

As coisas nos vêm como presentes. Vêm, sim. Os presentes vêm para nós, e temos que aceitá-los. Pois eles são o mundo dizendo: “Olha aqui, é assim, desse jeito...” A cachoeira foi um presente. E as vacas, também, com seu calor e seus olhos bondosos. Eu me ajoelhei perto das que tinham filhotes e coloquei suas tetas na minha boca. Não existe um gosto melhor do que leite fresco e quente, depois de meses de comida fria. Daquele modo, eu era um bezerro humano. As vacas olhavam para mim como se estivesse pensando: “Mas quem. ?”

Eu tenho uma lista de presentes daquela época. O rangido de uma flor se fechando. As asas de um tentilhão¹⁸.

Então, “croc.”

Na minha quarta noite, ouvi aquilo. Estava descansando em um bosque de videiros e abrunheiros-bravos e me encontrava nas margens do sono, quando ouvi o som de passos. Eu me sentei. E fiquei olhando para dentro do escuro. Que som era aquele? Meu coração começou a bater e bater. E então entendi. Pensei: “Passos!” Mas eram muitos, muitos pés, marchando através dos charcos. Pés pesados. Lentos.

Eram as vacas. Mas não eram vacas vagueando. Estavam

caminhando firmemente, agora, em uma fila comprida e solene. As mães e seus filhotes subiam juntos, em fila, pela encosta da montanha, movendo-se ao redor das rochas e dos buracos, talvez arrancando pequenos tufo de mato para comer no caminho. Sua pelagem era negra e prateada, à luz do luar, e tive a impressão de que seus olhos estavam brilhando. Pensei: “Aonde vocês estão indo?” Pois elas caminhavam com um propósito. Caminhavam como se soubessem o lugar onde deviam estar.

Eu as segui. Fiquei em pé, mas meio encurvada, e fui atrás. As vacas seguiam enfileiradas por uma ravina entre duas montanhas. Na ravina havia um riacho e vidoeiros. Fui tocando o tronco daquelas árvores, enquanto ia andando. Estávamos subindo, e a ravina foi se tornando cada vez mais estreita. Pensei, novamente, “para onde elas estão indo?”. Pois havia dois imensos penedos no final daquela ravina.

“Não há saída!”

Mas havia, sim. Havia uma trilha estreita que passava pelo meio das rochas.

Eu estava impressionada. Estava de olhos arregalados, enquanto as vacas iam passando pelo meio dos penedos, balançando os rabos, como se fossem fantasmas. Eu as segui. E, por tê-las seguido, encontrei meu lar.

No começo, eu o chamava de “o vale perdido”. Porque era muito escondido. Era uma campina pequena, coberta de relva e enfiada no meio de duas montanhas, protegida pelas pedras. Quem poderia imaginar que ele estava ali? De que modo eu o teria encontrado, sem aquelas vacas?

Vidoeiros, água e um céu estrelado.

“Feitos para uma garota chamada bruxa”, pensei, “que só deseja descansar e se sentir segura”.

Todos precisamos de uma casa. Todos nós precisamos de abrigo e de fogo, no fim das contas. Tinha sido isto o que fizera a Cora ir até Thorneyburnbank, morar em uma cabana com azevinho na entrada e peixes presos no telhado. E também o que a tinha feito ser, por um tempo, frequentadora de igreja. Quanto à sua filha de olhos cinzentos, aquilo queria dizer um lar erguido inteiramente à mão, construído por ela com pedras e juncos e urze, em um vale perdido, guardado por dois penedos, nas Highlands, onde vacas roubadas eram escondidas. E onde encontrou a verdadeira paz. Lá, onde o vento sacudia os vidoeiros, à noite — e aquele era um som muito bom de ouvir.



“Coire Gabhail” é o seu verdadeiro nome, em gaélico. Experimente:

“Corry Garl.” É o nome mais estranho que já escutei, mas essa é uma língua estranha; pelo menos para a língua de um inglês. Todas aquelas palavras roucas, como se fossem música. Aquela fala feito um rio, rápida, profunda. “Sassenach.” É como me chamavam, em Glencoe.

É como se diz “inglês”, em gaélico — foi o que Alasdair disse. — Porque não é isso mesmo o que você é? Inglesa?

Eu era. E, no começo, todos atiravam em mim essa palavra, como um xingamento. Mas, mais tarde, passaram a dizê-la como se fosse uma palavra preciosa. Usavam uma voz mais suave. Punham a cabeça de lado e diziam:

Sassenach...

“Coire Gabhail.” “O Vale Perdido.”

Mas logo passei a chamá-lo de “meu”. Do lado oeste do vale, encontrei um meio-círculo feito de pedras altas. Entre elas havia espaço para ficar de pé e girar, e até me deitar por inteiro. E, assim, sorri e entendi. Dia após dia, ia fazendo daquele lugar meu abrigo. Usei minha adaga para cortar turfa e urze, e, como sabia que o esterco das vacas ficava bem firme depois de secar, apanhava a sujeira delas com a minha saia, como se fosse uma cesta, e a carregava até minhas pedras. Fiz um teto do mesmo modo como os Homens da Turfa tinham feito, um ano atrás. E ali estavam as minhas paredes. Não cheiravam mal, nada além de um leve aroma de vaca, o que nunca me incomodou. A maioria dos lugares tem esse cheiro.

Depois, subi nas encostas perto da minha casa e olhei para ela, lá de cima. Eu a vi lá das alturas e disse a mim mesma, “lar”. Colhi algumas ervas nas depressões do vale, e no vale mesmo encontrei um canteiro de turfa recentemente cultivado. Ao lado dele, havia um pouco de turfa secando. Tinha sido cortada e empilhada e, depois de dar uma olhadela para os lados, peguei um ou dois pedaços. Porque, assim como todo mundo, eu também precisava de combustível. Precisava cozinhar e me manter aquecida.

Aquela era uma casa excelente. Tinha até uma janela feita de turfa, que eu podia enrolar para cima e para baixo, conforme a minha vontade. Tinha deixado uma parte da cobertura um pouco mais fina, quase nua, e assim minha fumaça encontrava seu caminho para o lado de fora, em vez de encher a casa e me sufocar. Mas essa parte não era assim tão rala que a chuva conseguisse entrar. Eu mesma a tinha construído, e me sentia muito orgulhosa.

Olhem só! — disse para as vacas, quando acabei. Elas não estavam tão certas quanto àquilo, mas eu, sim.

Vou ser muito feliz aqui — disse, sentando de pernas cruzadas sobre o meu chão. Debaixo do meu teto, com a chuva garoando sobre o gado e as pedras.

Fiquei contemplando a chuva. Quando escureceu demais para eu

poder vê-la, continuei ouvindo o seu som.

Em um dia em que as folhas ásperas desciam rodopiando das árvores, encontrei uma corça na encosta de uma colina ao sul. Estava morta, e havia pouco tempo, porque ainda estava quente. Fiquei triste ao olhar para ela, com uma flecha enterrada no flanco; mas também logo percebi sua utilidade. Com muito cuidado, arranquei sua pele. Usei minha faca e a cortei; e então foi uma bagunça daquelas. Era algo triste e sangrento. Mas ela já estava morta mesmo, e sua morte seria ainda mais triste se acabasse não servindo para nada. Então arrastei a pele e a trouxe até em casa. Deixei-a secar durante alguns dias naquele sol de começo de outono. Depois de um tempo, estiquei-a no chão.

Também levei embora um pouco da sua carne. Mas só o suficiente. Eu a assei e fiz minha primeira refeição de carne em muitas semanas. Para completar, groselhas. Isso me fez pensar na Cora.

Eu pensava muito na Cora, naqueles dias. Talvez a razão fosse porque eu não estava mais fugindo, agora, ou porque tinha uma casa em que era a única moradora; ou, talvez, fosse o calor e a boa comida o que estava despertando minhas partes adormecidas; não tenho certeza. Mas pensava naquelas duas, por entre aquelas esarpas. Um ano depois de a Cora ter sido pendurada, e eu ainda estava chorando. Finalmente estava vivendo meu luto. Eu afundei de encontro a uma rocha coberta de líquen e chorei por ela. Chorei por sua morte e por sua vida, que tinha acabado cedo demais, de um modo brusco demais. Chorei por todos os outros que tinham ido embora do mesmo jeito que ela.

Chorei, também, pela água. Dentro da minha cabana eu me lembrava das suas narinas aveludadas, do seu queixo cheio de cerdas, dos seus olhos. Deixava minha tristeza sair fazendo bastante barulho e a enxugava nas mangas da camisa. E, depois, na calma que se seguiu, eu sorri. Pois era na sua vida que eu pensava, e não na sua morte. Na sua vida relinchante, com seus urzedos e peras maduras. E eu tinha tido a sorte de ter visto sua vida, de tê-la compartilhado.

Assim foram os primeiros dias. Dias tranquilos.

Se eu estava me curando? Acredito que sim. Estava dando um nó nas coisas antigas, passadas, já que tanto ainda esperava por mim. Havia tanto por vir.



O senhor me olha com tristeza. Por que com essa tristeza? Veja só o que eu encontrei! Veja onde eu fui morar, e o lugar que eu passei a chamar de lar. Vá até Glencoe. Finque os pés entre os seus picos, e o senhor vai entender o presente que era viver ali. O presente que foi ter

seguido aquelas vacas. Eu dispunha de leite, e de fogo, e tinha uma pele de corça sobre a qual dormir. E quando eu dizia o meu nome, as pedras o devolviam para mim. “Corrag.”

As corujas me chamavam.

Solitária? Eu?

Nunca, e sempre. É isso o que “bruxa” quer dizer, essa palavra. Quando foi que eu não estive um pouco sozinha por dentro? Isso eu estava, quase sempre. O que diminui um pouco a solidão é ver a beleza verdadeira, natural. Os pores do sol e a luz do inverno nos fazem dizer, por dentro, “eu não estou sozinho”. Sentimos isso, diante de tanta beleza. Mas a beleza também pode piorar as coisas. Quando se deseja ter alguém ao nosso lado, ela pode ser bem doída. Às vezes, você vê toda aquela beleza e pensa: “Mas não é tão bonito quanto eles.”

Pobre? O senhor acha que eu era pobre, em Glencoe? Longe disso! Eu não tinha um centavo, não. Mas quando foi que moedas fizeram alguém ser rico de verdade? As pessoas parecem encher suas vidas de favores, ou com um título ou dois, como se isso fosse o que importa, como se a felicidade morasse em uma moeda. Como se o mundo natural e o nosso lugar dentro dele valesse menos do que uma bolsa recheada, ou palavras como “conde” e “duque”. Talvez para elas valha, mesmo. Mas não é o meu modo de pensar, e nunca foi. Vivi minha época mais rica quando me sentava de pernas cruzadas por entre as últimas dedaleiras¹⁹, acompanhando um zangão gor-ducho vivendo sua vida. Ele se enfiava dentro de cada flor, de modo que seu ronco se tornava abafado e só o seu traseiro ficava de fora, e, depois, arras-tava-se de volta, fazendo um zumbido mais alto, com as asas cobertas de pó. De flor em flor ele seguia, e eu ali a olhá-lo por horas e horas. E suponho que era mais rica ali, com aquele zangão errante, do que seria se tivesse um punhado de ouro.

Pobre? Pobre, não. Solitária? Só um bocadinho.

Ainda assim, havia magia naquele lugar. Eu juro.

E eu podia senti-la em toda parte. Podia senti-la em cada pequena coisa que via — em cada pedra que se movia debaixo dos meus pés, em cada gota de chuva. Agora eu dispunha de tempo. Tempo, até então, tinha sido algo tão fino e raro quanto uma teia soprada no vento. Passava voando, muito breve. Minha segunda vida tinha sido: “Vá!Vá!” E quando eu havia tido o tempo de me deitar de barriga para baixo só para ficar olhando uma lesma abrindo caminho até uma folha, deixando seu rastro de brilho de luar? Nunca. Eu estava correndo demais. Estava galopando sobre a lama e sobre terras desertas enquanto a égua resfolegava, e, qualquer tempo mais lento que tivesse, passava com ela. Tirando as urtigas do seu rabo. Nada de

lesmas. Nada de ficar hora atrás de hora debaixo da chuva, acompanhando a água no fundo de uma folha se acumular, até se transformar em um lago brilhante de água de chuva.

Eu nunca tinha gostado de “bruxa”. E continuo não gostando. Mas se algum dia mereci ser chamada assim foi naquela época, isso eu reconheço. Pois aquela época significava cabelos voando soltos, no vento, enquanto eu fincava os pés no topo das montanhas, e também o modo como me arrastava no meio das florestas, nos lugares onde crescem os cogumelos. Significava observar as nuvens e ficar olhando os cervos, passar longas horas, tardes inteiras, ao lado da cachoeira onde havia me banhado, vendo as folhas do outono caírem e seguirem seu caminho até o mar. Elas bamboleavam, girando. Certo dia, pronunciei:

— Magia.

Dedaleira — Planta nativa da Europa, também chamada de “Campainha”, pelo formato de suas flores. (N. da T.)

Na ravina que levava ao meu vale, parei, de repente. O vento soprava sobre os vidoeiros, e dava a impressão de que eles, também, estavam falando. Diziam que, se os vidoeiros falassem, aquilo era magia.

— Magia. Aqui.

Encontrava magia em todos os lugares. Eu me alçava até os topos e me sentava lá em cima durante horas e horas, apenas olhando. Como uma rainha deve olhar para o seu reino e pensar “ele é bom”. E ele era todo muito bom. Por conta disso, acabei conhecendo o formato do vale. Percebia sua natureza longa e estreita, e também a maneira como suas montanhas se distribuíam. Para Oeste, se apertasse bem os olhos, conseguia ver o mar, brilhando. Também aprendi as cores do vale: marrom-avermelhadas, com antigas samambaias. As folhas estavam se tornando cor de cobre. Gastei horas e horas sentada, lá no topo das montanhas.

E, ao voltar para casa, certo entardecer, ouvi um ronco distante. Parei. Pensei: “O que foi isso?” Não era trovão. Nem tambor. Olhei para cima, para o lugar de onde o rugido tinha partido. E, lá no pico, vi um cervo. Ele estava bramindo. Era escuro, em contraste com o céu acinzentado, e pude ver sua galhada larga e a névoa da sua respiração. Pensei: “Será um sinal de boas-vindas? Para mim?” Talvez não. Mas preferi pensar que sim. Porque, enquanto estivera lá no alto sentada, a parte solitária dentro de mim havia sido tocada. Meus cabelos tinham sacudido ao meu redor. O lago brilhara com a luz que ia morrendo, e eu tinha feito o desejo de que outro ser vivo pudesse ter visto aquilo também. Ninguém tinha aparecido. Mas agora havia um cervo, e ele era muito belo. “Ele está me dando as boas-vindas”, pensei. E então

ele bramiu outra vez, com sua respiração enevoadá.

Acredito, também, que me curei. Aqueles primeiros dias em Glencoe foram dias como nenhum outro. Como se eu tivesse encontrado o lugar pelo qual, por anos e anos, vinha ansiando, e assim pude me abrandar, aprendendo a cuidar de mim mesma. Não acho que tivesse sentido completamente minha dor, até chegar a Glencoe. Nem tinha sabido ser gentil comigo mesma. Não creio que tivesse me sentado apenas para pensar na Cora e me deixado ficar triste de verdade. Eu tinha sido dura demais comigo mesma. Mas, naquele ar e no meio daquelas folhagens marrons, com o bem-estar que sentimos nos lugares limpos e intocados, eu fiquei mais suave. E pude me lembrar dela. Ali, eu chorei por ela. E chorei, também, pela minha égua.

Todas as coisas que eu amava estavam ali comigo: os rios, as pedras. Os animais. Os sons do vento. E eu me sentia agradecida por elas. Estava grata porque no meio delas podia curar minhas feridas de dentro; todas as perdas, todo o sofrimento. Ali, naquela cabana no pico da montanha, minha alma podia ser alimentada e cuidada exatamente nos lugares onde estava ferida. E quem é que faz isso? Quem é que passa algum tempo cuidando da própria alma, hoje em dia? Acredito que muito pouca gente. Mas, Senhor Leslie, escute só isso: acredito que às vezes, em nossas vidas, na nossa busca por encontrar comida, por manter limpos os nossos corpos e tentar mantê-los aquecidos — essas nossas pequenas batalhas cotidianas —, podemos acabar esquecendo as nossas almas. Deixamos de cuidar delas, como se tivessem menos importância. Mas eu não penso que a alma é menos importante.

vinheta

Ainda assim, o que é que permanece o mesmo? O que é que nunca muda? Eu tinha estado naquele vale por um mês, não mais do que isso.

E chegou um dia tingido de marrom. Eu me lembro bem dele: lembro das folhas voando, das samambaias amolecendo e de tons de um vermelho- outono profundo. A maioria das pessoas não gosta de dias como aquele. O ar úmido, seus tons de marrom. Mas eu nunca me incomodei com isso. E por que deveria? Os passarinhos simplesmente adoram as piscinas que se criam dentro das árvores caídas, e graças a dias como aquele o capim fica mais verde nos meses seguintes. Dias assim prateiam as teias de aranha. E aquela neblina é algo de que vou sentir saudade, quando morrer. Andar pela neblina, cheirá-la.

Saí para caminhar. Ia atrás de frutinhas silvestres e de passar um dia inteiro nas colinas úmidas do outono. Pensava que talvez fosse ver o cervo novamente, ou mais cervos, ou até mesmo uma ou outra águia.

Mas não vi nada disso. Vi casas.

Casas surgiram. Ou melhor, eu cheguei até elas, pois, enquanto estava vagando pelo topo da montanha, em direção ao Oeste, tive que parar por um instante, e olhei para baixo. Fumaça de chaminé. Subindo sem parar. Parecia muito escura, naquela meia-luz, e, sendo assim, afundei, me agachando sobre os calcanhares. Fiquei observando. “Claro.” Como eu poderia ficar surpresa? Raciocinei que um vale com água tão pura e tão rápida, com gado de qualidade pastando nele e frutas silvestres amadurecendo nos arbustos, deveria ter gente. Outras pessoas deviam ter encontrado o vale e pensado: “Sim. É aqui.”

E lá estavam eles. Em uma única casa, perto do lago. Mordi meu lábio inferior, pensando: “Uma casa só não é tão mau.” Mas, depois de suspirar, olhei para o Oeste, em direção ao mar, lá onde o sol estava se pondo. E vi outras casas. Mais chaminés, mais casas pequenas e baixas, sem janelas. Muitas mais.

“Gente”, o que queria dizer problemas.

Aquilo me deixou preocupada. Aquilo me manteve acordada, cutucando os dedos. Eu buscava, na minha cabeça, todas as palavras que já tinha ouvido sobre o povo gaélico, e tentava lembrar as coisas boas, não as ruins. Mas que coisas boas tinha ouvido?

São bárbaros...

Não muita.

O Diabo não existe — costumava dizer a Cora. — O que existe são só os feitos diabólicos dos homens.

E eu fungava. Pensava: “Isso não vai me ajudar.” Mas perto do fogo, com uma coruja chamando lá fora, também pensava: “A Cora não teria medo deles. Ela simplesmente seria o que ela é. Não teria medo deles, de jeito nenhum. Desceria até lá. Olharia através das suas portas e não se importaria se a vissem. Jogaria seus cabelos para trás. Sacudiria suas saias vermelhas.” Eu dizia isso às vacas, e elas me ouviam.

Eu não sou filha dela? — perguntava. E as vacas ficavam me encarando.

Sendo assim, cedo de manhãzinha rastejei até lá embaixo. Passei pelo penedo e descí até o vale. Corri, com passos curtos, até a casa solitária e fiquei olhando para ela, lá de trás de um vidoeiro. Não ouvi conversa nenhuma. Não ouvi nem um passo. Mas ouvi um homem roncando pesado. E depois, um cachorro bocejando, também, aquele ganido rápido e agudo, e o ouvi sacudir as orelhas. Então, dei um passo à frente. Estava farejando os cheiros daquele lugar: turfa, pelo molhado, carne, o cachorro, gente suja. Sentia o cheiro das galinhas, também, e, quando estava tão perto da casa que poderia até tocar suas paredes, escutei o “co-có” de uma galinha no poleiro. Lá estava ela,

em cima do telhado de sapê. Seus olhos tinham aquela camada leitosa que os olhos das galinhas têm, quando elas estão dormindo, e pensei: “Quando foi a última vez em que comi um ovo?” Muito calmamente, me acerquei dela. Enfie a mão debaixo das suas penas e apalpei alguma coisa quente, firme. Agarrei-a e puxei. A galinha começou a cacarejar, o cachorro acordou, e eu corri.

Corri e corri, com meus cabelos voando. Corri, e depois cozinhei aquele ovo, e me enrolei na minha pele de corça, apertando os joelhos contra o peito. Eu me sentia muito próxima de alguma coisa. Mas do quê? Eu não sabia.

Roubo? Não! Eu nunca tinha roubado.

Voltei àquela casa, à noite, e deixei algumas ervas na porta. Deixei um pouco de carvalho, porque, se o queimarem e aspirarem seus vapores, eles podem ajudar com os roncoss. Deixei as folhas debaixo da galinha. Pensei que talvez a esposa fosse procurar por ovos e pensasse: “Nossa galinha está pondo ervas, agora?” E talvez preferisse a erva a uma centena de ovos, se isso quisesse dizer que seu homem iria parar de roncar, e ela iria dormir melhor. Gostei daquela ideia.



Fui me tornando uma criatura mais ousada. Conhecer as rochas, os melhores lugares para me segurar e também as vozes dos animais foi me deixando mais ousada. Conhecer as casas, as ervas, as vistas. Onde ficavam os melhores lugares para eu me sentar.

Tinha pegado mais do que um ovo, eu confesso. Certa noite, havia roubado uma panela de uma casa. Uma casa que ficava na ponta Oeste. Olhando de cima das árvores, tinha encontrado algumas casas mais arru- madas, com uma ou duas janelas, e que cheiravam melhor. E, ao espiar por uma porta entreaberta, avistara uma dúzia de panelas lá dentro. Eles tinham tantas panelas, e eu só precisava de uma. Deixei cura-tudo²⁰ para eles, o que era uma troca justa. Pois o nome dessa erva já não revela o quanto ela é virtuosa? Além do mais, eu agora andava comendo cogumelos e fervendo raízes, além de esquentar o leite e fazer um bom cozido de lebre. Já estava ficando até com uma barriguinha. Eu cutucava minha barriga sempre que ia tomar banho. Era uma nova forma, uma nova maciez.

Também tinha encontrado uma rocha, abaixo da Crista Norte, da qual gostava muito. Era pequena e meio afastada. Assim que me sentei sobre ela, ela se ajustou direitinho ao formato das minhas costas. E a vista de lá de cima era tão linda que eu podia passar horas e horas apenas olhando. O outono ali era rico e selvagem. E foi enquanto estava sentada lá em cima, com o meu capuz por cima da cabeça, que vi gente.

“Enfim.”

Homens. Três deles. Andando em fila ao longo da margem do rio. Eu fiquei imóvel. Não tirava os olhos deles. Às vezes, sumiam por detrás das árvores, mas nunca por muito tempo. Três homens, com cores que eram como as encostas das colinas, terrosas, cor de umidade. Usavam cintos reluzentes, e pensei: “Eles se movem depressa.” Muito mais depressa do que eu jamais tinha me movido.

Pensava: “Para onde estarão indo?” Então pensei: “Eu sei para onde!”

Fizeram uma curva e abriram caminho por entre as duas colinas. Entraram na ravina que ia dar no meu vale. Ao ver aquilo, eu disse para a minha rocha e para o ar:

— Não...

Comecei a correr.

Não queria que encontrassem minha casa e a destruíssem, que derrubassem suas paredes ou queimassem o telhado. Não queria que me espionassem, vissem minhas ervas e a minha fogueirinha. O modo como eu tinha disposto meus tesouros em um canto da cabana: o seixo que parecia um ovo, a ferradura que caíra da minha égua, uma pena velha, minhas poucas moedas. Minha cesta de frutas silvestres. E se eles as comessem? Elas tinham me custado um dia inteiro de colheita. Eu corria, com as barras das saias presas na cintura.

Estava com medo, sim. Mas não deles. Não achava que aqueles homens fossem brutais e cruéis como os soldados tinham sido. Acho que sabia que não eram assim. Estava com medo de me obrigarem a deixar o lugar que eu havia encontrado, com medo de perder minha casa, e para onde é que eu iria? Estava cansada de perambular e perambular. Minha égua tinha morrido, meu coração estava cansado, e eu entrara naquele vale pensando: “Aqui é o lugar, aqui é onde fui feita para estar.” Não queria ir embora. Gostava da minha rocha. Gostava do modo como podia sentar dentro da minha cabana, na soleira, e ficar vendo os cervos nas encostas. Gostava das estrelas. Do gosto da água do vale, quando juntava minhas mãos em concha e a bebia. Eu não queria sair dali.

Corria, pensando: “Não!” Eu não iria embora.

Vi as pegadas deles, enquanto subia correndo pela ravina até chegar à minha cabana.

Entrei no vale e os vi ali, parados. Do lado de fora da minha casa. Um andava em volta dela, testando suas paredes com a palma da mão. Outro, que tinha a barba feito o rabo de uma raposa, tinha enfiado a cabeça lá dentro e estava olhando ao redor.

Minhas saias farfalharam quando andei em sua direção. Eles se voltaram e me viram chegar. Meu coração tremeu nessa hora, porque eram três homens imensos — três homens imensos, e me lembrei da

mão do soldado agarrando meu tornozelo, e do modo como ficava repetindo:

— Calma, agora...

O homem da barba cor de laranja falou comigo. Mas não em inglês. Ele falava a língua das Highlands, e era como um balbucio de criança aos meus ouvidos.

Fiquei olhando para ele e piscando.

Nós todos nos entreolhamos. Então, começaram a falar entre eles. O mesmo homem virou-se para mim e disse:

Quem é você? De onde você vem?

Você fala inglês?

Eu achava que ninguém falava inglês naquele lugar.

Ele inclinou a cabeça ao ouvir minha voz, do mesmo modo que os pas-sarinhos, quando estão tentando ouvir onde estão as minhocas.

Das terras baixas?

Não. De Thorneyburnbank. Perto de Hexham.

Inglaterra?

Sim.

Ele se virou, começou a falar em gaélico outra vez. Os outros dois eram muito mais velhos, grisalhos, largos, com a pele feito madeira, quando a madeira é deixada exposta às estações. Tinham aquela aparência curtida. Anos e anos espremendo os olhos debaixo do sol, da neve, da chuva. Eu nunca vi ursos de verdade, mas já os vira na minha mente. Aqueles homens eram como ursos, eu imagino. Tinham mãos feito patas.

Meu coração batia rápido e forte.

Tem havido muita conversa a seu respeito.

A meu respeito?

Sobre uma fadinha de cabelos negros que vem roubar panelas e ovos dos nossos arrendatários. De um ser metade mulher, metade criança, que tirou a pele de uma corça que havia sido caçada pelo meu primo. Ele precisava daquela pele e teria atacado você, se soubesse que era humana. Nossas vacas têm menos leite desde que você decidiu ordenhá-las. Você construiu isso aqui — deu um chute na parede da minha casa — dentro das nossas terras, em um lugar que mais ninguém, além de nós, conhece. E agora descobrimos que você é inglesa.

Um dos ursos disse:

Sassenach...

E então eu me vi. Vi a mim mesma da maneira como eles me viam: uma garota pequena, de cabelos embaraçados, uma pequena ladra, com uma choça feita de bosta de vaca e peixes secando nos beirais. Vi minhas mãos, imundas. E pensava: “O que eu digo?” Mas o que poderia dizer? Sabia que estavam pensando em “bruxa”. E sabia que

poderia mentir, mas acontece que as mentiras acabam se desfiando e, depois, há muita limpeza a se fazer. E já houvera mentiras demais.

Vim para o Norte para estar mais segura — disse. — Para ter uma vida mais tranquila. Para fazer daqui o meu lar.

Tentei oferecer a eles um meio-sorriso.

Não quero causar mal nenhum.

Ficaram me olhando. Murmuraram alguma coisa em gaélico entre eles, enquanto eu esperava. Tinha sido muito mais fácil falar com as vacas.

Uma vida mais segura? Aqui?

Já tive muitos problemas. Tive uma vida de muitas confusões, lá no Sul, com pessoas dizendo “bruxa” e me atirando pedras. — Levantei os ombros. — E alguém me disse Norte-e-Oeste; e, sendo assim, eu vim...

O urso mais alto e mais cinzento disparou algumas palavras em gaélico. Os mais velhos não falavam nada de inglês, imagino. Só o de cabelos vermelhos. Ele falava com eles por cima do ombro, com os olhos fixos em mim.

Bruxa? Nós já estamos cansados delas.

Como as vacas, mudávamos o peso do corpo de um pé para o outro. Você tem plantas, ali. Na sua casa.

Sim.

Ervas?

Assenti.

Ele ficou pensando naquilo por algum tempo. Olhou para as nuvens, lá em cima.

Então falou naquela linguagem líquida com seus amigos, que disseram alguma coisa de volta. E, em um tom que soava como se já estivesse cansado de mim, e houvesse pessoas melhores com quem podia conversar, ele disse:

Pegue menos leite. Só há uma você, mas muitos de nós. E, além disso, trocar ovos por ervas não é uma troca justa. Não para um homem cujas galinhas já estão velhas e põem cada vez menos ovos, a cada semana.

Ele apertou meu telhado entre os dedos, como se estivesse meio malfeito ou, então, muito bem construído. Não estou certa de qual.

Não nos dê dor de cabeça e nós não lhe daremos, também.

Concordei. Disse que iria tomar menos leite. Era só porque tinha andado esfomeada. Mas não mais.

Eles se viraram para ir embora. Mas o homem de cabelos vermelhos ainda perguntou:

Seu nome?

Corrag.

Como?

Corrag.

É seu nome todo?

É só Corrag. Não tenho nenhum outro nome, porque eu nunca tive pai.

Ele pareceu considerar a ideia.

— Eu sou Ian MacDonald. E eu tenho um pai, e ele é o chefe do nosso

clã. Este é o nosso arrendatário, de Achtriachtan, de quem você pegou os ovos. E este é o Velho Inverrigan. A panela que estou vendo bem ali, no seu fogo, pertence à mulher dele. Chega de roubos, Sassenach. Se o que você realmente deseja é uma vida sossegada, nós não vamos nos encontrar outra vez.

E se afastaram.

Pensei: “MacDonald?” Senti minha barriga se contrair. Acho que meus olhos se abriram, como a água faz quando jogam uma pedra dentro dela. Fiquei na ponta dos pés e gritei para eles:

— Onde é aqui? O nome?

E, no momento em que estavam prestes a sumir de vista, Ian MacDonald, com seus olhos astutos e sua barba feito um rabo de raposa, gritou de volta: “Vale de Coe. E o seu telhado não vai resistir ao inverno.”

E, então, eles se foram. Tudo o que restou foram suas pegadas e o seu cheiro, que era o mesmo cheiro da maioria deles. Por que o que mais havia ali? Para se cheirar? Lã molhada, vacas, fumaça de turfa. E suor.



Depois desse dia, a coruja passou a piar aquela palavra. E o riacho que descia da encosta da montanha e passava ao lado da minha cabana ficava dizendo “Coe...Coe ” o tempo todo. O vento nas árvores e aquele som áspero, como

uma palmada súbita, que a pata de trás de uma lebre faz quando ela coça a orelha, e que ouvi em um entardecer perto dos vidoeiros, também dizia: “Vale de Coe, Vale de Coe.” Eu o ouvia no cervo, sempre que ele bramia, lá da pedra em cima da minha cabana. “Coe”, ele dizia. E, quando bramia, sua respiração virava fumaça.

Medo?

Não. Eu já senti medo. Conheci o medo de perto. Como quando aquele homem bêbado se atracou comigo. Ou quando eu soube que os pés da minha mãe tinham ficado pisando no ar, girado e, depois, parado de se mover. Mas não tinha medo de “Glencoe”.

Falei sobre ele ao meu fogo. Eu sussurrava aquele nome: “Vale de Coe.”



Já ouvi falar em “destino”. Não é uma palavra que eu use. Acredito que fazemos nossas próprias escolhas. Acredito que o modo como vivemos nossas vidas é feito por nós mesmos, e não podemos nos fiar totalmente nos sonhos nem nas estrelas. Mas os sonhos e as estrelas podem, às vezes, nos guiar. E a voz do coração é forte. Sempre.

Ouç-a, é o meu conselho. Se não lhe ofereço nenhum outro, tome a esse como tudo o que tenho a dizer sobre a vida, e a respeito de como vivê-la. Pois a minha vida agora não está quase no fim? A voz do seu coração é sua verdadeira voz. E é fácil ignorá-la, porque ela às vezes diz coisas que preferíamos que não dissesse. E é tão difícil correr o risco de perder o que possuímos. Mas que vida iremos viver, se não vivermos segundo os nossos corações? Não será uma vida verdadeira. E a pessoa vivendo aquela vida não será verdadeiramente você.

Essa é só a minha maneira de pensar. Não existe muita gente que pense assim.

É tarde? Sim.

Está tão escuro que mal posso enxergar o senhor. Apenas a sua peruca branca e a sua pena de ganso.

18. Tentilhão — pequeno pássaro canoro, de bico curto, chato e recurvo. (N. da T.)

19. Dedaleira — Planta nativa da Europa, também chamada de “Campainha”, pelo formato de suas flores. (N. da T.)

20. Cura-tudo — *Prunella Vulgaris*, gênero botânico encontrado na Europa (N. da T.)

Amada Jane,

Ela fala a respeito de presentes. Sobre o modo como o mundo se encontra repleto deles, e que devemos reconhecê-los, tão logo os virmos. Para ela, foi uma cachoeira e um vale escondido. E, Jane, eu sinto que um presente veio para mim. Foi o ferreiro, com sua barba tão farta e tão longa quanto as algas dessa costa. Assim como todos os outros que encontrei nessa vila, também ele revelou-se simpático e muito hábil em seu ofício. Mas, ao vê-lo ali de

pé, envergando seu avental, com fagulhas cintilando ao redor, julguei ter encontrado um homem com um quinhão de tristeza dentro de si. E, quando mencionei Glencoe e os assassinatos, começou a balançar a cabeça, com um ar melancólico.

Mas adianto-me.

Sua forja encontra-se a aproximadamente um quilômetro e meio da vila. E assim, atravessando a neve, aquele se revelou um longo caminho. (Já mencionei o quanto estou satisfeito com meu casaco? Nunca possuí casaco melhor, e alegro-me pelo dia em que o vimos, tu e eu. Estou certo de que impede minha tosse de piorar.) A forja localizava-se no final da alameda, e reluzia, e podíamos ouvir o som do metal sendo trabalhado, e sentir o cheiro acre de fumaça e de ferro. O que, talvez, desencorajasse um homem inferior. O cavalo de fato parecia assustado e ficava movendo as orelhas para frente e para trás.

Entretanto, havia certo calor naquele lugar. Não só em todo aquele fogo, no calor do esforço laborioso e nos animais, mas também nas boas-vindas sinceras e honestas que recebi do próprio ferreiro. Talvez ele não seja procurado por muitos fregueses. Talvez (e acredito que isso, sim, seja o mais provável, pois mencionou sua família e conversou despreocupadamente comigo) haja menos serviço nesse clima do que pudesse desejar. Não há muita gente viajando agora, é claro. E menos viagens devem significar uma menor necessidade de ferraduras, ou de consertos nos portões.

Apertou minha mão, e depois deu palmadinhas nas ancas do cavalo, enquanto o examinava. Fez elogios à força e à condição do animal, e peguei-me insinuando que o mesmo me pertencia— ou, antes, a Charles

Griffin. (Como essas falsidades aumentam, Jane. Mas é tudo por uma causa justa, além de nobre.) Parece que todas as ferraduras haviam passado do ponto de conserto e, sendo assim, quatro novas serão necessárias. Também parece haver alguma espécie de inchaço em uma das patas traseiras. Temo que isso vá se tornar deveras custoso. Mas esta noite

não hei de entrar em assuntos financeiros.

Assim como Corrag, o ferreiro tem o dom das palavras. Tem o suave sotaque escocês dessas paragens, e pergunto-me se uma vida inteira de proximidade com os animais não terá suavizado ainda mais a sua voz. Tinha um tom musical. Curvado para frente, com um dos cascos apoiado nos joelhos, ele me disse:

Presumo que vos conheço, senhor. Não sois o cavalheiro irlandês, vindo para domar os clãs no Norte?

Confirmei que de fato o era, ao que estalou a língua. Então mencionou: “Um assunto lamentável do começo ao fim.”

Perguntei-lhe:

O que foi lamentável, senhor?

Glencoe. — Levantou a cabeça. — Os feitos terríveis que lá ocorreram faz três semanas. O senhor certamente ouviu falar a respeito das mortes, certo?

Confirmei conhecer uma pequena parte da história:

Os homens foram mortos por seus hóspedes, enquanto dormiam.

Soldados, creio eu. Mas talvez sejam fofocas que chegaram até a mim...

Ele limpou as mãos no avental.

Sim. Essas são notícias que voam, certamente. Mas devem, com efeito, voar. Um pecado como aquele...

Pecado?

E, ao dizê-lo, aproximei-me um pouco mais. Posicionei-me junto ao rabo do cavalo, de modo a ouvir melhor.

Meu senhor — disse eu. — Escutei algumas pessoas dizerem que tamanha barbaridade foi merecida, da parte daqueles homens.

Em seguida, ergui as mãos, acrescentando:

Mas pouco conheço dessas paragens, e ainda não pude formular meus pensamentos a esse respeito...

Eles formavam um clã indisciplinado, isso eu vos asseguro. Ladrões. Rebeldes. Porém — encolheu-se, contraindo o rosto —, os soldados mataram até mesmo os pequenos, mataram, sim. Um menino! Um menino pequenino foi passado na bainha.

O senhor estava presente? — Pois o homem falava com tanta clareza e segurança!

Eu não. Mas fui eu quem ferrou o cavalo de um dos soldados que lá tinha estado. Semana passada ele veio ter comigo. Uma égua boa, preta, de sangue bom.

Um soldado? Sozinho? Ele balançou a cabeça.

Muitos deles. Mas todos ficaram de pé na alameda, tremendo de frio. Apenas seu capitão veio até aqui. E isto eu vos digo: havia sangue neles, em seus culotes e camisas. Além de marcas de tiros de mosquete e de turfa. E eu fiquei sabendo a respeito do menininho que foi morto da boca do próprio capitão, senhor. Ele viu aquilo e ficou marcado.

Marcado?

O ferreiro bateu com o dedo no alto da cabeça.

Marcado aqui. Ficou assombrado. Perturbado. Suponho que os homens estivessem temerosos.

Temerosos?

Levantou-se, endireitando a coluna.

Conto-vos isso por não virdes das Terras Baixas. Por não serdes escocês. Estareis vivendo em meio a nós com olhos diferentes, de estrangeiro. E sei, também, que pretendeis levar a palavra de Deus para aquelas terras selvagens. Sendo assim, ouça o que vos digo, por obséquio: qualquer que tenha sido a barbaridade que cometeram como clã, não mereciam aquela matança. Uma matança como aquela deixou os soldados perturbados. Eu vos juro. Glencoe acabou pesando em suas costas.

Glencoe acabou pesando em suas costas! É uma expressão e tanto, não é? Desejava fazer outras perguntas, mas, enquanto procurava um meio para fazê-lo, ele disse:

Esse animal está pior do que eu julgava. Estais vendo, aqui? Essa pústula?

E passamos a falar sobre o cavalo e sobre o clima. Uma nevasca alcançou-me no caminho de volta até a estalagem. Se tal clima é capaz de gelar-me, estando eu em uma vila, onde disponho de carne de veado, de uma cadeira de leitura e de uma lareira para confortar-me, como não me sentiria em um vale desolado? Em Glencoe?

Um lugar escuro — dissera ele, afagando o cavalo.

Mas Corrag não o considera assim. Garante-me que o vale brilhava, de tamanha luz.

Então, minha esposa, é hora de ir para a cama. Como posso considerar aquelas mortes? Ouço falar demasiado. Seriam eles homens bons, mortos injustamente, como a prisioneira alega? Ou bons seriam os homens que provocaram aquelas mortes, livrando o mundo do pecado? É difícil saber. Do que tenho certeza, Jane, é da participação de William. Pois eram certamente seus soldados os homens naquele vale. Quem mais pode dar ordens aos soldados do rei, senão o próprio rei?

Enquanto apago a vela de um sopro e ajeito as cobertas em volta de mim, penso naquela criatura sentada em sua cela, presa em suas correntes. De que maneira pode ela ficar imune a tamanho frio? Garante-me que não sente nada. Diz que todos possuímos um clima no qual vicejamos, e o inverno é o seu.

E eu me pergunto sobre o nosso clima, então. O teu e o meu. Pois creio que o nosso clima deva ser o mesmo. Creio que somos criaturas do verão, quando a trilha da floresta encontra-se perfumosa e iluminada, e os meninos brincam ao nosso redor. Creio que aqueles foram os tempos de

maior alegria em minha vida.

Sinto a tua falta e rogo o teu perdão. Pois bem sei que dobrarás esta carta e seguirás sozinha, pela casa. Mas hei de voltar, em breve.

Charles

II

“...além disso, se amarrarmos um touro louco a uma figueira, ele rapidamente tornar-se-á domesticado e dócil.”

sobre o Figo

Então. Será que Ian MacDonald voltou caminhando com o senhor até sua estalagem? Na sua mente? Ele, com seus cabelos tão vermelhos que chegava a se parecer com uma raposa. Laranja, mais que vermelho. De tão brilhante, à luz do sol dava a impressão de estar pegando fogo. Tinha as mesmas marcas alaranjadas nas mãos e por cima do nariz. Sei de ervas que poderiam apagar aquelas marcas. Foi minha mãe quem disse. Mas eu não as considerava feias. Para mim as sardas são como o sol que bate sobre elas. Luz salpicada.

Dizem que ele tem o colorido do pai. Antes que sua cabeça ficasse tão branca quanto a neve, o Chefe dos homens de Glencoe — “O MacIan”, é como o chamavam — também era laranja-raposa, em chamas. Pensei: “Eles têm o mesmo nariz.” Também sou da opinião de que tinham o mesmo modo de falar, cortante, mas não sem alguma gentileza. E não tinham dito “bruxa”, apenas que eu não devia perturbá-los.

— Nós já temos perturbações demais — dizia o Chefe.

Mas o segundo filho d’O MacIan não era como eles. Não na aparência. Diziam que tinha puxado as feições da mãe. Tinha os olhos azuis, e não era tão alto quanto Ian, mas sim mais largo, mais forte e mais ousado nos movimentos, e, sendo assim, parecia mais alto, para mim. Seus cabelos eram vermelhos, mas não daquele vermelho-laranja do irmão. Eram mais escuros. “Como as encostas das colinas”, foi o que pensei. Como as encostas úmidas do outono; urze molhada, samambaias antigas. Eu pensava nos seus cabelos quando agarrava ramos ou tufo de plantas enquanto corria. Eu dizia:

— Alasdair — quando estava lá no alto, olhando para baixo, para todo aquele vermelho-escuro e marrom profundo.

Seus sapatos estão molhados. Só no dedão.

A neve está derretendo? Um pouquinho? Só uma pequena parte. Achava que sim, pois ontem, enquanto pensava em todos eles, a noite

toda, enquanto pensava em suas mantas xadrez e em seu cheiro de lã molhada, fiquei ouvindo um pinga, pinga...

Sendo assim, preciso falar.

Sobre os MacDonald que viviam ali. Sobre o vale. E sobre os pés que caminhavam por ele. Muitos daqueles pés já se foram, agora. Morreram

e, sendo assim, preciso falar sobre eles. O que faz com que não estejam mortos de verdade. Ou, no mínimo, menos mortos.



Foi Ian quem me disse:

Nenhuma pessoa nascida fora do vale pode verdadeiramente conhecê-lo.

Eu o vi no declive, pouco tempo depois da chegada do outono e das folhas começarem a cair. Ele apertava os olhos ao dizê-lo, porque o sol estava baixo. Eu podia ver as linhas no seu rosto, as antigas cicatrizes.

Nem mesmo você.

Mas eu podia, sim. Eu conhecia o vale. Com o tempo, vim a conhecer a aparência de cada montanha contra o céu e quais eram suas cores. Subia nelas com as saias amarradas na cintura. Onde encontrava trilhas de cervos, eu as seguia, e onde encontrava a marca funda dos corpos no mato, eu me deitava. Passei a conhecer seus sons de vento. Suas ervas.

Eu creio que o conheço, sim — disse a ele. Ousada. Ian sacudiu a cabeça e virou-se.

Tome cuidado. Não vou dizer isso a você duas vezes.

“Tomar cuidado.” Coisa que toda mulher precisa fazer, por natureza. Essas, que não são como as outras. Eu tomava cuidado. Sabia que tinha que ser assim, pois os lugares selvagens não são nada gentis com quem os considera tranquilos. Em Thorneyburnbank, o Velho Bean tinha levado a pior por conta de um vento cortante de inverno, ou por causa de uma ou outra raposa, pois saíra para passear despreocupadamente. Nas Highlands, eram as pedras que ficavam à espreita. Muitas ravinas eram falsas. Elas acenavam e se pareciam com caminhos que levavam até outros vales, seguindo por um córrego, ou por entre tufos de bétula. Queria que os homens passassem por ali. Mas eram homens tolos. Muitas ravinas levavam apenas a mais pedras. Ou, pior, não levavam a pedra alguma, só à neblina, e gotas flutuando no ar. E eu quase segui pelo mesmo caminho. Estava escalando acima da minha cabana, cantarolando baixinho, quando caí. Foi um vido-eiro o que me salvou. Os seixos caíam e continuavam a cair, e eu me agarrei em um galho. Por entre as minhas canelas, que ficaram dependuradas feito frutas em uma árvore, eu podia ver minha

choupana de musgo e pedras lá embaixo, muito abaixo de mim. E me dei por feliz pela existência daquela árvore. Abracei seu tronco. Senti seu cheiro. Sempre me lembrava dela, ao passar por ali. “O Videiro da Vida Que Foi Salva.”

Eu ouvia histórias. Nem todo mundo podia contar com um videiro ao seu lado, ao escorregar e cair. Ian costumava dizer que na época do degelo os corpos dos seus inimigos podiam ser levados rio abaixo — um Campbell, um Stewart de Appin. Isso quando os Stewart ainda eram seus inimigos.

Não temos notícia dele desde o último inverno.

E havia um motivo podre para isso. Tinham pegado um homem de Breadalbane, o amarrado em uma vaca (que havia sido roubada dele, em primeiro lugar) e tocado a vaca de volta até seu antigo pasto. Eu detestava aquilo. Pobre vaqueiro aquele que olhasse para cima e visse um parente seu apodrecendo, amarrado no lombo de uma vaca. Mas quem era eu para dizer alguma coisa? Para chamar a isso de crueldade? Era inglesa, e estava sozinha. Morava na terra deles; e já tinha visto crueldades demais, e conhe-cido coisas piores.

Você não tem como conhecer esse vale. E, se gosta da sua vida do jeito que ela é, nem tente fazer isso.

Ah, Ian podia ser rápido comigo. Às vezes falava comigo com a mesma voz que usava com os seus cachorros ou com o gado. E ficava olhando para o céu, enquanto falava comigo, como se os céus importassem muito mais para ele do que eu. Ele me achava pouco confiável. Creio que ouvia a minha maneira inglesa de falar e a detestava, a princípio. Porque ela significava “protestante”, e também “William”, e muitas outras coisas que pertencem à Inglaterra. Batalhas travadas, e outras por vir. Vidas roubadas.

Inglaterra?

Sim.

E eu tinha visto a expressão no seu rosto, assim que respondi.

Mas eu conhecia o vale. Conhecia, sim. Mostre-me suas formas e eu lhe direi seus nomes. Dei os meus próprios nomes às montanhas, antes de saber seus nomes em gaélico. Naqueles primeiros dias, comecei a me aventurar, subindo e rastejando pelos barrancos de outono, e eu os batizava com os nomes do que via neles: cervo, ou tasneira. Um gato do mato, que sibilou. “Beinn Fhada” é seu verdadeiro nome, mas, para mim, sempre será “Pico do Gato”.

Era assim que as coisas eram. E é como elas são, ainda: meus nomes infantis contra seus nomes gaélicos. No lado Leste do vale, perto do Urzedo de Rannoch, havia uma montanha de cor mais escura do que as outras. Era negra durante as tempestades, e brilhante, e, sendo assim, aquele era o “Monte Escuro”. Um dia, pisei na ponta de uma

flecha escondida no meio da sua turfa, ela furou meu calcanhar e sangrei. Depois disso, passei a chama-la de “A Ponta da Flecha”. Mais tarde, conheci pessoas que moravam ali. Conheci toda a sua sujeira e tristeza. Entendi que o vento ali podia pegar uma alma e sacudi-la, e foi assim que aquele monte se tornou, também, a “Montanha da Gormshuil”. Eu o chamava por todos esses nomes.

O quê? — disse o Alasdair, quando contei isso a ele. — Monte Escuro?

Ele me deu um meio-sorriso, enrugando um pouco a testa.

É *Buachaille Etive Mor*, para nós.

Talvez. Mas eu ainda preferia os meus nomes.

E mais adiante, conforme as encostas do vale foram ficando cada vez mais altas, houve o “Topo do Cardo”. Pois ele tinha farfalhado, coberto de cardos, certa vez em que me sentei no seu pico. E o desfiladeiro logo abaixo dele, que levava a outras montanhas, era o “Desfiladeiro dos Traseiros”.

Porque eu costumava ver uma enorme quantidade de traseiros atravessando sua turfa, os animais com as orelhas para trás e os olhos semicerrados contra o vento. No inverno, um pássaro levantou voo lá das alturas no lado Oeste, um pássaro branco, encorpado. Nunca mais vi o pássaro novamente, mas aquele, desde então, ficou sendo o “Pico do Pássaro Branco”.

E “O Bico do Peito”, também. Porque aquela montanha tinha formato de mulher.

Uma cachoeira ganhou o nome de “O Rabo da Égua Cinzenta”, já que era igualzinha à cauda da minha égua.

E a crista. Se Glencoe for conhecido algum dia apenas por suas montanhas, acredito que a crista vá ser o que a maioria das pessoas irá reconhecer. Que crista! Imensa e escura, chanfrada feito dentes. Ela acompanhava todo o comprimento do lado Norte do vale, e, por algum tempo, foi “A Crista Norte”. Eu pensava: “Vou caminhar até a Crista Norte” ou “A Crista Norte está coberta de gelo, hoje”. Mas isso acabou mudando. Mudou certo dia, em um cair de tarde, quando eu corria abaixo dela, e de repente olhei para cima. Naquele exato momento, perdi o ar. Tropecei. E ela então se tornou a “Crista Igual a Uma Igreja”. Esse era o seu nome. Era, para mim. Porque como se parecia com uma igreja! Não na sua cor (porque era, na maior parte, marrom e não cinzenta, como as pedras das igrejas). E nem no seu formato, porque não tinha nenhuma torre. Eu a chamei assim por causa da sua grandiosidade. Era tão grandiosa. Tinha uma grandiosidade que fazia

uma pessoa parar de andar, ter que calar sua boca e se sentir, ao mesmo tempo, atraída por ela e assombrada. Eu estava assombrada, acho eu. Naquela tarde, tive vontade de chorar, diante da sua altura e

da sua idade. Olhava para o alto e quase tremia. Passei ao largo dela como costumava passar ao largo de todas as igrejas, pensando “isso não foi feito para mim”, sem vontade de conhecê-la melhor. Mas, ainda assim, sentindo sua sombra longa e fria sobre mim, enquanto me afastava. Consequia ver claramente por que as pessoas podiam se tornar escravas do seu amor por ela. Porque seriam capazes de nunca mais tirar os olhos de cima dela e de servi-la por toda a vida.

Foi por isso que lhe dei o nome de “Crista Igual a Uma Igreja”. Ela me fazia sentir minúscula. E fazia do vale uma espécie de santuário, o que também combinava com o seu nome. Ninguém conseguiria escalá-la. Era alta demais, demasiadamente íngreme.

“Aonach Eagach” é seu nome em gaélico. Agora sei disso. Alasdair me ensinou seus nomes, e ao dizê-los para mim usava suas mãos. Como se tocasse cada palavra, conforme ela vinha saindo dos lábios. Estávamos sentados bem ao lado do meu fogo. Seus cabelos pareciam ouro-escuro, naquela luz, e ele disse “Beinn Fhada, Bidean nam Bian, Aonach Dubh...”, beliscando as palavras com o polegar e o indicador.

É sua vez.

E eu as experimentei na minha boca. As palavras dele na minha boca. Mas também ensinei os meus nomes a ele.

As três colinas ondulantes do lado Sul, que olhavam diretamente para a Crista Igual a Uma Igreja, eram as minhas favoritas. Eu vivia entre elas. Meu vale particular, escondido, ficava aninhado atrás delas e, assim, várias vezes me pegava subindo, subindo, subindo toda a vida por aqueles três picos. Cheguei a conhecê-las muito bem. Deitava nos seus buracos e lambia suas quedas d’água. Contava meus segredos ao seu vento, que os carregava. E, sendo assim, elas me conheciam também.

As Três Irmãs — disse a ele, timidamente.

Elas têm seus próprios nomes. Eu lhe disse...

Eu sei. Mas eu gosto de chamá-las assim.

Meses mais tarde — meses, Senhor Leslie —, ouvi o MacIain falando sobre uma bela corça branca que tinha acertado, quando menino, nas alturas ventosas de Beinn Fhada, cuja pele ele até hoje usava. E então eu perguntei:

Beinn Fhada?

Porque as corças brancas possuem magia em seu coração. Ou mais magia do que as outras. E ele tinha esvaziado sua taça, abanado a mão, como se minhas palavras fossem moscas e o estivessem incomodando, e dito:

A irmã mais ao Leste, das três.

Sorri ao ouvir aquilo, imaginando que podiam não confiar totalmente na minha “inglesice”, mas veja só: gostavam dos meus nomes ingleses.



E, assim, Ian tinha me encontrado. Ele e aqueles dois ursos. Tinham fare- jado, rosnado e pendurado “Sassenach” em mim. Tinham espionado minhas ervas e ido embora.

As pessoas podem modificar um lugar. O ar de um local fica logo dife- rente quando três homens passaram por ali. Suas pegadas ficaram marcadas ao lado da minha cabana durante semanas. Seu cheiro de lã molhada per- maneceu, e assim também suas palavras:

Seu telhado não vai durar.

Aquilo me preocupava. Fiquei andando em volta da minha choupana, aquela noite, experimentando-a, olhando lá para dentro. Tinha feito o meu melhor, e ela me servira bem, porque a turfa, os galhos e o esterco tinham se mantido secos o suficiente. A parte fina do telhado havia deixado a fumaça escoar lá para fora. Eu tinha ficado satisfeita. E me mantido quente.

Mas, em poucos dias, uma geada chegou. Acordei no meio da noite, não por causa do frio, pois não me importo com o frio. Mas por causa de uma luz estranha que havia dentro da cabana, azulada e desconhecida. Rastejei com a minha barriga no chão até a porta feita de turfa e a abri. E lá estava ela. Minha primeira geada das Highlands. Azul-fantasma, imóvel.

Era linda, aos meus olhos. As montanhas me olhavam lá de cima, cinti- lando. Mas a geada também me fez ver que Ian estava certo. O telhado não iria resistir. Era fino demais. A chuva iria cair, penetrante, batendo de lado e contínua, chuva do tipo escocês. E a neve. Tinha medo de me deitar debaixo da minha pele de corça, com a cabeça cheia de sonhos, só para acordar com o telhado caindo por cima de mim, cheio de neve com um braço de espessura. Posso não me incomodar com o frio, mas não gosto nada de ser acordada bruscamente. Todos precisamos do nosso sono.

Assim, em uma manhã gelada de outubro, desci até o vale. Eu me esgueirei para dentro da floresta, próxima ao rio Coe, e juntei mais galhos. Fiz um feixe com eles e o arrastei de volta. Isso era difícil de fazer, e assim fiz uma pausa para descansar um instante. Enquanto descansava, olhei para cima. E, lá nas encostas acima da minha ravina, estava ele — o cervo. Sua galhada. Estava me olhando de cima de uma colina diferente e mantinha uma das patas levantada acima da neve, como se estivesse andando quando me viu, e então tivesse parado. Lá estávamos nós, nos entreolhando.

Fiquei contando suas pintas. Cinco do lado esquerdo, quatro do direito.

Ele abanou o rabo e foi embora, trotando.

Sonhei com sua coroa, aquela noite. Debaixo do meu teto novo,

mais grosso, sonhei com seus chifres, seus olhos brilhantes. E foi um sonho profundo, acho eu. Porque, quando acordei na manhã seguinte, encontrei novas pegadas no gelo do lado de fora da cabana. Eu me agachei, fiquei olhando para elas. Pegadas humanas. Minha mão ficava pequena ao lado delas, e eu podia farejar lã molhada.

E isso me deixou contente pelo meu teto novo, pelas minhas paredes grossas.



Havia também uma colina chamada “Mantenha-Me A Salvo”.

Esse era o meu nome para ela, é claro. Batizada em uma noite de céu estrelado, quando eu passava debaixo dela. Olhei para cima e pedi:

Mantenha-me a salvo. Estou com medo. E estava mesmo.

Antes, tinha estado meio dormindo. Deitada de lado, enrolada na coberta, ouvindo o fogo lambendo a si mesmo. Lá do lado de fora, uma coruja piou, e eu mudei de posição. O som da coruja parecia distante, que é como as coisas acordadas soam enquanto estamos escorregando para dentro do sono.

Sassenach!

Um soco na minha porta de turfa fez a cabana estremecer.

Soltei um ganido. Estava aconchegada e quente. Tinha estado sonhando, e agora me levantava depressa, os cabelos se agarrando no sapê, quando ouvi um cavalo resfolegar do lado de fora.

Sassenach!

Nenhuma notícia boa chega assim, à noite, com batidas na porta e um cavalo suado. Caí para o lado de fora e me deparei com Ian MacDonald outra vez na minha soleira, com as mãos nos quadris, exausto de tanto cavalgar.

As suas plantas — disse. Esfreguei os olhos.

Para que elas servem?

Quais delas? — perguntei. — Elas têm muitos usos. Dor de dente, pesadelos, disenteria. Gota, soluços, as...

Feridas. Profundas. Na cabeça. E que sangram abundantemente, sem que ninguém consiga estancar.

Olhei bem dentro dos seus olhos. E compreendi o que se passava, então.

Entendi seus modos bruscos, sua pressa.

Sim — disse a ele.

Vá pegá-las.

Fui rápida, pois conheço bem as minhas ervas. Peguei um pouco de cavalinha, erva-de-São-Lourenço e algum cerefólio, e depois perguntei:

Quem é que está doente?

Meu pai.

O Chefe?

Sim.

E foi só quando montei junto com ele em seu cavalo, que era baixo e forte, e me sentei à sua frente, me agarrando naquela crina oleosa, que pensei “sem piedade”. Enquanto descíamos a ravina, ao som dos cascos do cavalo, lembrei-me de que “o chefe deles tem o coração de um bárbaro, até mesmo para um Highlander”. Viramos em direção ao Oeste, entrando no vale. A lama que subia dos cascos voava até nós. Seu cavalo resfolegava como a minha égua uma vez tinha feito, e, Senhor Leslie, tive medo. Meu coração batia rapidamente, e minhas mãos tremiam, e enquanto galopávamos debaixo daquele céu todo estrelado eu seguia olhando lá para cima, para ele. Olhava as árvores. Passamos por uma montanha larga e pálida, que eu nunca havia visto antes, e então pedi:

Mantenha-me a salvo.

E, assim como um espírito, ela havia passado.

Ian me levou até o extremo Oeste. Havia luzes à nossa frente, que brilhavam cada vez mais fortes e, à medida que cavalgávamos, sentia o cheiro de fumaça de turfa. Passamos por casas dos dois lados da estrada, por chaminés, lareiras, cachorros. Gente. Vi pessoas na semiescuridão, e elas também me olhavam passar. Eu me agarrava à crina do cavalo, prendendo a respiração.

Mantenha-me a salvo. Fique comigo.

O cavalo diminuiu o passo e sacudiu a cabeça. Ian MacDonald largou as rédeas e escorregou até o chão, e eu escorreguei também, o que fez minhas saias subirem, e tive que lutar com elas para me manter decente, e puxei-as de volta para baixo.

Ajeitei os cabelos.

Ele disse:

— Venha! — como se eu fosse um dos seus cachorros.

Aquela era a maior casa que eu já vira. Em toda a minha curta vida, nunca tinha visto uma casa tão alta nem tão iluminada quanto aquela. Era uma construção tão larga e sólida que eu me surpreendia que estivesse em um vale, e não dentro de uma cidade, ou mesmo em Hexham. Como podia estar ali? Era quase inteiramente feita de pedra. Mas suas janelas tinham vidro. Vidro de verdade, como nas Terras Baixas. E o telhado era de ardósia azul-escura. Eu não parava de olhar para ela. Podia sentir o cheiro dos pinheiros e sabia que estavam ao nosso redor. Podia ouvir o som da água, quando o vento a carrega, e, assim, soube que o mar estava logo atrás de mim, desenrolando-se no escuro.

Continuei olhando. Não me mexia.

Ian estava mais à frente, e, ao ver que eu tinha parado, sibilou:

— Venha!

Ele bateu duas vezes na porta, empurrou-a e sumiu de vista.

Pensei: “Vá!” De todas as palavras que conheço, conheço “vá” muito bem. “Fuja.”

Mas eu o segui. Não fugi. Inspirei algumas vezes, bem devagarinho, alisei minhas saias e me esgueirei em direção à porta. Minha mão estava com medo de empurrá-la, mas minha cabeça disse:

Empurre essa porta, Corrag. O mundo todo está ao seu lado, e a Cora também.

Empurrei a porta. E, se aquela era a maior casa que eu já vira, a porta se abriu para o maior cômodo de toda a minha vida. Era como deviam ser os salões do rei: paredes forradas de painéis de carvalho, e vidro, e taças de prata. Havia galhadas para todos os lados e um chifre de vaca pendurado em uma tira de couro, e a pele de um lobo estirada no chão, com buracos no lugar dos olhos e ainda com dentes. Havia velas de verdade, feitas de cera de abelha, que espalhavam ao seu redor uma luz intensa tão forte que tive que apertar os olhos. A lareira estava estalando. O cheiro de mel das velas pairava no ar.

Senti também o cheiro de cachorros e de suor. Carne. Álcool. Farejei couro velho e, no meio de tudo, um cheiro que eu conhecia, mas não sabia nomear. Um aroma metálico.

Cò tha seo?

Uma voz. Olhei de um lado para o outro, piscando. Havia uma dúzia de pessoas ali, ou um pouco mais. Protegi meus olhos da luz das velas e pude ver rostos, rostos meio iluminados ou totalmente expostos pela luz. Eram cheios de linhas, desgastados pelo tempo, e todos aqueles olhos estavam pregados em mim. Eles me olhavam e olhavam.

Dei um passo atrás. Ian falou:

Aqui — disse ele.

E pensei “sangue”. Aquele era o cheiro: cheiro de sangue, sangue fresco. Então Ian me pegou pelo ombro de um modo brusco e disse no meu ouvido:

Ali! Vá até ele. Ali.

Eu não queria erguer meus olhos, mas ergui.

Lá estava ele. Ele, a quem chamavam de “O MacIan”. Só que eu já tinha ouvido o chamarem de uma centena de outras coisas.

Açougueiro — tinha dito o cara de ameixa. E os soldados disseram:

O Diabo era um homem melhor. Ele come os próprios inimigos, não come? Já matou mais de cem homens...

Estava sentado, com um corte profundo na cabeça.

Fixei o olhar. Não queria ir até ele, mas Ian me empurrou.

Vá!

Eu me aproximei da ferida. E, conforme me aproximava, conforme ela ficava mais nítida para mim, fui me esquecendo do tamanho dele, do vidro, e das velas, e esquecendo aquela dúzia de rostos. Porque a ferida estava úmida e vermelha. Vertia sua umidade pela lateral do seu rosto e ela escorria até o peito. Sua camisa estava empapada de sangue, e seu rosto, muito pálido. Ele olhou para mim. Seus olhos eram azuis, mas estavam circundados de vermelho. Eu podia ver as pequenas veias por dentro deles. Ele destrancou os lábios.

Você é a garota inglesa — disse.

E sussurrou, talvez para si mesmo, talvez para as pessoas que estavam ao seu lado:

É uma criança?

Olhei para a ferida. Pensei “olhe para essa ferida e a costure”. E, enquanto observava o tecido, que tinha sido perfeitamente talhado, eu disse:

Foi seu filho quem me enviou.

Meu filho? Qual deles? Que filho? Ian tirou seu casaco, sacudiu os cabelos.

Ela conhece as ervas. É dela a cabana em Coire Gabhail.

Aquela ferida tinha sido feita por lâmina. Era um ferimento tão limpo, profundo e reto que soltei um pequeno som, como se tivesse sido ferida, também. Um ferimento daqueles seria capaz de matar a maioria dos homens.

Sim — disse ele. — Um centímetro a mais e eu estaria morto, eu acho.

Mudei de lugar para poder examinar cada parte da ferida. Ela estava pendurada como se fosse uma boca, e eu podia ver as laterais das veias e uma terra velha dentro dela. Havia um osso? Vi alguma coisa branca no meio de tudo. Algumas pessoas teriam empalidecido e desmaiado ao ver aquilo, mas não eu. Não eu, a durona.

Preciso de bebida — eu disse — e de água. E de mais pano. Panos limpos. Uma agulha. E de linha.

O Chefe grunhiu:

Peguem logo essas coisas! Peguem-nas para ela ou eu vou acabar morrendo aqui!

Houve passos e muita pressa. Ele virou-se para mim, com olhos cheios de astúcia. Seu bigode brilhava, recoberto de sangue. Seu rosto era raiado por antigas feridas, e tinha perdido um dente com um soco, ou com uma pancada de cano de mosquete.

Conserte-me — disse ele. — Se não o fizer, vai ser você quem irá precisar de conserto.

Mas que ordem! Que coisa para se dizer! Eu poderia ter começado a soluçar de tanto medo, mas não solucei. Pensei em quantos perigos já tinha passado e sobrevivido. Perigos piores do que um homem muito

alto, coberto de sangue, dizendo palavras ásperas. “Vou sobreviver a isso”, eu pensava, “eu sei que vou”. A mão de uma senhora deixou uma vasilha com água ao meu lado, junto com tiras de pano e uma vela. Pensei “vou costurá-lo” e amarrei meu cabelo para trás, em um nó. Derramei a bebida sobre o ferimento para limpá-lo. Ele fez uma careta e começou a sibilar, e, sendo assim, eu disse:

Perdoe-me. — Mas que jeito havia?

Nenhum outro. Então espalhei minhas ervas, passei minhas mãos por cima delas. “Alfeneiro?”, perguntei a mim mesma. Mas ele era muito suave, uma erva de mulheres, que funciona melhor para o sangue feminino. Aspirei o aroma de cada uma delas. Fechei os olhos, refletindo, e fez-se silêncio no cômodo às minhas costas. Ninguém dizia:

Mais rápido!

Eles esperavam. Como se soubessem que a erva exata seria a resposta.

É sempre a parte mais importante.

“Tapete-verde.” Peguei-a nas mãos, disse seu nome. Eu a moí levemente, depois pinguei um pouco de água sobre ela e disse:

Beba.

Ele obedeceu. Pegou a taça e engoliu todo o líquido. Então fechou os olhos enquanto eu começava a bater de leve com o pano sobre a sua ferida, que ia da orelha até o topo do crânio.

O fogo estalava, mas não se ouvia outro som.

Quem foi que fez isso? — perguntei. Ian disse:

Isso não é assunto seu.

Fiquei em silêncio por algum tempo. Então perguntei:

Quando? Isso faz diferença. Preciso saber quando aconteceu, para poder saber a maneira certa de curá-lo. Quais ervas usar.

Foi esta tarde. Ele estava lá embaixo, em Glenorchy.

Há quantas horas?

Uma nova voz apareceu. A voz de um novo homem. Ela vinha das som- bras à minha direita e disse:

Três horas. Não mais do que isso. Eu estava com ele.

Mas eu fiz aquele homem pagar caro por isso, não fiz?

O senhor fez, meu pai.

Rá! — fez o Chefe.

O que lhe provocou um acesso de tosse, curto e doloroso.

Murmurei para mim mesma “três horas?”. Era uma ferida muito profunda. E estava sangrando tanto que qualquer outra pessoa teria morrido em uma hora, ou menos. Três horas e ele ainda estava sangrando. Eu não sabia o quanto mais de sangue aquele homem ainda teria no corpo. Era um homem gigantesco. Sentado, sua cabeça ficava na altura da minha, seu peito era umas cinco vezes mais largo

do que o meu. Mas sua pele estava pálida. Todos nós precisamos de sangue.

Ele está sangrando demais — eu disse.

Peguei um pano, embebi-o em uma pasta de cavalinha e erva-de-São-Lourenço. Tentei aplicá-lo. Apertei com toda a força, mas minha mão era pequena demais em comparação com o tamanho da ferida. Não conseguia estancá-la em toda a sua extensão. Era uma mão muito pequenina.

Preciso da mão de alguém — eu disse. — Uma mão, por favor?

Alguém se aproximou de mim. Podia sentir sua sombra, o calor do seu corpo, e logo vi uma mão se esticar. Eu a segurei; era mão larga, de homem, a direita, e eu a peguei e a comprimi de encontro ao cataplasma. Abri seus dedos e pressionei seu polegar, e vi o quanto aquela pele era marcada: machucados e velhas cicatrizes, cortes que haviam se fechado pela metade e por conta própria, tornando-se pele mais escura, enrugada. Olhei para suas unhas. Uma tinha ficado preta, devido a algum tipo de golpe. Outra tinha sido arrancada. Eu disse:

Mantenha sua mão aí. Desse jeito.

Assim?

Não olhei para ele. Minha mente estava toda no ferimento. Minha própria mão levou uma agulha até a chama de uma vela, de modo a deixá-la limpa, e também para movê-la mais facilmente através da pele. Então, enfiei a linha na agulha. Levou um tempinho, porque eu tremia enquanto tentava fazer aquilo. Mas molhei a ponta da linha na saliva e, em pouco tempo, continuei empurrá-la pelo buraco da agulha.

Deixe-me vê-la, agora — sussurrei.

Levantei suavemente a mão do homem e olhei. Havia menos sangue. A ferida ainda sangrava, mas só que mais devagar. Aquelas eram ervas sobe-ranas para sangramentos.

E, assim, costurei o Chefe MacIán. Fui costurando devagar, dando os menores pontos possíveis. Respirava suavemente, e não pensava em mais nada, além de “costure-o, conserte-o”, enquanto o fogo ia dando seus estalidos. O cômodo estava muito quieto, agora. As pessoas tinham se acomodado de volta em suas cadeiras, ou se encostado nas paredes. O homem que estava ao meu lado deu um passo atrás, de volta para as sombras, e a sala se aquietou. Eu só respirava. Pensei que o Chefe estivesse dormindo, pois seus olhos estavam fechados e sua respiração parecia muito estável, mas, enquanto costurava, ele falou:

Ouvi falar que você busca segurança. Que veio até aqui por esse motivo.

Deu um risinho baixo e lento. Continuei costurando.

E encontrou? Aqui? Olhe para todo esse sangue em cima de você...

Abriu um olho. Deparei-me com um azul profundo. Via o fogo se refletindo nele, e também as velas das paredes.

Aqui é mais seguro do que a maioria dos outros lugares — foi o que sussurrei de volta.

Rá! — fez ele. — Um besouro se esconde entre os besouros, não é? Você pensa que vai ficar menos negra só porque está entre outras coisas negras?

Não entendi aquilo. Ele começou a resfolegar, e eu o soltei. Sua esposa levou uma taça aos lábios dele e, depois de tomar um gole, ele voltou a falar:

O que foi que você ouviu, é o que eu me pergunto. A respeito dos MacDonald de Glencoe.

Deixei que ele se ajeitasse. Então, enfiei a agulha na sua pele novamente, e recomecei a costurar. O que eu podia dizer? A verdade é sempre a melhor opção.

Que vocês roubam. Que vocês guerreiam.

Todos nós guerreamos! Todos os clãs roubam! Se não roubássemos gado, o nosso próprio gado seria roubado e nós morreríamos de fome! E, se guerreamos mais do que a maioria, é só para salvar o nosso vale. Porque os homens sempre quiseram que o nosso vale fosse deles, e vêm até aqui com suas facas para tomá-lo de nós.

Tendo dito isso, começou a resmungar.

Os Campbell, quase sempre. Sempre com um olho no bolso Eles juraram lealdade a um rei diferente do nosso.

Lá estava ela. “Rei.” Uma das minhas palavras mais odiadas. Que bem resulta em pronunciá-la?

Você nos ouviu ser chamados de papistas, não foi? Rá! Aquele clã papista de Glencoe... Não somos homens ricos, mas temos nossa raiva.

Nosso vigor. Nossa fé! — Bateu no peito. — Temos corações que lutarão até a morte, e essa é a nossa verdadeira riqueza. É, sim.

Voltou à sua posição inicial. Tossiu um pouco, enrolando-se em sua capa xadrez.

Eles me queriam morto, então enfiaram uma espada na minha cabeça. Mas eu ainda estou vivo. E os meus filhos estão com suas espadas nas mãos...

Eu não disse nada. Aquele não era o momento de começar a tagarelar.

Mas o Chefe inclinou-se para frente, bem devagar, virou a cabeça de lado e me perguntou:

E você? Quem é o seu rei?

A sala inteira se remexeu. Sua esposa falou asperamente, em gaélico, e eu me perguntava se ela também não odiava aquela conversa sobre reis. Talvez todas as mulheres a odeiem, por saberem aonde é que ela vai dar. Vão dar em seus homens montando seus

cavalos e indo embora. Tornando-as viúvas, em nome do “rei”.

Não tenho rei nenhum — eu disse.

Nenhum rei? Todos temos um rei. William está no trono. Você não julga que é ele o seu rei?

Fiquei olhando para a minha agulha. Pensei por um instante e depois disse:

Nenhum dos dois é importante. Não para mim. Nenhum deles acredita nas coisas em que eu acredito. Nenhum dos dois quer que eu esteja viva.

Os reis importam — disse ele cuidadosamente.

Não para mim.

Eles são importantes, assim como Deus. Quem, então — perguntou ele — é o seu deus?

Eu não tenho deus do mesmo jeito que as outras pessoas.

O Chefe entreabriu seu outro olho. Ficou olhando fixo para mim. Seu olhar era poderoso e quente, e o fogo chiava, e eu me perguntava como era que aquilo tinha acontecido: eu ali, nas Highlands, remendando a ferida de um chefe que tinha velas de cera de abelha nas paredes. Ele sussurrou para mim:

Nenhum deus?

Atrás de mim, Ian disse:

Ela está sozinha, senhor. Não mora com as outras.

Que outras ? — perguntei. Mas o Chefe falou mais alto:

Sem deus? Nenhum deus? — Fez uma careta. — No verão passado, cavalgamos até o Desfiladeiro de Killiecrankie, eu, meus filhos aqui, meus primos e arrendatários. Lutamos pelo Rei James, apenas com as nossas mãos, contra os casacos vermelhos e seus mosquetes. E vencemos. Vencemos! Lutamos por ele e matamos por ele, pela sua fé, a nossa fé. Perdemos Bonnie Dundee no campo de batalha, e que o Senhor abençoe sua alma, mas ele morreu por seu rei, e por Deus, e morreu feliz por isso.

Eu me sentia muito pequena dentro daquele olhar duro e azul.

Em nome de que você vive? Pelo que daria sua vida? Eu não disse nada.

Por essas suas ervas murchas?

Eu não tinha palavras. Não conseguia pensar em palavra nenhuma, e, sendo assim, disse muito calmamente:

O senhor não me conhece.

Não conheço mesmo! Eu não conheço você! E, ainda assim, você vive nas nossas terras! Nossas! Em uma casa feita de musgo e de bosta, com umas penas penduradas na porta! Você toma banho em nossos rios e rouba os ovos das nossas galinhas e agora vem me dizer que não tem um deus?

Meus olhos começaram a arder. Eu não encontrava palavra alguma

para dizer, agora. Nunca tinha sido muito boa em receber gritos.

Como se percebesse, O MacIán encostou-se novamente. Esticou a mão, pedindo mais uísque. Manteve-se imóvel enquanto eu seguia costurando e costurando, e, depois de certo tempo, me deu um sorriso torto, sagaz.

Bruxa? — perguntou. — Rá! Bruxas e escoceses... Ambos já passamos por grandes pauladas, hein?

Isso foi tudo o que ele disse.

Depois, manteve os olhos fechados e não disse mais nada. Dormia, acho, sentado em sua cadeira.

Lavei minhas mãos numa bacia. Juntei minhas ervas e soltei meus cabelos. Quando me volvei, havia dois homens em pé, junto da porta. Ambos tinham cabelos vermelhos, ambos eram altos.

Ian disse:

Alasdair vai levar-lhe de volta.

Está chovendo — disse o outro.

Então olhei para ele. Olhei para aquele homem pela primeira vez, para seus cabelos escuros, para a barba áspera e avermelhada em seu rosto e para o modo como seus cabelos caíam por cima dos olhos. Notei sua altura e largura e vi também como suas pernas eram grossas, depois de uma vida inteira de subir pelas montanhas e de cavalgar. Olhei para sua boca. Vi seus olhos, azuis profundos. Eles me olhavam por detrás dos seus cabelos, e aquele olhar era ousado, firme, diferente de qualquer outro olhar que conheci nessa vida. Era quente e forte. Mas, ao mesmo tempo, era como se conhecesse aquele olhar. Como se, de alguma forma, eu já tivesse visto aqueles olhos antes. Olhei de volta com firmeza. Então, abaixei meus olhos. E vi suas mãos. Vi sua unha arrancada e as cicatrizes na sua mão direita.

Não — sussurrei.

Ian soltou o ar, como se estivesse cansado de mim.

Está tarde, e o caminho é longo. Ele vai levar você de cavalo.

Não, senhor.

Queria ficar sozinha. Queria respirar o ar da noite. Queria andar pela chuva, só com os meus pensamentos, e lavar meu rosto em um poço, à meia-noite. Como as bruxas costumam fazer.

Eu vou andando — disse.

Ian deu um passo para o lado e me deixou passar.

A ferida terá de ser examinada outra vez? Assenti.

Dentro de um ou dois dias.

Então, estaremos esperando por você.

Saí. Passei pelas casas, seguindo para onde estava escuro e fresco. Ajoelhei-me nas margens do Coe e bebi dele, com as mãos em concha. Fiquei de pé debaixo da chuva, abaixei meu capuz e disse:

Está chovendo. — Como ele tinha dito. — Está chovendo. Está chovendo. Está chovendo...

A noite toda a chuva tamborilou no meu telhado e sobre a minha porta feita de turfa.



Nós temos dias que nos transformam. Acredito nisso.

Acredito que o mundo mudou para a Cora no dia em que sua mãe foi afogada. Também acho que o bezerro com a estrela na testa foi a causa da sua ruína e, sendo assim, transformou-a. Então, ela teve dois desses dias.

Eu? Suponho que tive uma centena deles, uns cem dias que me fizeram pensar “sou diferente, agora”, diferente do que era antes. “Norte-e-Oeste” me modificou. Aquele soldado também. Os cinco gatinhos me transformaram de algum jeito, porque pude sentir o que era certo e o que era errado tão claramente que isso me fortaleceu e me deu determinação. Os espaços amplos do Urzedo de Rannoch também me mudaram, isso eu sei. E assim fez minha égua, e sua morte. E também muitas das coisas que eu vi. A maioria delas era de coisa da noite.

O senhor. Acredito que o senhor também tenha me transformado. Até o senhor chegar, senhor Leslie, eu pensava que todos os homens da igreja queriam me ver pendurada pelo pescoço, com os meus pés balançando. Eu vivia fugindo de homens assim. Eu me acorava bem baixinho. Mas o senhor quer me ver morta? Talvez sim. O senhor é tão asseado, com seus botões e seus sapatos bonitos, de fivelas. Mas, se é isso o que sente, o senhor o esconde. O senhor vem se sentar aqui, nessa cela, o que é bem mais do que os outros costumavam fazer.

Sim, o senhor me transformou. A Gormshuil disse “ele virá” e veja só: o senhor veio.

Aquela noite também me transformou.

Aquele ferimento, e o cachorro dormindo perto da lareira e aquelas velas em seus castiçais de prata, nas paredes com painéis de madeira...

“Está chovendo” e “quem é seu rei?”, tudo isso me transformou. Tornou-me melhor. Tornou-me o que eu sou.

E o que eu sou? Alguns talvez digam: uma rapariga solitária, com cabelos cheios de gravetos e o diabo parado bem ao lado. Uma miserável. Um des-perdício de vida e de ar. Mas eu não sou nada disso.

No dia seguinte à minha primeira visita àquela casa, eu me deixei vagar. Andei sem rumo em direção ao Sul, atravessando os cumes de ventania, e depois desci. Encontrei outro vale. Seu lago, de tão imóvel,

era como vidro. Seus peixes eram tantos que nadavam diretamente para dentro das minhas mãos, e consegui pegar alguns deles para comer e também para guardar para os meses de inverno. Mas a maioria eu deixei passar, nadando. Sentia suas nadadeiras tocando minhas mãos. Via seus tons de rosa e dourado.

“Que grande presente”, pensei, na beira da água. “Todos os dias.”

E, ao entardecer, arrastei minhas saias de volta para minha pequena cabana, e encontrei duas galinhas ali. Duas. Ciscando na terra, bem perto da avelãzeira.

E assim, talvez, eu passasse a ter meus próprios ovos. Um “muito obri- gado” ou um “me desculpe”, em forma de penas marrons.



Fui feita para os lugares, como o senhor sabe. O MacIan havia me pergun- tado:

Pelo que você daria sua vida?

E eu não tinha dito nada. Mas naquele instante, enquanto o costurava, poderia ter dito, acho eu:

Por este mundo. Pela gentileza. Pelos momentos simples, diários, que deixamos de perceber, embora não devêssemos: uma panela fervendo, o modo como uma flor hoje está mais aberta do que no dia anterior. Porque realmente amo esses momentos. E amo os lugares como os pântanos e as cavernas.

Eu teria dito isso tudo, se tivesse coragem. Se as palavras tivessem vindo.

Mas não disse. Nunca. O que eu disse, no fim das contas, foi apenas uma palavra. E foi mais tarde. Ao lado do meu fogo, eu respondi: “Ele.”

Eu sei. Foi tão cedo, Senhor Leslie, e tão de repente.

Mas, com os meus joelhos encostados no peito eu sabia, eu já sabia: “Ele.

Ele. Ele.”

Meu amor,

Agora nos encontramos plenamente em Glencoe, a prisioneira e eu.

Custou-me sete noites, e, enquanto escrevo, tenho me sentado em um banquinho que incomoda minhas costas. Porém, ela agora começa a desvendar o vale para mim, e desvenda também os homens e mulheres que, talvez, já estejam mortos, ou então denegridos. Não importa que eu me encontre na semiescuridão, e ela, sentada sobre palha molhada. Ela foi capaz de expor o vale para mim com todas as suas neblinas e colinas de um modo que me senti como se ali estivesse, de pé em cima das suas rochas.

A prisioneira fala bem. Certa vez, cheguei a julgar que falava demasiado; de uma forma excessivamente ornada, deveras descuidada.

É certo que pode falar apressadamente. Mas mesmo aqui, Jane, em minha mesa, julgo ouvir aquela chuva.

Ela fala sobre os MacDonald. Mais ainda, fala sobre O MacIain, que é muito conhecido aqui nesse país. Caso não tenhas ouvido falar nele (o que acredito que seja o caso. Por que razão o teria? A fama de bem poucos homens alcança nossa pequena vila, não é verdade? E que ela assim se mantenha, por longo tempo, minha Glaslough das sebes, dos passarinhos e da falta de confusão), então me deixa contar-te que se trata do pior de todos. Foi o responsável por verdadeiras carnificinas, nas terras dos Campbell, e costumava atacar os barcos que se encontravam ancorados ao largo da costa Oeste. Ouvi dizer que é um homem de tamanha selvageria que chegava a tomar sua bebida nos crânios de seus inimigos. Alguns rumores são mais verdadeiros do que outros, é claro. Porém, quanto aos seus feitos em batalha, bem como à lealdade que inspirava, não me restam dúvidas. E nem ao fato de que era um homem extremamente alto. Ouço falar que era um gigante.

Não encontrei uma única pessoa, aqui em Inverary, que não o temesse. E no entanto — no entanto! — Corrag conta-me que salvou a vida dele, de certa maneira. Contou-me, Jane, que, depois de uma luta, foi convocada para costurar uma ferida em sua cabeça. E conta que ele lhe teria dito:

— Conserte-me, ou será você quem irá precisar de conserto.

Palavras brutas vindas de um homem igualmente brutal. Ao que parece, ele pôs-se urrando a respeito de reis e de religiões, e tenho ouvido falar (como, aliás, toda a Escócia) o quão Jacobita ele era. Ele e o seu clã. Não hei de contar-te o modo como ela o remendou, pois ficou mencionando aquelas ervas pelas quais ela vive. Mas realmente o costurou. E eu sempre

me admirei diante de quanta coisa pode ser salva, ou melhorada, com um ou dois pontos de costura. Ao menos preciso chamá-la de corajosa. Pequena, bem-intencionada, e corajosa.

Jane, as ervas. De que maneira devo encará-las? Pois sempre considereei feitiçaria o fato de ir buscar a cura pelas plantas. E, no entanto, certa vez ela me disse que, se as ervas foram feitas por Deus, então suas propriedades devem ser dons de Deus e não podem, assim, conter mal algum em seu interior. Encontro razão em suas palavras. E ainda não ouvi relato de que teria machucado uma única criatura sequer, com exceção das que precisa como alimento; além do mais, toda vez que menciona um peixe que precisou defumar, parece arrependida. Sinto, em suma, que se trata de uma boa pessoa.

Quanto aos meus deveres, estou me tornando deveras bem-informado. Meus papéis agora são inúmeros, pois preciso anotar muito do que ela diz e, como tu bem sabes (e podes notar), minha caligrafia nunca foi tão pequena quanto o desejava meu pai. A cada noite, antes de me deitar, releio as palavras do dia. Pois elas pintam um quadro daqueles homens para mim, além de me dar a ver as Highlands e sua própria vida. Corrag mencionou um ataque a Glenorchy, e sei tratar-se da verdade, pois já ouvi falarem sobre isso, em Stirling. Foi uma pilhagem ampla e violenta. Parece ser seu modo de ação, pois tive conhecimento de que certo Vale de Lyon também teria sofrido coisa semelhante, e pelas mãos deles. Segundo o que ouvi, naquele vale

nem uma única casa foi poupada das chamas. E, além do mais, esse crime teria sido cometido no final do ano, uma época desafortunada para sofrer tamanho revés. A parte Oeste das Highlands dá a impressão de estar repleta de brigas, ataques e iniquidades.

Consegui anotar alguma coisa sobre os filhos de Glencoe. O MacIan tinha dois, Jane, ambos com os cabelos vermelhos e cheios de energia. Escrevi (posso vê-lo agora, enquanto te escrevo) “terão sobrevivido àquela noite?”.

Pois quem o saberá? Ninguém, certamente. Tenho cá comigo que ambos hão de ter perecido; pois, caso contrário, não teriam sido caçados? Não teriam sido mortos? Não há como negar o desejo de William de que o clã inteiro fosse dizimado, a linhagem, perdida.

Há um mês, Jane, chamar, como ela o fez, uma montanha de “Crista Igual a Uma Igreja” seria aos meus olhos algo próximo da blasfêmia. E eu a teria condenado por isso. Mas ela falou nisso de modo muito afetivo. Sua visão é deveras afetiva, no modo como vê e sente tudo aquilo que nós, praticamente, nos esquecemos de ver e de sentir. Disse-me ter se sentido humilde diante daquela crista, do mesmo modo que se sente diante de uma igreja.

Grandiosidade foi a palavra que usou. Pode não ter consciência disso, mas ela possui sua própria espécie de devoção. De fato, ela se expressa

melhor do que certos homens da minha profissão, os quais eu poderia mencionar.

Que criatura simples ela é! E quão solitária...

Senti que caminhávamos pela crista, ela e eu. Nos dias claros, vemos águias.

Charles

III

*“[Suas folhas são] mais largas na base do que nas pontas,
levemente serrilhadas nas bordas e de um verde tristonho, além
de repletas de veias.”*

sobre o Hissopo de Sebe

Há sempre o pensamento, em mim, de que o senhor não voltará. Mesmo agora. Mesmo agora, quando conversamos como amigos, ou quase isso. Não penso mais que o senhor irá cuspir em mim, nem me furar. Confio no senhor, agora. Mas vejo-o vestindo seu casaco, ao anoitecer, e afivelando sua bolsa, com seu tinteiro e seu livro bom, e fico pensando que pode ser a minha última visão do senhor. Que o senhor não vai voltar.

E, sendo assim, fico feliz sempre que volta. Volta para mim. É uma coisa boa, e quantas coisas boas existem nessa vida, na vida de um traste que está esperando pela morte? Não muitas. Tenho lá os meus consolos, mas eles são, na maioria, lembranças. São minhas próprias consolações, que eu preciso encontrar e trazer de volta. O modo como o senhor precisa se abaixar para poder entrar na minha cela é um consolo para mim. E devo confessar que nunca pensei que um homem da igreja pudesse me aliviar de algum modo, mas o senhor faz isso. E quero que saiba.

Pensei nisso ontem à noite. E disse para a palha e para a aranha pendurada em sua teia que, se o senhor voltasse para mim, eu lhe contaria. Disse a elas que o senhor é um conforto. E que me sinto feliz toda vez em que o vejo entrar.

O senhor está cansado. Fico preocupada em estar lhe contando as coisas erradas. Eu estou? Contando ao senhor as coisas erradas? Falando demais, ou não o suficiente? Posso correr até o final, se o senhor o desejar, e o senhor poderá ir dormir ou então seguir o seu caminho, e eu entenderei. Não irei considerar isso como uma quebra de promessa. Porque eu aprendi, com os MacDonald, sobre a intensidade das paixões que ardem dentro de um homem. Quanta avidez pode haver dentro deles, pelo “rei” e pela “fé”.

Quando os conheci melhor, e passei a me sentir como um deles, ou

quase, ouvi o arrendatário de Inverrigan rezando pela volta de James, antes mesmo de rezar pela saúde da sua própria família. Como se James fosse mais importante. Mas, talvez, James fosse mesmo. Porque aquilo em que acreditamos é o que nos dá forma, e dá forma também às nossas vidas. E Angus MacDonald de Inverrigan, com aquele seu rosto sardento, acreditava que o mundo todo iria se iluminar se um Stuart estivesse no trono. Que a volta de James curaria sua família dos calafrios e das dores. E, assim, de joelhos e com os olhos fechados, ele dizia:

— Levai James de volta ao seu trono e lançai a luz dos Stuart mais uma vez sobre a Escócia, para que expulse toda a escuridão.

O senhor me pergunta: “O que é Inverrigan?”

Era um punhado de casas. Era feita de alguns lares na floresta, perto do Coe. Era assim que os MacDonald de Glencoe viviam, senhor, não em um só povoado, mas em vários pequenos. Cada um deles tinha um nome. “Achnacon” era formado pelas casas que ficavam próximas à curva do rio, no lugar onde diziam que o guerreiro Fiann antigamente mantinha seus cães de caça. “Achtriachtan” ficava no fundo do vale, perto do lago onde dormia um touro d’água; e esse touro emergia nas noites de lua cheia e vinha pastar do lado de fora, sacudindo a água do corpo. Não era verdade, é claro. Um erva-de-touro? Mas as lendas podem se tornar tão fortes que dão a sensação de serem a verdade. E os homens de Achtriachtan sabiam contar suas lendas muito bem. Eram chamados de “bardos” e “poetas” e se sentavam perto das fogueiras. Tinham uma canção para Killiecrankie e outra para sua família, que tinha lutado em Montrose, e outras, ainda, contra todos os Campbell. E também baladas sobre o local de onde haviam vindo. Porque todo Highlander sabe de onde veio. E todas eram canções gaélicas, de modo que eu não saberia cantar nenhuma delas para o senhor. Mas talvez possa cantarolá-las.

“Carnoch”, também. Esse era o maior punhado de casas. Ficava perto do mar, de frente para o sol poente, e tinha um cheiro salgado. A casa d’O MacIlan ficava ali. Seus filhos moravam ali por perto. Era um bom lugar para se estar, senhor Leslie.

Eu disse “era”. “Era” um bom lugar. Porque nenhum daqueles lugares existe mais, agora.

E me entristece muito dizer isso. E pensar nisso, também. Mas a última vez em que vi aquelas casas, estavam pegando fogo. Estavam em chamas, no meio da neve, e completamente negras de tanta fumaça. Soldados corriam de uma para a outra, perguntando: “Sobrou alguém? Sobrou alguém? Não pode sobrar nem um deles!”

Na floresta, em Inverrigan, havia nove pessoas do lado de fora, enfeixadas e mortas. Os flocos de neve estavam caindo por cima das suas sardas. A neve ia deitando sobre seus olhos.

Mas onde eu estava, mesmo, na minha história? Tinha acabado de coser o rosto do Chefe, acho eu.

Ainda consigo vê-lo. Seu nariz e seu dente a menos. Está morto, agora. Atiraram nele dentro do quarto, enquanto estava se vestindo para encontrar seus hóspedes. Ele estava ordenando que mais vinho fosse trazido para eles, pois sempre dizia:

— Eu não sou um bom anfitrião, Corrag?

E, quando virou de costas, eles o acertaram. E, assim, ele está morto. Foi embora.

Mas, dois invernos atrás, ele ainda estava vivo. E eu caminhava pelos picos de inverno de Glencoe, usando minhas mãos para subir até as rochas e deixando minhas pegadas e marcas na neve fina. Lá de cima das Três Irmãs, podia ver o mundo inteiro, ou assim me parecia. Para o Norte, por cima da Crista Igual a Uma Igreja, podia enxergar pico atrás de pico. Neve atrás de neve.



Fui até Carnoch com a minha capa bem amarrada, e os pés enrolados em pele de coelho, porque o gelo naquela época era pontudo como faca. Levava minha ervas amarradas no corpo, e meu hálito formava nuvens. Tinha passado a noite inteira desfazendo os nós dos meus cabelos. Tinha penteado os cabelos com um cardo e esfregado bem o rosto.

— Fique calma — dizia a mim mesma, enquanto seguia andando.
— Fique calma e seja gentil.

A vila parecia menor à luz do dia. Menor e mais enlameada. Através da neblina, via rostos que vinham para me olhar. Para olhar os meus olhos cinzentos, o meu jeito pequenino. Cachorros rosnavam. Crianças gritavam, me chamando.

A senhora da casa atendeu quando bati na porta. Seu cabelo parecia mais grisalho, na luz do inverno, e seu rosto tinha mais rugas. Ela olhou lá de cima para mim. Entortou a cabeça, como se dissesse: “Mas quem.?”

Então ela entendeu. E sorriu. Para mim. Ela sorriu para mim, e quando foi que isso tinha acontecido? Não conseguia me lembrar de alguma vez terem sorrido para mim.

— Corrag — disse ela. — Ele está melhor. Venha.

O Chefe estava sentado na mesma cadeira, como se nunca tivesse se levantado ou saído dali. O cachorro ainda dormia com a cabeça sobre as patas. Ainda as velas queimando, e ainda o fogo ardendo na lareira, de modo que eu poderia até pensar, “Será um sonho? Tudo está igualzinho”.

Alguém disse umas palavras em gaélico.

Então ele disse, naquela sua voz-de-barril, funda:

Ah! Minha enfermeira chegou.

Ele tinha uma cor que antes não estivera ali, um tom rosado nas bochechas. Seus olhos, que haviam estado vermelhos, estavam claros, agora. Abaixei minha cabeça. Quase fiz uma reverência, porque como é que se cumprimenta um homem tão alto e tão forte, e com uma voz daquelas?

Sente-se — disse ele. — Tire esse maldito pano da minha cabeça e me diga o quanto estou melhor.

E fiz exatamente isso. Eu me acomodei ao lado do cachorro, perto dos joelhos d'O MacIlan. Esticando os braços bem para cima, fui desenrolando o cataplasma de erva-de-São-Lourenço e cavalinha e olhei. Os pontos estavam muito pretos e não exatamente perfeitos, mas tinham segurado o corte. A pele ao redor era de um azul de tinta, por causa dos machucados, e ainda estava inchada em algumas partes. Mas não havia nada de amarelo nem de preto. Não vi e nem senti cheiro de infecção ali, e assim me sentei de volta, afastando-me dele. Dei um sorriso.

Parece melhor — disse eu — do que estava antes.

Rá! Melhor? Minha cabeça tinha sido cortada ao meio. Se estivesse parecendo pior, eu seria um homem morto.

Está inchada e parece bem machucada. Mas cheira como deveria, e já posso ver uma casca se formando.

Casca?

Isso é bom. Ela vai trançar a pele e uni-la.

Lady Glencoe e eu preparamos um novo cataplasma ao lado da lareira. Ela pressionou as ervas para que o sumo saísse. Eu me perguntava se ela já tinha levado “bruxa” na cara, pois tinha o ar de quem sabia das coisas, e podia mexer com as plantas.

O cachorro espreguiçou, girou e acomodou-se novamente.

Obrigada pelas galinhas — eu disse.

Ah. As galinhas. Você agora não precisa mais pegar os ovos da minha prima...

Meu rosto ficou vermelho.

Não.

Eu sou O MacIlan — disse ele, sacudindo o braço —, que mata e esmaga com o porrete, como dizem por aí. Mas também tenho um coração. Não sou falto de gratidão, onde a gratidão é devida.

Ele me deixou aplicar o cataplasma sobre a ferida e fechou os olhos.

E me pergunto se você não terá me salvado, na outra noite, Sassenach. Sei que a ferida foi profunda e já vi homens morrerem por menos do que isso. Já tive minhas escaramuças antes e sobrevivi. Mas não sou mais um garoto, e aquela ferida... — Ele abriu os olhos. —

Reconheço que fui rude com você. Sei que fui.

O senhor tem sentimentos fortes.

Sim, tenho. — Endireitou as costas. — É verdade. Mas aquele não era o momento de mostrá-los. As galinhas são um presente.

Assenti. Sabia que aquele era o seu modo de dizer “desculpe-me”, o modo de um homem orgulhoso, o que significa não dizer as palavras exatamente, mas ficar dando a volta nelas.

Obrigada.

Sim — disse ele. — Agradeça ao meu filho. Foi ele quem as levou para você. Saiu em um tempo desses, com uma galinha se debatendo em cada uma das mãos. Deixou sua mulher e sua lareira para subir até as alturas com aquela tempestade descendo Mas é assim que ele é. Esse sempre foi o jeito

dele: impetuoso ao ponto da loucura. Mas ele irá aprender. Ou, então, irá morrer disso. Uma das duas coisas, ou ambas.

Eu ouvi o que ele tinha dito. Enquanto ouvia, pensava na rapidez do Ian comigo, em seus afiados olhos de lince. Então falei:

Sou grata ao Ian por isso. Vou tomar bastante conta daquelas galinhas.

O Chefe balançou a cabeça, tomando um gole de sua taça. Depois de engolir, disse:

Foi o Alasdair que levou as galinhas. E então, estou curado?

Não respondi. Guardei minhas ervas e disse a ele que voltaria dentro de uma semana ou pouco mais para tirar os pontos. Mas ele esticou as costas na cadeira. Sentado, ainda era mais alto do que eu.

Você vai voltar antes disso — disse. — Você vai vir comer aqui. E beber. Quero saber mais sobre minha enfermeira inglesa. Sobre tudo o que ela sabe. Você vai voltar antes disso.

Dei um passo atrás e comecei a fazer ruídos como uma criança insegura.

E eu não estou pedindo — disse ele.



Pensei: “Vá para o alto, vá para o ermo.” Porque eu não conhecia outra maneira. Sempre tinha sido de lugares, e sabia como os lugares eram. E, assim, segui até os lugares que sabia que iriam me acalmar: vento, água caindo. Sentei, muito quieta, sobre a neve fina e úmida e fiquei sentindo os flocos caindo por cima de mim. Pensava: “Ele deixou sua lareira. Deixou sua mulher.”

Você é dos lugares, Corrag. Não das pessoas. Lembre-se disso.

Mas, conforme descia, seguindo pela trilha que levava até a minha cabana, encontrei um punhado de penas marrons flutuando na neve. Parei. As penas esvoaçavam devagar, e então pensei “são penas das

minhas gali- nhas”, porque eram daquela mesma cor marrom e tinham a mesma maciez. Eu me ajoelhei e toquei nelas. Pressionei uma delas de encontro à palma da mão. E soube que Alasdair tinha vindo por aquele caminho.

Eu gostava daquelas galinhas. Gostava, sim. Tinham uma natureza gentil e costumavam inclinar suas cabeças para me olhar. Seus ovos eram grandes, com casca cor de creme.

Ao entardecer, servia um pouco de grãos para elas. E, certa noite, enquanto as observava fazendo “pec, pec” e abrindo as asas, pensei: “Grãos...” Eu não tinha muito mais deles. Havia juntado umas cabeças de semente durante todo o outono, e aquilo tinha servido bem para alimentá- las. Mas não iria durar. E eu não tinha muita coisa — só as minhas ervas, que eram para curar, e não para comer. Olhei ao redor. Uns poucos peixes defumados pelos beirais e alguns cogumelos. Uma ou duas frutinhas velhas. Eu não estava preocupada comigo mesma, porque podia viver quase que de brisa. Mas aquelas galinhas tinham sido um presente. Era meu dever cuidar delas, agora. Não queria vê-las com fome.

— Vou tomar conta de vocês — disse a elas.

Fiquei conversando com as galinhas por um tempo. E, como estava falando, não estava ouvindo nada. Estava pensando nas galinhas, e em nada mais.

Então, senti um cheiro. Havia o cheiro da minha fumaça de turfa, e também das ervas, mas havia ainda um outro cheiro. Ele entrava rapidamente, como se estivesse sendo soprado para dentro da cabana, e as gali- nhas fizeram uma careta, assim como eu. Todas nos viramos.

“Podridão”, pensei.

Era o fedor de uma planta apodrecendo, ou, talvez, de alguma carne que vermes tivessem encontrado.

Fui até minha porta, pensando que algum animal talvez tivesse morrido do lado de fora, na geada matinal, e eu estivesse sentindo o cheiro da sua morte. Se fosse isso, eu teria que cuidar daquilo de algum modo. Saí.

Uma mulher estava em pé do lado de fora.

Fiz algum som, acho, porque não tinha escutado nem um passo, nem mesmo o barulho das saias no chão. E olhe que, na geada, todos os sons são ouvidos! Até uma folha caindo. Ou um passarinho limpando as asas. Comecei a dizer:

Como foi...?

Diga o seu nome — foi o que ela me disse.

Eu a encarei. Fiquei olhando para sua altura e sua magreza. Fiquei enca- rando-a e me perguntando sobre sua idade, mas não saberia dizer. Estava desgastada e cheia de rugas, mas rugas podem enganar.

Dizem mais a res- peito do modo como a pessoa viveu, e, sendo assim, continuei a encará-la, olhando para seus cabelos à procura de algum fio branco. Mas ela não tinha muito cabelo. Notei o xale de lã, nojento. Além do mais, ela tinha uma boca toda contraída, como se fosse feita para cuspir. Eu conhecia bem seu tipo, ou ao menos era o que pensava. Figura lamentável.

Diga o seu — respondi.

Ela apertou os olhos. Suas unhas se agarravam naquele xale de lama e limo. Eu não conseguia ver seus dentes, de tão franzidos que eram seus lábios, mas apostei um centavo que deveriam ser uns cacos. Ah, sim, eu conhecia aquele tipo. Era o que o povo vê, quando ouve “bruxa”: uma coisa suja, sem modos, aterrorizante. Era o que fez nascer a palavra “bruxa”.

Eu não ia dizer o meu nome a ela. Fiquei esperando.

Eu a conheço — disse ela, aquele pássaro de olhos brilhantes.

E eu conheço você.

O que era mentira. Eu não a conhecia. No entanto, achava que a havia pressentido. Tinha pensado. Tinha certeza de que não podia ser a única alma viva a me esconder naquele lugar.

Ela não vive com as outras — Ian dissera ao seu pai, à luz das velas de cera de abelha.

E eu tinha ouvido aquilo, enquanto o costurava. E havia me lembrado, agora. “As outras.” Essa mulher.

Aquela criatura ossuda, com cheiro de latrina, veio andando na minha direção. Passou por mim, abaixou sua cabeça e se enfunou na minha cabana.

Comecei a gritar. Eu a segui, dizendo:

Essa casa é minha! Você não pode entrar na minha casa como se fosse sua!

De tão alta que era, ela não conseguia ficar totalmente em pé dentro da cabana. Mas estava tentando. Esticou-se toda, até seu cabelo, repleto de folhas, tocar no teto. O peixe que eu tinha posto para secar ali soltou algumas escamas.

Ah. — fez ela. — Ervas.

Como Ian tinha dito. Como se a única coisa que importasse naquele vale fossem as ervas.

Sim — eu disse, secamente.

Quais?

Quais?

Ervas — disse ela — Quais ervas?

Pude ouvir sua voz perfeitamente, então. Tinha um sotaque suave e escocês. Ela falava como os MacDonald. Como se o inglês não fosse sua língua de nascença. Como se tivesse aprendido aquelas palavras.

De onde você é? — perguntei.

Tem meimendro?

De onde — insisti — é você? Diga-me. De onde você vem e onde é que está vivendo agora?

Ela ficou me olhando. Talvez fosse a luz do fogo refletindo nela, ou então o modo como precisava se manter curvada, como uma velha, mas me pareceu menos amedrontadora naquele momento. Mais humana. Percebi uma tristeza nela, por um instante. Como a sombra de um pássaro, a tristeza passou esvoaçando sobre ela, e se foi.

Moy. Num fica perto daqui. Assenti.

E agora?

Lá no que eles chamam de “o buachaille”. A pedra pontuda no Leste. Eu a conhecia. Era a montanha negra, com seu cimo coberto de nuvens,

que ficava a Leste do vale. Era o lugar onde eu tinha pisado em uma ponta de flecha e onde vira uma águia pousada em um galho de amieiro, arrumando suas penas com o bico.

Não perguntei a ela o que estava fazendo ali no vale. Nem o motivo por que hoje em dia não estava naquele tal lugar chamado Moy. Pensei: “Ela está se escondendo.” Porque a maioria das pessoas que vivem sozinhas que eu encontrei na vida estão se escondendo, se escondendo de outras pessoas.

Tem meimendro?

“Rá!”, pensei. As pessoas só querem meimendro por conta do que ele provoca: entorpece a cabeça e as faz sonhar acordadas. Eu nunca quis isso. A Cora tinha me contado. Tinha dito que, se você experimenta, aquilo passa a ser seu dono. Que você vai ficar buscando por aquilo, outra e outra vez.

Apesar da sua boca enrugada e do seu mau cheiro, senti pena dela. Pensei “pobrezinha. Viver assim, desse jeito”. Agarrada àquele xale, procurando aquela erva.

Eu tenho meimendro.

Seus olhos se escancararam e um sorriso-de-cacos-de-dente apareceu.

Então, senhor Leslie, ali na minha cabana, em um dia de inverno, dei a uma mulher chamada Gormshuil um punhado de meimendro negro. E ela tremia ao pegá-lo, e sussurrava para ele como se aquilo pudesse ouvi-la:

Sim...

Mas eu não lhe dei o meimendro de graça, não, senhor. Fiz um preço pela erva. Pedi a ela um pouco de grão com o qual eu pudesse alimentar minhas galinhas e que pudesse usar para fazer um caldo.

Ela fez uma careta.

Grão?

É uma troca justa — disse eu. — Grãos são mais fáceis de encontrar

do que meimendo. Isso eu lhe garanto.

Fiquei vendo-a partir. Ela não fazia um ruído, e logo a neblina baixou e a levou embora. Pensei: “Não vou receber grão nenhum em troca disso.” Porque, afinal, o que havia de confiável nela? Duvidava até que comesse. Duvidava que pudesse encontrar qualquer alegria no mundo, qualquer beleza ou, ainda, que fosse capaz de tratar bem as pessoas. E duvidava um pouco de que ela tivesse estado ali, de tanto que se parecia com um fantasma. Mas seu cheiro tinha ficado no ar.

E eu ganhei meus grãos, afinal.

Dois dias mais tarde, Gormshuil veio até a mim com aqueles seus olhos de peixe morto e um saco nas mãos. Havia grãos lá dentro. Olhei para o interior do saco, sorri e, quando olhei de volta para ela, para lhe agradecer, ela já tinha sumido, e havia um corvo no seu lugar. Algumas pessoas dizem que as bruxas mudam de forma e se transformam em animais, conforme a sua conveniência, mas sei que isso é uma mentira. Sei que não pode ser feito. Isso é só quando os próprios ossos não sabem se comportar, ou quando a doença da queda aparece, e as mulheres começam a se contorcer. Mas o corvo tinha um ar conhecido. Virou a cabeça de lado, grasnou para mim duas vezes, e imaginei que aquilo fosse um “muito obrigada”. Ou então um “viu? Aí estão os seus grãos”.

O corvo alçou voo. Fiquei olhando-o voar. E, quando baixei os olhos para o chão e vi suas pegadas, desejei que não fossem as pegadas dela, mas, sim, de outra pessoa.



Diga o que quiser. Diga “velha feiticeira”. Ela parecia mesmo uma e tinha aquele mesmo cheiro. Era uma criatura velha, metade humana, que combinava com o tempo de inverno. Não do mesmo modo que eu, porque Gormshuil não era nascida no inverno e nem via beleza nenhuma em uma árvore completamente sem folhas. Não. Ela combinava com o inverno porque não possuía nenhum broto verde dentro dela; nada de esperança, nada de amor, nada de sonhos. Era tão magra quanto o gelo fino. E tão dissimulada quanto ele.

Eu, às vezes, dizia a mim mesma que um dia ela tinha sido criança. Filha, esposa.

— Alguma vez — dizia às minhas galinhas — ela foi feliz. Alguma vez.

Preciso me lembrar disso.

Mas, do mesmo modo como é difícil ver um campo invernal e lembrar-se de como ele fica na época das flores, assim era com Gormshuil.

Por que estou falando sobre ela? Porque ela viveu. E porque, ao viver,

alterou o mundo, como todos nós fazemos. E, depois, quem mais existe que possa falar sobre ela? Sendo assim, eu falo. E, com o tempo, talvez o senhor também vá falar. Pois ela teve seu papel naqueles assassinatos, senhor. Vale a pena anotar o nome dela.

Nós todos temos histórias, e as contamos, e as trançamos às histórias uns dos outros. É assim que acontece, não é? Mas a Gormshuil não falava sobre a própria história. Era malcheirosa e solitária, e quando penso nela vejo meimendro nos seus dentes. Ela vivia em uma montanha pontuda. Acocorava-se perto do fogo, junto com duas outras mulheres, cujos corações tinham se fechado e que já estavam praticamente loucas. E que vida era aquela? Uma vida bem mais triste do que a minha. Muito mais. Cheia de sonhos antigos.

Gormshuil de Moy. O senhor irá ouvir muitas coisas a respeito dela, e todas elas, ruins. Mas são poucas as pessoas, senhor, que são completamente más.



Aquelas noites de inverno... Eu olhava para aquelas encostas gigantescas de pedra nevada que cresciam ao meu redor e reparava em suas cores fantasmagóricas: cinza, preto, azul. E, então, entrava em casa, onde o fogo ficava conversando consigo mesmo. Mas ainda podia senti-las. Ali dentro da minha cabana, ainda tinha consciência das montanhas olhando lá de cima para mim. Podia sentir toda a sua altura e escuridão. Refletia sobre sua idade, sobre tudo o que já tinham visto. E, enquanto me aninhava perto do fogo, pensava: “Elas brilham.” Como se estivessem vivas. Sua neve cin-

tilava, e seu hálito era frio de gelo.

Existem pessoas que odeiam ideias desse tipo. Mantêm-se longe das montanhas, como se as montanhas fossem lhes fazer algum mal. Mas o que digo a mim mesma quando vejo uma montanha, ou um céu estrelado, ou qualquer coisa natural que parece grande demais para que eu possa aguentar, é:

— O que quer que tenha feito isso, fez a mim, também. Eu sou igual- mente especial. Nós fomos feitos pela mesma coisa...

Chame a isso de “Deus”, se o senhor preferir. Chame a isso de “acaso”, ou então de “natureza”, não importa. Tanto as montanhas de Glencoe quanto eu somos reais, e estamos aqui. Tanto a lua, que está cheia, quanto o senhor, senhor Leslie, estão aqui. E brilham, essa noite.

Nos dias seguintes à Gormshuil com seu saco de grãos, vi Alasdair novamente. Eu estava no alto da montanha, olhando lá para baixo. Ele estava perto da minha cabana, e então deu uma volta ao redor dela, como se eu pudesse estar me escondendo ali. Por uns instantes,

ficou parado, pensando. Não estava carregando espada, nem nenhuma galinha. Era só ele, com sua manta xadrez e seu cabelo vermelho-escuro.

Lá do meu esconderijo, fiquei observando-o ir embora. Ele desceu andando pela ravina e voltou para Glencoe. Eu podia ver as marcas que tinha deixado na neve.

Então eu desci.

Toquei a pedra que o tinha visto tocar. Fiquei ouvindo os sons que ele tinha ouvido — o riacho, minhas galinhas — e pensei: “Volte para mim.”

Meu amor,

Por ora falarei um pouco mais a respeito do ferreiro, pois ele me tem dado uma bela quantidade de informação, a qual venho anotando. Boa parte dela revelar-se-á de interesse para meus irmãos Jacobitas, em Londres, Edimburgo, e além. Escrevi durante toda a tarde, e ainda um pouco mais depois do meu retorno da prisão. Minha mão no momento está um tanto dolorida, mas não a ponto de impedir-me de enviar meus pensamentos e todo o meu amor para ti.

Amor, o cavalo está ficando curado, isso eu te asseguro. De fato, tenho a impressão de que gostou de sua temporada na ferraria, pois agora demonstra uma curiosidade que não reconheço. Vasculhou meus bolsos com os lábios, o que nunca fizera anteriormente. Talvez o homem (ou uma de suas crianças? Creio que ele tem muitos filhos) venha tentando conquistá-lo com folhas de menta. Não é algo que eu aconselharia, mas esse é um bom cavalo e tem me servido bem até agora.

Se acaso alguma criança conquistou meu cavalo, terei eu conquistado também o pai dessa criança? É possível que sim. Parece haver muito tempo desde que encontrei um homem tão honesto, humilde e amigável quanto esse. O ferreiro esforçou-se por limpar o banquinho antes que eu me sentasse nele, como se eu fosse um hóspede importante, coisa que, claramente, não sou.

Sou apenas eu mesmo. Entretanto, fui bem tratado, e em um clima e em uma época como os atuais sinto-me grato por isso.

Cumprimentei-o por seu trabalho, pois o cavalo parece consideravelmente mais feliz com sua pata do que anteriormente. E ele agradeceu-me. Então disse:

Sinto orgulho do que faço. Reinos podem ser ganhos ou perdidos pela ferradura de um cavalo.

De fato — respondi. — O orgulho de um homem por seu ofício é sinal de sua devoção a Deus. Sempre tenho dito isso.

Ele ficou girando uma peça de ferro brilhante ao fogo e disse:

Mas não demasiado orgulho, senhor. Pois isso também pode tornar-se um pecado.

Um pecado mortal, como sabemos.

Balançamos nossas cabeças, concordando com aquilo, e nos quedamos refletindo sobre o assunto por mais alguns instantes.

O Chefe daquele clã era famoso por isso. Por seu orgulho. Por tê-lo em demasia. Porventura tereis ouvido falar?

Não, senhor — eu disse.

Og — ele retirou o ferro do fogo — era um homem muito orgulhoso.

O orgulho foi o que o matou, no final. Contar-vos-ei.

Orgulho? Era minha impressão que tinham sido os roubos e assassinatos que o mataram. Que fora punido pelos soldados por uma vida inteira de barbáries.

A maioria das pessoas pensa assim — disse ele. — E é certo que a selvageria daquele clã foi o que acabou sendo o seu fim. Mas o orgulho dele, senhor... O MacIan foi um homem orgulhoso até o fim. Recusou-se a jurar fidelidade a um Campbell, e foi isso o que deu cabo dos seus homens.

Perguntei-lhe sobre o tal voto de fidelidade. Pois já escutara sussurros a esse respeito, Jane, mas apenas isso. E, nesse ponto, senti que poderia descobrir muito mais sobre o assunto.

Um voto. De fidelidade. Não ouvistes falar nele? Então, dando de ombros, continuou:

Foi o rei William quem o ordenou. Ele pode ter lá suas loucuras, mas não é nenhum bobo. Sabe muito bem a quem os Highlanders servem e sabe também que tramam contra ele. E, assim, ordenou que um voto de fidelidade fosse feito, aqui em Inverary, até o primeiro dia de janeiro.

Deu ordem para que todos os clãs rebeldes jurassem fidelidade a ele e a ele apenas. E que confessassem seus interesses Jacobitas.

Inclinei-me para frente.

E se um clã não o fizesse?

Seriam considerados traidores e sentiriam a força do rei em toda a sua intensidade. E, como o velho chefe MacIan jamais juraria coisa

alguma, além de ódio a um Campbell, ele cavalgou até Inverlochy, em vez de Inverary. Era o lugar errado. Nenhuma jura poderia ser feita ali...

Nesse momento, levantei-me. Fiquei de pé e me aproximei do homem.

Então eles não fizeram voto algum? Os MacDonald foram mortos por não terem feito um juramento?

Eles juraram, senhor. Juraram, sim. Mas — balançou a cabeça — o fizeram com seis dias de atraso.

Viste? Descubro mais e mais a cada dia. Descubro mais coisas a respeito desse país, de suas leis e costumes. Mais a respeito de William. E nada do que descubro está a seu favor. Tudo nos favorece.

Quão odiada aquela tribo de Glencoe devia ser para ter sido dizimada de tal maneira! Quão forte e impressionante aquele povo deve ter sido para ter conquistado tamanho ódio! Posso apenas imaginar que tenha havido sorrisos em Londres e Edimburgo quando ouviram falar desse atraso ao fazer o juramento. Pois não seria isso uma traição? Um gesto de desafio contra esse Rei Laranja? Se precisavam encontrar um motivo para destruí-lo, ali estava ele. Se buscavam alguma desculpa para persegui-los e tomar suas terras, então, sim, o orgulho serviu-lhes bem. Isso e os seis dias de atraso.

Voltei caminhando da forja até a estalagem, sentindo-me mais vivo, Jane, e com mais esperança. Tenho em mente a ideia de escrever, eu mesmo, ao rei James, lá na França, de modo a contar a ele tudo o que descobri até agora. Parecem-me grandes notícias. Põem sangue nas mãos do escocês.

Mas a palavra de um ferreiro não é o suficiente. Ele não se encontrava lá, naquele vale. Não conhecia os MacDonald, nem vivia entre eles. Nem assistiu àquelas mortes com seus próprios olhos.

Sou um homem diferente hoje daquele que cavalgou até Inverary, trêmulo e envelhecido. Já te escrevi sobre o meu ódio por “bruxa”. Tracei palavras de desprezo e danação e cheguei até mesmo a apoiar sua morte iminente pelo fogo. Mas reconheço-me mudado, agora. A ideia da morte de Corrag preocupa-me — não poderia mentir, nem tampouco fingir que as coisas são diferentes. Ela fala, a maior parte do tempo, de bondade, e por debaixo de todos aqueles nós, daquela sujeira e sangue, posso perceber o quanto é delicada e quão frágil ela é. Ela me conta, além disso, de seu carinho por um homem chamado Alasdair — o segundo filho do Chefe, e um bárbaro considerável, aliás (embora não aos seus olhos). Que criatura pequenina e apaixonada ela se torna, ao mencionar aquele nome!

E eu sofro de amor, também, por ti, Jane. Desse modo, somos semelhantes, a prisioneira e eu. Ansiamos pelo toque de alguém que se encontra distante, e em nossos momentos tranquilos ficamos pensando em suas faces, em suas vozes. Sentes a minha falta tanto assim? E pensas, meu amor, em nossa perda? Todas as noites, nossa filha vem até a mim, assim como tu. Meu maior temor é que sofras sozinha. Que chores por nossa criança morta aí sozinha, no escuro.

Meu coração encontra-se contigo. Ele não se encontra algures, mas sempre perto de ti, e nunca deixará de estar ao teu lado.

Que dias estranhos são esses nossos. Conforme passam, preocupo-me e me transformo. Passei boa parte do dia de hoje com a Bíblia no colo. “Curarei sua infidelidade/ amá-los-ei de todo o coração” (Oseias 14:4). O que isso há de significar, agora?

Sempre teu,

Charles

IV

“A conserva, misturada com Aromaticum Rosarum, é um ótimo tônico contra desmaios, tonturas, fraquezas e tremores do coração.”

sobre a Rosa

Passei a noite toda sobressaltada com as minhas galinhas.

Que galinhas! Boas aves, de penas claras, cor de ovo. Elas se empoleiravam na avelãzeira quando o tempo estava agradável e fechavam seus olhos com aquela pálpebra leitosa, igual à pele, que todas as galinhas têm. De modo que eu me perguntava se elas, também, não teriam a visão — algum tipo de sexto sentido. No inverno, elas se aninhavam dentro de casa, comigo. Cacarejavam enquanto dormiam.

Noite passada, em minha cela, eu disse:

— O que será das galinhas agora?

Eu disse isso no escuro, e minha voz ecoou nas paredes. Mas, realmente, o que será delas? Ainda neva, só um pouquinho. Não tanto quanto antes, e é uma neve do tipo aguado; mas, ainda assim, é neve. Será que elas estão vivas? As galinhas do Alasdair? No inverno, dei a elas tudo o que tinha juntado naqueles meses de folhas caindo: caules, vagens, sementes. Um pouco de banha. Mas agora estou aqui, com correntes nos pulsos, e, sendo assim, como posso alimentá-las?

Temo que estejam morrendo de fome, lá no alto das colinas.

E as minhas cabras! Com o tempo, cheguei a ter cabras. Duas delas, com seus dentes pequeninos, e seus lábios que se enfiavam em minhas mãos, e suas cabeças, que gostavam de ficar coçando nas amoreiras silvestres.

Onde estão elas agora? Agora que meu fogo está apagado e meu abrigo, perdido?

Digo a mim mesma: “Elas estão vivas.”

Digo: “Elas estão do mesmo jeito que antes. Sim.” As galinhas sabem escavar sob a neve. As cabras, entendendo que fui embora e não irei mais voltar, devem ter seguido seu caminho para o alto, sempre para o alto. Lá para as alturas. E agora passeiam pelos picos,

com seus olhos meio fechados contra o vento, seu pelo ficando quase todo branco, salpicado de neve. Elas irão sobreviver. Minhas cabras vão ter seus cabritos, na primavera. E os filhotes delas terão seus próprios filhotes.

Talvez, nos anos futuros, ainda existam cabras em Glencoe. Não muitas, mas algumas. Elas irão pastar nas colinas mais altas. E, talvez, se alguém se surpreender:

Cabras? Aqui? Cabras selvagens? Outro alguém irá dizer a ele:

Ah. é. Elas descendem das cabras da Corrag. Foi uma boa mulher, que morreu de um modo horrível, e não merecia ter sido queimada. Essas cabras descendem das cabras dela, e, sendo assim, vamos nos lembrar dela, quando as virmos. Vamos ficar olhando suas cabras e descansar um pouquinho...

Eu gostaria que fosse assim. E me entrego a esses sonhos, no meio da escuridão.

Vou fazer um desejo de que seja isso o que aconteça com elas.

Uma fazenda? Não. Mas acabei sentindo como se tivesse mais do que era preciso. Rica, nesse sentido. Tinha duas galinhas, três cabras e uma coruja que me contava seus segredos nas noites sem luar. Tinha aranhas que ficavam tecendo, na escuridão. E o cervo, também, com sua galhada. Ele voltou, e voltou mais outra vez.

O mundo respirava ao meu redor, se encolhia e se desenrolava, e o que mais eu poderia pedir?

O que é melhor do que isso? Do que estar tanto assim no mundo? — eu me perguntava, observando as geadas assentando ou a fumaça subindo em espiral da minha fogueira. — Nada é melhor do que isso — dizia para mim mesma.

Havia dias em que eu não via gente, nem uma única pessoa, e então eu dizia:

Nada é melhor do que isso. Não existe coisa melhor.

Eu não queria voltar a Carnoch. E queria. As duas coisas ao mesmo tempo. Em meio às suas velas de cera de abelha, O MacIain dissera:

Sempre fomos um clã de guerreiros...

Ele estava ficando curado. Tinha descansado e bebido, e o vento uivante e o mau tempo tinham-no mantido perto da lareira. E, assim, ele agora estava corado, com olhos brilhantes. O salão em Carnoch estava repleto. Havia mais gente do que nunca, talvez umas três dúzias de pessoas ali dentro, e ar tinha perfume de mel. Mas cheirava também a lã úmida e turfa. Eu ainda conseguia sentir o cheiro dos cachorros, que se coçavam pelos cantos. E percebia o cheiro de gente, do seu suor, do seu uísque. Pensei: “Estou respirando o ar dos MacDonald.”

Sempre guerreando — dizia ele, enchendo sua taça. — Estas colinas

foram motivo de luta desde que o primeiro homem as encontrou e as quis para si. Os irlandeses estiveram aqui, antes de nós. Um homem chamado Fionn, com seus guerreiros e seus cães. Eles lutaram contra muitos milhares de homens para salvar esse vale. E, quando os homens de Fionn morreram, dizem que as montanhas cresceram por cima deles e que até hoje estão dormindo, com suas espadas, debaixo das pedras e da terra. E, um dia, eles vão se levantar outra vez. Para lutar pelo que for justo...

Levou a taça lentamente até os lábios e bebeu.

Fiquei imaginando todos aqueles homens dormindo. O Chefe engoliu sua bebida.

Ian Og nan Fraoch tomou o vale para si, com o tempo. Ele vinha das ilhas. E era um bom MacDonald...

Todos são! — disse uma voz. As pessoas todas riram.

Mas nós não somos os melhores? De todos os MacDonald? Pelo modo como vivemos e lutamos?

As pessoas no salão começaram a se acomodar. Seus rostos olhavam fixamente para o Chefe, e o Chefe os olhava de volta. E, quando olhou de volta para mim, disse, em uma voz mais baixa:

Nosso nome vem dele. Nós, os MacDonald de Glencoe, somos chamados de os MacIans, pois somos seus filhos. João da Urze, o jovem, gerou nossa linhagem nesse vale, com seus bosques e colinas, e tantos peixes nos rios que tudo o que precisava fazer era enfiar sua mão na água. Dizem que,

nas noites de inverno, podemos ouvir o cão dele latindo.

Aquele homem sabia contar uma história. Aquele Chefe.

Todos o escutavam. As pessoas tinham ouvido aquela história durante toda a sua vida; sobre o lugar de onde vinham e como reza a lenda. Mas escutavam como se nunca tivessem ouvido aquilo antes, como se ouvir a história de Fionn e seus cachorros fosse uma parte da sua fé. Havia histórias de homens nórdicos e de reis irlandeses. De amores condenados. De batalhas. A turfa ia girando, enquanto queimava.

Ainda posso ouvir o som da turfa girando. Posso sentir seu cheiro.

O senhor pode trazer o banquinho mais para perto? Tenho muito a dizer sobre eles, esta noite. Sobre aqueles “papistas”, aquele “clã amaldiçoado”.



Era a última noite de dezembro. Lá no meu pequeno vale, eu bebia água como se fosse um gato, de um poço que tinha aberto no gelo: acorada, com as mãos espalmadas no chão. Ouvi o ruído das narinas

de um cavalo, e então me virei. Era Ian. Estava montado em seu cavalo, com uma corça morta amarrada atrás, e disse para mim:

Você está sendo chamada. Em Carnoch.

Sentei nos meus calcanhares e sequei minha boca.

Esta noite?

Sim. Esta noite.

É O MacIan? A ferida? Ou alguma ferida nova?

O homem bufou. Balançou a cabeça e começou a falar muito devagar, como se eu fosse uma estúpida:

Não É Hogmanay. O último dia do ano. Você foi convidada, então você vai vir.

E, sendo assim, eu fui. Como não iria, se vivia na terra deles? Tomava leite das suas vacas? Eu me refresquei com um pouco d'água, passei um pouco de alecrim moído pelos meus cabelos, para que cheirassem a doce, e segui até a grande casa de Carnoch, lá no lugar onde o rio se encontra com o mar. Conhecia bem o caminho até lá, agora. Passei ao lado do pico “Mantenha-me a Salvo” e fui caminhando ao longo do rio Coe.

Havia mais gente naquele único salão de paredes de carvalho, com seus vidros, sua lareira, suas velas de cera de abelha e seu uísque, do que eu já havia visto em toda a Hexham, ou em todos os meus dias de viagem. No início, não conseguia ver nada além de gente: cinturas, barrigas e braços. Era roçada por suas mantas xadrezes, pisada por suas botas, enquanto todos riam e bebiam, e logo pensei: “Vá embora. Você não foi feita para esse lugar. Volte lá para fora, para o gelo e o ar afiado.” Mas, na hora em que estava me virando para sair, uma moça de cabelos claros aproximou-se de mim e sorriu. Ela abaixou meu capuz. E disse:

— Não esconda esses seus olhos...

Alisou meus ombros, me deu uma piscadela e seguiu em frente.

Depois disso, eu me senti observada. Com meu capuz abaixado, senti que todos estavam se virando e olhando para baixo, para mim. Minhas maçãs do rosto logo ficaram quentes. Dei um sorriso tímido para o homem de Inverrigan, mas ele continuou me olhando. Um menino de orelhas de abano me chamou de “fada”, ao passar por ele, e um homem mais velho estalou suas gengivas desdentadas para mim, como se eu fosse alguma coisa de comer. Eu preferia não ter ido até ali. Havia tanta gente, tão pouco ar, e por que, afinal, eu tinha ido? Eu não era uma MacDonald. Tinha unhas sujas e era pequenina.

Mas então O MacIan chegou. Abriu caminho pelo meio do seu povo, amassou minha capa entre os dedos e disse:

Minha Sassenach! Minha doutora inglesa que não tem rei... E, com a outra mão, ele me levantou no ar.

Fiquei sentada ao seu lado a noite inteira.

As outras pessoas sentavam-se no chão, ou em cadeiras, ou então na grande mesa, que transbordava com comida e taças de uísque. Mas ele tinha me feito sentar em um banquinho ao seu lado, dizendo:

Então não preciso alimentar minha curandeira? Mantê-la bem? Rá!

Lá de cima, eu olhava. Olhava para os rostos. Um homem, que mais parecia um urso, de quem eu certa vez havia roubado um ovo, estava escavando uma perna assada de cervo e rindo. Havia crianças de Achnacon, provocando umas às outras e lutando com varas, e duas mulheres com curraichds²¹ de linho na cabeça, que cochichavam sem parar, e Ian estava beijando uma moça rosada perto do fogo, e um homem meio bêbado tocava sua gaita de fole, e dois homens tinham começado a discutir em gaélico, até suas mulheres os mandarem parar, e Bran, o cão, roía um osso, enquanto um homem-urso chamado MacPhail tinha ido lá para fora, para brigar com outro homem, e pouco depois os dois tinham voltado ensanguentados, mas logo deram um aperto de mãos e começaram a beber. Eu olhava e olhava, porque havia tanto para ver. Tantas vidas.

Alasdair estava olhando para mim por cima da borda da sua taça. O MacIan disse:

Você alguma vez já viu uma gente assim? Como essa?

Não — disse eu. E era verdade.

Não havia festas lá na Inglaterra? Não havia nenhuma casa bonita como a minha, onde as pessoas podiam se reunir?

Ele ficou deliciado ao me ver balançando negativamente a cabeça. Deu um sorriso duro e disse:

Não existe clã mais poderoso do que esse... Somos poucos, mas lutamos com o coração e a honra.

Com a mão levantada de modo a silenciar todo o salão, acrescentou:

Sempre fomos um clã de guerreiros...

E então começou a me contar a respeito da urze e de Fionn.

Havia bannocks²² e bolinhos de cevada, queijo e atholl brose²³. Havia a carne daquela corça, que estava assando, e mais cerveja do que eu jamais havia visto. Lady Glencoe pôs uma taça de uísque de milho nas minhas mãos, dizendo:

Beba isso.

Concordei e trouxe a taça até os lábios. Mas aquilo me fazia tossir só de sentir o cheiro.

E havia música animada, ao som da qual todos dançavam, batendo palmas, e alguma peça de cerâmica que se quebrou em meio a muitas exclamações, o que fez Bran começar a latir. Vi o Alasdair rindo, junto de outros homens, e crianças que dormiam nos colos das mães. Um homem de barba curta aproximou-se de mim e disse:

Uma dança, meu bichinho bonito?

Ele esticou sua mão. Mas eu não quis dançar. Fiquei ali sentada, com meu uísque. Via as cores girando, e as saias xadrezes se balançando, e quando a jiga²⁴ terminou O MacIán levantou a voz e pronunciou algumas palavras em gaélico que fizeram o salão silenciar. As pessoas se acomodaram em cadeiras ou umas sobre as outras. E uma música mais suave se fez ouvir. Vinha da moça de cabelos claros que havia dito para mim:

Não esconda esses seus olhos.

Ela ficou em pé na meia-sombra, pôs suas mãos cruzadas sobre o peito e começou a cantar, com uma voz tão delicada e fantasmagórica que fazia a minha pele se contrair e meus olhos ficarem esquisitos. Ela me fazia lembrar da Cora. Porque a Cora havia cantado, um dia.

Era uma canção gaélica. Mas era uma canção de amor, isso eu sabia. Pelo modo como ela cantava, e também porque todos os que a ouviam ficaram com os olhos marejados, assim como os meus. “Amor pela Escócia”, pensei, e não por uma pessoa. Por um lugar, cheio de ar e de terras selvagens. Suas pedras. E senti que era isso mesmo. Depois que terminou de cantar, a moça foi se sentar ao lado de Alasdair, puxou os braços dele e os colocou ao seu redor, aninhando-se de encontro ao seu corpo. E ele então deu um beijo em seus cabelos.

Abaixei os olhos. Bran apoiou a cabeça nos meus joelhos e piscou para mim. E eu lhe disse que ele era um bom cachorro, um ótimo cachorro, no fim das contas.

O relógio bateu as doze badaladas enquanto eu fazia carinho no Bran, enquanto as velas queimavam quase até o fim.

Eu pedi por isso, também. Fiquei sentada ali no meu banquinho e pedi ao mundo por comida para minhas galinhas, por amor, e céus azuis, e para que aquelas pessoas pudessem continuar seguras; pois elas nunca tinham jogado pedras em mim, nem me chamado de “feiticeira”.

Por algum tempo o salão ficou tranquilo. Mas logo a gaita de fole aumentou de volume e O MacIán gritou:

— Mais uísque, aqui!

E então houve mais danças e novas canções.

Fui embora. Arrumei minha capa em volta de mim e saí disfarçadamente. Estava tarde, e eu ansiava por estar na minha cabana. Queria o seu silêncio, o meu fogo.

Abaixei-me para passar pela porta, cobrindo a cabeça com o capuz.

Então ouvi meu nome.

Corrag?

Ele estava parado na soleira da porta. Tinha vindo atrás de mim. Uma de suas mãos se apoiava no beiral, como se estivesse testando a

força da madeira, e ele apoiava a cabeça naquele braço. Sua outra mão estava estendida ao seu lado.

Está indo embora? — disse ele.

Estou.

Olhou audaciosamente para mim. Sem piscar.

Nós nunca nos apresentamos — disse. — Não do jeito certo. Tampouco tive a chance de agradecer-lhe por ter curado nosso pai. Todos nós pensamos que aquele ferimento fosse o seu fim, mas. — Ele sorriu. — Eu sou

Alasdair Og.

Og?

Sim. Significa “o mais novo”. Sou chamado assim por causa d’O MacIan.

Ele também se chama Alasdair?

Sim.

Inclinou a cabeça e ficou me olhando. Viu que eu estava experimentando “Og” na minha boca. Então disse:

Você é Corrag, acredito.

Sou.

Houve muita conversa a seu respeito, sabia?

Eu não sabia disso, mas não fiquei assim tão surpresa. Mulheres como eu dão muito que falar, e sempre foi assim. Talvez eu tenha corado. Só lembro que apanhei minha capa como se fosse sair, já que a minha própria língua não estava bem certa do que dizer ao homem, com aqueles seus olhos azuis em cima de mim.

Mas foi ele quem falou.

O que foi que lhe trouxe até aqui? Entre tantos lugares? — perguntou.

Seu irmão me disse que eu tinha sido chamada...

Não — riu ele. — Não *aqui*. O que a trouxe para esse vale?

Eu também sorri diante daquilo. Quase cheguei a rir. Fiquei olhando para longe e balançando a cabeça, pois aquela parecia uma história muito antiga agora, e uma história um tanto estranha, ainda por cima. Estranha demais para falar nela. Não com ele, com aqueles cabelos.

É uma longa história? Longa demais?

É.

Ele assentiu.

Por alguns instantes, ficamos trocando o peso de um pé para o outro. Alasdair levantou os olhos para os beirais e começou a passar a mão neles. Então abaixou a mão. Encostou-se contra o batente e eu me perguntava se não devia me virar e sair correndo, porque havia um silêncio enorme entre nós dois. Atrás dele, as pessoas tinham voltado a dançar.

Você comeu o bastante? — perguntou — Há muita comida...

Sim.

Mais silêncio. Ele inspirou.

Onde foi que você passou seu último Hogmanay? Não há de ter sido em um vale nas Highlands, eu suponho. Não com esse seu sotaque.

Endireitei meu corpo. Olhei seriamente para ele. Será que estava me provocando? Será que sabia a verdadeira resposta e estava zombando de mim? Seu irmão sabia zombar, disse eu tinha certeza. Seu pai, também. Olhei para seus olhos, procurando por um sorriso irônico ou uma sobran- celha erguida, mas não encontrei nem um nem outro. Ele me olhava como se realmente quisesse saber.

Sendo assim, eu disse:

Eu estava com a minha égua, nas terras baixas. Nós passamos por uma estalagem à meia-noite e ouvimos as pessoas dando vivas. Era noite de lua cheia, e galopamos por uma praia de maré baixa aquela noite e não paramos até o nascer do sol. E foi isso o que eu fiz. — Levantei os ombros. — Nós galopamos. Debaixo de mais estrelas do que eu jamais tinha visto.

Ele ficou muito quieto. Todo o ruído e a dança tinham ficado para trás, e ele estava imóvel. Apenas me olhando. Tinha aquele olhar iluminado, que me fez pensar que podia ver na sua mente tudo o que eu tinha descrito. Aquela praia. Suas areias espelhadas.

Abriu a boca para dizer alguma coisa. Mas, quando ia fazê-lo, um braço envolveu sua cintura, de modo que virou o rosto, e a moça de cabelos claros com a voz que cantava apareceu ao seu lado. Era mais alta do que eu e mais encorpada. Tinha as formas que toda mulher deve ter, e começou a empurrar seu corpo contra o de Alasdair, dizendo:

Você... — ela cutucou o peito dele com o dedo indicador, e sorriu está deixando o frio entrar...

Então ela se virou para mim. Estava radiante. Não fez cara feia para os meus cabelos cheios de nós, nem para as minhas saias rasgadas. Disse sim- plesmente:

Eu sou Sara. E fico contente que uma nova mulher tenha vindo para cá. Já temos homens demais! Todos esses homens...

Que sorriso! Luminoso e claro.

Todos nós sorrimos. E continuamos sorrindo, quando nos desejamos uns aos outros um ano bom, cheio de saúde. Então eu me enrolei na minha capa e me virei, escapulindo para dentro da escuridão.

Na ravina dos vidoeiros, parei por alguns instantes. Fiquei sentindo o ar noturno. Respirando-o.

E fui dormir com uma galinha de cada lado.



Então, era inverno. A minha estação. O meu tempo. E que inverno bravio das Highlands foi aquele! O gelo rangia, e os flocos de neve, de início, não caíam, propriamente. Pairavam suspensos no ar. Ficavam rodopiando ao redor da minha cabeça, quando eu caminhava de volta do vale, com os braços carregados de turfa. E, sempre que olhava meu reflexo na superfície dos poços ensombrados, via meus cabelos salpicados de neve.

E, vendo aquilo, pensava: “É o começo.”

E era, mesmo. Aquelas rajadas finas não iriam durar muito tempo. Cinco dias depois de Hogmanay, um vento começou a soprar para dentro do vale, lançando neve contra a crista Norte e uivando tão alto que o meu telhado começou a balançar. Os céus se inflavam, deslizando, como costumam fazer os céus em alto-mar. E eu vagava. Porque o inverno é sempre mágico demais para passar despercebido. E eu nunca tivera medo dele. E, assim, saía vagando pelos lugares onde sabia que iria encontrar beleza, caminhava até as águas meio congeladas, ou para as alturas, onde ficavam os cervos. Eles se sentavam encostando-se às pedras e ficavam piscando os olhos contra o vento. Vi uma lebre branca correndo, tão ligeira e cor de neve que mais parecia a ventania, ou uma rajada de flocos de neve, e só seus olhos negros e as almofadinhas debaixo das patas me avisaram que ela não era nenhuma dessas coisas. “Uma lebre da neve...” Nunca tinha visto uma. Depois que foi embora, fiquei olhando o seu rastro. Quando alcançava os picos, eu girava no vento. E, ao me deitar na neve, gostava de ficar pegando seus flocos com a língua. Coisas assim. Pequenas, seguras.

Mas, depois de algum tempo, a neve foi diminuindo. Pouco a pouco, mais ruídos de água eram ouvidos, e a queda d'água no meu vale começou a engrossar e a rugir mais alto. Eu bebia sua água, mas não de joelhos, nem com as mãos em concha. Eu me agarrava a uma rocha, me debruçava e abria a boca. Eu ria enquanto bebia aquela água. Ela tinha o gosto do fim do inverno. Eu bebia a nova primavera.

Dia após dia, brotos verdes começavam a aparecer. A neve ia se encrespando e eles vinham saindo: confrei e agripalma. Vê-los de novo era como reencontrar velhos amigos. Eu me agachava perto deles e pensava “quem é que precisa de gente? As pessoas não são sempre assim”, e o que eu queria dizer era: humildes, gentis e macias ao toque. Eu as colhia e as secava. Ou então as moía. Ou, ainda, enfiava no sal. Às vezes, deixava que continuassem a crescer dentro da terra.

Foi em um desses dias aquosos que Gormshuil voltou para me ver. Ela parecia uma árvore no alto de um pico, muito magra e toda

esticada. Fiquei observando-a descer, e, conforme ela se aproximava, flutuando, podia ver sua magreza e as veias azul-escuras por baixo da pele. Apesar do seu mau cheiro, eu me preocupava com ela. Ela estava com um ar de morta, e, sendo assim, eu disse:

Você não quer ficar? Comer uns ovos?

É certo fazermos uma gentileza a alguém que está em pior situação do que nós. Mas ela não queria saber de ovos, nem de calor humano, nem de amigos. Naquela voz frágil, de menina, ela me pediu:

Meimendro...

E eu o ofereci a ela. Não pedi nada em troca.

Gormshuil — disse. — Se algum dia você precisar de comida...

Mas ela ficou balançando a cabeça. E sorriu, porque agora o meimendro estava em suas mãos. Sua pele era tão fina quanto as asas de uma mariposa, e então me disse:

Você tá parecendo uma esposa. Esposa! Esposa!

E, enquanto ia embora, andando pelas pedras, sussurrava aquilo para si mesma, como se tivesse perdido o juízo.

Eu não sou uma esposa.

Mas não foi só a Gormshuil quem veio me ver.

Os passarinhos cantavam sem parar. Pousavam na avelaneira e cantavam, ou então ficavam tomando banho na neve derretida. Certa tarde, quando estava lavando minha capa no riacho, me dei conta de que sentira saudades daquela música. Nas profundezas da neve só conseguia ouvir a coruja. Mas agora, a primavera estava chegando, e ali estavam os passarinhos. Eu cantava junto com eles. E esfregava minha capa, cantarolando.

Enquanto torcia a capa, notei que os passarinhos tinham parado de cantar. Não ouvia mais nenhum canto.

Pensei: “A Gormshuil voltou.” Mas, não.

Na encosta no extremo Norte, onde ainda havia neve, vi o cervo. Ele estava imóvel, parecia uma pedra. Mas sua galhada era imensa e estava um pouco pálida, e eu podia ver seu rastro, que vinha descendo lá do topo. Ele estava parado, me observando. E eu também fiquei parada, olhando para ele.

Não existem outros como você? — perguntei.

Ele dava a impressão de estar sozinho. Parecia magro, também, por causa do inverno. Seu pelo estava com aquela aparência sarapintada que a idade ou a magreza costumam emprestar. Ouviu minha voz, e uma de suas orelhas voltou-se para trás. Pensei: “Ele é lindo.” Porque nunca tinha visto um cervo vivo tão de perto, e ali estava ele: com seu pelo grosso, sua boca cheia de capim, fumegando de vapor. O pelo dele era de uma centena de cores, seu olhar era firme, e sua coroa, altiva. Por alguns instantes não houve mais nada ali, só ele, eu e o riacho. Então, pôs as duas orelhas para trás. Moveu o peito e as patas

da frente, e girou suavemente sobre a neve. E saltou para longe de mim, de volta às partes seguras e altas. E fiquei perguntando:

Para onde você está indo? Por quê?

Pois eu não tinha me mexido nem falado nada. Pensei: “Ele me viu, acho.”

Dei um tropeção. Não tinha ouvido ninguém atravessando o mato. Com todo aquele som de água, e as árvores se sacudindo no vento, e a minha própria conversa, eu não tinha conseguido ouvir sua passada, nem o ruído do seu kilt²⁵ roçando nas pernas. Eu me aprumei, apoiando a mão em uma pedra.

Desculpe-me — disse ele. — Eu a assustei? Balancei a cabeça.

Ele esperou. Esperou até que eu tivesse alisado minhas roupas e reco-brado o fôlego.

Aqui está — disse, esticando uma cesta na minha direção.

Havia um pano cobrindo a cesta, e, quando o levantei para olhar, vi que era carne — escura, e salgada.

É carne de veado. Sobrou muito, do Hogmanay.

Sorriu ao ver a minha expressão. Havia muita carne ali dentro.

Mas talvez você não deva mostrá-la ao seu amigo... Franzi as sobrancelhas.

Amigo?

Aquele ali. — Sorriu, apontando com a cabeça para o cervo, que era apenas um contorno, em contraste com o céu, e que nos olhava com uma orelha virada para frente e a outra, para trás.



Alasdair Og MacDonald. Esse era o seu nome todo.

Mas eu tenho outros — disse ele. — Vermelho, por causa do meu cabelo, e também pelas batalhas, pois eu já estive coberto com o sangue daqueles que matei. Sei lutar muito bem. Suponho que lutar seja o que sei fazer melhor, de muitas maneiras. Lá embaixo, em Argyll, chamam-me de pugilista, por conta de uma refrega que tive com uns Campbell quando era garoto. Quebraram alguns ossos meus, mas quebrei os deles, também. Pugilista. já fui chamado assim muitas vezes. E cachorrinho. Reserva.

Eu ficava cuidando do fogo, enquanto ele ia falando. Era o meio da tarde, e a luz de janeiro, do lado de fora, estava envelhecendo. Ele estava sentado a meio caminho da minha cabana, metade para dentro, metade para fora. As galinhas ciscavam ao seu lado.

Cachorrinho?

A minha mãe disse que, quando eu era garoto, respondia mais rápido a um assovio que ao meu nome. Ela costuma dizer que o cachorro falava gaélico melhor do que eu.

Achei aquilo engraçado.

Temos muitos nomes, como clã. “Os MacIans”, ou “os homens de Glencoe”, em geral. Mas se você perguntar a qualquer morador das Terras Baixas. — Fez uma careta. — Então vai encontrar nomes cheios de ódio.

“Aquela tribo de papistas.” “Gado para o patíbulo ”

Ele raspou o calcanhar de seu cuaran²⁶ no chão.

Eu sei — disse.

Conhece os nossos nomes?

Sei como os nomes podem ser. Eu mesma tenho muitos nomes. Sou Corrag, em primeiro lugar. Mas também já fui chamada de muitas coisas, e mais vezes do que pelo meu nome verdadeiro. “Feiticeira.” “Bruxa.” “Mulher do Diabo.”

“Sassenach.” Olhei para ele.

Eu não sei o que isso significa.

Inglesa — disse ele, sorrindo.

Tirou os olhos de cima do seu cuaran e pousou-os sobre mim.

Quer dizer inglesa. Não é isso que você é?

Sim — disse. — Sou de Thorneyburnbank. É um vilarejo que tem uma ponte em meia-lua e uma cerejeira. A muralha romana fica lá perto. E lá tem tanto vento Foi lá que nasci. Em uma noite de muita geada.

Eu podia ver aquela geada e muitas outras.

Mas agora você está aqui — disse ele.

Joguei um pouco da carne na panela, esquentei-a e joguei algumas ervas ali dentro. Eu tinha um pouco de bannock dormido e o acrescentei à carne, mas não tinha jeito de servir a comida, a não ser pegando-a diretamente da panela com as mãos. Por que razão teria pratos? Era sempre só eu.

Eu não tenho pratos — disse.

Mas ele não fez nenhuma careta, nem parecia se importar.

Como vai seu pai?

Alasdair comia. Comia feito um homem. De um modo rápido, e sem tirar os olhos da comida, e usando o pão para desfiar a carne. Fiquei observando suas mãos, enquanto fazia isso.

Ele está bem. Sente dores na cabeça, acho. Mas deve ser mais por causa do Hogmanay do que daquela ferida. Ele continua o velho durão de sempre.

Olhei para o fogo. Cuidadosamente, comentei:

Ouvi algumas histórias.

A respeito dele? Ah, é. Existem muitas histórias. Ele é, provavelmente, o Highlander mais famoso que já existiu, desde Bonnie Dundee²⁷. Em primeiro lugar, por causa da sua altura e da sua aparência. E, depois, por seu modo de lutar. O que você viu foi um

homem velho, sentado em uma cadeira, com um cachorro dormindo debaixo dos pés. Mas O MacIán já escalpelou sozinho uma dúzia de homens, em uma única batalha. É verdade. Ele atacou Glenlyon tão rapidamente que todos tiveram que fugir descalços, se quisessem escapar. Alguns morreram queimados dentro de suas casas.

Alasdair olhou para mim.

Ele lutou contra alguns ingleses, também.

Ingleses? Só porque eram ingleses?

Porque se mudaram para as terras dos Campbell, lá embaixo, no Sul. Aquele clã sempre nos odiou, sempre nos viu como inimigos. Sempre nos encarou como um problema.

Como ladrões?

Isso é o que eles dizem. Mas todos os clãs roubam, entende? Até mesmo os Campbell. — Ele se pôs a mastigar. — A questão é bem mais profunda do que isso. Tem a ver com Deus e com política. E também com o modo como vemos a Escócia, e nossas esperanças para esse país. Rixas de família — disse ele — não morrem facilmente nessas paragens.

Fiquei em silêncio. Estive pensando por alguns instantes, e depois disse rápido, entredentes:

Tanto ódio, aqui... Ele levantou os olhos.

Não existe mais ódio aqui do que em qualquer outro lugar. Você sabe disso. Você sempre viveu fugindo do ódio, não foi? Temendo pela própria vida?

Aquilo era verdade.

Mas eu nunca machuquei ninguém. Nunca guerreei.

Nunca lutou? Nem um pouquinho? Dei de ombros.

Com as mãos, nunca. Nem com espadas.

Ao ouvir minha resposta, ele soltou o ar com força.

Isso me parece justo. São mãos tão pequeninas não seriam muito úteis em uma luta.

Não como as mãos dele. Olhei para elas. Já conhecia bem a sua mão direita, as cicatrizes em meia-lua, as marcas. Via o modo como ele partia o pão e ficava me lembrando de quando tinha espalmado seus dedos sobre o cataplasma e dito:

Pressione. Assim.

Aquilo parecia ter acontecido havia muito tempo.

Talvez — eu disse —, algum dia, não haja mais ódio. Mais nenhuma escuridão. Nenhuma guerra.

Você acredita nisso? — Balançou a cabeça. — Enquanto existirem a inveja e a cobiça, haverá o ódio. Pelo tempo em que William se sentar naquele trono.

William? Você o odeia?

E ele nos odeia de volta! Porque nos recusamos a chamá-lo de rei.

Nós nos recusamos a nos curvar para ele, ou a sermos regidos por ele. E ele sabe disso.

É por causa da religião?

É, é por causa da religião. Porque ele não é um de nós, nem pertence à nossa nação. Sente vergonha dos Highlanders e nos chama de problema. E de bárbaros, e inimigos do trono. Mas alguma vez já nos conheceu? Já veio até o nosso vale? Ou foi a qualquer outro? Não, ele não veio — disse, contraindo os olhos. — Estou conversando com você em inglês. Sabe o motivo?

Eu não sabia.

Nem todos sabem falar essa língua. O povo mais velho não sabe. Mas O MacIan foi enviado a Londres, quando menino. Foi obrigado a fazer isso, porque o governo dizia que, se os clãs perdessem sua língua, talvez perdessem também sua fé. E essa seria uma ótima notícia para eles. — Ficou balançando a cabeça. — Querem nos exterminar, Sassenach. Querem modificar os nossos costumes e nos dominar, desse modo. Temos que manter nossa língua antiga — falar em gaélico. E devemos atacar esse rei e a todos os que o servem, e enfiar a espada neles, se for preciso...

Eu ouvia aquilo, sentada perto do fogo com as minhas galinhas, observando a luz escurecer por trás de sua cabeça. E me perguntava que cor seria aquela, a cor daquela luz. Não era cinza. Não era azul-escuro.

Então, eu disse:

Você já enfiou a espada em muita gente?

Sim. Quando foi preciso. Quando houve discussões, ou insultos contra o clã. Lutei em Killicrankie e derrubei um punhado deles com a minha adaga, lá naqueles barrancos.

Eu sentia uma tristeza profunda, externa. Estava escutando o vale, naquele instante. Ouvia o fogo, o som do homem comendo. O vento. Pensava de quão longe aquele vento tinha vindo, e nas árvores pelas quais tinha passado, e nos pássaros que tinha levado com ele.

Alasdair estava olhando para mim.

Você não está dizendo nada — disse. — O que se está se passando aí, nessa sua cabeça?

Que você veio até aqui para isso: para me falar de guerra. E dos homens que matou. Para me fazer sentir que eu ter vindo até aqui, ter vindo para Norte-e-Oeste, talvez tenha sido um erro...

Eu vim aqui com carne de veado — retrucou. — Para trazê-la a você.

Assenti. Depois, corei.

Eu sei.

Continuamos sentados do mesmo jeito. O fogo se enrolava ao redor de si mesmo, como um gato, e nós dois parecíamos estar olhando para

ele. Seus tons de vermelho e o modo como a turfa brilhava lá dentro.

Ele disse:

E o seu nome? É um nome estranho...

Vem da minha mãe. Ela se chamava Cora. Esse era seu nome verdadeiro, embora muita gente atirasse “feiticeira” em seu rosto. Tanta gente que ela às vezes chegava a pensar que esse é que era o seu nome. Então ela juntou os dois para fazer o meu: *Cora* e *Hag*²⁸.

Vi a expressão no rosto dele, que se tornou pensativo.

Ela tinha um senso de humor esquisito. Ela riu, quando nasci.

Você sabe o que quer dizer isso, na nossa língua?

Corrag?

É. Você sabe?

Desviei meus olhos do fogo para o seu rosto, porque não sabia. Não estava entendendo o que ele estava tentando dizer.

Mas significa alguma coisa?

Ele ergueu um dedo. Na semiescuridão, levantou o indicador e apontou, lentamente, para mim. Na direção do meu rosto, dos meus olhos.

“Corrag” é a palavra em gaélico — disse ele — para isso.

Para dedo?

Para dedo. Você tem um nome gaélico, Sassenach. Talvez você estivesse certa, quando veio até tão longe.

Senhor Leslie, o senhor se recorda de quando eu disse que alguns momentos são capazes de mudar uma vida? Pequenos momentos? Acho que esse foi um deles. O modo como o Alasdair ergueu seu dedo, sua aparência, na luz do entardecer que descia por trás dele. Ele agora era um contorno escuro, um rosto na escuridão.

Quando partiu, eu lhe agradeci.

Pela carne — disse.

Espero que ela dure para você. Há bastante.

Você guardou o bastante? Para sua esposa e sua família? Consigo passar com bem menos do que isso que trouxe para mim.

Nós temos o suficiente, Sarah e eu. Assenti, sorrindo.

E fizemos nossas despedidas, que foram tímidas.



Olhe. Está vendo? O meu dedo. Não há muito para ver. Ele é pequenino e está sujo de lama, sua unha está quebrada, e ele ficou um pouco torto de todas as pedras e urzes onde eu me agarrava para chegar até o topo. Assim como os meus dedões ficaram tortos, também. A égua certa vez me deu uma mordida, pensando que eu era comida, e tenho essa marca no dedo. A marca de um dos seus dentes. Bem aqui. Ela não queria fazer isso. O dedo chegou a sangrar, mas na

época eu tinha erva sangüinária na bolsa da Cora.

“Corrag” quer dizer “dedo”.

O senhor sabe o que eles diziam? Os que viviam no vale e tinham ouvido falar de mim, sem nunca terem me visto? Eles tinham ouvido falar das minhas ervas e dos meus olhos de fantasma, e também sobre o modo como eu costumava caminhar pelos barrancos, debaixo de temporais, e então diziam:

Corrag? Ah... É porque ela faz maldições, apontando aquele dedo.

Aponta o dedo para a pessoa e a transforma em pedra...

O senhor vai ouvir falar nisso. É o que eles lhe dirão, os Cameron do Norte e, talvez, um ou outro Stewart. Existe um homem chamado Breadalbane que disse que ouviu falar que meu dedo tinha luz na ponta e que podia ferir as pessoas. Como se fosse um raio. Mas o homem era meio louco. O que o senhor irá dizer para essas pessoas?

Diga: “Não. Ela nunca apontava o dedo. Não para pessoas. E ela não amaldiçoava ninguém.” Porque eu nunca fiz isso.

Depois daquela conversa, fiquei olhando o meu dedo. Examinava suas partes enrugadas, suas linhas. E pensava: “Como é que esse pode ser o meu nome? O meu nome verdadeiro?”

Não estava gostando nada daquilo. Nem do significado do meu nome, nem das minhas mãos, assim, tão pequenas.

Mas agora eu gosto dessas duas coisas. Eu as conheço bem e gosto delas.

Corrag? Por que Corrag?

Porque ela era corajosa. Ela apontava o caminho.



Sei que devo ser grata. E sou.

Mas, senhor Leslie, sinto falta dele. Em todas as horas em que estou acordada, sinto saudade. À noite, sonho com ele. Penso que estou ao seu lado, ou sentada perto do fogo, enquanto ele conversa comigo, comendo sua carne. Mas então acordo, e sinto falta da presença dele. Sinto ainda mais saudade.

O senhor pode não ir embora logo? Eu sei que é tarde. Mas fale um pouquinho sobre a Irlanda e sobre os céus de lá. Sobre seus filhos, sua esposa.

Talvez eu consiga sonhar com eles.

Fique falando comigo até eu conseguir dormir.

mulheres celtas da Escócia. (N. da T.)

22. Bannocks — Pão sem fermento, feito de cevada ou aveia, típico da Escócia.(N. da T.)

23. **Atholl Brose — Bebida escocesa composta da mistura de pasta de aveia, mel e uísque, e, algumas vezes, creme. Também pode ser o nome dado a uma sobremesa que leva os mesmos ingredientes. (N. da T.)

24. Jiga — Antiga dança popular, de ritmo animado. (N. da T.)

25. Kilt — Saia escocesa, de tecido quadriculado, usada apenas pelos homens. (N. da T.)

26. Cuaran — Tipo de sandália usada pelos celtas escoceses. (N. da T.)

27. John Graham, senhor de Claverhouse e 1º Visconde de Dundee. Conhecido por seus inimigos como “O Sangrento Claverhouse”, era chamado de Bonnie Dundee por seus seguidores Jacobitas. Quando William de Orange desembarcou, dando início ao que hoje é conhecido como A Revolução Gloriosa, Claverhouse foi um dos poucos nobres escoceses a permanecer leal a James VII da Escócia (James II da Inglaterra). Morto na batalha de Killiecrankie (1689), foi imortalizado, um século depois, em um poema de Walter Scott, mais tarde adaptado para uma famosa canção. (N. da T.)

28. Hag — Bruxa, feiticeira.(N. da T.)

Meu amor,

Não posso agradecer-te suficientemente por tua carta. Apenas poder olhar para tua caligrafia outra vez é algo que me apazigua. E, toda vez em que a leio, sinto-me como se estivesse em Inverary, ao meu lado.

Gostaria que estivesse aqui, como bem sabes. Quando leio minha Bíblia, perto do fogo, ao anoitecer, fico a olhar para a segunda cadeira neste quarto, onde jamais me sentei, e a imaginar como ficarias sentada ali. Bordando, talvez. Ou com um pequeno livro sobre o colo. Tenho visto muitas coisas, Jane. Tanto como bispo e quanto como expatriado. Porém, as maiores de todas elas, eu as vi como marido.

Disse isso à prisioneira.

Esta noite, ela encontrava-se presa da ansiedade, e tenho motivos para acreditar que ela tenha chorado, no escuro. Não era sua própria morte o que a importunava de tal maneira (obviamente, ela às vezes se mostra deveras ansiosa quanto a isso). Mas, ao contrário, sua vida, creio. Ela costuma

ser capaz de enxergar a bondade no mundo, a luz, onde existe escuridão. Quem mais poderia sofrer a ameaça de desonra, por parte de um soldado (e hás de compreender o que quero dizer com isso: a pior maneira pela qual um homem pode desonrar uma mulher) e, pouco depois, descrever detalhadamente um pôr do sol? Ela consegue ver beleza nos lugares por onde, habitualmente, passamos sem notá-la. Mas essa noite seu coração

estava pesado. Penso que, em certas ocasiões, ela desembrulha seus pesares e põe-se a olhá-los, no meio do escuro.

Enquanto guardava meus apetrechos, ela me pediu:

Fale-me da Irlanda.

E, assim, permaneci ali um pouco mais. Ela era a ouvinte, e era eu quem lhe falava. contei-lhe sobre nossos meninos, sobre o modo como crescem,

dia após dia, como se tornam homens fortes e bem educados. E contei-lhe como a tua voz, cantando, é o som mais doce que já conheci. Ofereci-lhe Glaslough, com todas as suas heras e seus jardins, e contei-lhe como as alamedas se enchem de flores na primavera. Ela então quis saber quais flores seriam. Mas quando foi que eu soube de que flores se tratavam? Eu disse a ela:

Minha esposa é quem entende de flores.

E, ao ouvi-lo, ela sorriu um pouco, dizendo:

As mulheres costumam entender disso. Sim.

E ela me perguntou a teu respeito, Jane. Não te descrevi de forma muito detalhada. Pois, se o fizesse, talvez isso equivalesse a descrever, para uma pequena flor em cima de uma pedra, todas as qualidades que uma rosa pode possuir. Não seria justo.

Mas ela fez-me perguntas como “o que o faz amá-la?”. E como poderia eu responder? Não sei nem por onde começar.

Escrevo essas palavras enquanto ouço um gotejar. Vem do lado de fora, de um telhado que pinga sobre outro, mais abaixo de mim. O teto da cozinha, creio eu. Deve ser o início lento da primavera, e sei que isso significa que sua morte está próxima. Madeira e cordas estão sendo levadas para a praça, agora, e meu estalajadeiro assegura-me que aquela filha do diabo (palavras dele, não minhas) não vai durar muito tempo. Uma semana, no máximo, é o que ele diz. (Eles parecem preferir os fins de semana, para as fogueiras. Aparentemente isso atrai um número maior de pessoas.)

Perguntei-lhe, também, quem seria o xerife dessa vila. Quem, acrescentei, poderia aceitar um juramento em nome do Rei?

O nome que ouvi foi Ardkinglas.

Sendo assim, devo procurar por esse homem e conversar com ele. Deve ter sido um dos últimos a ver O MacIan antes do massacre. E muito me interessará ouvir seu relato sobre tudo aquilo.

Recolho-me ao leito junto com tua carta. Há um ruído de chuva batendo contra a vidraça. Chuva, não neve. Sendo assim, certamente hei de cavalgar até o Norte, durante a próxima semana.

C.

V

“Suas flores são brancas e diminutas; depois surgem as pequenas bolsas, que guardam as sementes — as quais, por sua vez, são achatadas, tendo o formato semelhante ao de um coração.”

sobre a Bolsa-de-pastor

Se nunca estive nas Highlands, senhor, então não irá saber o que é um cervo.

Havia muitos deles em Glencoe. Do mesmo modo como havia homens que queimavam turfa e escalavam as alturas. Eram da altura de cavalos e tinham cor de avelã, e atravessavam os brejos enfileirados, de modo que eu podia seguir suas trilhas sem me afundar. Eram silhuetas sobre os picos, olhando lá de cima. Ficavam pastando do lado de fora da minha cabana, enquanto eu dormia lá dentro. Eu ouvia o som de mato sendo cortado de uma vez, de manhã cedo, quando saía de casa, sentia sua sujeira subindo entre os dedos dos meus pés.

Mas também eram desconfiados. Acabaram ficando assim, porque tinham vivido centenas de vidas nas quais os homens acertavam flechas em seu lombo, ou passavam a espada em seu pescoço. Tinham, sim. E, por isso, seu modo de ser era desconfiado. Eu às vezes ia cantarolando pelas colinas da primavera, ou colhendo ervas, com as saias presas na cintura, e encontrava uma manada em uma colina distante. Eles já tinham me ouvido, muito antes que eu os visse. Pescoços esticados, orelhas para frente. Podiam ficar nos encarando com um olhar tão fixo! E muito mais duro do que qualquer repreensão. Um cervo e eu podíamos fixar nossos olhos um no outro e continuar nos encarando por muito tempo, cada um pensando que o outro talvez estivesse escondendo algum truque. Cervos, especialmente gazelas, são capazes de nos encarar por tanto tempo que podemos até pensar que não se trata de cervos, afinal, mas sim de pedras com o mesmo formato. E então eu levantava um pé ou inclinava a cabeça e eles fugiam em disparada. “Pocotó-pocotó”, com aqueles seus traseiros de cor clara.

As gazelas e seus filhotes eram mais limpos.

Os machos eram mais bagunceiros. Tinham pescoços tão grossos quanto uma cerca viva e eram pesados, também. Às vezes apareciam com uns fios de baba pendurados na boca, ou um pouco de musgo agarrado nos chifres, como se tivessem acabado de sair de uma briga. E às vezes perdiam suas galhadas. Na primavera, seus chifres se quebravam e morriam, e novos chifres cresciam, tomando a mesma forma dos chifres antigos. Encontrei uma metade de chifre na montanha Mantenha-me A Salvo e a levei de volta para a minha cabana. À noite, ela projetava uma sombra, e eu desejava que o cervo que a perdera tivesse uma vida longa e feliz.

Eles bramiam, também. Eu tinha ouvido, nos meus primeiros dias. Pensara que o cervo solitário tinha vindo me dar as boas-vindas. Nunca antes havia escutado um som como aquele rugido, profundo, cheio de ar.

Por quê? — perguntei a Alasdair, certa vez.

E ele havia explicado que os machos costumam lutar, engatando suas galhadas como se fossem duas mãos.

Lutar?

Pelas fêmeas. Para ganhá-las.

Até os cervos lutam, aqui em Glencoe — disse para mim mesma, revirando os olhos.

Então é isso, eram muitos cervos. O senhor verá quantos, quando for a Glencoe. Ou, se não isso, verá ao menos as marcas das suas pegadas, nítidas sobre os charcos. Ou então a bosta deles, que se parece com groselha, vai acabar grudando no arco das suas botas. E o senhor terá que sacudir os pés para livrar-se dela.

Meu cervo macho me viu antes, acho. Imagino que ele me avistou assim que eu cheguei pela primeira vez ao vale, arrastando minhas saias, cheia de mariposas nos cabelos. E acho que seus olhos me refletiram, enquanto eu construía minha casa, porque ele era muito observador. Mais observador do que os outros.

Depois disso, passei a procurá-lo pelos topos das colinas. Enquanto esfregava minhas panelas no riacho, ou esfregava meu corpo nu nos poços de neve derretida, costumava passar os olhos pelas colinas, tentando encontrar grupos de machos pastando. Mas ele não estava junto com os outros. Eu sabia disso porque conhecia aquela sua galhada estranha, irregular. Conhecia a profundidade oleosa do pelo do seu pescoço.

“Talvez ele tenha ido embora. Talvez esteja morto.” Mas ele voltou.

Eu estava secando um pouco de menta aquática ao sol. Essa erva crescia em abundância nas margens do Lago Achtriachtan, no local onde o touro d'água vivia e de onde saía, nas noites de lua cheia. Eu nunca vi nenhum touro d'água, mas, quando arranquei um punhado

da erva, senti o peso de uns olhos em cima de mim, e lá estava ele: bem no topo do Pico do Gato, olhando lá de cima. E eu disse:

Olá... — bem baixinho.

Como se tivesse me ouvido, ele se foi.

Mas de volta à casa, onde eu tinha arrumado a menta em uma fileira, do mesmo modo que a roupa é posta para secar, ele voltou. A luz do sol era intensa, e, sendo assim, tive que proteger meus olhos para poder vê-lo. Fiquei olhando enquanto descia, cuidadosamente, a encosta. Ele se aproximou de mim. Balançou duas vezes o rabo. As encostas do Pico do Gato podem ser bastante escorregadias, mas ele não escorregou nem uma única vez.

Olá — eu disse novamente. Ele parou.

Tinha sete chifres do lado direito e cinco do esquerdo, e, sendo assim, eu sabia que era ele mesmo.

Por um bom tempo ficamos nos entreolhando. Eu tentava memorizar seus cascos ásperos, sua boca pálida, seus olhos. Também observava suas narinas se abrindo e fechando. E, então, ele começou a abaixar a cabeça bem devagarinho, inclinando-se, enquanto eu pensava: “Ele está sentindo o cheiro da menta. Ele está farejando a menta...”

Eu me agachei e peguei um punhado de folhas.

Tome aqui — disse a ele.

E a cabeça se ergueu. Ele me olhou abertamente, como se o tivesse ofendido. Seu nariz farejava a erva, e permanecemos assim por um longo tempo. Eu com o braço esticado em sua direção, dizendo “Tome aqui”, e ele com sua cabeça erguida para cima. Fiquei esperando que pegasse a menta. Sentia meu corpo ansiando que se aproximasse de mim, que tomasse aquela menta da minha mão.

Só uma vez. Tome aqui...

Queria sentir seu calor no meu corpo, queria que ele deixasse em mim o rastro da sua baba, do mesmo modo que a égua tinha feito. Como todos os animais costumam fazer.

Aqui...

Mas os cervos machos são criaturas selvagens. E ele era o mais selvagem de todos, sempre sozinho e com aqueles chifres. Sabia que ele queria muito aquela menta, mas sabia, também, que o chão entre nós dois devia parecer imenso, além de desprotegido para ele. E eu era humana demais. E, sendo assim, ele virou-se e partiu novamente.

Subiu e atravessou para o outro lado, saindo da minha visão. Abaixei os olhos para as folhinhas verdes na minha mão e, por uns instantes, fiquei triste. Mas sabia que ele iria voltar. Porque eu tinha visto nos seus olhos o que ele desejava. E já conhecia aquele olhar.



A primavera foi boa, Senhor Leslie. Ela é sempre boa para todos os seres, para as ervas e para todas as plantas que ficam dormindo durante o inverno. Eu costumava sair da minha cabana, respirar fundo e sair correndo até os picos das montanhas, onde a neve antes havia me impedido de ir. Eu levantava as pedras. Foi assim que encontrei betônica e milefólio, e besouros também. E nos bosques perto de Inverrigan descobri tanásia, que não tinha visto desde Thorneyburnbank. Eu me acocorei ao lado dela, fiquei passando os dedos sobre as suas folhas, o que me fez pensar na Cora. Lembrei-me de quando eu era criança e estava com ela. Ela sempre dizia que as folhas de tanásia eram tão macias quanto o pelo de uma lebre, e que isso significava que era uma planta benéfica. Era ótima para queimaduras de sol e dores nas juntas. Mas aquilo também me entristeceu, pois me fez sentir saudades dela. Só que, ao mesmo tempo, ela estava ali, dentro de um cheiro, nas ervas. Ela era real, outra vez, e estava ao meu lado. Eu a encontrei em muitos lugares, naquela estação.

Encontrei outras pessoas, também. Pessoas cujos rostos eu começava a conhecer.

As crianças de Achnacon, com sua pele coberta de sardas, penduran- do-se de cabeça para baixo em um amieiro, enquanto eu passava por ali. Elas ficaram gritando para mim e sacudiam seus braços, e eu perguntei:

Vocês são morcegos, aí pendurados nessa árvore?

Elas não falavam inglês, e começaram a rir. Seus cabelos raspavam de leve nos meus, quando passei por debaixo delas. E, enquanto pegava um pouco d'água em uma curva do rio Coe, vi o velho de Inverrigan pescando com seus filhos. Todos muito parados, como se fossem aves pernaltas. E, próximo da Crista Como Uma Igreja, vi Sarah. Ela segurou em meu pulso, perguntando:

Como vai você?

E perguntava como se realmente quisesse saber. Sentei ao lado dela por algum tempo. Ela ficava passando as mãos na barriga, fechava os olhos toda vez em que o sol saía de trás das nuvens, e sorria.

Raios de sol — sussurrou —, enfim.

E, assim, ficamos juntas tomando um pouco de sol, ela e eu. Eu disse a ela:

Estou bem. Muito bem. Ótima.

Todas as pessoas pareciam estar bem naqueles dias.

Em um dia de brotos verdes e águas brilhantes, mais vacas apareceram. Estava batendo com um pedaço de pau na pele de corça, tirando o pó do inverno, quando ouvi o som de cascos tinindo nas pedras. Eu me virei para olhar. E lá vinham elas, uma dúzia de vacas pretas, babando capim. Alguns MacDonald as acompanhavam, de

bochechas coradas e cobertos de lama, bufando pesadamente. Eles tocavam as vacas com as mãos, e pensei: “De quem serão...?” Porque eram vacas roubadas. E estavam sendo guardadas naquele vale secreto, para que não pudessem ser encontradas e depois levadas de volta. Eu agora já conhecia os costumes daquele lugar.

Fiquei olhando para os homens. Alasdair não estava entre eles. Apenas homens que falavam gaélico, aqueles parecidos com ursos. Não olharam para mim. Passaram tão perto que eu podia sentir o ar se deslocando e o cheiro do seu suor. Mas não disseram uma palavra, e eu fiquei de coração pesado. “Por que não querem sorrir? Nem me cumprimentar?” Fiquei parada, as mãos soltas ao lado do corpo.

Mas, quando estavam indo embora, aquele com a cicatriz que chegava até o queixo, partindo-o em dois, virou-se enquanto andava e foi seguindo de costas, por uns instantes. E, enquanto ia andando de costas, ergueu sua mão. Ergueu sua mão para mim. Ergui a minha.

São esses pequenos momentos, senhor, que transformam um mundo.



Mal conseguia ficar sozinha, naqueles meses. Raramente via um dia raiar que não tivesse uma pessoa nele; o que às vezes era bom, mas às vezes, também, me fazia sentir saudade da paz e do silêncio. Não podia tirar minhas roupas, com medo de que me vissem. Não havia muito que esconder, só ossos e brancura, mas mesmo assim não é certo os outros nos verem daquele jeito. É um momento particular.

Um homem que estava com um espinho no dedo veio me ver. Ergueu o polegar, e eu o curei.

O Bran também me encontrou. Ergueu uma das patas de trás perto do tronco da avelaneira. E logo depois foi embora. Não havia ninguém com ele.

Ou, se havia, essa pessoa não chegou a vir até a minha cabana. Fiquei olhando para os barrancos, mas tudo o que parecia haver neles eram pedras e tufo de mato.

Eu gostava daquilo: de ver vidas. De ver as vidas vindo até mim. Mas ficava dizendo ao meu reflexo, no poço coberto de turfa:

Corrag, você é dos lugares. Não ame. Não fique procurando por ele nas sombras. Não fique sussurrando o nome dele.

E, sendo assim, eu também ia para longe. Escolhi um dia de brisa para caminhar até o urzal. O Urzedo de Rannoch, onde a égua havia morrido e onde eu vira seu espírito saindo de dentro dela. Onde eu tinha caminhado como uma noiva de trapos, tristeza e cansaço, sem nunca ter visto Glencoe antes. Onde tinha vivido uma outra vida.

Parei no extremo oeste do vale e fiquei olhando para ele. Olhava

para suas abelhas voando, para os seus céus de ventania. E fui caminhando até a montanha que ficava ali ao lado, a que dava vista para fora. Era a Montanha Escura, ou talvez a Ponta-da-Flecha, porque eu ainda tinha a marca daquela ferida no calcanhar. Mas pensava: “Suba! Imagine só a vista...” Era uma subida dura. Eu subia às apalpadelas, usando meus dedos. Em alguns lugares, via a urze lá embaixo, aparecendo por entre os meus pés, e isso só me fazia repetir:

— Continue subindo! Suba!

Imaginava a alegria de alcançar o topo, quando chegasse lá. O ar, os membros doloridos, e a vista, aquela vista!

Mas ao alcançar o topo, não cheguei a sentir aquela alegria. Em vez disso, senti um cheiro.

Fui diminuindo o passo. E então, no cume daquela montanha negra e dentada, eu me deparei com Gormshuil.

Abafei um grito. Pus minhas mãos nos quadris e disse, surpresa:

Você? Aqui?

Porque que escalada aquela tinha sido! Eu tinha me pendurado, pulado e me balançado até conseguir chegar ali em cima. E ela era três vezes mais alta que eu e tinha quatro vezes o meu peso. E, pelo que eu podia ver, não se alimentava. No entanto, lá estava ela, com aquela sua pele de asa de inseto, coberta de veias cruzadas, enrolada no seu xale esfiapado, tomando vento no rosto. Ela não disse nada. Apenas deu um passo para o lado. E atrás dela pude ver um abrigo feito de pedras, um fogo de chão, ossos e uns panos velhos. E duas outras mulheres, sentadas bem ali.

Foi só pelo bem da educação que continuei ali em cima. Eu me acocorei em uma pedra e dei um sorriso para aqueles rostos novos. As mulheres eram tão magras e tão pálidas quanto a Gormshuil, mas mais jovens do que ela, imagino. Uma tinha o rosto deformado. Seus ossos haviam sido quebrados, no passado, seu nariz era achatado e seu queixo, completamente torto. Os dentes de baixo projetavam-se para fora, e por isso não conseguia pronunciar as palavras direito.

Doideag... — sibilou. — De Mull. É uma ilha, lá pro Sul... — E apontou naquela direção.

A segunda garota não disse nada. Ficou olhando para os dedos dos pés, com o queixo apoiado nos joelhos. Ela levava mais tristeza na alma do que eu jamais havia visto, acho eu, e a Gormshuil logo sibilou:

Aquela ali não tem língua.

Não tem língua?

Ter, tem, mas num usa nunca. Num consegue. O susto levou as palavras dela embora.

Susto?

Um barco afundou. Laorag. De Tiree. E todas as pessoas se

afogaram em volta dela, ficaram se agarrando nos seus cabelos, e ela teve que nadar com todas aquelas mãos de morto se pendurando nas saias... Todos os outros afundaram, menos ela.

Não era nada bom ficar sentada no alto da Montanha Escura com umas mulheres tão estranhas como aquelas, com uma vida tão louca que nem a Cora iria se importar com elas. No meio da sua fogueira, havia ossos retorcidos e penas. A latrina delas ficava na direção do vento, e o cheiro, carregado, chegava até o meu nariz. Não existia um lugar para dormir, propriamente dito, só as pedras, e um amontoado de panos cobertos de lama. Nada ali era verde, a não ser o meu meimandro. Eu o reconheci, em cima de uma pedra.

A Gormshuil ficou me encarando. Dava a impressão de não me conhecer direito. Como se talvez me conhecesse, talvez não.

Você tá diferente — disse ela, como se isso a incomodasse. Franzia as sobrancelhas.

Não. — Eu estava exatamente do mesmo jeito.

Mas ela, não. Ela parecia pior, imagino. Tinha feridas ao lado da boca. Nos cantos dos lábios havia umas crostas vermelhas, que se esfarelavam toda vez que ela falava. Aquilo era coisa do inverno. Pensei no quanto um pouco de confrei poderia ajudar.

Você tá diferente — insistiu. — As sementes tão sendo plantadas por todo lugar. Elas brotam e atravessam a terra...

Conversa esquisita. Balancei a cabeça, ouvindo-a. A boca da Doideag fez um som parecido com o do Bran se lambendo. Ela estava comendo alguma coisa que escondia nas mãos. Tinha um queixo muito torto, e as maçãs do rosto pontudas por causa dos ossos quebrados.

Eu disse a Gormshuil:

Este é um clima bom. Acho que vi mais gente nas duas últimas semanas do que em toda a minha vida. Pescando no Coe. Tecendo cestas. E vi os meninos praticando exercícios de espada e...

Pilhando — disse a Gormshuil.

Pilhando?

É. Roubando. Armando confusão lá pelo Sul. É isso o que eles fazem...

Ela sabia de tudo. Ficou empurrando a língua por entre os buracos onde antes seus dentes tinham estado, como se fizesse força para pensar. E talvez fizesse. O cérebro dela já estava velho, enevoado pelo meimandro e pela idade, disso eu tinha certeza.

Eles roubam e roubam. E vão trazer mais gado para cá. Turfa. Cavalos... É o que vai acabar com eles, no fim das contas — disse ela. — Toda essa roubalheira.

Levantou uma sobrancelha, apertando as ervas com mais força.

O mais novo é um ladrão. O seu.

Meu?

O seu. A semente dele está crescendo, e os roubos dele, também. São vacas de Glen Lyon, essas aí. Ele encontrou todas elas no rio, bebendo água, e levou tudo embora. Foi no entardecer. Ah, ela já se meteu em muita con- fusão. Corações ardentes. Todos cheios de fogo, que nem o seu cabelo, e no verão passado ele ficou acorrentado lá em Inverlochy, por causa dessas suas manias. Tiveram que chamar a Rainha pra poder soltar ele. A Rainha em pessoa! Ela não vai durar muito. É mais forte do que o marido, mas uma peste vai acabar levando ela embora...

Gormshuil — perguntei —, do que é que você está falando? Ela olhou de volta para mim.

Você sabe... — acrescentou: — A luz de uma vela pequena brilha mais forte nos lugares onde não há luz...

E então desviou os olhos de mim e pousou o olhar para além do Urzedo de Rannoch, onde as sombras das nuvens passavam velozes por cima das pedras, e ficou assistindo a tudo aquilo.

Você vai vir me procurar — disse — quando houver um lobo. Balancei a cabeça.

Um lobo?

Aquilo era pura loucura agora.

Quando ele uivar. Você irá voltar...

Um lobo? — Um pensamento me ocorreu. — Você tem o dom da visão?

Os lobos não vão durar. Não, não...

Eu estava inquieta.

Você tem, Gormshuil, o dom da visão profética? Gormshuil?

Mas eu a havia perdido. Ela continuou em pé, depois começou a vagar pelo meio das pedras e da poeira, mexendo em um passarinho morto e murmurando coisas. Fiquei olhando-a fazer aquilo. E, naquele instante, pude perceber um poder nela. Talvez fosse o meimendro, confundindo a sua mente e a enchendo de sonhos. Ou talvez fosse sua altura e seus ossos velhos o que a fizesse parecer estranhamente sábia.

Eu não sabia. Não tinha como afirmar. Mas, enquanto descia pedra por pedra, percorrendo meu caminho de volta para casa, passei pelo homem de Achtriachtan, que estava cavando a turfa no vale. Aproximei-me dele. Bem suavemente, eu lhe disse:

Aquelas vacas, no vale escondido... De onde elas foram roubadas? Ele entendeu o suficiente.

Glen Lyon. Sul-e-Oeste.

E como é que ela poderia saber? Com aquela sua vida toda estropiada, meio drogada?

Eu me aconcheguei bem perto do fogo, aquela noite.



A visão profética. Até mesmo o senhor já ouviu falar nisso. O modo como uma pessoa pode ficar sabendo sobre os tempos futuros. Pode vê-los e estar certa. A Cora tinha seus ataques, caía no chão. Ela arqueava as costas. E, depois que tudo passava, ficava segurando a cabeça entre as mãos e dizendo:

Eu acho que tenho um pescoço bom para a força. Ou então:

Tome cuidado com os bezerros marcados...

Foi assim que ela viu “Norte-e-Oeste”, acho eu. Viu aquela sua corda e, então, “Vá!”.

Às vezes a Cora as vendia, as suas visões, suas profecias. Voltava de Hexham com um punhado de moedas, que gastava com comida ou com uma fita nova para o cabelo. Mas a Gormshuil, não. Ela não vendia coisa nenhuma. Ela se mantinha longe das casas e se escondia lá nas alturas, e os MacDonald tinham algumas histórias a respeito dela para contar. Sobre uma glaistrig²⁹ que uivava nas noites de lua cheia. Aquela que deixava sementes mágicas no capim. Lady Glencoe costumava falar sobre a “bean nighe”, a mulher feita de neblina que lavava suas roupas no rio Coe, nas noites muito escuras. E seu nome significava que a morte andava por perto. Ouvi aquilo e soube que era sobre a Gormshuil que eles estavam falando. Então eu disse a eles:

Ela é real, não é feita de neblina. Eu já a encontrei, e ela tem um cheiro bem azedo.

Mas às vezes as crenças podem ser mais fortes que os fatos.

Fique longe dela, Sassenach — disse Lady Glencoe. — A morte habita aquela mulher.

Bruxa. Vidente. Velha feiticeira.

Mas a Gormshuil era um ser humano. Assim como eles. Eram pessoas de carne e osso, com um coração escondido do lado de dentro. A Doideag ficava se coçando e espirrava. A Laorag de Tiree tinha seus sangramentos mensais, e sei porque vi manchas nas suas saias quando passou por mim com aquele seu jeito todo esticado. E, certa vez, peguei a Gormshuil espiando um dos homens Cameron, lá de um vale distante. Ele tinha vindo até Glencoe e caminhava cantando. Ela o seguiu por algum tempo. E por quê? Deixe-me adivinhar. Imagino que estivesse interessada em uma certa atividade particular, com ele. Mas nunca foi capaz de pedir, nem de tentar.

Estou falando demais nesse assunto.

O que quero dizer é o seguinte: que, apesar da sua visão profética e do seu fedor, e da sua vida louca, ainda eram seres humanos. Tinham sido filhas, irmãs e esposas e, sendo assim, eu olhava para elas, com aqueles seus olhos de meimendro, e pensava: “O que foi que aconteceu? Que dificuldades surgiram para elas?” Porque ninguém

vive uma vida como aquela por livre e espontânea vontade. Ninguém vai morar no alto de uma montanha, a não ser que tenha passado por alguma tristeza — uma ferida, uma perda, ou por medo em cima de medo.

A Doideag deve ter sido desfigurada por socos, era o que eu pensava. Algum homem, ou mais de um, deve ter batido nela e a soltado depois, pensando que estivesse morta. Porque eu vi o estado dos seus ossos, e dava para ouvir os estalos toda vez em que ela se mexia. A garota de Tiree era tão sozinha e machucada no coração que aquilo roubou-lhe a fala. Ela tinha sonhos tão terríveis que cheguei a ouvi-la chamando, uma noite, acho. Gritando de dor. Sonhando com barcos perdidos.

E a Gormshuil? Eu nunca vou saber. Mas sei que ela tomava meimendro para amortecer qualquer eco do que tinha acontecido.

Certa vez, ouvi-a dizendo a palavra “amor” E foi só isso. Não disse mais

nada. Mas o modo como tinha dito aquela palavra, devagar e com uma pis- cadela lenta daqueles seus olhos contornados de vermelho, soava para mim como se ela desejasse que o amor não a tivesse encontrado, que ele passasse por ela.



Veja só o que aquilo fez delas. Veja o que as pessoas fizeram.

Mas de que valem as palavras? Eu contava o número de dias em que não tinha visto Alasdair.

Procurava por ele nos picos. Vagava pelas florestas. E toda vez que um passarinho saía voando de dentro dos arbustos, eu pensava: “É ele!” Mas não era.

Ainda assim, ele apareceu, no fim das contas. Veio descendo das encostas do Pico do Gato, derrubando pedrinhas, que ouvi primeiro. Parecia o som da chuva. Caíam estalando, e, ao me virar, vi aquelas pedrinhas quicando de encontro às rochas, e acertando as vacas, e pensei: “Mas o quê. ?” E, quando

olhei para cima, lá estava ele.

Estive fora. Por tempo demais. Eu acho — disse ele.

Seus cabelos estavam mais claros por causa do sol, e ele parecia ainda mais forte aos meus olhos. E então tirou do bolso a casca fina e sarapintada de azul de um ovo. Pela metade. A casca ainda tinha aquela película esbranquiçada por dentro dela, e um fio fino de sangue, e eu sabia que um pássaro tinha voado dali de dentro. Tinha partido a casca e ido embora, voando. Alasdair pôs a casca dentro da minha mão.

Saímos caminhando. Não ficamos perto da minha cabana, porque a

tarde estava quente e modorrenta. Os insetos flutuavam, aos punhados, e as vacas ficavam balançando seus rabos enquanto pastavam.

Vamos trocá-las de pasto em breve — disse ele. — Vamos levá-las para o Urzedo de Rannoch. O seu vale é pequeno demais para o tamanho desse rebanho.

O meu vale?

É. O seu vale.

Fomos até O Encontro das Águas. Certa vez, mil anos atrás, eu tinha lavado minha capa ali e pendurado as teias de aranha nas árvores. Agora a queda d'água não estrondava mais, nem se cobria de neblina como tinha feito, porque a neve já havia derretido e não tinha caído chuva.

Como você tem andado? — perguntou.

Muito bem. Ocupada. Primavera significa ervas, e tenho colhido bastante.

Ele assentiu, mas eu perguntava a mim mesma se por acaso teria me ouvido. Seus olhos pareciam muito distantes.

Minha mãe me ensinou sobre as ervas. Ela andou por muitos lugares e colheu muitas ervas que encontrava pelo caminho...

Então ele disse:

Fiz mal de ter lhe falado como falei, da última vez. Falei com você de um modo muito duro. É meu jeito de ser, mas preciso tomar cuidado. As mulheres não gostam de ouvir histórias de guerra...

Não essa mulher aqui. — Dei um sorrisinho. — Eu vivo para curar as feridas, e não para fazê-las.

Ele assentiu.

Vou lembrar-me disso. Talvez você viva fugindo, e eu, guerreando.

E, talvez, você devesse lutar menos. Já existem guerras demais. E guerrear não ajuda a causa de ninguém. Não pelo que eu vi.

Ele sorriu, afastando o olhar.

Sua natureza não é como a minha. Não é como a de ninguém por aqui. Percebi isso quando você estava costurando o meu pai. Você é mais das primulas do que das espadas, acho — disse, me provocando.

Mais das cascas de ovo...

É. Eu vi aquilo e pensei em você.

Dei um sorriso. Fiquei olhando para sua mão, que passava pelas folhas de capim e me perguntando o motivo da minha natureza ter sempre sido só minha. Por que razão eu estaria sempre sozinha, dentro dela? A Cora tinha sido como eu, não tinha? Mas ninguém, ali, tinha sido assim. E mais ninguém seria, por muito tempo.

Seu irmão não gosta da minha natureza — eu disse.

O Ian? Não é que ele não goste. É que ele não confia.

Não confia? Mas eu curei o seu pai...

É, você o curou. Eu sei disso. Nosso pai sabe disso. O clã — acrescentou ele — sabe disso. Mas olhe para você. Ouça só as coisas que você diz! Houve rumores, por algum tempo, sobre se você não seria uma espiã, Sassenach.

Trabalhando para quem?

Para esse rei holandês. Para os Campbell. Mandada para cá para nos conquistar, com esses seus olhos e essa sua vizinha de criança. Ou então para ouvir tudo o que pudéssemos estar tramando. Para depois mandar informações de volta, notícias sobre “esse clã Jacobita” Você falou até sobre

não ter um deus, nem um rei...

Eu não sou uma espiã.

Eu sei — disse ele. — Mas nunca ouvi alguém falar desse modo. Todo o nosso clã vive e luta com o intuito de trazer o Rei James de volta para o trono. Vivemos para os reis, enquanto você deu um suspiro longo e

pesado. — Procure entender o modo do meu irmão de pensar. Ele vai ser o Chefe, um dia. E há tanta coisa em risco, nesses dias que correm. Tantas sombras...

Ficamos escutando o som da cachoeira. E ouvindo o silêncio que surge quando duas pessoas estão querendo falar, mas nenhuma das duas diz alguma coisa. Havia tanta luz sobre as águas, tanta claridade, que era difícil pensar em sombras, ou inimigos, ou guerras. Era difícil acreditar nas minhas vidas antigas, com seus gatos cor de cinzas e suas auroras de inverno, avermelhadas, de tirar o fôlego. Tudo aquilo parecia muito distante, para mim.

Sarah está esperando uma criança — disse ele — Logo depois do Hogmanay, ela ficou um pouco na dúvida. Mas agora tem certeza. O bebê está crescendo bem rápido. Ela está. — Ele parou de falar e esticou as mãos para frente, mostrando o tamanho do ventre da mulher.

Eu sorri.

Eu sei.

Sabe?

Levantei os ombros, aponte para os meus olhos.

Eu tenho esses dois aqui.

É, tem sim.

Mostramos que estávamos de acordo balançando nossas cabeças. E voltamos andando em silêncio até minha cabana, em meio à cantoria dos pássaros e ao barulho das moscas. Procurei entre as minhas ervas por agri-palma, uma verdadeira erva feminina. Cura os enjoos e tira a preocupação, além de ser benéfica para todas as partes do corpo. Entreguei um pouco da erva para Alasdair. Então disse a ele:

Ela pode ferver essas folhas e bebericar um pouco. Ou, então, quei-

má-las no fogo. A fumaça irá acalmá-la. Essas vêm lá da Crista Como Uma Igreja. Há uma pedra lá em cima, e em volta dela essa erva cresce.

Ele sorriu, um pouco confuso.

De onde?

Foi quando contei a ele. Senti meu rosto ficando vermelho, mas contei a ele sobre os meus nomes para as montanhas que eu amava, e pelas quais andava, e cujas formas eu conhecia. Enumerei cada uma delas enquanto ele ouvia, sorrindo. Consegui fazê-lo ficar mais um pouco comigo, porque então ele decidiu se sentar perto do meu fogo e me ensinar seus nomes verdadeiros. Ao invés de ir embora com a agripalma, ele ficou ao meu lado, e sussurrava “Gear Aonach”, “Aonach Dubh” e “Sgorr na Ciche” para mim. Ficava dizendo aqueles nomes bem devagar. Usava as mãos, como se estivesse beliscando as palavras, enquanto as pronunciava.

É sua vez, Sassenach.

Aonach Dubh.

Eu estava tentando. Punha meus lábios do mesmo jeito que os dele.

Perto do fogo, nós dizíamos as mesmas palavras.

Quando começou a escurecer, ele se levantou. Pegou as ervas e foi se virando, vagarosamente, em direção à porta. Então disse:

Existe algum homem que você tenha deixado para trás? Algum marido?

Não.

Ele trocava o peso de um pé para o outro, mantendo os olhos baixos, na direção das ervas.

E você conseguiu ficar segura?

Eu não tinha entendido o que ele estava querendo dizer. Fiquei parada, piscando os olhos. Quando é que uma pessoa está segura?

Enquanto você viajava — insistiu. — Você é bem pequena e viajava sozinha. E não crê em lutas...

Abriu a boca. Havia palavras que não desejava ter que pronunciar.

Foi então que entendi. Soube o que ele tentava me perguntar. O sol já estava baixo no horizonte. Ficamos, os dois, olhando fixamente para a agripalma, para os pelinhos nas pontas das folhas, e de repente me lembrei do soldado dizendo:

Calma, agora... Seja boazinha comigo.

Então eu disse:

Nem sempre.

Onde? Onde foi que você ficou menos segura? Funguei.

Um dia antes da minha chegada às Highlands. Ele me machucou.

Machucou, como?

Não muito. Não tanto quanto ele desejava.

Alasdair parecia tenso. Notei que seus ombros se contraíram, e, em seguida, soltou o ar pelo nariz, com força.

Você vai estar segura, aqui — disse. — Vai, sim. Isso eu lhe prometo. Não éramos bons em dizer adeus, Alasdair e eu. Nossas despedidas eram sempre iguais: os dois parados, remexendo os pés nas pedrinhas do chão,

até que ele finalmente se virava e, rapidamente, partia.



Eu perguntava a mim mesma a razão de Alasdair ter feito aquela pergunta. Ficava cutucando minhas unhas, torcendo as mechas do cabelo. Deitada ali, no escuro, com as minhas velhas galinhas gordas, eu pensava “por que ele me perguntou aquilo?” e também “ela está esperando uma criança”.

A minha natureza não é como a de mais ninguém, ele dissera. “Mas ainda sou um ser humano, e sinto emoções de gente.” Eu sabia muito bem o que era a beleza em uma pessoa. Já a tinha visto, no modo como uma mulher prendia seus cabelos debaixo da touca, enfiando seus cachos claros para dentro. E eu tinha os cabelos escuros e não usava touca nenhuma. No dia anterior, tinha abaixado a cabeça para beber água no lago e, ao levantá-la, trouxera comigo algumas algas e um caracol. Passei o dia inteiro sem perceber. O caracol tinha ficado pendurado nos meus cabelos, balançando feito uma fruta. Ele deixara uma umidade prateada em cima de mim. E, sem saber, eu o tinha levado para passear nas Três Irmãs. Ele viu coisas que nenhum outro caracol jamais verá.

Abracei os joelhos, me virando de lado.

Meu coração ficava repetindo “ele, ele...”. Mas minha cabeça mandava o coração parar com aquela conversa fiada. Para que servia aquilo? “Vá dormir, Corrag. Pare de sentir isso que está sentindo.”



Esses seus olhos enormes. Olhando através dos óculos, como se eu fosse a puta que eles diziam que eu era. Porque “puta” vem logo atrás de “bruxa”. Que palavra terrível! É o arame, que usam para atar uma garota... Porque, uma vez que o usarem em você, ele vai deixar a sua marca. Tenho essa palavra marcada no meu corpo. E ainda sinto a dor do corte.

“Putá.” O quanto ela me faz pensar nos meus dias na Inglaterra, quando minha mãe voltava ao amanhecer, seminua e corada, enquanto nossos gatos se espreguiçavam. “Putá” era uma pedra que

jogavam em cima dela. “Putá” era o que se cochichava quando ela caminhava de mãos dadas comigo pelas ruas. E “puta” foi o que ela disse, certa vez, para si mesma. Sussurrou essa palavra enquanto via o seu rosto no espelho. Ela estava com um ar tão triste nesse dia. Ficava tocando a pele dos seus olhos, assim.

Essa é uma palavra que é dita com medo. Sempre. Porque só as mulheres de temperamento forte, aquelas com sabedoria no coração é que desafiavam essas leis, eu acredito. E toda aquela gente de Thorneyburnbank tinha medo da Cora. Porque sabiam que ela conhecia bem a si mesma e vivia uma vida que eles não tinham coragem de viver. Talvez até se perguntassem, bem lá no fundo, como deveria ser passar uma noite de luar lá no urzedo, com o lobo de dentro uivando bem alto. Porque o lobo daquelas pessoas vivia enjaulado e semimorto. A Cora, então, era a “puta”. Todos sabiam o que podia acontecer, quando ela erguia aquelas suas saias vermelho-escuras.

Mas eu sou apenas eu, não sou? A filha da minha mãe, é verdade. Mas também eu mesma. E o senhor já esteve aqui, sentado diante de mim, vezes o suficiente para saber que eu deixei meu lobo correr de outras maneiras. Sentando-me de pernas cruzadas em cima de uma montanha por toda uma noite, e esperando, esperando, esperando até o sol nascer, o dia chegar.

O senhor sabe que eu sou dos lugares. Mas sou das pessoas, mais do que tudo.

Eu queria conhecer o amor, Senhor Leslie.

Não ame — mas eu queria amar.

Queria encontrar o amor, e do tipo certo. E dizia para mim mesma:

Eu não sou solitária.

E, em geral, não era mesmo. Porque existe tanto aconchego no modo como as árvores se movem, e também na chuva. E, além do mais, a minha égua e as galinhas tinham sido boas amigas. Mas, de vez em quando, eu sentia o espaço vazio ao meu lado. Podia estar deitada, virar o rosto e começar a observar a urze ao meu lado. Suas cores, seu perfume. E, então, queria que houvesse alguém deitado ali, olhando as nuvens comigo.

Sempre tentei ser boa com todos os seres.

A Gormshuil o tinha chamado de “o seu”. Mas ele não era meu.

Mas isso eu lhe afirmo: que se “puta” é fogo, então eu sou feita de gelo. E, se “puta” equivale à uma meia-noite sem lua, nem estrelas, e sem cometas arrastando aquela luz fantasma em suas caudas, então sou puro brilho. Sou branca de leite.

Também conhecida como “Donzela Verde”, pode ter a aparência de uma mulher bela ou monstruosa, de pele acinzentada e cabelos amarelos e longos, com um vestido com- prido, verde e esvoaçante. (N. da T.)

Jane,

Caminho por onde ela caminha e vejo o que ela vê. Que dom! Como de costume, escrevo-te esta carta dentro do meu aposento. Mas a prisioneira fala tão ricamente de sua vida selvagem, de sua vida em meio à urze, às pedras e ao musgo, que eu me sinto como se estivesse em meio a tudo aquilo. Será feitiço, tal habilidade? Tudo o que diz permanece comigo. Caminhei às margens do lago, esta noite; e, no entanto, julgava tratar-se do rio Coe, e que as casas por onde passava eram montanhas. Ao entrar nesse quarto, a despeito de sua lareira e de seus quadros, e também dos meus livros, eu desejei, em parte, que fosse iluminado apenas pela luz das estrelas e que estivesse bem longe daqui. O modo como ela conta sua história parece magia.

Desconfio que me sinta assim, em parte, devido às minhas saudades de casa. Sinto-me vulnerável, creio. Dispunha de uma força e de uma esperança em Edimburgo a qual aqui, de algum modo, faz-me falta. Não obstante o fato de que Corrag me ofereça tudo aquilo pelo qual ansiava ouvir a respeito daquelas mortes, carrego comigo uma tristeza, um peso, o qual não me

sinto capaz de nomear. Talvez seja essa tristeza o que me faz mergulhar tão fundo em seu relato. Devo concordar com ela, quando afirma que o mundo natural, as estações do ano, a chuva que cai sobre a terra possuem um quê de curativo. Por vezes, afastamo-nos demasiado de tudo isso.

Quanto a Ardkinglas:

De fato, ele é o xerife. Colin Campbell de Ardkinglas. Um homem baixo, rechonchudo, de pele excessivamente pálida, ainda mais pálida que a maioria das peles aqui nesse país. Eu perguntava a mim mesmo, ao ser recebido por ele, se porventura não estaria adoentado. Tinha sombras profundas sob os olhos, as quais me levaram a perguntar:

Acaso importuno-vos, meu senhor? Poderei retornar em outro momento...

Mas ele sacudiu a cabeça, dizendo:

Não, não. Entrai. Sempre disponho de tempo para um homem da religião, como vossa senhoria. Vosso modo de falar leva-me a crer que vistes de longe...

E que residência excelente aquele homem possui! Se algum dia nutri dúvidas de que havia dinheiro em nome dos Campbell, essas dúvidas foram deixadas de lado, tão logo pude ver seu gabinete, ainda mais rico do que qualquer outro que eu tenha visto, até mesmo em Edimburgo. Jane, a

ladeira ali era simplesmente enorme! Eu poderia ter assado um porco inteiro lá dentro. E o fogo lançava um brilho agradável sobre os vidros e as paredes cobertas de madeira. Ele ofereceu-me um uísque, do qual, educadamente, declinei. Pois a bebida pode encharcar o juízo de um homem, e necessito

de todo o juízo que possuir, creio eu. Ele serviu-se de um copo, mas, lamentavelmente, nem o trago nem o fogo conseguiram emprestar alguma cor às suas maçãs do rosto. O homem tinha a palidez de um fantasma.

De que modo posso ajudar-vos? — perguntou.

Dei-lhe meu nome falso e meu falso objetivo (Deus me perdoe por tais mentiras, mas elas são ditas em Seu nome e pelo bem da nação). Ofereci-lhe um longo relato sobre meu intento de livrar o mundo dos infieis, dos heréticos e dos pecadores, e afirmei que esse é o caminho escolhido por Deus para mim. Falei com toda a convicção, certamente. Não sou completamente isento de astúcia, afinal. Afirmei ter ouvido comentários a respeito de sua natureza devota. E que haviam me assegurado de seu generoso auxílio.

Deveras — disse ele —, auxiliar-vos-ei em tudo aquilo que me for possível. Todos devemos nutrir a esperança de vivermos em um mundo civilizado.

Nesse momento observei que, ao terminar o uísque, ele servira-se de uma segunda dose.

Poderia vos indagar, meu senhor, a respeito de Glencoe?

Bem, Jane, eu vi o homem se encolher. “Encolher-se” talvez seja um termo por demais suave. Ele fez uma careta e curvou-se para frente como se a simples menção ao vale fosse um golpe em seu estômago. Então engoliu sua bebida e endireitou o corpo.

Se é da escuridão que desejais livrar-nos, lamento não teres estado entre nós, um mês atrás.

Ouvi dizer que houve um massacre. Cometido pelos homens do rei. Ele virou-se para mim. Depois, sua expressão se abrandou.

É. Não seria razoável esperar que aquelas mortes não fossem ser comentadas. Do modo como aconteceram... Um episódio brutal! Nenhum ser humano merece ser vítima de uma emboscada como aquela... O que poderia justificá-la?

Então perguntei a ele a respeito do juramento.

Juramento? — Assentiu ele. E tomou todo o uísque de um só gole

Ah, sim, eles vieram até aqui. Ele veio, O MacIan. Veio até aqui para jurar fidelidade a William, conforme havia sido decretado. Esteve aqui. Aqui! Exatamente onde estais sentado, agora. Pobre homem... Percorrera quilômetro após quilômetro, debaixo de um tempo inclemente. Mal havia se alimentado. E não se tratava de um jovem, meu senhor. O homem não era mais um jovem.

Ele atrasou-se, foi isso?

Chegou atrasado. Dirigiu-se para Inverlochy, na véspera do Ano-Novo. Estava furioso com ele, Senhor Griffin. Eu o repreendi. “Por que Inverlochy?” Todos sabiam que o coronel Hill, lá do forte, era amigo dos Highlanders e sempre fez de tudo de modo a ajudá-los. Mas ele não podia aceitar o juramento! Precisava ser eu mesmo, meu senhor! Essa tarefa era minha, e minha exclusivamente! Ainda assim, O MacIan cavalgou até o Norte...

Ardkinglas encheu seu copo novamente.

Por minha vida, senhor, nunca hei de me esquecer de sua aparência, parado bem aqui, neste salão. Com neve sobre os ombros e lágrimas nos olhos...

Lágrimas? O MacIan chorou? Ardkinglas assentiu.

Ele me suplicou que aceitasse o juramento. Que não considerasse seu atraso. Disse “a neve me impediu! Mas, de agora em diante, meu povo e eu somos servos do rei”. Ele implorou. Era uma verdadeira visão: um homem da sua estatura e coragem, um homem de tamanha reputação, soluçando bem à minha frente.

E aceitastes o juramento?

Sim. Eu o aceitei. Apertamos as mãos, e ele se foi. Imaginando estar a salvo. Imaginando que seu clã — engoliu — estaria protegido...

Mas por que motivo não estariam eles a salvo? Se haviéis aceitado seu juramento? Certamente um pequeno atraso podia ser perdoado...

Ardkinglas disse, então:

Creio que viram nisso sua chance. De livrar o mundo daqueles homens de Glencoe.

Quem viu?

Mas ele não falou mais no assunto.

Aquilo foi uma surpresa para mim. Ouvir falar dos sentimentos d’O MacIan. Lágrimas? Vindas de um guerreiro? Porém, como Corrag garantir-me-ia, somos todos humanos, afinal, e capazes de experimentar sentimentos de gente. O Chefe amava seu povo, disso tenho certeza. Era um homem de gênio, segundo as histórias de Corrag.

Imagino que, antes de Glencoe, Ardkinglas não costumasse beber do modo como anda bebendo. Imagino que, antes, ele não fosse tão pálido.

Antes de partir, consegui dizer:

Senhor, perdoai-me por essa impertinência. Mas e a prisioneira? A bruxa? Precisa mesmo ser queimada viva? Pois isso me parece um ato tão impiedoso e pouco civilizado quanto qualquer guerra nas Highlands. Sua morte não poderia ser evitada? Ou ela não poderia, ao menos, ser enforcada?

Ele assentiu.

Estou ciente disso. Não ouvi qualquer acusação formal contra ela, meu senhor. Mas não sou eu o responsável por mantê-la presa aqui.

Não sois vós o xerife?

Sim, eu sou. Mas conheceis um homem que atende pelo nome de Stair?
— *perguntou. — John Dalrymple? A bruxa está presa por ordem dele. Foi ele quem ordenou sua morte. E eu apenas cumpro o que ele ordena.*

Assim como ele o faz, em relação ao rei...

Então terá que ser queimada?

É, terá.

Ele tomou um trago largo de uísque e engoliu. Intercedi junto ao xerife pela vida da prisioneira. O que mais poderia fazer?

Escreva-me outra vez. A respeito de coisas pequenas, cotidianas. Sobre as flores que arrumas nos vasos e os locais onde os vasos estão. Na sala de visitas? Na mesa do hall? Mas como sou tolo! Pois que flores hão de haver, a essa altura? Não há de estar nevando aí, conforme me disseste, mas ainda assim o tempo deve estar frio e um tanto desagradável. Os bulbos ainda encontram-se encolhidos debaixo da terra.

Escreva-me sobre tuas tapeçarias. Fale-me do som que nossos filhos fazem, enquanto comem seu jantar, enfileirados como sempre. Escreva-me sobre a tua toalete noturna. Sobre aquilo em que tu pensas, antes de apagares tua vela.

C.

VI

*“Dizem que, se um homem ferido comer hortelã, seu ferimento
jamais cicatrizará, e isso ainda é pouco.”*

sobre a Hortelã

Quando não temos um céu, pensamos no céu que tivemos um dia.

Sei que é assim, porque aqui não tenho céu. Aqui, tudo é pedra e umidade, como a teia partida de uma aranha que não tem pernas para remendá-la. E, sendo assim, penso nos meus céus de antigamente. Nos melhores céus que já tive. Com isso não quero dizer apenas céus azuis, ou céus de verão, com nuvens sendo sopradas para longe. Esses céus eram bons. Mas não é nesses céus que estou pensando, aqui, presa nessas correntes.

Penso nos céus da Escócia. Sempre. Vi algumas auroras majestosas na minha primeira vida, lá na Inglaterra. Mas eu era jovem e não olhava para elas com os mesmos olhos que uma mulher de coração remexido. Eu tinha olhos mais sábios, então, e uma grande falta. E foi enquanto cavalgava com a minha égua para o Norte que pela primeira vez olhei para cima e fixei meus olhos. Naqueles momentos entre isso e aquilo, nós duas víamos cada céu tão lindo que eu chegava a considerá-los um verdadeiro presente. Pensava que eram algum tipo de promessa, em forma de ar. Atravessamos a névoa úmida nas Terras Baixas e nos deparamos com um sol vermelho, nascendo de dentro de um terreno alagado. Uma manhã vermelha e cinza-escura. Posso vê-la, agora.

Ou então o céu partido de Rannoch. A chuva havia vindo e ido embora, e suas últimas nuvens tinham sido varadas por um largo raio de sol, que descia, inclinado, até acertar os lagos. Ele transformava os lagos em poças de prata brilhante em alguns pontos. Fiquei olhando para tudo aquilo. Pensava: “Guarde isso com você.” Como se soubesse que, um dia, não teria mais céu nenhum para olhar.

O céu ventoso do meu vale.

O modo como cem mil estrelas se espalhavam pela escuridão.

E penso no pôr do sol que assistimos, lá do Bico do Peito, Alasdair e eu. Eu não estava olhando para ele, mas tenho certeza de que seu

rosto estava iluminado. Sabia que sua luz era avermelhada, que estava batendo em cheio sobre os nossos cabelos e que, se eu me virasse e olhasse naquela hora, ele estaria brilhando. E que, se ele virasse e me olhasse, eu também estaria, com meus olhos acesos. E eu pensava: “Olhe para mim. Vire-se, porque agora, só por um instante, estou bonita. E eu raramente estou assim. Mas estou bonita nesse instante. Aqui, de pé ao seu lado.” Mas nós dois apenas continuamos a olhar para o pôr do sol. A linha do horizonte estava completamente dourada. E vermelha.

Então ele falou:

— As Ilhas do Oeste ficam ali, em algum lugar. A terra dos meus ancestrais.

Eu me lembro bem.

Está ouvindo esse pinga-pinga?

Parece estar pior. Parece estar mais alto. Imagino que a praça do mercado esteja descongelando de verdade, agora. A neve vai começar a escorrer pelas cordas, pelos barris, pelo poste, pela lenha.

— Não vai demorar — disse o carcereiro. Hoje ele está bêbado. Escorregou do lado de fora da minha porta, caiu e ficou dizendo uns palavrões. Já ouvi palavrões nessa vida, mas os dele são os piores de todos. E ele disse coisas terríveis sobre Deus. Fico feliz que o senhor não estivesse aqui para ouvi-lo.

O que será pior? Blasfemar ou tramar contra o rei? E “bruxa” será uma palavra pior do que “Jacobita”?

Isso eu não sei. É gente do seu tipo, senhor, que William odeia e quer varrer da face dessa nação. Mas sou eu quem vai ser queimada viva.

Aqueles MacDonald. A causa deles, que é a mesma que a sua. O que irá acontecer com “Jacobita”? Será que James, algum dia, vai navegar de volta e se tornar rei? O futuro nos dirá. Ele sabe. Um dia, dentro de cem, duzentos ou trezentos anos, as pessoas dirão “Jacobita” e saberão o que isso significava e tudo o que isso causou. Saberão como foi que tudo terminou. Se é que vai terminar.

Mas nós já teremos partido, então. O senhor e eu. Eu terei partido antes, é claro.



Em junho, a política zumbia tanto quanto as abelhas. Estava no ar, e eu podia ouvi-la, sussurrando nas margens do rio, chamando pelos barrancos. A palavra “Achallader” zumbia, e, sendo assim, até meu cervo estremecia a cabeça e se mantinha longe de mim. Eu o avistava nos topos das montanhas. Ele tinha perdido os chifres, mas, mesmo

assim, eu sabia que era ele. Ficava parado, quase imóvel, com uma das patas erguida no ar.

Eu não conhecia aquela palavra. E estava ocupada demais para tentar entendê-la. Pois agora tinha uma verdadeira fazendola. Sete galinhas — porque uma das minhas meninas tinha passado na frente de um galo, e pronto! Três ovos não tinham galado, mas cinco, sim, e no começo havia pintinhas amarelas em disparada, que se metiam debaixo do traseiro da mãe toda vez que uma vaca passava ali por perto. Mas elas cresceram. Fizeram seu próprio trabalho de escavar a terra e puseram seus ovos. E agora todas se empoleiravam na avelaneira, nas noites compridas de verão.

E eu tinha as minhas cabras, também. Ganhara duas cabras do homem de Inverrigan, no bosque perto da curva do Coe. Elas tinham sido um pre- sente. Eu estava na ponta dos pés, perto de uma colmeia de abelhas, cutu- cando com um pedaço de pau e tentando ser cuidadosa, quando ouvi um garoto gritar meu nome.

Corrag! Corrag! — Ele puxava minha manga, falando alguma coisa em gaélico.

Levantei os ombros, dizendo:

Eu não falo gaélico.

E ele ficou abanando as mãos, depois apontou para o dente. Então entendi. Levei ligústica para Inverrigan. O pai dele estava deitado. Eu já tinha visto dentes enegrecidos na minha vida e sentira alguns hálitos bem podres, mas nenhum tão negro nem tão podre quanto aquele ali. Fiz uma careta ao sentir aquele cheiro. E ele fez uma careta, também, enquanto eu cutucava suas gengivas. Mas a careta aumentou ainda mais quando puxei seu caco de dente para fora. Para um dente daqueles não havia remédio. Apliquei ligústica no buraco e catei o que tinha restado do dente com a minha unha. Depois disso, ele ficou bem dolorido. Mas em dois dias havia dois cabritos cochilando ao lado da minha cabana, um com a cabecinha apoiada nas costas do outro. E eu soube que os animais eram um “muito obrigada”. Que o homem de Inverrigan estava comendo carne novamente. Além do mais, consegui mel. Porque o garoto me encontrou mexendo na colmeia outra vez e me mostrou como fazer para tirá-lo sem machucar as abelhas.

Ele enfiou o dedo lá dentro, lambeu-o e olhou sorrindo para mim.

E, assim, eu tinha galinhas e cabras. E um cervo. Teias de aranha nos beirais. A coruja lá do lado de fora era selvagem, mas piava na escuridão como se fosse minha. E todas aquelas vacas roubadas.

E naqueles dias compridos e quentes eu perambulava mais do que nunca. Saía cedo e voltava no final da tarde. Fui longe, em direção ao Norte, onde a maior de todas as montanhas se encontrava: de nariz

arrebicado e coberta de névoa. E fui ao Sul, até o mar. Ali no vale, eu me aventurava por entre os botões-de-ouro, com o capim na altura dos joelhos, e sempre que um caule se metia por entre os meus dedos dos pés e se quebrava com as minhas passadas, eu me curvava e guardava aquela flor. Eu punha a flor atrás da orelha ou a levava para a minha cabana. Por que motivo a deixaria murchando, lá em cima do morro? E, assim, nos meses de verão, minha casa tinha flores. Secas, ou quase. Geralmente eram botões-de-ouro amarelos, que brilhavam como velas de verdade. E, assim, eu podia me sentar debaixo do meu teto de palha e fazer de conta que estava dentro de um palácio, olhando o quanto meu saguão era bonito, o quanto estava iluminado por toda aquela luz de ouro.

Botões-de-ouro, tasna, sálvia. O começo do verão traz as ervas soberanas. O que era ótimo, pois os MacDonald andavam roubando mais do que nunca. Talvez fosse o calor, esquentando seu sangue. Ou, talvez, a palavra Jacobita, que os aferventava e os fazia rugir. Não sei ao certo. Mas sei que havia uma boa quantidade de feridas para curar, a maioria, de corte. Um daqueles ursos não cabia dentro da minha cabana e precisei tratá-lo do lado de fora. O MacIain estava conosco. Ele curvou-se para frente enquanto eu costurava a pele do urso e disse:

Esses pontos aí são menores do que aqueles que você deu em mim. Então você gosta mais dele? Ou não gosta de mim? — E me deu uma piscadela.

Ele também estava praticando seus roubos, como se nunca tivesse sido ferido. Seis meses, ou pouco mais, tinham se passado desde que aquele rasgo tinha sido feito em sua cabeça, desde que eu o costurara junto ao fogo. E, enquanto montava em seu cavalo, bem na minha frente, ele disse:

O que você quer que eu faça? Que fique apodrecendo numa cadeira em frente à lareira? Que deixe de ir a Achallader?

Eu me preocupava que todo o meu trabalho fosse se desmanchar enquanto ele estivesse cavalgando. Ou que um galho caído ou um golpe acidental estourasse a coisa toda, e ele acabasse morrendo. Mas:

Eu sou um MacDonald. Venho da linhagem de Ian nam Fraoch, que lutou contra o Fionn...

E, sendo assim, eu sabia que ele não iria ficar sentado em frente à lareira.

E ele foi até o lugar chamado Achallader. Eu o vi partir. Ele e seus dois filhos, além de um punhado de homens. Sob o sol quente de junho, quando o ar estava cheio de insetos e tinha cheiro do capim, nove deles passaram caminhando bem abaixo de onde eu estava.

Mas apenas oito voltaram.

Ian veio me procurar. Ele deu uma cuspidela para dentro de um

arbusto e respirava com dificuldade, quando disse:

Rápido! É uma ferida sangrenta...

E era mesmo. Ao examiná-la, encontrei mais sangue em cima do capim e nas roupas do homem do que dentro dele. Reconheci seu rosto. Tinha cabelos castanhos e uma fenda no queixo, e certa vez havia erguido sua mão para mim. Ele tinha acenado para mim, e eu acenara de volta.

Você acha que consegue salvá-lo?

O ferimento ficava na perna. Uma adaga tinha sido enfiada naquele tecido muito fino, azulado, detrás do joelho, e sua veia havia arrebentado. Lancei mão de um bocado de pano, pressionei tapete-verde o mais firme que podia contra a ferida e continuei tentando, tentando.

Mas os olhos dele estavam fixos no céu. Sua respiração tinha parado.

Sacudi a cabeça.

Não...

Eu me lembro de tudo. Lembro como as mulheres ficaram lavando o homem morto em silêncio, lembro-me do som da água girando dentro da bacia. Carinhosamente elas fecharam com bandagem o local do ferimento.

Fecharam seus olhos frios. Na luz macia do entardecer de verão, o homem foi levado para fora da casa que ficava perto do lago enquanto as gaitas de foles tocavam seu lamento, e as tochas eram acesas. As pessoas que moravam no vale começaram a descer, até chegarem ao lugar onde o Coe encontra o mar. Abracei meu próprio corpo. Então puseram o MacPhail dentro de um barco e ele partiu, singrando as águas. Uma ilha esperava por ele.

É lá que vai ser enterrado — disse Alasdair. — Em Eilean Munda. É solo sagrado para os melhores do nosso clã.

Eu apenas observava. Os últimos raios de luz se estiravam no céu. Como se soubesse o que eu estava pensando, ele disse:

Não foi a guerra, Sassenach. Nem uma pilhagem. — Ele mudou o corpo de posição. — Fomos chamados a Achallader para um encontro com outros chefes, para conversar com um dos Campbell... Ele nos ofereceu dinheiro. Parece que nossa fidelidade ao Rei William vale uma soma bem alta.

Suborno.

É. Mas nós não o aceitamos. E então houve uma briga...

Eu estava triste. Não poderia tê-lo salvo e sabia disso. Ainda assim, sentia uma tristeza profunda, por dentro dos ossos. Funda e sem palavras. Tantas perdas...

O gaiteiro interrompeu a música, e uma brisa começou a soprar.

Ficamos ali parados, em pé. Sarah aproximou-se de nós, com a mão

pousada sobre a barriga. Ela deu dois beijos no meu rosto, dizendo, em seguida:

Não havia nada que pudesse ser feito, Corrag. Nós todos vimos a ferida. Não culpe a si mesma.

Eles me convidaram para ir até sua casa comer um pouco de pão. Mas como eu poderia fazer isso? Não era tão forte assim. Sempre havia pensado que meu coração era forte, mas ele não era, não. Sempre havia pensado que não entrava em brigas, que não era uma guerreira, mas a verdade é que talvez eu sempre tenha lutado. Só lutava de um modo diferente. Eles par- tiram, e fiquei esperando, no escuro, até o barco voltar. O corpo do homem tinha ficado para trás, sepultado na terra salgada daquela ilha.



Achallader. Escreva esse nome. Um homem morreu por causa de um ferimento naquele lugar. Um suborno foi jogado de volta e uma adaga, empur- rada para dentro. Não sei muito mais sobre o assunto, mas acredito que isso já seja o bastante. Já diz o suficiente. Pois foi isso o que acabou apressando todos os problemas que estavam por vir.

Eu me lamentava por ele. Por MacPhail.

Não o conhecia. Mas tínhamos erguido nossas mãos um para o outro, e, quando morreu, eu estava debruçada sobre ele. Ouvi seu último suspiro. E pude senti-lo sobre o meu rosto. Dizem que no último suspiro de um homem está sua verdade. Sua alma.

Eu procurava pelo mar. Havia um certo consolo nele, no seu modo de nunca acabar. E também porque, para além dele, havia outras terras que eu nunca iria conhecer. Era assim que eu via o reino. Como se as pessoas que tinham morrido tivessem ido para outro lugar, um lugar que eu não podia enxergar, um lugar além dos lados da terra, mas que era tão real quanto aquela praia onde eu estava sentada. Pensava nisso, perto do Lago Leven. Havia gaivotas e cristas brancas sobre as ondas, e a ilha de Eilean Munda, que me olhava de volta. Não estava pensando em reis. Não estava pensando em católicos, nem em Deus, nem em jacobitas. Pensava apenas: perda. Perda e amor. E pensava no chuá-chuá das marés e na mulher do homem morto, que gritava de dor quando o barco começou a voltar sem ele. O som da água dentro da bacia.

Sarah encontrou-me ali.

Ela se abaixou bem ao meu lado e começou a dizer:

Você não teve culpa. De verdade.

Ele acenou para mim — eu disse. — Enquanto os outros só passaram por mim, sem dizer uma palavra, ele acenou.

Eu sei. Ele era um bom homem. Com um coração tão grande

quanto o corpo. Mas você não teria como salvá-lo.

Assenti. Sabia disso, bem lá no fundo.

Por que as coisas não podem ser simples? Nem boas? Elas nunca são assim.

Sarah concordou, movendo a cabeça.

Eu sei. Parece que é sempre assim. Mas isso vai passar, com o tempo. Não é possível continuar desse jeito para sempre. E, além do mais — ela me deu um pequeno cutucão —, essa aí que está falando não parece com você.

Você não é aquela moça que consegue ver bondade em cada pequena coisa? É o que o meu marido diz.

Ficamos olhando para a distância, por cima da água. Uma gaivota gritando alto de uma pedra recoberta de algas, e na distância eu podia enxergar a pequena balsa, ancorada para a noite. O céu estava vermelho, cinzento, e cheio de tons claros.

É um bom lugar para ser enterrado — disse ela. — Há uma pequena igreja, na ilha. Dizem que Santo Munda andou por lá, e isso fez o lugar virar um local sagrado. É lá que são enterrados os mais corajosos entre nós. Nossos amados.

Gostei daquilo. E sorri.

Foi uma travessia tranquila para ele.

É, foi. O Senhor aceitou a sua morte. Dizem que, se fosse uma travessia difícil e houvesse ondas altas, isso significaria que o mundo estaria se lamentando, enfurecendo-se, e não desejando que a pessoa o deixasse.

Dois gansos passaram voando, rente à água, e Sarah ficou observando as aves, antes de continuar:

Até hoje não vi um mar revoltoso, aqui. O décimo MacIain foi enterrado num dia de tempestade. A chuva estava tão forte que chegou a quebrar algumas das pedras. Foi o que Alasdair me contou. Ele assistiu a tudo, quando era garoto.

Eu não acredito que nós realmente o deixamos.

Deixamos?

O mundo — eu disse isso num sussurro. — Não acho que a gente vá para muito longe.

Sarah sorriu.

Olhe só! É a sua voz verdadeira falando outra vez. Alasdair me disse que você diz coisas assim. Ele ama o seu jeito de falar. E eu também.

Paradas ali, víamos os arenques saltando. Sentíamos a brisa suave.

Éramos duas mulheres sentadas lado a lado. Perguntei a ela:

Como você está? Como estão vocês dois? Sarah soltou um suspiro profundo.

Dolorida. Grande. Pronta. — E logo acrescentou: — E cansada de

toda essa conversa sobre reis. É só o que se ouve falar, lá em casa. É só sobre

isso que o meu marido fica falando. Ou, pelo menos, é como eu me sinto. Guerras e James. Para que ficar falando tanto assim nesse assunto, como eles falam? Digo isso a ele, mas para que serve a minha fala? Eu sou só uma mulher...

Fiz um pequeno ruído ao sorrir. Não era uma risada, propriamente, mas quase.

Minha mãe costumava dizer que, se as mulheres fizessem política, haveria mais paz no mundo.

Nisso estou de acordo com ela — disse Sarah, fazendo um som gutural. — Esses são tempos difíceis.

Mas você vai dar à luz um bebê em pouco tempo. Ela balançou a cabeça.

Não é a criança. Eu não estava me referindo à criança. São tempos difíceis para todos nós. São tempos difíceis para as Highlands e para todos os homens que são leais a James. Alasdair está preocupado. Ele fala pouco e pensa muito. Às vezes, ele não dorme e fica andando para lá e para cá, com aqueles seus pensamentos. Ele sente dúvidas em relação à sua causa, acho, mas o que eu poderia dizer a ele? Logo eu? Que fui o inimigo, um dia?

Franzi a testa, e ela percebeu.

Campbell — disse ela. — Fui uma deles. Eu fui criada no Sul. Olhei-a de frente.

Você é uma Campbell?

Eu era. Por nascimento. Meu pai é um homem de Argyll, a quem O MacIain sempre havia odiado. Era assim. Mas nenhum dos dois é bobo, e então tentaram formar uma aliança. Nós fomos essa aliança: Alasdair e eu.

Então foi política? Ela riu.

Essa palavra! Está vendo só? Nós somos perseguidos por ela! Não, não foi política. Mas nós também não casamos por amor. Não sentíamos amor, no início. Eu o achava muito apressado. Achava que ele tinha um coração de andarilho, enquanto eu, não. E ele tinha muita sede de sangue. Demais! Sempre com aquela espada em punho... Mas o amor acabou chegando para nós, a seu modo.

Pensei “Campbell”, quando todos os comentários que tinha ouvido sobre os Campbell, naquele vale, eram cruéis ou ressentidos. Desconfiados. Sarah era um deles, ou havia sido. Tinha me dado um beijo, logo que nos conhecemos, e perguntado:

Como vai você?

Como se a resposta realmente importasse, para ela.

A sombra de uma nuvem passou por cima de nós, clara, e escura.

Você sente saudades de casa? — perguntei.

Das pessoas, talvez. Mas “casa” é onde estou, agora. Ao lado do Alasdair, e com esse aqui dentro de mim. Eu era uma Campbell por direito de nascimento, mas agora sou uma MacDonald.

Não sei se ela percebeu meu silêncio. Acredito que consigo esconder bem meus sentimentos, mas talvez não seja tão fácil. Ela inclinou a cabeça ainda mais para baixo, como se buscasse o meu olhar, e disse:

Nem todas as pessoas aqui nasceram em Glencoe.

Não?

Não! Muitas não nasceram aqui.

Mas elas não são chamadas de MacDonald? Ela assentiu.

É, geralmente. Quando você serve a um clã e o ama, e marcha debaixo da sua bandeira, então você ganha o seu nome. É assim que funciona. Se uma pessoa está disposta a lutar pelos MacDonald, então essa pessoa passa a ser um deles. — Ela olhou para os meus olhos. — Entendeu?

Eu tinha entendido.

— MacPhail, cujos ossos agora estão naquela ilha, não era um MacDonald por nascimento. Ele nem sequer nasceu por essas paragens. Mas o costume das Highlands considera que o que importa é quem você diz que ama, e a quem você serve. Isso é o que vale, e não um título que foi passado a você apenas por tradição. Essa é a maneira inglesa de ver as coisas; e, também, o costume das Terras Baixas. Mas quem é que pode realmente nascer nobre? A nobreza é algo que se conquista. — Ela acariciou sua barriga. — São nossas escolhas que nos constituem. E isso é o que eu penso.

Sarah era gentil. Também era sábia e bondosa. Nunca tinha temido “bruxa” em sua vida e me dissera isso. Ela pegou minha mão, pousou-a sobre sua barriga e eu senti seu filho se mexer. O filho dele se mexendo. E aquele instante foi como os sonhos, o modo como eles fogem de nós. Os sonhos se retorcem e se encostam às nossas peles e então nós os sentimos. Mas como poderíamos controlá-los? Os corações dos nossos sonhos possuem sua própria batida. E os nossos desejos, também.

Eu queria dizer:

— Por favor, me perdoe. Fico pensando o tempo todo no seu marido.

Queria não ficar pensando nele, mas é isso que acontece.

Mas não disse nada.

Em vez disso, quem falou foi ela.

Corrag?

Nós nos levantamos. Estávamos prontas para nos separar, para seguir cada uma para sua própria casa, quando ela disse:

Você pode me ajudar? Quando for a hora do parto? Eu gostaria que você estivesse lá.

Olhei para o seu rosto.

Eu?

É, você. Com as suas ervas, e essa sua calma. Todos a chamam de curandeira, sabia?

Eu não sabia. Era mais um nome a ser amarrado em mim e carregado.

Sim — eu disse. — Sim, vou estar ao seu lado.

E me senti feliz porque ele tinha uma mulher iluminada, generosa como aquela, pois não merecia nada menos do que isso. E fiquei feliz que ela tivesse um homem capaz de ver a beleza em uma casca de ovo e carregá-la no bolso, porque merecia um homem como aquele.

É um bom par. O par perfeito.

Disse essas coisas para mim mesma. E voltei cantarolando, enquanto atravessava o forte calor, as nuvens de insetos e os céus, que roncavam.



A morte e um nascimento vindouro. Os dois juntos, em um só dia. Mas assim é a vida, suponho. Começos e finais, e o resto de nós vai vivendo entre esses dois momentos da melhor maneira que pode. Vivendo uma vida de paz e contentamento, se ela for possível, antes que a morte venha até nós e nos diga:

Está na hora, agora.

Minha morte está se aproximando. Eu sempre soube que ela chegaria porque, apesar de não ser como muita gente, ainda sou uma pessoa e meu corpo não pode durar para sempre.

Lembra-se da casca de ovo que ele me deu de presente, colocando-a na palma da minha mão? Para mim, a morte é isso: uma casca que se partiu e da qual a melhor parte saiu, se libertou. Tinha me ajoelhado sobre o corpo de MacPhail. Podia ver os fios grisalhos em suas sobrancelhas, podia ver seus dentes, além da pequena fenda em seu queixo. Senti seu último suspiro no meu rosto. Quente, cansado, e sábio. E via sua viúva, que, mais tarde, chorava, pousando o punho fechado sobre o coração.

Ele partiu — era o que ela dizia.

Mas, quando ela passou por mim uma semana depois, sussurrei:

Posso falar? Ele não partiu. Não partiu, não.

Aqui está o que a Cora me ensinou— e também a morte suave da minha égua, e todos os ossos que eu tinha encontrado nos charcos —, e aqui está o que o ratinho preso nas garras da coruja estava gritando, enquanto era levado, mais e mais alto, pelos ares: que podemos temer

a maneira como vamos morrer. Podemos ter medo da dor, e eu tenho muito medo dela. Muito mesmo. Mas a palavra “morte” é o mesmo que “em outro lugar”. É só um lugar diferente, onde os outros se encontram.

Para dizer o mínimo, senhor, sei que há essa verdade: sempre existirão os sinais de uma vida vivida. Filhos, histórias, palavras que as pessoas disseram. Nomes que puseram em certos lugares. Marcas que deixaram sobre a terra ou na madeira. Pessoas que amaram e a quem disseram isso.

Sei que é tudo verdade. Acredito completamente nisso e lembro, também.

Eu vou sempre estar com você — disse a Cora.

E, do mesmo modo, quando morrer, vou sempre estar em Glencoe.

Porque não existiu lugar nesse mundo que eu tenha amado tanto assim.

Mas, apesar disso, estou triste. Sinto medo da fogueira, além dessa tristeza. Porque o reino pode até estar esperando por mim. E pode ser que lá seja um lugar muito bom e muito tranquilo, mas sei que sentirei falta do Alasdair. E vou sentir saudades de todas as coisas pequenas, mundanas. Vou ficar com pena de ir embora.



Nos dias que se seguiram à morte de MacPhail, Alasdair veio até a minha casa.

Como está você? — perguntou.

Ele procurava pela resposta no meu rosto. Passou algum tempo ali, e ficamos conversando sobre o mundo. Sobre o modo como o víamos, ele e eu. Contei-lhe sobre a égua, sobre a Inglaterra, e sobre os céus de tempestade. E também falei da morte da minha mãe, na força. E ele me contou histórias tão antigas quanto seu clã e desenhou um mapa das Ilhas do Oeste na minha mão. Ao levantar-se para sair, ele disse:

Como é que você consegue viver com tudo isso? Tantas coisas difíceis já lhe aconteceram...

Eu sorri.

Outras pessoas viveram coisas piores.

Algumas. Mas a maioria tem melhor sorte. A maioria não vive sozinha, como você.

Eu sabia disso. Então, lhe respondi:

Eu já tive os meus dias de tristeza. Os meus dias de solidão. Às vezes, me pergunto como é que o mundo consegue girar, com tanto sofrimento em cima dele. — Mas logo dei de ombros. — Mas também existe beleza nele. Muita beleza.

Ele ficou olhando para mim.

Não existe ninguém como você — disse.

Deve existir.

Não.

E partiu. Foi embora, enquanto eu subia até o topo da colina para vê-lo, entrando na ravina, caminhando ao longo do vale. Chovia, e os meus cabelos grudaram em minha cabeça, e minhas roupas se encharcaram, e, enquanto eu o olhava, lá do alto, minha mente ficava repetindo:

Vá embora, entre em casa.

Mas o meu corpo não queria se mexer. Era como se eu fosse duas criaturas diferentes, a cabeça, que era o mestre, querendo levar o coração embora, enquanto o coração não tinha visto o bastante das montanhas, daquela chuva.

Vá embora, agora. Vá!

Sim, vou sentir saudades de Alasdair. Mais do que tudo.

Jane,

Ela não tem qualquer noção de política. Sabe falar muito bem a respeito de ervas ou de instintos, mas se for questionada a respeito de reis sacode a cabeça e muda de expressão. Não compreende nada desses assuntos, nem se importa com isso. E tem um modo de mostrar-se amuada, por detrás daquela sua crina de cabelos, que é quase infantil e lhe empresta um ar de inocência.

Jane, ela é, a um só tempo, menina e mulher. No tamanho e nas formas, tem a aparência de uma criança. Quando ouço falar que os homens de Glencoe a consideravam alguma espécie de fada, posso quase o crer, pois seu aspecto é deveras incomum. Poder-se-ia considerá-la um truque da mente ou talvez o efeito de um golpe estranho de luz. É veloz em seus movimentos e tem o hábito de puxar os dedos dos pés e alisar a pele entre eles, o que

me fez lembrar nossos meninos, quando pequenos, brincando com o próprio corpo como se nunca os tivessem visto anteriormente. Além disso, há também sua voz. Fala exatamente como uma fada falaria, se as fadas existissem: com um tom muito agudo e estridente.

Todavia, Jane, não há sombra de dúvida de que a vida que essa criatura viveu, o tratamento que recebeu (e ainda recebe) e os sentimentos que traz dentro do coração não têm nada, em absoluto, de infantil. Conheço poucas pessoas que tenham passado por uma vida tão solitária e tão cheia de sofrimento. Além do mais, acredito que ela está apaixonada. Ouço-a, em certas ocasiões, ao caminhar até sua cela. Posso escutar seus sussurros em meio à escuridão, e é o nome dele o que ela se põe a repetir, uma e outra vez.

— Alasdair — diz ela, com aquela sua voz fina e rouca.

O que ele pode ter sentido em relação a ela (ou sente, ainda) não chegou ao meu conhecimento, até esse ponto do relato. Sei que era um homem casado. Sendo assim, espero que tenha seguido e respeitado as leis de Deus; isso para não mencionar os seus próprios votos (muito embora, quem é que possa garantir o que será respeitado ou não, nessas paragens das Highlands?). Mas uma coisa eu te digo, Jane: a despeito de seu mau cheiro

e de toda a sua estranheza, tenho motivos para suspeitar que era capaz de incitar sentimentos fortes em um homem. Eu mesmo os experimento, embora sejam os sentimentos de um pai. Posso reconhecê-los, pois, ao ver seus punhos cobertos com as feridas feitas pelas algemas, costumo lembrar-me dos joelhos ralados, dos narizes ensanguentados e das mãos feridas dos

nossos pequeninos, enquanto aprendiam a andar ou corriam demasiadamente rápido. A cada vez, tinha vontade de ajoelhar-me ao lado deles. E é o mesmo que sinto diante dela. Sinto o desejo de acalmá-la, como faria um pai. Contudo, quanto a Alasdair, não terá ela provocado algo além disso? É difícil sabê-lo. Corrag não se parece com nenhuma outra pessoa que eu já tenha conhecido.

Enviei uma mensagem para aquele tal de Dalrymple, Senhor de Stair. Roguei-lhe que refletisse, usando sua consciência. Escrevi: “Sangue em demasia já foi derramado.”

E, sendo assim, no momento, aguardo. Dispomos de apenas cinco dias para que minha carta possa alcançá-lo, em Edimburgo, e para que ele a responda. Mas esse mundo já viu maiores milagres. Como nós dois, por exemplo. Tu e eu. Não somos nós uma belíssima obra? Uma verdadeira bênção?

Como desejo que estivesses aqui! A neve agora está derretendo e os pássaros cantam um pouco mais a cada dia.

Charles

VII

“É tão suave quanto a própria Vênus.” sobre o Pêssego

O que eu não daria para estar de volta àquele lugar... Para estar lá, e não aqui. Sempre que pressionava minhas mãos sobre a areia, a areia continuava debaixo das minhas unhas durante dias, semanas até. E eu queria um pouco de areia, agora. Tenho uma antiga cicatriz, dessa época. Bem aqui, está vendo? Eu me arranhei em um espinho, em Mantenha-me A Salvo. Estava correndo, o espinho rasgou minha pele e, depois, meu sangue chegou a empapar duas folhas de labaca. A cicatriz agora é branca de lua. Cicatrizou. Mas eu queria que essa ferida estivesse fresca outra vez, queria que sangrasse e estivesse vermelha, porque isso significaria que eu iria estar em Glencoe novamente e livre dessas correntes. E também significaria que ele iria estar perto de mim, perto o bastante para que eu o visse. Nos picos ou perto da água. Ou, então, no meio do milho. Porque o milho tinha sido cortado, e eu o vira bem ali. Nosso beijo ainda não tinha acontecido. Ainda estava por vir.

Meus olhos não o verão outra vez, Senhor Leslie. Nunca mais.

Sei que já falei sobre tudo aquilo que deixamos para trás, e também sobre não temer a morte. Mas, noite passada, eu queria tê-lo aqui comigo, bem perto do meu rosto, e queria que ele me ensinasse todos aqueles nomes gaélicos outra vez. “Aonach Dubh.” “Coire Gabhail.” A saudade que ele me faz sentir é como a água. Vem em ondas. Precipita-se por cima de mim e me encharca. É como ser agarrada. Ela me deixa ofegante, do mesmo modo que os arenques presos na rede. Agora há pouco eu me senti assim. Agorinha mesmo.

O senhor estava enfiando uma moeda na mão do carcereiro, lá no corredor. Eu o ouvi. E então o medo me inundou. O medo me inundou e me agarrou pelo pescoço, de modo que eu não conseguia mais respirar e pensei “Quero ver o Alasdair.” E também, “Eu não quero morrer.” Comecei a chorar. Eu estava soluçando. E veja só: as minhas lágrimas ainda estão rolando, agora. Minha voz ainda está cortada, como um pano feito em farrapos.

O senhor poderia se sentar perto de mim?

Dê-me só um segundo para que eu possa secar o rosto e me apumar.

Que boas-vindas mais horríveis para o senhor! Uma mulher imunda e chorona, sem sequer um pano para se limpar. O senhor merece coisa melhor.

Quais foram as minhas últimas palavras? Um homem havia soltado seu último suspiro. “MacDonald” era um nome a ser merecido. O filho dele rolava por baixo de uma pele cheia de sardas.



Eu não conseguia dormir, naquelas noites. Aquelas eram as noites de verão que não parecem noites. Havia tanta luz, tantos tons de cinza no céu, e ama- relo-pálido e azul-profundo, tanta prata sobre os lagos... Eu as chamava de noite-pela-metade. E as chamava assim, porque, afinal, o que mais poderiam ser? Eu podia enxergar a minha própria mão, naquelas noites. Eu podia me deitar dentro da minha cabana, com aquela luz azul-fantasma brilhando lá fora, e não conseguia mais dormir por causa dela. Então eu envolvia meu corpo com os braços, e encolhia os joelhos. Por entre meus joelhos encontrava alguma escuridão.

Sim, senhor. Noites-pela-metade. E se, ainda assim, não conseguisse dormir, eu seguia até o topo da Crista Norte e me sentava lá, aspirando o cheiro úmido e limpo-de-terra das noites de verão, e também o perfume do orvalho, e ficava sentindo a brisa suave, olhando para aquela meia-luz estranha que caía sobre as pedras e as árvores. Eu pensava no clã, dormindo. Pensava em minhas cabras, enrodilhadas. Ou às vezes, seminua, eu me deitava dentro dos riachos e deixava sua água escorrer por cima do meu corpo. Podia sentir o mundo girar e o tempo passando. Em uma daquelas noites, fui até a Montanha Escura. Subia em silêncio, experimentando cada pedra antes de pisar. Lá no pico, as mulheres dormiam. Estavam deitadas de lado, enfileiradas como se fossem crianças, e de boca aberta. Notei o quanto eram, verdadeiramente, humanas. Olhava para suas mãos sujas, seus cabelos cheios de nós. Os pés da Doideag estavam enrolados no xale, e então pensei “ela deve sentir frio nos pés, à noite”, e senti pena delas. Que vidas teriam elas vivido? Que espécie de vida era aquela?

Eu andava para lá e para cá, de noite.

E, certa vez, senhor Leslie, uma única vez, enquanto eu me acorava na crista ao cair da noite, e um vento de outono começava a soprar, vi uma luz verde. Era fraca e desmaiada, e ficava se sacudindo de leve, lá no ponto onde a terra tocava o céu distante,

como se fossem as asas de uma mariposa. Fiquei olhando para aquilo, olhando e pensando se não estaria sonhando. Aquela luz não se parecia com nada que eu conheço. Então, chamei:

Cora? — porque estava pensando nela.

Pensava que talvez fosse mais um dos seus truques. E pensei nela sentada ali, ao meu lado, naquela crista fresca e meio iluminada, com seus cabelos sacudindo no vento, exatamente como os meus, e olhando para aquela luz esverdeada. Perguntei:

O que é isso? Essa luz do Norte?

Mas ela não podia responder. Ela estava no reino.

O MacIán falara sobre a luz. Certa vez, ao lado da lareira, tinha contado sobre a luz verde, e, assim, eu sabia que ela era real, que outras pessoas também podiam vê-la. Ele tinha dito que Deus estava com a tribo de Glenco e com todos os homens das Highlands, e que aquela luz era a palavra d'Ele, enviada para ser vista por todos, no céu. Um hálito ouro-esverdeado, uma luz movente.

Olhem para isso e tomem consciência do poder de Deus. Era o que ele tinha dito.

Eu? Eu tomei consciência, quando a vi. Tomei consciência de toda a minha boa sorte, de todos os meus dias especiais. Eu me aninhei ali em cima e soube que poder enxergar uma luz como aquela, poder enxergar qualquer beleza estranha e secreta era de fato um presente, um presente oferecido com suavidade. Suponho que haja algo de belo em saber disso, também. Sei que não sou grande coisa, senhor. Mas eu me senti muito bonita, sentada naquela crista, com a brisa da noite balançando aquela luz esverdeada do Norte. Eu me senti sábia. Abençoada.

“Cora”, pensei por um instante.

Mas, mais do que qualquer outra coisa, pensei: “Ele. Ele.”

Fim do verão. As cabras, assim como eu, não conseguiam dormir. Ficavam batendo seus rabos de encontro ao chão ressecado, e eu sentia a corrente de ar quando elas se moviam. Estava ouvindo o som dos seus rabos batendo, quando ouvi o meu nome.

Era o Ian. E eu sabia o que aquilo significava.

Corrag.

Sim — respondi.

Saímos correndo. Talvez tenha sido o mais rápido que eu já me movi, sem estar montada na égua. O chão passava voando debaixo dos meus pés, e eu não escorreguei, nem tropecei, e nem me preocupava se isso iria acontecer. O kilt do Ian estalava, batendo contra seu corpo, enquanto ele corria. E corríamos atravessando as sombras, entre as paredes de rocha.

A casa deles, em Carnoch, era quente e tinha o teto baixo. O

ambiente estava escurecido de tanta fumaça de turfa, e também por causa da quantidade de gente. Perguntei:

Onde está Sarah?

Alasdair estava ali, parado em frente a um pedaço de pano que tinha sido pendurado do teto ao chão, e aproximou-se de mim.

A criança não quer sair... — disse.

A criança vai sair — respondi.

Sarah estava deitada de costas, vestindo seu camisolão, e gemia baixo a cada respiração. Empurrei os homens para fora. Fui dura com eles, dizendo:

Quero que todos vocês saiam daqui — até mesmo o Alasdair.

Eu os empurrei porta afora e baixei o tecido, de modo a oferecer a Sarah alguma privacidade. Lá dentro éramos apenas ela, Lady Glencoe, com sua touca branca, e eu. Aquele era um lugar de mulheres, agora, como todos os lugares de parto devem ser.

Sarah — eu disse —, deixe-me ver.

Comecei a cuidar dela. Peguei minhas ervas e comecei a separá-las.

Virei-me para Lady Glencoe:

A senhora poderia queimar essas ervas? Ou então:

Ponha isso na água. Faça com que ela beba.

E nos movíamos juntas, com facilidade. Ela trouxe mais velas, que deixei perto dos pés de Sarah e junto à sua cintura. Sarah deu um grito. Estava dilatada e tinha uma expressão de dor, e então eu disse a ela:

Eu vou ajudá-la. Prometo que vou. Lady Glencoe me perguntou:

Você já esteve num parto antes?

Uma vez. No de uma cadela.

De uma cadela? Levantei os olhos para ela.

É o suficiente. A senhora está aqui, e eu também. Nós vamos ajudá-la.

Uma cadela?

Lady Glencoe era uma boa enfermeira. Eu notava o modo como ela pegava as ervas que eu lhe pedia, as moía ou as punha dentro d'água, sem dizer uma palavra, seguindo as minhas orientações. Ela esfregou sementes de papoula nas gengivas de Sarah, para cortar um pouco a dor, e juntas lavamos suas partes íntimas. Ela queimou um pouco de lavanda, para que o aroma limpasse o ar do quarto e acalmasse um pouco a mãe.

Massageie sua barriga de leve — eu disse, e ela obedeceu. E eu disse, também:

Sarah, você vai ter que empurrar agora.

Pois dentro dela eu já podia ver uma cabecinha molhada, feito um pintinho. Era escura e estava coberta de sangue. Sarah começou a fazer força, corajosamente. Ela empurrava o bebê para fora, enquanto

eu dizia:

Isso!

E Lady Glencoe acariciava seus cabelos e ficava sussurrando em seu ouvido. A pobre Sarah chorava em voz alta, chorava mais do que eu jamais chorei em toda a minha vida. Era um grito desesperado, como se tudo estivesse acabado para ela e aquele fosse o último fôlego que lhe restava. Eu dizia:

Empurre!

E sentia pena de ver todo aquele sangue. Mas o bebê tinha que sair. E, de repente, lá estava ele! Lá estava sua cabeça, e eu pude ver uma orelhinha, e gritei:

Estou vendo a cabeça, Sarah! Você precisa empurrar outra vez! Ao que ela respondeu:

Eu não consigo...

Mas Lady Glencoe e eu dissemos juntas:

Você consegue!

E, chorando, ela respirou bem fundo, dando mais um empurrão, dessa vez silencioso, com os dentes cerrados. E levantou sua cabeça, e foi então que eu pude ver o quanto seu rosto estava encharcado e pálido, como se estivesse com frio. Mas eu sabia que ela estava queimando por dentro. Pus minhas mãos em volta daquela cabeça pequena, de cabelos molhados, murmurando:

Empurre...

E finalmente ele saiu, escorregadio feito um filhote de cachorro, e lá estava eu, segurando um bebê. Estava segurando aquela coisinha cor-de-rosa e toda melada, com seu cordão ao lado, como deve ser, e aquela coisa tinha um rosto, um rostinho todo enrugado, com um nariz e uma boquinha no meio, e eu o puxei para mim, e pus o menino de encontro ao peito como se fosse meu, como se ele se ajustasse muito bem ao meu colo, e por um breve instante eu era sua mãe e ele era meu filho. Então dei uns tapinhas em suas costas e o balancei para frente e para trás.

Chore — murmurei para ele. — Você está aqui.

E ele chorou. Era o som de um passarinho frágil, como se estivesse perdido e assustado e procurasse sua verdadeira mãe. Ele queria sentir o cheiro dela, ser abraçado por ela. E eu o levei até Sarah. Estava semimorta e assustadoramente pálida quando coloquei o filho em seus braços.

Sarah — chamei. — Veja. Você tem um filho.

Ela tinha vida bastante para vê-lo e para dar um sorriso, um sorriso que eu nunca vira em qualquer outra pessoa. Estendeu os braços e o abraçou.

Queimamos mais lavanda. Depois eu a untei com ervas calmantes e

lhe dei alguns pontos. Acho que minha costura deve ter doído muito, mas ela agora tinha seu filho. Acho que, uma vez que o seu bebê esteja a salvo, você é capaz de suportar toda a dor desse mundo e não se importar nem um pouco com ela.

Sarah caiu no sono. Suas pálpebras se abaixaram e ela parecia estar em paz. Lady Glencoe levantou-se, recolheu as bacias com os panos sujos de sangue e levou-as embora.

Eu não o ouvi entrando. Mas Alasdair aproximou-se vagarosamente, por trás de mim, respirando bem de leve, como se temesse que sua respiração fosse acordar a dupla. Aproximou-se dela, agachando-se cuidadosamente. Eu nunca tinha visto um olhar como aquele, fosse em seu rosto, fosse no de qualquer outra pessoa. Era como se tudo o que ele, antes, considerava belo fosse apenas um pálido reflexo do que via. Cada céu estrelado que tinha visto fora apenas a sombra daquela visão: sua esposa dormindo, com seu filho no peito.

Aquele quarto não era um lugar onde eu devesse estar. Não naquela hora.

Terminei meu último ponto, baixei seu camisolão. Fui andando, silenciosamente, até a cortina, e, quando fui fechá-la atrás de mim, eu o vi beijando o rosto dela, bem na sua bochecha. O quarto era um lugar de ternura, agora, feito apenas para aqueles três, e ninguém mais. Eu sabia que estava tudo certo. Saí de fininho.

Em seguida, houve danças. Uma fogueira foi acesa, a maior fogueira que já vi na vida, no pasto próximo a Ach-na-con. E eu ouvia os gritos, que iam de casa em casa. E de dentro das casas saíam os primos, e de dentro das casas saía o clã. Havia risos, cerveja, e o som de tambores.

Lady Glencoe disse para mim:

Nós celebramos a vida, mais do que tudo.

Eu a compreendi. Ela tocou no meu braço brevemente, e em seguida saiu andando em direção ao pasto, com seu brilho de fogo, suas fagulhas.

Fiquei olhando para tudo aquilo, ali, de dentro das sombras. Queria muito ficar sozinha.

Foi quando senti uma respiração acima de mim. Senti que havia um homem de pé ali, e me virei.

Tenho motivos para agradecer a você mais uma vez, creio — ele disse, pondo sua mão sobre o meu ombro, como se me julgasse uma boa pessoa, reconhecendo que eu tinha feito um bom trabalho. Ela deu ao meu filho uma boa descendência. E você vai ganhar uma bebida, Corrag.

Obrigada — eu disse, — mas...

Você vai beber! — afirmou ele, erguendo o dedo.

E eu bebi. Bebi alguma coisa que me tirou o fôlego, mas não posso

negar que me amaciou, também. O MacIán gargalhava perto da fogueira, entre os seus homens, e próximo a um freixo, o Ian beijava sua mulher. Sendo assim, peguei minha taça e me aproximei das outras pessoas. Eu passava entre quase todos eles sem que me notassem, porque estavam dançando, mas alguns inclinavam suas cabeças e ficavam me olhando. Em minha mente eu pensava “bruxa”. Mas ninguém disse isso. Em vez disso, gritavam:

É um menino! — de um distrito ao outro.

Um homem com uma barba branca de neve foi enviado para acender o fogo em An Torr, para que se espalhasse a notícia da chegada ao mundo do filho de Sarah e Alasdair. Era o maior festival que eu já tinha visto. Lá fora, no campo por onde o rio corria, em meio às pedras, fizeram outra fogueira, e as famílias vinham descendo de suas casas, desde Achtriachtan, onde eu havia roubado a panela e uma colher, até Inverrigan, cujos ovos eu tinha carregado. Vi Ranald, o Grande, com sua barba e sua gaita de fole. Vi o homem de Dalness, no vale ao lado, levantando um menino pelos tornozelos, de cabeça para baixo, enquanto o menino ria. E a família de cabelos vermelhos de Achnacon, que dançava. Todos dançavam juntos. Alguns me cumprimentaram. Uma senhora carregando seu bebê passou por mim e me deu um sorriso. Ela não falava inglês, e o meu gaélico não era lá muito bom, mas pôs a mão suavemente sobre o meu rosto, e aquele gesto carregava mais de mil palavras. Era um “muito obrigada”, suponho. Era o gesto que as pessoas fazem quando querem ver melhor um rosto. Quando querem vê-lo de verdade.

Sempre vou me lembrar do modo como ela pôs sua mão sobre o meu rosto.

Bêbada? Eu, não. Mas muitos estavam. Com o passar do tempo, as mulheres foram se recolhendo de volta às suas casas, levando junto as crianças e deixando os homens falando bobagens e gabando-se sobre quem sabia lutar melhor, cantar melhor ou roubar mais coisas dos Campbell. Ian também tinha no rosto um sorriso mais largo do que eu jamais vira. Um arrendatário estava dançando sozinho, ao som do gaiteiro, o que fez com que os homens gritassem para ele, aplaudindo e batendo os pés no chão.

Posso lhe dizer uma coisa? Eu acredito que os MacDonald estavam dançando para celebrar aquela nova vida, sim. Mas dançavam também para celebrar a vida, a vida em si. Pois seu mundo era um mundo mortal. O inverno, ali, era capaz de matar, por si só, assim como todas as suas brigas e tramas. E por isso, quando a vida surgia, eles ficavam muito felizes.

Deixei minha taça em cima de uma pedra.

E comecei a enfiar minhas saias para dentro, deixando-as com aquele formato de sino necessário para a escalada. Pretendia subir

até Coire Gabhail e dar uma última olhada na casa onde Sarah agora estava dormindo. E depois, queria olhar para a lua, que brilhava intensamente; e então, para o lugar onde os homens riam ao lado do fogo. Alasdair estava ali. Não estava mais dentro do quarto, mas em pé, ao lado do fogo. E estava olhando na minha direção. Ele sorria, mas eu sabia que não era para mim, e sim, por conta de alguma piada que seu pai havia contado. Dava um sorriso que ainda não tinha deixado seu rosto. Mas seu sorriso foi embora, assim que ele me viu. Ficamos nos entreolhando por alguns instantes, ele e eu.

Sabia que ele estava pensando “Muito obrigado.” Podia senti-lo, em seu olhar.

E era o que eu dizia a mim mesma, enquanto voltava para casa. Atravessava os charcos e passava rente às árvores, pensando no modo como ele havia beijado o rosto de Sarah. Um beijo lento, verdadeiro. Olhei para cima, buscando as estrelas. Ao lado da cabana, a coruja piou para mim, dizendo:

Tudo está certo e do jeito que tem que estar — o que era verdade. Uma nova vida tinha chegado ao mundo. Uma mulher era mãe, agora.

Um homem, agora, era pai.

Chorei um pouquinho, sozinha em minha cabana. Só um pouquinho. Estava cansada, e assistir a um parto é algo tão maravilhoso e estranho que a maioria de nós acaba chorando, mesmo. É algo além das palavras, acho. Aquilo ali é toda a beleza, do mundo inteiro. Uma vida nova.

Dormi perto das cabras, e uma delas ficou me lambendo, e isso me fez chorar um pouco mais. Mas, com o tempo, acabei pegando no sono.



É um consolo. É, sim. Um consolo pensar naquele nascimento, quando já houve tantas mortes. Tantas mortes acabaram acontecendo em Glencoe.

Houve tanto sangue que eu tinha que pisar em cima dele, ou então me ajoelhar sobre ele, e o sangue me fazia pensar naquele primeiro choro de bebê. Sua voz tomou seu lugar no mundo. Tornou-se parte do mundo, tanto quanto o vento ou o chão. E vou sempre me lembrar da sensação de tê-lo segurado em meus braços, de maneira que ele parecia se ajustar perfeita- mente aos ossos da minha clavícula, como se sempre tivesse havido um espaço ali, onde só um bebê pudesse se encaixar, um espaço que só um bebê pudesse preencher.

O bebê sobreviveu ao massacre. Sarah o amarrou junto ao seu corpo, enrolado em um cobertor. Eu a vi correndo, junto com outras

mulheres e crianças, em direção à tempestade de neve, enquanto Ian gritava:

— Depressa! Por aqui!

Eu vi todos eles e pensei “Estão salvos...” Mas logo depois pensei: “Onde está Alasdair? Não está junto com eles.” E também: “Ele ainda não está a salvo.”

Mas estou me adiantando. Indo rápido demais.

Quando ouço falar nos MacDonald de Glencoe, penso na fogueira de Achnacon e em suas danças. Penso no que sentia, estando entre eles, e o que sentia era como se todos eles formassem um só ser, uma única criatura. E do mesmo modo como eu tinha ajudado o filho de Alasdair e Sarah a nascer, também tinha feito o parto de uma criança que pertencia a todos. Era essa a sensação. A alegria daquele acontecimento estava presente no pasto. Saber que a morte estava sempre por perto, mas que, ainda assim, havia a vida, enchia tudo de felicidade. Sempre irei me lembrar deles deste jeito: o brilho do fogo, o som das gaitas-de-fole.



Alguns dias depois, ele apareceu. Eu estava em pé no meu vale, sentindo os primeiros pingos de chuva chegar. Estava chovendo, finalmente, e os tro-vões estrondavam, assim que olhei para baixo e o vi, avançando através do capim.

Seus cabelos estavam molhados, assim como seus ombros, e ele dizia coisas como:

— Ele é lindo... seus pés... os olhos dele...

E sempre que falava do seu menino esticava os braços para frente, como se o estivesse segurando entre eles. Eu estava feliz. Feliz com a felicidade dele, porque ele parecia iluminado por ela. E eu estava feliz porque tudo ia bem.

Foi o que eu lhe disse.

Eu nunca vi tanta beleza quanto aquilo. Ele. Você tem muita sorte — eu disse.

É — ele respondeu. — Obrigado por tudo o que você fez por nós. Seus cabelos escureciam pouco a pouco com a chuva.

Alasdair partiu e, enquanto se afastava, pensei: “Que luz é você! Que presente! Para qualquer lugar onde você esteja, para quem quer que esteja ao seu lado.”

Eu sentia aquilo, simplesmente. Sem qualquer tristeza, sem nenhum desejo.



Sim, eu vou ficar bem. Ouvi a mim mesma, hoje, e sei que não estive muito animada, nem falei como costumo falar. Meu coração estava afundado no peito, pesado feito pedra. E não é a minha morte o que o faz afundar, ou, pelo menos, não só ela. É a perda. A simples perda de tudo o que nunca tive, e nunca terei.

Mas eu vou ficar bem. Vou pensar em tudo o que veio para mim, e isso vai me encorajar. Como eu poderia me sentir ingrata? O senhor veio até aqui. E sou tão grata que tenha vindo E, sendo assim, vou ficar pensando

no senhor, por um tempo, e depois talvez nos rios ou nos pores do sol de Glencoe. Na minha égua.

Alguma vez já lhe agradei? Pois então lhe agradeço, agora. Estou grata, Senhor Leslie, feliz que o senhor tenha me encontrado. Porque isso torna tudo menos duro.

Agasalhe-se, essa noite. Mantenha-se bem aquecido.

Jane,

Não hei de escrever a respeito dela, essa noite. Não hei de contar-te sobre tudo o que tem dito, pois isso demandaria tinta, tempo e luz, e no momento disponho de muito pouco dessas coisas. Hei de escrever-te sobre aquilo que, há tempos, já deveria ter-te escrito, ou dito. Nós somos duas árvores de galhos entrelaçados, tu e eu. E, no entanto, há entre nós segredos sobre os quais nunca falamos. Um segredo.

Meu amor, não pretendo importunar-te. Mas essa noite tudo o que fiz foi pensar em ti, e em nossa finada criança. Nossa menininha, cujo nascimento e cuja morte aconteceram faz quase cinco anos. Eu sei que me pediste para que a deixássemos descansar e que não a mencionássemos novamente.

Dissestes que deixar de mencioná-la seria o mesmo que deixá-la descansar. Mas a verdade é que nós dois pensamos nela, não é? Eu me recordo.

Não imagines que minha fé e meus deveres tenham levado de mim suas memórias. Pois não o fizeram. Eu não a vi como a vistes, mas lembro-me bem do teu rosto. Vi nele tua tristeza e tua vergonha. E nunca conversamos sobre isso.

— Somos afortunados por termos nossos meninos, vivos e bem de saúde

—dissestes — A maioria das mulheres perde uma ou outra criança. É a vontade de Deus.

Mas por que motivo não falamos nunca mais a esse respeito? Por que razão te sentistes envergonhada? Nos dias e semanas seguintes, tremias ao meu simples toque, como se ele te enchesse de dor. Ou, quiçá, julgasses que eu deveria tocar outras coisas, melhores. Mas existem vidas que simplesmente não vingam, Jane. Nossa filhinha nasceu sufocada e azul, e isso pode acontecer com algumas crianças. Algumas delas falham aos nossos olhos, mas nunca aos olhos do Senhor.

Por ventura pensastes que, por isso, talvez eu te amasse menos?

Preocupo-me que ainda penses assim. Era-me difícil falar sobre nossa perda contigo, pois temia que, ao mencioná-la, eu sem querer intensificasse tua dor para além de qualquer medida. Mas agora desejo escrever sobre ela. Vou escrever sobre tudo o que não disse através de palavras e que deveria ter dito desde o momento em que soubemos: eu não te amo menos, Jane. Eu te amo mais. Amo-te pelo teu rostinho firme, com o qual recebeste nossos visitantes, quando teu coração devia estar se partindo. Estavas tão frágil, naquelas semanas. Mas, ainda assim, levantastes o queixo e ofereceste o chá.

Não há ninguém a quem culpar. Conheço-te bem, meu amor. E sei que deves ter culpado a ti mesma. Eu te via parada no jardim, olhando fixamente para a grama, e sei que vias como um erro teu o fato de nossa filha ter nascido dormindo. Mas não foi tua falta. Foi vontade de Deus que a única vida que ela tenha conhecido fosse enrodilhada debaixo da tua pele. E apenas isso já é uma bela vida.

Falar da morte de alguém não a faz pior, nem a modifica. Nossa filha não voltará a sofrer se falarmos nela. Nossa menininha se foi. Mas vamos nos permitir falar sobre ela. Deixemo-nos presenteá-la com uma segunda vida, de algum tipo.

Seja gentil contigo mesma. Não tentes entender os mistérios de Deus, ou Sua sabedoria, a qual nenhum de nós poderia alcançar. Não contes mais os anos, como sei que fazes. Temos quatro filhos, dotados de tamanha força e curiosidade que agradeço ao Senhor todos os dias. Mais de uma vez, a cada dia. Quatro filhos e uma esposa como tu. Não há mais nada que eu possa desejar. Nunca cheguei nem a sonhar com metade de toda essa riqueza, com metade de tudo o que tu és. Seja gentil contigo mesma, Jane.

Leio minha Bíblia de um modo diferente, agora. As páginas estão úmidas, o que dificulta a tarefa. Mas, enquanto costumava buscar em suas páginas por orientação, não é orientação o que busco nela, agora. Busco provas. Provas de que os meus pensamentos íntimos são de fato nobres e valorosos. Pois tenho passado por momentos estranhos, Jane, diferentes, creio, de qualquer outro que tivesse experimentado antes.

“O amor e a piedade do Senhor permanecem infalíveis, tão frescos quanto as manhãs, tão fiéis quanto o nascer do sol.” (Lamentações 3:22-23).

Agora vou cear e, em seguida, deitar-me.

Tudo o que há de meu é teu. Mesmo estando aqui, na Escócia.

Charles

VIII

“Se suas virtudes levarem você a se apaixonar por ela (o que farão, caso seja sábio), mantenha sempre ao seu lado, para uso interno, um xarope feito dessa erva, bem como, para uso externo, um unguento e um emplastro”.

sobre a Erva-de-São-Lourenço

Falava sobre nascimentos, ontem. Falava sobre uma nova vida, enquanto a minha está quase chegando ao fim. Falava sobre todo aquele sangue e toda aquela sujeira, e lá veio ele, um novo MacDonald, com os olhos enevoados da mãe e os cabelos vermelhos do pai. E fiquei muito feliz que estivesse vivo. Fiquei feliz, ao ver suas mãozinhas rosadas.

Hoje não estou me sentindo tão mal. Fiquei pensando em toda a bondade que já presenciei e senti em minhas vidas antigas. contei uma por uma, e foi assim que passei a noite. Dizia a mim mesma que já salvei muitas vidas.

— Fugam para Appin e não confiem naqueles homens — eu disse. E aquelas minhas palavras salvaram vida após vida, após vida.

Mas estou me adiantando. Ainda não cheguei nessa parte.

Nascimentos e crianças pequenas. Será que algum dia cheguei a ter alguma esperança quanto a esse assunto? Não me lembro de tê-lo desejado antes. Não tenho lembrança de ter bonecas, em Thorneyburnbank, e nem de ficar fazendo listas de nomes para o meu bebê fantasmagórico, não nascido. Não creio que algum dia tenha pensado em ser mãe. Porque primeiro, o amor precisa acontecer. Um homem precisaria me amar e me tomar como esposa, e então tirar minha roupa perto do fogo, só ele e eu. É assim que faz. Ele teria que se mover em cima de mim e me preencher, e nós dois daríamos tantos beijos um no outro que teríamos que parar e sorrir. Era isso o que eu esperava. Tinha muita esperança de encontrar o amor e de senti-lo, mas não acreditava que ele viesse para mim. Nunca pensei em crianças. Parecia ser uma esperança que estava longe demais.

Mas, agora que vou morrer, tenho permissão para pensar nesse assunto. O senhor consegue imaginar a mim? Toda redonda, feito uma

amora, e com um bebê por dentro? Duvido que eu fosse conseguir andar. Se ficasse de pé, cairia para frente, como os velhos costumam fazer. E como é que iria conseguir empurrar o bebê para fora, do jeito que eu sou? Sou minúscula. Um ratinho. O Chefe MacIan tinha perguntado:

— Por que é que uma criança veio cuidar de mim?

Porque achou que eu era uma criança. Muita gente já pensou o mesmo. Acredito que eu não tenha sido feita para isso. Preciso dizer a mim mesma: o mundo não me criou com o formato de mãe. Coração e cabeça de mãe, isso sim. Mas não um corpo, como o de Sarah, o que me deixa um pouquinho triste. Mas, depois, balanço a cabeça e aceito: não fomos todos feitos do mesmo modo. E fico feliz que seja assim. Eu gosto das diferenças. Gostava do homem com cara de ameixa e da minha égua

que apitava.

Mas ficava imaginando, e ainda fico. Eu molho os dedos dos pés em fantasias que nunca irão se realizar, mas que mal há nisso? Estando aqui, acorrentada? Eu teria uma filha em cujo ouvido iria sussurrar histórias. E mostraria a ela uma gota de orvalho pousada em cima de uma folha. Seu pai a penduraria pelos pés até que ela risse, risse.

Não fui mãe. E agora não serei. Esse é um mundo sobre o qual não conheço nada, o que nas horas vazias e nos dias de chuva me dói um boca-dinho. Mas isso não me faz ser uma pessoa menor, nem menos mulher. Puxei o bebê de Alasdair e de Sarah para dentro desse mundo. Salvei vidas, que por sua vez farão outras vidas, as quais farão ainda mais outras. Em cem anos, vão existir muitas pessoas que não estariam vivas se não fosse por mim. “Por Corrag.”

— Quem?

Era uma mulherzinha que vivia nas montanhas. Eles a queimaram em uma fogueira em Inverary, por causa das suas palavras, e por ter nos ajudado. Aquelas cabras selvagens descendem das cabras dela.

Ela morreu por nossa causa?

Morreu.

Talvez eu seja a mãe de um milhão de coisas.



Eu me mantive afastada de Carnoch, naquele mês. Escolhi mais uma vez ficar em minha própria companhia — ou na companhia das minhas cabras. Esperava encontrar o cervo, mas eram dias abafados, quando as pedras estavam quentes ao toque e a urze estava em flor. E, por conta disso, ele se mantinha lá no alto. Procurava ficar em um lugar onde a brisa leve soprasse as moscas para longe, e, sendo assim, não o vi por um bom tempo.

Talvez sentisse falta dele. Ou talvez fosse o animal selvagem em mim quem buscava o vento e as vistas amplas, e por isso eu estava sempre no alto, lá em cima. Aquela era a época para escalar, quando a luz do verão que estava chegando ao fim era clara e aguda, e cada pedra parecia mais nítida para mim. Eu podia vê-las e senti-las. E notava como suas sombras se moviam pelo chão do vale. Às vezes deixava a cabana de manhã, quando as folhas de relva ainda estavam cobertas de orvalho, e não voltava até bem depois do cair da tarde. Era quando sentia o cheiro do outono. Seu hálito frio, enfolhado, já estava no ar.

“Que presente é você...”E pensava nele, nas minhas caminhadas. Pensava no bebê, e em juras, e em Deus.

Em um dia de céu pesado, fui até a Montanha Escura. A urze estava bem seca, secando, e se agarrava às minhas saias enquanto eu ia subindo pelas colinas e me agarrava nos arbustos, que farfalhavam. Foi assim que elas acabaram me ouvindo chegar. A Doideag disse:

Você não é boa demais para estar aqui em cima, conosco? Limpa demais?

Mulherzinha áspera. Ouvi seu maxilar estalando, enquanto falava.

Estou procurando pela Gormshuil. Ela está aqui?

E como se ouvir aquilo, de onde quer que estivesse dormindo, fosse abrir aqueles seus olhos cheios de veias avermelhadas, acrescentei:

Trouxe meimendro para ela. E o mostrei. Verde-escuro.

A Gormshuil apareceu. Saiu se esgueirando de trás de uma pedra, como se fosse um besouro, e endireitou as costas.

Meimendro?

É.

Então, você quer alguma coisa. — disse. E acrescentou: — É carne?

Não, carne, não.

Comecei a caminhar com ela. Não fui para baixo nem para longe dali, porque estava gostando da brisa e daquela vista do urzedo. Perguntei:

O que você consegue ver?

Ver?

Há tanta coisa que eu gostaria de saber — respondi. — A vida da criança; será segura e longa? E onde está o meu cervo? O que vai acontecer com a palavra “Jacobita”? O inverno vai ser ruim? E como eu posso...

Pare! O que você está sentindo?

Olhei para seu rosto. Uma velha feiticeira sábia era ela. Com sua boca franzida e seus olhos espertos.

Você me ensina? A visão profética?

A Gormshuil sorriu ao ouvir aquilo. Botou todos os seus cacos de dentes para fora e começou a rir, em um chiado.

A visão? Ensinada?

Sim.

Ela num pode ser ensinada. O que tem que acontecer vai acontecer.

O que você vê é o que você vê, pequena, e vai acontecer.

O que vai acontecer?

Como se aquela fosse a pergunta de um idiota, ela franziu o rosto.

Tudo! Tudo vem e vai.

O que vai vir? Pode me dizer! O que vai vir?

Ela ficou farejando seu meimendro, que guardava dentro da mão fechada.

Os reis vão para frente e para trás. Mas eu num tenho certeza que o Laranja vai continuar Laranja...

William? — assenti.

Och — disse ela.

E, como se não fosse aquela figura aleijada, fedorenta e triste, afastou seus olhos de mim. Por um instante, lançou seu olhar por cima do urzedo.

Não é sempre um presente, Corrag. Não é, quando coisas terríveis estão na nossa frente.

Coisas terríveis?

Ela virou-se de volta para mim. Tinha aqueles velhos olhos de bruxa outra vez, um olhar debochado, e ergueu um dedo até o meu nariz, apertando-o contra ele.

Estou pensando que um lobo vai uivar o próprio nome. E um leão vai rugir. E isso é tudo o que eu vou lhe dizer agora, pequena intrometida. E trate de me trazer mais erva. Logo.



O outono estava chegando. Eu conhecia os cheiros do outono. Conhecia aqueles seus cheiros agudos, úmidos, terrosos, desde a minha primeira vida, desde os meus dias na Inglaterra. E sabia que eles queriam dizer frutos silvestres e frutas, também. E, assim, a turfa crescia, o bebê crescia, e o número de pessoas espalhadas pelas colinas, curvadas para frente, crescia também. Nós todos nos arranhávamos nas amoreiras e tingíamos os dedos com os frutos do abrunheiro e o sumo das amoras pretas. Catávamos cogumelos nas partes úmidas. Quem fazia isso eram as mulheres. Via esposas e filhas, com seus cabelos amarrados para trás. Certa vez, julguei ter visto a Doideag de Mull, com aquelas suas gengivas estranhas e aqueles seus olhos tristes, mas o nosso olhar pode se confundir, no meio da neblina.

Os cogumelos me faziam lembrar a égua. Podia vê-la tentando comê-los, seus lábios se encolhendo na direção contrária dos dentes, de desagrado. Ela gostava mesmo era de maçãs. E de menta. E, sendo

assim, lembrei dela também ao ver a macieira. A árvore ficava perto de Achnacon, e era toda retorcida, de tão velha e pesada, e o homem sardento que vivia perto dali fez um gesto para mim e apontou para ela, dizendo:

Pode pegar!

E, assim, colhi uma braçada de maçãs. E fiquei agradecida. Depois deixei um pouco de cura-tudo em sua porta.

Eu me mantive longe de Carnoch por um bom tempo. Semanas.

Mas Alasdair veio até a mim. Ele sabia, acho, que eu estava mantendo distância, porque não conseguia me encontrar na cabana.

Eu estivera colhendo frutos silvestres no Pico do Gato e estava toda manchada com o sumo, e ele estava da cor das colinas de outono: marrom profundo, vermelho e dourado. Depois de um mês inteiro de sol, estava coberto de sardas. Mas parecia cansado. Pensei: “Ele.”

Ele chutou uma pedrinha com a ponta da bota.

Faz algum tempo...

Eu não respondi.

Venha andar comigo — disse ele.

E, assim, atravessamos a urze e seguimos na direção Oeste. Era um dia de outubro, à tarde, com os gansos voando acima das nossas cabeças e as pedras ainda quentes do sol do verão, e ele me levou até o Bico-do-Seio de Glencoe, na ponta Oeste da Crista Norte. Quando abria o caminho, eu o seguia. E observava seus cabelos e o quanto suas pernas eram grossas, depois de toda uma vida subindo colinas e guerreando. Quando eu andava na frente, tinha esperança de que ele olhasse apenas para o chão, ou então para o céu. Porque nunca tive aquelas formas que os homens admiram. Nunca tive muito daquilo que os homens gostam, acho. E estava ciente disso, enquanto subíamos o Bico-do-Seio; ciente da minha pequenez e de como ele podia estar andando em meio ao cheiro de leite e capim que eu ia deixando para trás, e como eu devia estar com folhas nos cabelos.

O Bico-do-Seio não era uma montanha tão alta quanto as outras, no vale. Ela se erguia do mar e encimava os telhados de Carnoch. Lá em cima havia bosques, onde os veados pequenos costumavam ficar, e toda vez em que passava por cima de espinhos e troncos caídos ele dizia:

Cuidado.

E eu sorria, porque já tinha visto coisa pior. Tinha andado por lugares piores. Eu conhecia bem os espinhos e até trazia suas marcas nos meus braços. Já tinha me cortado e me arranhado em muitas pedras. Mas, ainda assim, ele dizia:

Cuidado.

Até lá em cima, para dentro do ar. Ele dava passadas largas, com

aquelas pernas grossas e com seu kilt sacudindo, mas eu continuava subindo atrás dele. Eu não conseguia dar passadas, mas subia escalando, usando as mãos e os pés, como os bichos, e na minha cabeça eu pensava que era como o Bran, ou como um gato selvagem que eu tinha visto. Algumas vezes ele parava para esperar por mim. Não olhava para trás, mas ficava me esperando. Como se soubesse que eu teria que ir mais devagar. Imagino que qualquer pessoa se sentisse lenta, caminhando com ele.

Para cima e mais para o alto, e o vento de repente se levantou do meio das pedras e começou a soprar ao nosso redor, sacudindo o capim. Eu podia sentir o espaço verde, aberto, que estava abaixo de nós, mas preferia não olhar para baixo. Ainda não. Queria esperar até estarmos na parte mais alta, onde a vista era melhor. Como um presente, como costumam ser as vistas. Meus cabelos voavam como um pássaro, quando finalmente o alcancei. Minhas saias faziam “flap-flap”, batendo umas contra as outras.

Expirei com força. Endireitei as costas e olhei.

Não existe lugar melhor do que esse — foi o que ele disse.

Eu olhava ao redor. Havia montanhas por todo lado. O lago Leven estendia-se lá embaixo, em direção aos picos, que estavam cobertos de verde-claro e de cores escuras. Havia casas, riachos e o cavalo negro do pai dele, no pasto. Eu via o Coe, com suas águas quebrando, brancas, de encontro às rochas. Via pessoas e galinhas. Podia ver as sombras dos peixes e algas dentro d'água.

Você quer dizer aqui?

Essa vista. Essa montanha...

Olhei para ele. Fitei seu nariz reto e orgulhoso e sua testa, que estava enrugada e cheia de linhas, depois de todos aqueles anos de luta, de caça e de escalar montanhas contra o vento. Seus cabelos sacudiam do mesmo modo que os meus. Por entre as minhas mechas marrom-escuras, eu via seus vermelhos de terra-molhada, suas pontas cor-de-ouro.

Ele mantinha os olhos fixos na vista. Então disse:

Aqui foi o lugar onde aprendi a lutar; aqui, nessa montanha. O Ian e eu. Nós costumávamos vir até aqui com as nossas espadas de madeira...

Ele apontou para a distância.

Aquela trilha ali desce até a margem mais distante do lago Leven. Nós nadávamos nele e depois subíamos até aqui. Eu já dormi aqui em cima.

Dormiu?

É. Já dormi em toda a parte, nesse vale. Mas o por-do-sol visto daqui é...

Olhei para a direção em que ele estava olhando. Oeste. Sempre conheci

o Oeste. Eu o reconhecia dentro da minha cabeça, nas batidas do meu coração. Talvez todas as nossas mulheres o conheçam. Ou, talvez, todas as pessoas que amam a vida ao ar livre gostem de ficar olhando para o Oeste, não importa sua fé. Nós podemos sentir o Oeste. Assim como a égua sentia Norte-e-Oeste e me levou até lá. Pensei nela, por um instante. Meus cabelos esvoaçavam, e o céu além do lago começava a se cobrir de uma luz avermelhada.

Nós dois olhávamos para tudo aquilo.

Comecei a imaginá-lo quando menino. Imaginava a Cora quando era criança, em pé naquela ponte em formato de meia-lua. Pensava em todas as minhas alegrias e tristezas embrulhadas, lado a lado.

Então ele disse:

Sou um homem diferente do que era antes. Sei que sou.

Você agora é pai.

Sou, e fico feliz por isso. Mas essa não é a razão por que estou diferente, Corrag. Já estava diferente antes disso. Estou diferente há um ano, agora. Eu mudei.

Por quê?

Por sua causa.

Ele sorriu. Não sorriu para mim, mas para a vista.

Você apareceu. Chegou aqui, com esse seu sotaque inglês e esses seus olhos cinzentos, e com toda essa conversa sobre o mundo, que eu nunca tinha ouvido antes, e sobre a Natureza, e a bondade. Sem nunca ficar falando em Deus, nem em reis.

Balançou a cabeça uma única vez.

Não consigo me lembrar da última vez em que alguém chegou por aqui sem falar em uma dessas duas coisas.

Fiquei em pé. Não tinha palavras.

Você sabe como eu fui criado? Fui criado para ser orgulhoso. Para proteger tudo o que eu amava e nunca desistir. Todas as histórias que ouvíamos, quando crianças, eram sobre Angus, o Vermelho, sobre homens guerreiros e vingança, e sobre mortes gloriosas em batalha. Se eu conse-guia andar, conseguia guerrear, era o que o nosso pai dizia. E é verdade. Eu podia, mesmo. E guerreei. Você sabia — ele se voltou para mim — que fui preso, quando era criança? Preso por participar de uma pilhagem. Foi nas terras de Breadalbane. Eu estava com o rosto todo sujo de sangue, quando eles me pegaram. E estava tão orgulhoso...

Talvez você não conhecesse nenhum outro modo de vida.

Talvez. Ou, então, talvez não tivesse escolha. Temos tantos inimigos, Corrag. Os Campbell e as pessoas das Terras Baixas, e os ingleses, também. Além de William. Se não lutarmos, morreremos. Ou

o nosso modo de vida irá morrer. Nossos corações irão morrer...

Ficamos olhando para longe. Eu podia enxergar a pequena balsa, anco- rada perto de Ballachulish. Na distância difusa ficavam as montanhas dos lugares distantes. Lugares aonde eu nunca chegaria a ir. O vento balançou minhas saias. As nuvens estavam sendo carregadas acima de nós, e as cores no céu começavam a escurecer. O vento soprou meus cabelos para cima, e eles cobriram meus olhos.

Recebemos a ordem de fazer um juramento — disse ele.

Ordem? Juramento?

Um juramento a William. Querem que juremos fidelidade a ele. — Ele pressionou seu dedo do pé de encontro a uma pedra, e ela se moveu.

Ele disse que, se fizermos o juramento, seremos perdoados por todas as nossas pilhagens, todas as nossas traições contra ele e contra outros. E ganharemos a sua proteção.

E se vocês não jurarem?

Vamos ser considerados traidores e seremos castigados por isso.

Fiquei considerando aquela ideia por algum tempo. Sentia meus cabelos voando. Pensava em quão remota uma palavra como “rei” podia parecer, ali, no alto do Bico-do-Seio, no meio das nuvens e do vento.

E o que vai ser feito, afinal? Ele riu.

Ah, sim. O que será feito? Essa é a questão, não é mesmo? O Ian abomina esse Rei Laranja. Abomina tudo o que ele representa. Sua raça, sua religião. Ele insiste que não devemos fazer esse juramento nunca, porque ele vai matar tudo o que nós somos. Meu pai também pensa desse modo. E eu também, de certa forma.

De certa forma?

Ele mudou de posição.

Existe um homem bom, em Inverlochy. Um homem chamado Hill. Ele se diz um amigo dos clãs, e talvez seja, mesmo. E diz também que devemos fazer esse juramento, para nosso próprio bem. Mas eu não sei... Um ano atrás, teria sido mais contrário a isso do que qualquer outro homem. Teria puxado minha espada e lutado com eles. Acredito no que eles acreditam, e não vou renunciar à minha fé, nem ao meu clã. Nunca. Eu morro, antes disso. Mas essa nossa causa. Esse nosso modo de servir a James, quando

ele mesmo já fugiu...

Esfregou a testa, dando um suspiro.

Será que não somos uns tolos? É o que eu me pergunto. Tolos, por resistir ao que parecer ser tão mais forte do que nós? Não seremos uns tolos, uns tolos orgulhosos, nesse caso, se deixarmos de fazer o juramento? — deu um sorriso triste — Um homem morto não pode servir a James e nem a Deus. Nem à própria esposa.

Não.

Eu já lutei e lutei. E se não fizermos essa jura, teremos que lutar pelo resto de nossas vidas. Contra cada sombra que surgir! E o meu menino será um fora-da-lei, antes mesmo de poder dizer sua primeira palavra! Estaremos acabamos, se lutarmos contra esse rei. Eu posso sentir isso tão nitidamente quanto sinto o clima, aqui em cima.

Então o assine — sussurrei — Faça esse juramento. Ele sorriu.

Ah, mas e os nossos corações?

Corações ?

É, corações. E você, não vá franzindo essa sua sobrancelha, como se eu não estivesse falando a sua língua. Sei que estou. Você fala mais sobre corações do que todos nós juntos. Vive de acordo com o seu coração. O modo como disse que não tinha rei...

Fiquei muito quieta. E olhei para ele. Fitei-o por bastante tempo, pois amava sua aparência. Amava seu rosto.

Não somos maliciosos suficiente — disse ele — Como povo. Não somos, não e começou a balançar a cabeça, como se não conseguisse encontrar uma palavra.

Eu costumava fincar meus pés nos charcos da Inglaterra e ficar olhando os sapos. Olhava tanto para eles que achava que os conhecia bem e que poderia até mesmo me tornar um deles. Mas então os homens vieram correndo atrás da minha mãe e eu tive que fugir para o Norte. Tive que fazer isso. E não vou mais vê-los, aqueles sapos. Mas sei que eles ainda estão lá. Ainda se agarram nos juncos. Posso não vê-los mais, mergulhando na água, mas isso não quer dizer que eles não estejam fazendo exatamente isso, agora. Eles estão. Ainda coaxam ao cair da noite. Devem estar coaxando agora, enquanto estamos aqui. — Dei de ombros. — Precisei deixá-los para trás. Mas eles ainda estão em mim. Eu os carrego comigo, e sei que são tão reais quanto antes.

Alasdair olhava para mim. Olhava lá do alto para mim, como se eu não estivesse ali, como se ele estivesse enxergando através de mim. Era um olhar estranho, profundo. Talvez estivesse vendo aqueles sapos.

Estou lhe contando isso para dizer que nós criamos nossas mudanças. Todos nós fazemos isso. Eu abandonei aqueles sapos em favor da minha própria vida. Mas ainda os amo. E eles vão continuar a lambem seus olhos com a língua, como sempre fizeram. Sendo assim, mesmo que você faça um juramento, seu coração ainda vai continuar sendo seu, Alasdair. Como poderiam levar o seu coração embora? Ou matá-lo? Simplesmente não há como.

Corei e desviei meu olhar. Tinha ouvido minhas próprias palavras, toda aquela conversa boba sobre sapos.

É só o meu jeito de falar... E ele respondeu:

É, eu sei. É um jeito bom.

É conversa fiada.

Ele sorriu.

Tudo o que estou tentando dizer é que nós mudamos, e depois mudamos outra vez. Mas acredito que os nossos corações continuam os mesmos e que eles não podem ser governados. Nem por reis, nem por juras. Nem pelas nossas próprias cabeças. — Levantei os ombros. — Eles simplesmente são fortes demais.

Um vento entrou. Tentei segurar meus cabelos, que chicoteavam com força, agora. Eu os agarrei, prendendo-os na nuca. Algumas mechas ainda ficaram esvoaçando, mas tinha conseguido prendê-los quase por inteiro.

Você acha que devíamos fazer o juramento, Sassenach? Olhei bem dentro dos seus olhos, dando um meio-sorriso.

Como posso saber? Esse juramento é seu, não meu. Tudo o que eu sei é que nada, nem juramento, nem promessa e nem rei, é capaz de mudar o coração de alguém. O coração sente o que sente.

É. Talvez sinta, mesmo.

Minhas saias estalavam no vento. Seu xale xadrez chacoalhava e, por alguns instantes, ficamos ali, lado a lado, assistindo ao sol afundando no horizonte. A luz era ouro vermelho. Ela se espalhava por toda a extensão da Escócia, iluminando nossos rostos, e eu sabia como o rosto dele estaria se eu me virasse para olhá-lo, agora. Como o meu rosto estaria, se ele se virasse.

Uma vez — começou ele — você disse que eu lhe fazia sentir-se errada por estar aqui, por ter vindo. Eu nunca quis lhe fazer isso.

Eu sei — sorri.

E não dissemos mais nada. Mas eu estava feliz. Estava tão perto dele que os pelos nos seus braços tocavam nos meus. Tínhamos falado de corações, e o mundo parecia estar tingido de vermelho, e era um mundo cheio de brisa e de beleza. Pensei: “Fui feita para estar aqui. Aqui. Sempre aqui.”

Alasdair perguntou:

Em que você está pensando? Nesse momento?

Em toda essa beleza. Na idade dessa paisagem. São tantos anos... Fixamos os olhos sobre os picos. Continuamos olhando para eles,

olhando, e eu considerava toda a sua sabedoria. Pensava em todos os sus- piros, respirações e problemas que já haviam passado por aquelas monta- nhas, em todos aqueles anos que já haviam corrido. Muito mais anos do que eu podia imaginar. Mais suspiros, perdas e desejos. “Todos os meus lugares sempre foram lugares antigos”, pensei. “Cavernas, vales. Florestas. Areias.”

Ele não se voltou para mim.

Idade?

A idade daqui. Dessas montanhas. Elas já viram tantas vidas...

Viram guerras, e nascimentos, amores, e sofrimentos, e todos aqueles cervos. Todos os pés que já pisaram nelas...

Pensei tê-lo ouvido sorrir. Foi aquele som macio e rápido que a boca faz, quando se abre num sorriso.

É. Elas são antigas. E ainda estarão aqui, depois que estivermos mortos. Quando formos apenas poeira e estivermos completamente esquecidos, elas ainda serão o Bico-do-Peito de Glencoe.

Baixei os olhos até minhas mãos. Por um breve instante, pensei no reino. Pensei em todas aquelas pessoas que tinha amado e que se encontravam lá, agora. Fechei minhas mãos e as ergui. Então disse:

Você viverá no seu filho. Agora você tem uma linhagem. Você não terá ido embora.

E nem você.

Eu o quê?

Não irá embora — ele lançava seu olhar diretamente à sua frente — Eu me lembrarei de você.

Aquele foi o meu lugar mais feliz. O meu tempo mais feliz. Estar em um lugar de vento, ao pôr do sol, um lugar de sol por cima d'água. E estar ali com ele. De pé e tão perto um dos outro que eu podia sentir o calor do seu corpo e ele, o meu. O Bico-do-Seio de Glencoe, e nós dois. Eu nunca tinha gostado de reis ou de rainhas, porque acho que não existe uma pessoa melhor do que as outras, ou ao menos não existe isso, aos olhos do mundo. Mas ali no Bico, eu me sentia como se, em todo o mundo, só existíssemos ele e eu. Sentia que o mundo era: nós dois e toda aquela beleza. Aquele outono, aquela montanha alta e nossos corações.

Eu sabia que algo assim não ia acontecer duas vezes. Apenas veio e então se foi.

Depois de algum tempo, ele disse:

Está tarde. Precisamos descer.

E eu o segui. Tomamos a mesma trilha pela qual tínhamos subido, e eu podia ver minhas pegadas na terra. Vi a amoreira silvestre onde seu xale tinha ficado preso e a pedra pela qual tinha me ajudado a passar, e todas aquelas coisas pareciam ter acontecido muito tempo atrás.

Quando chegamos à encruzilhada de duas trilhas, paramos.

Vou lhe deixar aqui — disse a ele.

Ele olhava fixamente para mim. Ele me fitava e, enquanto o fazia, um vento se levantou, trazendo uma gota de chuva. Ela caiu bem em cima do meu braço nu. Então senti mais outra, batendo sobre o meu nariz, e depois em minha cabeça, e cada gota que caía, gorda e pesada, parecia fazer um som muito alto. Olhei ao meu redor. Notei o modo como a chuva sacudia as folhas sobre as quais ia caindo e como cada flor recebia cada pingo. O céu estava escurecendo, agora. Fechei

meus olhos, por um breve instante. Quando os abri novamente, Alasdair tinha uma gota de chuva na maçã do rosto e os cabelos molhados. E ainda estava olhando para mim. Então, ergueu sua mão, aproximou-a do meu rosto e, bem devagar, afastou uma mecha do meu cabelo, prendendo-a atrás da minha orelha.

Você... ele começou a dizer.

Eu fiz um pequeno som. Balancei minha cabeça, dei um passo para trás.

Seja bondosa com todos os seres vivos — dizia a Cora, quando ainda era viva.

Eu tinha prometido a ela, e gostava muito da Sarah. Por isso, segui caminho pela encosta do Bico. Quando o temporal chegou de verdade, a chuva começou a bater com toda força nas costas das minhas mãos, e a furar a lama, fazendo o Coe rugir alto e se tornar muito branco, e só parei quando já estava quase chegando lá embaixo, de volta ao vale. Olhei para trás. Ele tinha tantos tons de marrom — suas roupas, suas botas, seus cabelos molhados e a sujeira sobre seus braços — que se confundia com as montanhas. Aquele homem se parecia tanto com as montanhas que eu mal conseguia enxergá-lo. Ele era como a terra. Era parte daquelas pedras e da urze velha, parte das samambaias antigas. Só conseguia vê-lo quando ele se movia, o que fez por duas vezes, enquanto eu ainda o olhava. Meus olhos o perderam de vista, e eu me perguntava se ele estaria ou não ali. E me perguntava, também, por que teria diminuído o passo e parado, logo depois. Eu não conseguia entender. Pensava “deve haver um cervo” ou então “ele está olhando a vista”. Ou talvez, quem sabe, ele estivesse olhando para trás, assim como eu havia feito. Eu também estava completamente marrom. Tinha os cabelos encharcados, a pele, coberta de lama.



Então, os juramentos. Eu só meio-que-acredito neles. Melhor dizendo, acredito neles quando é o coração quem os faz, e não as nossas bocas. Acredito em juras profundas, sinceras. Acredito naquelas que você sabe que já tinha feito muitos anos antes, deitada na cama vazia.

Não ame.

E eu respondia:

Não. Não vou amar.

Mas aquilo fora a minha boca falando. Aquilo fora a minha boca dizendo o que ela esperava que eu dissesse, e por isso ela dissera:

Boa menina. — E me dera um beijo de boa-noite.

E, no entanto, todo o tempo meu coração estava dizendo:

Mas eu vou! Eu vou! Vou amar, sim. E, quando o fizer, darei a

minha vida inteira por ele. Vou me oferecer por inteiro. E vou amar e amar e amar...

É por isso que acredito nos juramentos do coração. É por eles que devemos guiar nossas vidas. Por que, afinal, que vida vale a pena ser vivida, tendo o coração amordaçado? Nenhum tipo de vida que eu conheça.

Promete que irá voltar para mim?

Não tenho mais muito tempo. Não muito. Não agora.

Jane,

O degelo é rápido e nítido. Ele de fato chegou, agora. Os riachos voltam a correr, e hoje vi os primeiros bulbos despontando do solo, além de botões de flor nas árvores, coisas que ela haveria de notar e que lhe dariam prazer. Posso ouvi-la em minha mente, enquanto caminho.

Ela fala — falamos os dois — em juramentos. Diz que existem dois juramentos que podemos fazer em nossas vidas: aqueles que fazemos com nosso intelecto e nossa razão e aqueles que fazemos com nosso coração. Que existem votos que decidimos fazer e outra espécie de votos, feitos

à nossa revelia, por nossos corpos, pela natureza ou por Deus. Estará ela certa? Há duas semanas, eu teria desprezado tal ideia, feito pouco dela e a chamado de loucura ou bruxaria, como a maioria das pessoas. Mas, agora, eu a ouço. Ouço-a, pois sei que não irá durar. Ela vai morrer. E sou o único que talvez reste para contar sobre ela.

Corrag fez uma jura a sua mãe: de que nunca amaria um homem. Mas seu coração fez outro juramento, de que iria, iria, sim. E a razão não poderia impedi-lo.

Que juras fiz eu? Não foi ela quem m'o perguntou, sou eu quem pergunto a mim mesmo. Estou insone essa noite e escrevo essa carta à luz de uma vela deveras fraca. E me pergunto a respeito dos votos que terei feito em minha vida e se acaso foram escolhidos por mim ou não. Minha fé? Não a escolhi. Ela veio a mim quando criança, e, apesar de todos os problemas que uma religião pode causar ou sofrer, nunca a perdi. Sei que existe um Deus e sei que, enquanto escrevo esta carta, Ele me vê, assim como vê a Corrag, e vê a ti, minha esposa, que dorme debaixo das cobertas, num quarto virado para o Sul, enquanto escrevo. Não escolhi minha fé. Ela me escolheu, e meu coração sabe disso. E, por todos os meus dias, hei de manter essa fé em Deus e na bondade. Disso tenho certeza. Mas e minha profissão, Jane? Essa é uma questão diferente, creio. Acredito que ela tenha sido posta diante de mim por meu pai. Era o que ele esperava. Escolhi dedicar-me a ela, e a pregar, e escrever como venho fazendo. Mas julgo ter feito um juramento com minha cabeça, pois quando é que gostei de falar diante de multidões? Minhas mãos tremem ao fazê-lo. Mas falo. E me saio bem na retórica, além de ter-me tornado um orador digno de tamanhos elogios que me fazem corar, só

de pensar neles. Tenho sorte, eu bem sei. Mas não terei aprendido minha profissão, em vez de tê-la como dom, por natureza? Talvez.

O que faria meu pai nesse momento? Que sentimentos teria?

Tenho certeza de que não permitiria que seus sentimentos se

misturassem com essa história. Teria esquadrinhado sua Bíblia até encontrar argumento suficiente para dirimir qualquer sinal de compaixão. Pois o rei James e Deus são o seu propósito, e sua fé está escrita com tinta. Ele é capaz de entender e de sentir, porém creio que tenha sido sua cabeça quem fez um juramento a Deus. Sua cabeça foi o que o guiou. Mas eu não sou meu pai. Sou eu mesmo.

O que devo fazer, Jane? Minha mente fala-me de leis, e da Bíblia, e de Deus. Ela me avisa para que não espere carta alguma de Stair e nem que espere qualquer mudança no destino de Corrag, agora em seus últimos dias. Eu não deveria desejá-lo. Deveria aspirar (como certa vez aspirei) que o mundo fosse libertado de toda escuridão. Que razão tenho eu para me preocupar, já que aquela escuridão vai ser incinerada e purificada pela luz?

Devo permitir que tudo se desenrole conforme a intenção de Deus.

Corrag é uma prisioneira da lei. Se ela tem que morrer, que morra.

E, no entanto — no entanto! —, sinto-me perturbado. Insone. Com saudades de ti. Ao fim do dia, ao tirar minha peruca, fico a olhar para o homem que se revela e sinto que mal o conheço. Ele está velho e cansado.

Reza por mim. Reza para que eu encontre orientação e conforto espiritual. Para que encontre pensamentos nobres e retos.

Charles

IX

“...o xarope auxilia enormemente àqueles que procuram um pouco de descanso, além de acalmar o cérebro das pessoas agitadas, refrescando os destemperos da cabeça.”

sobre os Lírios D’água

Conte-me sobre a praça. Sobre Mercat Cross e sobre a quantidade de madeira que já deixaram ali. O quanto já construíram. É toda essa conversa de morte. É essa conversa sobre o massacre, todas essas lembranças, o que me atemorizou e conjurou mortes terríveis na minha mente. De tal modo que agora quero pensar: “Foi um sonho, um sonho assustador.” Se eles morreram? Sei que sim. Vi os seus corpos. Vi os seus corpos queimados, com marcas de facadas nas costas e na lateral. Feridas que eram como bocas, e, enquanto eu tropeçava neles, pensava que aquelas bocas estavam falando comigo. Pensava que estavam dizendo o meu nome, aquelas feridas, como se dissessem que eu poderia ter impedido aquilo. Como se eu pudesse ter salvado mais gente do que salvei.

Foi lembrar-me disso tudo o que me apavorou. E aquele homem. Um homem veio até aqui.

Essa manhã. Escutei seus passos do outro lado da porta e pensei: “O senhor Leslie chegou cedo!” E eu estava tão esperançosa, senhor, pois gosto muito do tempo que passo consigo. Gosto de conversar com o senhor e do modo como o senhor concorda fazendo um gesto da cabeça. E é uma coisa bem peculiar, encontrar um pouco de conforto em um homem da igreja, quando a igreja nunca me ofereceu qualquer conforto nessa vida, nem às outras mulheres do meu tipo. Mas tudo muda. Eu sei disso. E encontro conforto no senhor, de verdade. Gosto de vê-lo sorrindo. Muitos não sorriem, mas o senhor, sim. Então, eu ouvi esses passos perto da porta e pensei “é o senhor Leslie”, e me levantei com as minhas correntes para cumprimentá-lo. Tinha um sorriso no rosto pronto para encontrar o seu, esse que o senhor me oferece, agora.

Mas não era o senhor. Era um homem cujo nome não consegui entender. É ele quem faz a amarração. Quando é um enforcamento, é

ele quem dá o nó, e é ele quem faz o cavalo andar para frente e puxar a pessoa. E, quando é para marcar alguém com ferro em brasa, como fizeram com um homem que tinha violado um animal no estábulo, ele é a pessoa que usa o ferro. Ele empurra o ferro quente em cima da carne e fica ali, escutando o chiado. E, quando é uma morte na fogueira, ele é quem amarra a pessoa no poste. Empilha os barris, junta a lenha.

Então ele veio até aqui. Entrou e começou a rir. Ele me viu em pé, com as minhas correntes penduradas e as minhas saias manchadas de sangue e começou a rir.

Eu não entendia o que era tão engraçado. Fiquei olhando para ele. Então ele disse:

Vamos economizar uns belos tostões, ao que parece. — E riu um pouco mais. — Como é que você seria capaz de estragar algum plano? Você?

E secou uma lágrima de riso do canto do olho, com a ponta do dedão.

Eu já vi recém-nascidos maiores do que isso! Você?

Depois que tinha se acalmado, ele cuspiu. É claro. Cuspiu bem no meu rosto, mas errou a mira e acertou no meu braço. Fiquei olhando para aquilo com tristeza.

Vamos precisar de metade da madeira que eu tinha imaginado — disse, cheio de autoridade, como se houvesse um magistrado dentro da cela a quem estivesse se dirigindo. — Vai ser rápido. E barato. Mas o povo gosta de um espetáculo, então vou usar menos madeira ainda. Fazer a coisa durar mais... Sim.

E então seus olhos encontraram os meus, e ele perdeu aquele tom cor-reto.

Ele sibilou para mim. Ficou dizendo:

Sua intrusa. O Sr. Dalrymple quer se livrar de você. Ah, é.

E, depois disso, foi embora. Se antes eu já estava querendo ouvir seus passos, depois daquela visita desejava isso em dobro, pois aquilo tudo me deixou apavorada... Aquilo me fez ver que é verdade. Que eles querem mesmo me ver morta. Que essas barras são firmes, e essas correntes não vão se soltar.

Fico feliz que o senhor esteja aqui. Tão feliz! Minha morte vai ser lenta, foi o que disse o homem, e eu não quero morrer, não quero morrer desse jeito.

Minhas mãos se perdem dentro das suas mãos. Minhas mãos são tão pequenas. Até isso foi usado, certa vez, como motivo para “bruxa” apa-

recer:

Ela é pequena demais! O Diabo levou um pedaço dela!

Como se esse fosse o nosso pacto, entre mim e o Diabo. Como se

minhas mãos fossem motivo bastante para me condenar, quando é necessário tão menos do que isso: meus olhos cinzentos, meu nome estranho. Sempre qui- serem me ver morta. E eu apenas quis que todos pudessem viver. Então, onde está a justiça? Nunca a conheci. Nem a Cora. Nem a mãe dela, quando a afogaram em seu camisolão.

Minhas mãos parecem tão pequenas, dentro das suas... Elas já acariciaram uma égua cinzenta e arrancaram juncos de lugares pantanosos, e já curaram pessoas. Mãos pequenas, mas que seguraram as mãos dele — dele. Está vendo? Não consigo nem mesmo vê-las. Mas a cela está muito escura. Conte-me sobre sua esposa. Ou sobre seus quatro meninos. Eu não devo falar, eu suponho. Acho que por algum tempo devo só ouvir, acalmar minha

respiração.

Vou me sentar.

Por alguns instantes, vamos encher esse lugar com palavras mais suaves do que “mulherzinha intrometida”. Vamos enchê-lo de luz.



Talvez tenha sido ele — me preenchendo. Talvez tenha sido estar no Bico- do-Seio e perto dele, e toda aquela conversa sobre corações, o que me tirava o sono. Ou talvez tenha sido a primeira geada, azulada, silenciosa e cintilante, com que me deparei ao sair da cabana. Pois aquilo queria dizer “o meu tempo”, e eu sentia necessidade de estar nele. Tinha sentido sua falta, e agora me deitava ali, olhando as estrelas, e não dormia.

Ou, talvez, o bramido. Porque, enquanto passava pelas colinas do Topo- do-Cardo, certa tarde, tive que parar. Ouvi um bramido. Era um som com- prido, um rangido, um rugido quebrado, e pensei: “Mas o quê...?”, Pois era um som solitário e determinado. E, quando olhei para cima, eu o vi: meu cervo. Ele estava de volta, nos penhascos, e fiquei feliz com aquilo.

Que reconfortante, o inverno! Meu cervo, com seu pescoço de pelo grosso e sua galhada. Sua pelagem ainda estava alta e encaracolada, e ele ficava passeando lá pelo topo das montanhas, olhando para mim. Certa tarde, enquanto meu fogo fumegava, olhei para o alto e o vi, descendo pela encosta. Uma chuva fina estava caindo, e ele se sacudiu.

Disse a ele:

Não vá embora! Fique aqui!

Encontrei na minha cabana as maçãs que havia guardado, durante semanas, para ele. Peguei uma delas, esfreguei-a na minha saia. Podia ver suas rugas e pintas. E a folha pequena, áspera, no caule. Ao sair de dentro de casa, eu a segurava em uma das mãos. Estiquei o braço.

Tome aqui.

Por alguns instantes ficou imóvel.

Depois, vagorosamente, ele se aproximou. Tinha um mundo dentro dos olhos: o céu refletido, os pássaros que voavam nele. Eu me vi, também. E vi mais do que isso. Vi todas as montanhas por onde ele tinha andado, e todos os lagos onde tinha bebido. Todos os seus lugares de descanso. Suas fêmeas. Sua vida, sua idade e seu conhecimento.

Aqui...

O cervo quase a pegou. Quase. Esticou seu pescoço e entortou a cabeça para que seu nariz pudesse cheirar a fruta. Eu via suas narinas tremendo. Mas ele ainda tinha medo de mim, era desconfiado. Porque seu lado sel-vagem ainda não confiava no meu. E, sendo assim, não chegou mais perto, e não pôde pegar a maçã.

Em vez disso, coloquei-a no chão, mais perto dele. Ele a pegou com a boca, mastigou-a, e depois saiu tropeçando de volta lá para o alto do Pico do Gato.

O cervo ficou babando sua baba de maçã. Lá na Crista, por um momento, olhou de volta para mim. Então seguiu para o Sul, para o Vele Etive, e foi embora.

Gelo e neve. E eles reconfortavam minha alma apaixonada, carente. Eu vagava e passeava, soprava e era soprada. Minhas saias navegavam nos ventos que vinham do mar, e eu era carregada como se fosse um barco, e tinha pele de sal. Eu me afundava até os joelhos nos pântanos de turfa e, quando os gansos passavam voando, pensava na Cora e nos charcos. E ficava chamando aqueles gansos, enquanto eles passavam, voando.

Chamava a ele, também, aquele cujo coração era um coração de guer-reiro, mas que estava cansado, agora.

Lá embaixo, no Coe, onde não havia gelo por causa da rapidez da água, eu me banhava — no meio daquela água dura, fria e azulada que explodia por cima das pedras e dos troncos. Voltei ao Encontro das Águas, onde tinha me banhado pela primeira vez, treze luas atrás. Tirei a roupa e entrei na cachoeira. Deixei meus cabelos se inflarem de água, como tinha feito antes. Tentei ser a garota que eu era, então. Mas eu era uma garota diferente, de várias maneiras.

Foi ali que vi Sarah, com seu filho enrolado em peles e atado junto ao seu corpo. Ela tinha os olhos brilhantes e fungava, por causa do frio. Ao me ver, beijou meu rosto duas vezes e segurou meus cabelos pela raiz, como fazem as pessoas que sentem carinho verdadeiro por aquelas a quem estão beijando. Foi assim que me beijou. E disse o meu nome. Disse, também:

Faz muito tempo que você não vem nos visitar. Como você está?

Disse que estava muito bem. E acrescentei:

E você? Como está sua família?

Ela levantou uma parte da pele de cabra para mostrar seu filho para mim. Ele era tão quente e de pele tão macia quanto um ovo que tivesse acabado de ser posto. Eu o cheirei. Lembrei-me de como tinha se encaixado no meu peito e miado. Coisa pequenina. Com seu cabelo de samambaia-molhada.

Estão todos bem, graças a Deus. Estamos conseguindo dormir melhor, à noite. — Ela fez cócegas no bebê e sorriu. — E não tem havido brigas com outros clãs, ultimamente. Nós salgamos alguma carne de porco e estamos defumando peixe para o inverno. — Olhou para mim, apertando os olhos.

Alasdair deixou um pouco de turfa seca para você. Você a encontrou?

Encontrei. Fico grata, mas não estou precisando. Vocês já têm muito de que cuidar, agora.

Ela franziu a testa.

Eu sei. Nós dois sabemos. Mas você está sozinha aqui em cima. E Alasdair disse que este inverno vai ser difícil. Ele disse que as sorvas estão mais vermelhas este ano.

O bebê deu um gemido choroso, e ela pôs o dedo mindinho em sua boca para ele sugar. Aquele seu gemido único parecia ter ficado fluando pelo ar.

E o juramento?— perguntei.

Ele lhe contou?

Sim. Um pouco. Não muito, só...

Sarah deu um suspiro, balançando a cabeça.

Estamos esperando notícias da França.

França?

Do rei James. Alguns dos nossos homens foram até sua corte, pedir a ele para sermos liberados de nossa jura em seu favor.

Talvez Sarah tenha notado minha testa franzida, minha cabeça incli- nada. Juramentos demais, era isso o que eu estava pensando.

Nós juramos fidelidade a ele, certa vez. Todos os clãs fizeram o mesmo.

E vocês precisam esperar? Não podem simplesmente fazer seu juramento a William, também?

Fazer dois juramentos? Para dois inimigos? Assim, nenhum dos dois compromissos será verdadeiro. E vai ser duas vezes mais perigoso. Não... Vamos esperar até ouvirmos notícias da França. Temos esperança de receber notícias em breve. O MacIain precisa fazer seu voto de fidelidade até o final do ano, e isso é daqui a menos de um mês. Além do mais, o tempo só irá piorar.

Fiquei ouvindo suas palavras. Pareciam palavras velhas, como se já

as conhecesse.

E ele vai fazer isso? — perguntei. Ela revirou os olhos.

Com todo aquele orgulho? Todo aquele fogo? Vai ser difícil. E sei que, enquanto viver, ele não vai jurar coisa nenhuma para um Campbell. Mas eu acho que, ao rei, ele pode jurar.

Bom — eu disse.

Bom? Você quer que ele o faça? Assenti. Estava pensando: “Quero, sim.”

O bebê deu um soluço e, depois, um segundo grito. Sarah o apaziguou. Encostou seu nariz no dele e ficou respirando sobre o seu rosto, murmurando palavras em gaélico.

Nós nos despedimos com um beijo, e fiquei observando-a afastar-se de mim, enquanto pensava: “Faça esse juramento, agora.” Não sei por que, mas sentia isso com muita intensidade.



E então fiquei doente, naquele inverno. Peguei uma febre, o que nunca tinha acontecido antes. Eu tinha nadado no lago, quase sem roupa, e encostado em pedaços de gelo enquanto mergulhava. Mas já não tinha feito isso antes, e ficado bem? À noite, minhas mãos tremiam quando ergui a panela do fogo. Estava cada vez mais quente, além de pálida, mas ao sair na noite gelada logo comecei a tremer. Meus dentes batiam, minha pele se parecia com a de uma galinha depenada, e eu pensava: “Mas o que é isso?” Porque em toda a minha vida eu nunca tivera calafrios. Eu era nascida no inverno. Uma mulherzinha resistente.

Fiquei deitada dentro da minha cabana, respirando seu cheiro de turfa. Nos meus sonhos, repetia:

Jura! Jura!

Eu sabia que um pouco de malva ou de cerefólio poderia ajudar, na forma de compressas, sobre a minha garganta, que doía, mas não conseguia parar de tremer e me sentia muito cansada. Passei os olhos pelas ervas. E me encolhi, virando o corpo de lado, com os joelhos apertados contra o peito, e acabei sonhando com o rosto castigado de Gormshuil, com suas gengivas cor-de-rosa, e sua voz, dizendo:

Agora, naquela época...

E senti um cheiro de coisas verdes, de ervas e podridão, e queria ver meu cervo macho, e minha égua de traseiro grande, e havia Homens da Turfa girando, pendurados, o que me fez encostar a boca contra os joelhos, e começar a chorar. Eu estava sonhando. Ardendo de febre.

Algum tempo depois, tudo aquilo passou. E acordei sentindo um cheiro podre dentro da minha casa. O meu meimendo tinha sumido.

Até a última folha.

Ladra.

Tinha passado por cima de mim, enquanto eu dormia, e pegado a minha erva...

Continuei fraca por um bom tempo. E, por um longo período, ainda sentia certa agitação, que devia ser a sombra da febre em mim. Ou, então, a falta de comida quente. Não conseguia andar tão rápido quanto antes, nem ir tão longe. Além do mais, minha cabeça ficava girando quando eu caminhava pelos penhascos, e volta e meia eu tropeçava e tinha que me agarrar nas pedras e na urze seca, que, por sua vez, sacudia, soltando toda a neve. Foi assim que acabei assustando um pássaro. Ele saiu voando. E gritava:

Jura! Jura! Jura!

Eu ouvi aquilo muito bem. Tinha certeza. E, quando fui quebrar um pedaço do gelo de um poço com as minhas mãos, pensei tê-lo ouvido dizer, também:

Jura!

Lá embaixo, no vale, vi Ian.

Fui batendo pelas pedras, enquanto descia com pressa, para encontrá-lo. Ele ouviu aquilo e parou. Seu cavalo bufou para mim, e Ian me olhou lá de cima dele, com aqueles seus cabelos de brilho de raposa, aquela sua pele de mariposa branca.

Corrag?

Eu não andei bem. Mas estou melhor, agora.

Está?

Você precisa aceitar o juramento. Um pássaro saiu voando de dentro da neve e disse isso para mim. Ele disse: “Jura, jura, jura.” E a velha bruxa, com seus cacos de dente, disse que laranja não vai continuar sendo laranja, e isso agora fica martelando na minha cabeça. O gelo disse “jura”, quando eu o quebrei. Você vai aceitar?

Ele puxou seu cavalo para trás.

Você está febril. Dizendo mais coisas sem sentido do que nunca. Fique onde está. Tenho muito que pensar e muito que fazer, para agora ainda pegar essa febre de você.

Você vai fazer o juramento?

Ele disse:

Provavelmente. Nós recebemos notícias de James, e ele afirmou que deveríamos. Para o nosso próprio bem.

Assenti.

Quando será?

Temos que fazê-lo até Hogmanay. O MacIlan partirá a cavalo, um dia antes. Agora vá embora. E descanse. Guarde sua doença para si mesma, mulher.

E, com isso, esporeou o cavalo e partiu.

Eu me afastei. Dei um pequeno sorriso e me virei, me sentindo como a bruxa que sempre disseram que eu era: suja e meio louca. E eu ralhava comigo mesma, enquanto corria pelo meio da escuridão, prendendo as saias nos espinhos e nos galhos nus:

Que tola! Sassenach... Dizendo coisas sem sentido...

Mas, na manhã seguinte, minha febre tinha passado. Acordei com a pele fresca e com muita fome, além de tranquila. E, quando fui averiguar minhas galinhas, procurando por ovos, pensei: “Hoje é dia de Natal.”



O MacIan de fato partiu, quatro dias depois do Natal. Eu o vi sair.

Eu me agachei na Irmã do Leste, com a neve fina caindo sobre as maçãs do meu rosto e sobre as costas das minhas mãos. Apertei minha capa em volta de mim. Eu o vi lá embaixo, no meio de toda aquela brancura. Seu xale quadriculado, seus cabelos brancos, ainda mais brancos do que a neve.

Ele partiu no seu cavalo, e três outros homens seguiam a pé, atrás dele. Voltando-me para as rochas e para o céu cinzento, pedi:

Levem-no depressa até lá. Que a neve diminua e o deixe passar.

Imaginando que tudo, então, estava melhor, comecei a descer, enquanto dizia ao meu coração para se acalmar. Porque estava cansada daquela sua falação, cansada daquela dor. Fui me deitar em casa, em cima do meu tapete de pele de corça.

A neve aumentou, durante a noite.



Bem. Os MacDonald de Glencoe viram aquele ano velho morrer em meio à neve, com uma meia-lua brilhando por entre as nuvens. Eles beberam e beijaram uns aos outros. Em Carnoch, em Inverrigan, em Achnacon e em Achtriachtan eles dormiam, com seus maridos ou esposas ao lado e suas crianças sonhando, imaginando-se seguros. Imaginando que seu Chefe havia deixado sua assinatura, com suas letras de aranha, em cima do papel, e que tudo estaria bem. Agora, 1692 é um ano famoso para nós. Para as Highlands. Para todos aqueles que cochicham “Jacobita”.

Eu? Corrag?

A inglesa? A bruxa? A fada de cabelo preto? A cigana? A garota das ervas que vivia em Coire Gabhail?

Na noite de Ano-novo, eu estava em cima de uma rocha, não muito longe da minha cabana. À meia-noite, encontrei o cervo. Eu tinha feito

o desejo de encontrá-lo, e ele tinha aparecido. Vê-lo foi algo que me acalmou. Como se estivesse esperando o juramento ser feito, ele desceu até onde eu estava e me encarou. Sorri, pensando “amigo”.

E talvez seu coração também estivesse fatigado. Talvez sentisse frio, ou estivesse cansado de ser selvagem. Por que, afinal, quantos seres selvagens conseguem ser selvagens todo o tempo? Ofereci a ele minha última maçã. Estiquei o braço, segurando-a, e lhe disse:

— Venha aqui.

E, enquanto o ano velho ia embora e o ano novo chegava, ele chegou mais perto de mim do que jamais havia feito. A neve brilhava e rangia debaixo dos seus cascos. Prendi o fôlego, mas sua respiração fazia fumaça, quando começou a esticar o pescoço lentamente. Assim que estava todo esticado, puxou os chifres para trás, o que significa que sua boca estava muito perto de mim. Como se fossem duas mãos prontas para agarrar, suas narinas ficaram farejando a fruta. Eu podia ver seu catarro, sua umidade. Seu corpo se inclinou um pouco mais. Ele cheirava e cheirava, e vi que sua boca come- çava a se mover.

Houve um momento. Nós dois compreendemos e o vimos. Aquele momento pequeno, único, em que ele teve total confiança em mim. Tinha sido momentaneamente domado. Momentaneamente, ele era meu. Pois, ao abrir sua boca quente e inclinar-se, fumegando, para mim, não havia força alguma nele. Não teria podido correr. Estava nu, cansado e ansiava pela maçã que por todo aquele tempo eu guardara para ele.

Senti o peso súbito dos seus dentes sobre a pele da fruta. E ouvi o som áspero de sua mordida. A maçã partiu-se ao meio, e ele tropeçou, levando sua metade. Naquela espécie de tropeço, no modo como saiu de repente, era um cervo selvagem outra vez. E começou a subir pelas pedras, lá para cima, para as encostas de Beinn Fhada, enquanto seu coração dizia:

— Corra! Corra!

Fiquei segurando a outra metade. Sua umidade estava sobre ela, e olhei para a maçã, com seus pequenos caroços marrons. Decidi comer aquela metade. Porque eu também estava com fome. Era inverno, e a maçã não iria durar, de qualquer jeito.

Ele fugiu, batendo os cascos. Era um animal selvagem, com coração de fogo.

Observei seus contornos lá em cima, no topo da montanha, e pensei que aquele tinha sido um bom Hogmanay. Eu e um cervo. As estrelas. A neve profunda. Todo aquele amor e toda aquela beleza no mundo.



O senhor sabe o que acabou acontecendo, acho. O senhor sabe.

O Chefe dos MacDonald de Glencoe chegou com seis dias de atraso.
Seis.

Tinha cavalgado para o local errado. O Coronel Hill de Inverlochty disse a ele:

— Mas eu não posso ajudar-vos! O pergaminho encontra-se no Sul. Pobre ovelha perdida. Pobre homem. — É o que penso, quando imagino

a cena.

O MacIain acabou assinando o juramento, no fim das contas. Aqui em Inverary, diante de um homem chamado Ardkinglas. Mas, sim, ele estava seis dias atrasado.

E voltou com as bochechas vermelhas, trazendo boas notícias. Mandou me chamar para cuidar das suas feridas de frio. E, enquanto eu me agachava aos seus pés, com labança e panos aquecidos, disse:

— Eu estava atrasado, é verdade, mas assinei! Agora está feito, então me tragam um uísque, porque toda essa viagem me congelou.

E sentou-se ao lado da lareira para contar sua história. Sobre o coronel Hill. Sobre o barqueiro em Connel que havia lhe perguntado:

Vós sois O MacIain?

E depois tinha tremido, enquanto remava, pelo resto da viagem. Sobre o Castelo de Barcaldine, no meio da escuridão.

Essa viagem foi repleta de perigos. Há muitos patifes lá fora. Isso aí é carne, mulher? Mas — tomou um gole do uísque, suspirou — eu fiz o juramento. Eu fui até lá. Está feito, agora. E estamos a salvo da ira do rei...

O que são seis dias? É tão pouco...

Não importava que ele tivesse assinado seu nome. Pois um nome pode ser riscado, afinal. Seis dias anularam tudo. Seis dias significaram que todos aqueles que odiavam o nome de Glencoe podiam levantar os olhos de suas escrivaninhas e sorrir diante das notícias.

Atrasados? Por seis dias? Então eles precisam ser punidos...

Rebeldes. Traidores.

Aquele gado para o patíbulo...

Tanto ódio no mundo... Tanta tristeza...

Minha mãe sempre dizia:

Não existe o Diabo. Só os feitos diabólicos dos homens.

E andava por paisagens de ventania, de altitude, de capinzais, porque esses lugares não poderiam machucá-la. Não como as pessoas.

Ela dizia também:

Não ame.

Pois o ódio nunca está longe do amor.

Assim como a luz, o amor precisa da sua outra parte — a escuridão — para poder ser chamado de “luz”, afinal.

Minha querida,

Ela diz que há momentos que nos transformam. E os há.

Transformei-me, quando vim para Inverary e o estalajadeiro de cabelos vermelhos mencionou o nome “bruxa” para mim. Transformei-me quando me sentei em um banquinho, preocupado com piolhos. Transformei-me ao conhecer o ferreiro. E com cada página da Bíblia, pois o Senhor nos oferece Suas lições todos os dias. Sim.

Ou melhor, “é”, pois eles dizem “é”, por aqui.

Estive lá embaixo. É uma estalagem, e não sou um homem que costuma beber. Mas havia uma cadeira perto da lareira. E me transformei no dia em que te vi, meu amor. Tu te havias inclinado para retirar uma lesma do caminho e abaixastes a sombrinha, de modo a fazê-lo, e então pude ver seus cabelos por inteiro. E também a tua cintura pequenina, enquanto te erguias de volta, e isso eu te juro, Jane: que com toda essa conversação a respeito de juramentos, e amor, e a voz do coração, sei exatamente o que senti enquanto tu te erguias. Senti inveja daquela lesma. E agradei a Deus. Cada voto que já fiz para você, ou por você, foi feito com todo o meu coração e com todo o meu corpo. Com minh'alma.

O uísque é forte, mas ainda assim eu o tomei. Era como luz dourada dentro de um copo. Alguma vez mencionei o nome “Gormshuil” para ti? É uma mulher que Corrag conheceu. E parece ter sido uma criatura das mais desgraçadas, apenas ossos e sujeira, sem qualquer noção de piedade. Costumava consumir certa planta em busca de alívio, e sinto-me capaz de compreender isso, agora. Todos nós temos nossos infortúnios e nossas tristezas. E uma planta ou uma bebida não podem solucioná-los. Mas ajudam a enevoar a mente. Esta noite hei de usufruir a minha primeira noite de sono, em muitos dias, creio eu.

O estalajadeiro viu-me a beber e aproximou-se de mim. Eu imaginava o porquê. E logo se tornou claro.

Como vai a bruxa? Aquela devassa vil? A feiticeira?

Estava decidido a não responder, em absoluto. Porém, sabia que ele continuaria a importunar-me. Algumas pessoas são como raposas, e rondam às outras, farejando carniça.

Com medo da morte — disse a ele. — Ela será queimada em muito breve, meu senhor. E, sendo assim, não se encontra exatamente bem...

Rá! Isso é porque sabe que o Diabo vai levar sua alma embora. Sabe que irá queimar por algum tempo naquela fogueira, mas que queimará para sempre, por todos os seus crimes...

E, assim, tomei outro gole, pois ao menos a bebida me mantinha de

boca cheia. Eu não poderia encontrar boas palavras com que a encher.

Amanhã ela deve falar a respeito da chegada dos soldados. Sei disso, agora.

O ferreiro contou-me que o capitão era um homem de olhos negros e cabelos-de-palha. Havia ingleses entre eles, e também homens dos Campbell, além de alguns soldados muito jovens, meros meninos, que não mereciam estar envolvidos em um ato tão tenebroso. Foi um verdadeiro massacre, Jane! E eles foram até lá para isso. E ficaram naquele lugar por duas semanas inteiras antes de disparar seus mosquetes e cortar os pescoços com suas adagas, como punição por seu juramento atrasado. E hei de rezar por suas almas, pedindo que desconhecassem suas ordens, enquanto se sentavam perto das lareiras dos MacDonald, bebendo uísque dos MacDonald, comendo seu pão.

Ela irá contar-me sobre tudo isso, e tenho medo. Sinto medo! Eu, que já vi homens sendo enforcados e até mesmo apressei a morte de homens culpados, temo o que ela irá contar. E temo, também, ver aquela cela sem Corrag, apenas a palha onde, outrora ela se sentava.

Que morte terrível ela há de ter! Ela não merece tal morte.

E que vida viveu! Pergunto-me se não a invejo, em parte. Pois quando foi que colhemos frutas silvestres dos arbustos para comê-las? Nunca mais, desde que eu era garoto. E por acaso já bebemos água ajoelhados, como gatos? É o uísque quem escreve tudo isso. Mas ela já alimentou um cervo com as próprias mãos, Jane. A maçã estava podre, no entanto o cervo a mordeu e levou a fruta embora e, enquanto ela me contava isso, meu coração dizia:

Sim!

E senti que a invejava. Nunca enfiei meus pés em um brejo, nem ouvi o pio da coruja.

Todas essas coisas eu a ouvi contar. Todos esses sonhos e desejos, esses temores, pensamentos e esperanças — tudo pertence a ela.

Talvez “bruxa” tenha sido sempre a palavra exata.

Estarei louco? É o uísque. Teu esposo está perdendo a sanidade, Sra. Leslie.

Recolher-me-ei ao leito com tua carta em minhas mãos. Mantenho minha fé em Deus; seu rosto, porém, transformou-se, ao longo dessas últimas noites e dias. Quem é Ele? Não é o que eu julgava. Ou será que Ele não mudou, e, sim, meus olhos? Eu mesmo?

Digo para mim mesmo que lei é lei. Mas, ao passar próximo dos barris, que já se encontram amarrados, à espera de Corrag, meu coração fica dizendo:

Não morra. Continue vivendo. Coisa pequenina.

Charles

X

*“Acautele-se para não confundir essa erva com o mortífero
Meimendro; se não a conhece bem, deixe ambas de lado e não
corra riscos.”*

sobre o Meimendro

Há menos luz azul, muito menos azul. Pela primeira vez noto isso: o modo como a luz do dia, dentro dessa cela, está pálida, mais fina agora, e sei que a última neve se foi por inteiro, ou quase. Derreteu. Imagino que já estejam surgindo aqueles brotos verdes, pequenos, e os botões, que se parecem com as pontas dos dedos, e aquele cheiro terroso, rico e fresco. Está ouvindo? Não é um “pinga-pinga”. É um som mais rápido, agora. O degelo está escorrendo.

Conheço esse som rápido. Já o ouvi antes, em outros lugares, lugares perdidos. E também naqueles lugares onde eu sabia que minha estação estava terminando, por um tempo, enquanto a primavera vinha encharcando a terra, com seus riachos cheios e suas flores. O chão dos charcos voltava a ficar macio. As pedras voltavam a ficar mornas. E eu gostava de todas essas coisas, essas mudanças, que falavam de calor e de dias de céu azul. Mas essa água corrente e essa luz mais pálida significam mais do que isso. Um tipo diferente de calor. Não céus azuis, mas céus negros, cheios com a fumaça do meu corpo queimando. Meu corpo feroso. Eu queimando, como as casas costumavam queimar.

Eu sempre sentia uma espécie de tristeza, ao ver a minha estação indo embora. Ao ver o inverno se encolhendo, como fazem os animais peludos quando sentem que o inverno vai chegar. A minha estação encostava o focinho na própria barriga, ia dormir, enquanto eu pensava: “Então, até logo. Por um tempo.” Já me ajoelhei em brejos, pensando: “Até o ano que vem!” Porque, afinal, o inverno sempre volta, não volta? Assim como todas as estações. Primeiro, chega a geadas. Depois, o gelo. E então, a neve.

E eu digo “adeus” a ele, agora. Mas digo adeus de verdade. Pois não verei outro inverno.

Quando ele voltar, o senhor irá vê-lo, por mim? O senhor vai

respirar em frente a uma parede de gelo e depois ficar olhando o modo como sua respiração volta, por mim? Vai pisar na neve? Vai se sentar ao lado do fogo?

Vejam como suas bochechas estão rosadas. Como estão úmidos os seus sapatos.

Foi um longo inverno, eu bem sei. No vale, ele foi longo. Foi cheio de gelo grosso, que estalava debaixo dos pés e do “ploft” da neve, quando caía do telhado. Eu me espreguiçava todas as manhãs, respirando aquele ar.

E foi nesse tempo que chegaram os soldados. Em um dia de fevereiro, chegaram com seus casacos vermelho-vivo, seus mosquetes polidos e suas bochechas geladas. E bateram na porta da frente do Chefe.

O que eu tinha em mente, naquele dia? Acho que nada. Ou talvez as coisas pequenas que estava olhando: minha respiração enevoadas, uma teia de aranha coberta com pingos de orvalho. Lembro que o vento soprava uma neve fina, que pinicava meu rosto, e minhas mãos estavam muito rosadas, e eu ficava virando-as, olhando todo aquele rosa. Sentada lá no alto, em Mantenha-me-A-Salvo.

Então, ergui meu olhar. À distância, vi uma linha vermelha. Ela se movia ao longo das margens do lago, passava por Ballachulish e seguia em frente. Apertei os olhos, pensando: “O que pode ser tão vermelho? E se mover desse jeito?”

E então eu soube que eram os casacos-vermelhos. Soldados.

Como o senhor ficou sabendo que foram os soldados que nos mataram? Quem lhe contou? Ou talvez o mundo todo já saiba, agora, que foram soldados que vieram até o Vale de Coe. Com mosquetes. Com sorrisos.



Aquela chegada transformou o vale, é claro. Todos aqueles homens altos, com seus casacos vermelhos, com seus sotaques das Terras Baixas e suas botas cobertas de neve, que batiam nas soleiras das portas, e suas piadas que eu não podia ouvir, mas cujas risadas escutava. Eu não estava lá para ver aquilo tudo de perto, o modo como O MacIain os recebeu. Tinha para mim que ele iria rugir seu desagrado e bani-los, porque ele odiava tudo o que dissesse respeito a William, ou estivesse próximo a ele, e aqueles eram homens de William. Pensava que ele iria puxar sua espada. Mas ele não rugiu. Viu a neve caindo. Viu seus rostos enregelados, ouviu suas barrigas roncando.

Ele lhes deu as boas-vindas — disse Ian, quando o encontrei, três

dias mais tarde. — Ofereceu-lhes carne. E abrigo.

Ele os recebeu bem?

É. O que mais poderia fazer? O tempo está horrível, Corrag, e eles precisam se aquartelar.

Mas são homens de William... — Eu não conseguia entender.

E Ian suspirou, como costumava fazer quando estava comigo. Como se não tivesse paciência para aquela criatura inglesa tão curta de inteligência, ele disse:

Mas nós não assinamos o juramento? A William? Não somos uma ameaça externa para ele, nem para seus homens, agora. Nem eles, para nós. Além do mais, esse é o costume das Highlands: oferecer abrigo sempre que o pedem.

Seu cavalo se remexia debaixo dele.

Nós não oferecemos abrigo a você? Tantos meses atrás?

Eles tinham me oferecido, sim. Concordei, com um movimento da cabeça.

Então você não pode reclamar.

Eu me virei e fui me afastando. Lembrava-me das suas palavras. “Ameaça externa.” “Juramento.” Sabia que o raciocínio de Ian estava correto. “Não há nenhum perigo”, dizia para mim mesma, caminhando sobre o gelo. E eles estavam bem arrumados, isso eu tinha visto. Estavam usando seus casacos escarlata, suas botas brilhantes e alguns deles tinham até perucas encaracoladas, cheias de neve. Os soldados chacoalhavam, com seus metais. Ficavam em pé no vale, soprando nas mãos e olhando para cima, para as montanhas.

Não há nenhum perigo. Tudo está bem.

Mas, ainda assim, eu não estava tranquila de verdade. Havia tantas mudanças no vale, tantas modificações em sua luz e no seu ar...

Como poderia estar gostando daquilo? O que ia ser das pedras? E das vidas dos pequenos animais? Aquilo me incomodava profundamente, apesar das palavras de Ian. Ficava encarando os soldados, com aquele mar de desconforto batendo suas ondas por dentro de mim. Prendia o fôlego e rastejava feito um gato pelas partes cobertas de neve. Certa vez me esgueirei até Achtriachtan e vi um soldado na margem do lago, usando-a como se fosse sua latrina, e não gostei nada daquilo. Em minhas caminhadas diurnas ao entardecer, vi pegadas de botas pesadas sobre a neve, perto de Achnacon, onde as primulas cresciam na primavera. E isso não queria dizer que as primulas deixariam de crescer ali, quando chegasse a primavera? Mordi meu lábio. Não via meu cervo havia uma semana. Mais de uma semana.

Eu me preocupava.

Eu me preocupava com o vale. Com as pedras e a água, e me preocupava com o ar, o capim, e os cervos, e também que as famílias

acabassem ofere- cendo toda a sua carne salgada e o seu peixe defumado, além de seus nabos, para aqueles homens, e, com isso, morressem de fome mais tarde. E me preocupava com o modo como os soldados gritavam, de casa para casa, com as mãos em concha por cima da boca. Temia que aquilo fizesse uma faixa de neve se soltar da crista e cair em um estrondo, lá embaixo, carregando uma ou outra pessoa. E me preocupava que ficassem por lá e nunca mais fossem embora.

E tinha sonhos antigos, claro. Sabia como eram os casacos-vermelhos. Pensava que os havia deixado para trás, nas Terras Baixas, certa noite de verão, quando minha égua ainda estava viva e a minha saia tinha ficado agarrada em uma amoreira-brava, que depois se envergara e tinha se sol- tado... Eu havia deixado aquilo para trás. Não tinha pensado naquilo, porque, afinal, qual o sentido de se ficar remoendo os problemas do pas- sado? Eu tinha sobrevivido. Mas agora havia homens de casaco-vermelho no vale logo ali embaixo, e eu estava magoada por ter que relembrar o peso do homem em cima de mim, o “calma, agora”. E o “poc!”.

Eu ficava o tempo todo na minha cabana. Sentindo saudades da minha égua.

Nem todos os casacos-vermelhos são vilões, Senhor Leslie. Eu sabia disso antes e sei agora. Mas a Mamãe Mundy não odiava todos os pilha- dores, para todo o sempre, porque em uma noite de fogo, no outono, seu corpo tinha sido invadido? Nem todos os pilhadores faziam o que aquele tinha feito, mas ela odiava todos eles, de qualquer maneira. Perto do meu fogo, eu pensava nela. Lembrava-me do seu rosto, como ele havia estado na minha frente: cheio de rugas, ferido, cabeludo e com muita tristeza no olhar. E me perguntava como ela estaria, imaginando que já estivesse morta, então. Suas gengivas nuas e seu estupro já deviam ter partido, enfiados em uma caixa de madeira dentro da terra.

Aqueles pensamentos me faziam ficar chutando as pedras e me sentir solitária.

Nem todos os soldados são cruéis, Senhor Leslie. A maioria não é.

Mas desde o começo eu não tinha gostado que eles estivessem ali no vale. E ponto final.



Eu ficava no meu vale a maior parte do tempo. Não saía dali de dia, com medo do passado e do futuro, e também de tudo o que estivesse no meio. Com medo de mim mesma, talvez. Porque olhava para o meu corpo, lá no meu poço de banho, e ficava incomodada com a sua

pequenez, com a sua falta de músculos, com as suas cicatrizes. Eu via a minha própria fragili- dade. Como a teia que a aranha tece pelas quinas, eu era forte em alguns pedaços, mas fina como uma gaze, pálida como um fantasma, e estranha. Em meio ao gelo tilintante, eu me contemplava. Pensava: “Foi a Cora quem fez isso. Eu venho dela.” E isso abrandava meus temores, em algumas oca- siões. Ela tinha sido uma mulher tão livre, tão guerreira. E ela estava dentro de mim e perto de mim. E, conforme o rio caía feito vidro, roncando nos meus ouvidos, para dentro do poço, pensei ter escutado a sua voz:

Seja forte. Seja sábia. E ainda:

Ame o mundo, Corrag. Ocupe-se das árvores. Das montanhas.

Vou fazer isso.

Boa garota. Meu bebê fantasma.

Eu tentei. Pus as mãos em copa embaixo da cachoeira e bebi. Escovava minhas cabras e conversava com as minhas galinhas. E, certa vez, parei no extremo do meu vale, onde uma cachoeirinha mais fina tinha se congelado em azul e, toda vez em que eu soprava sobre ela, sua frieza me devolvia a minha respiração, e me lembrei do rabo da minha pobre égua, arrancado por aquele soldado. Uísque, e um casaco-vermelho, e ela tinha galopado comigo, enquanto eu gritava:

Vá! Vá!

Podia sentir a frieza do gelo sobre o meu rosto.

Fechei os olhos e inspirei. Então, sussurrei para a cachoeira:

Traga o Alasdair para mim. Seu rosto. Suas palavras. O mundo escuta essas pequenas orações.

E assim, com o tempo, ele acabou vindo.

Ele veio, enquanto eu descia pelas encostas do Pico do Gato na direção da minha cabana, arrastando um galho para jogar no fogo. Eu não o enxerguei. Em vez disso, eu o imaginei. Parei, olhei para baixo, em direção à casa, e fiquei pensando em como ele ficaria, parado ao lado dela. De cabelos ver- melhos e pele grossa, com seu cheiro de lã molhada. Ele poderia estar espe- rando por mim. Ele poderia olhar para cima. Resmunguei comigo mesma,

me censurando, e continuei a andar.

Ele não está lá.

Havia apenas uma galinha e a avelaneira com seus galhos cobertos de neve, e a neve enrugada abaixo dela, onde um pouco da massa branca havia caído, quando uma brisa leve soprara.

Mas, quando alcancei a cabana, lá estava ele. O “ele” real, aquele que respira.

Você andou afastada — disse.

E vi seu meio-sorriso, aspirei sua lã molhada.

Nós nos sentamos do lado de dentro, onde o fogo estava forte, e ele

bebeu um copo de água quente com ervas. Achei que parecia cansado, como se a criança estivesse lhe roubando o sono, ou como se tivesse suas próprias pre-ocupações. Seus cabelos estavam compridos, agora, e caíam, grossos e soltos, sobre o pescoço. O longo inverno os havia escurecido, e, assim, estavam de um tom vermelho-terra profundo. Quase cor de turfa. Sua barba também estava mais escura.

Por que é que eles estão aqui? — perguntei.

Dizem que a guarnição está cheia em Inverlochy. E pediram por hos- pedagem e alimento, provisoriamente.

Por quanto tempo?

Enquanto esse mau tempo durar. Quem sabe o quanto?

Vocês têm comida suficiente para isso?

Nós vamos dar conta. Ainda temos arenque. E carne salgada. — Ele baixou os olhos para o copo em suas mãos. — Temos quatro soldados conosco, lá em casa.

Quatro?

Há soldados em todas as casas. Do nosso primo, em Brecklet, até a ponta mais ao Leste. — Ele sorriu. — Alguns são só uns garotos... O mau tempo os deixa com asma. As mangas dos uniformes são compridas demais para eles, e a Sarah andou costurando...

Ele reparou no modo como eu o olhava.

Você está com medo deles?

Fiquei corada. Olhei para o fogo, insegura sobre o que dizer. Quando, por fim, falei, minha voz quase não saía.

Sim. São tantos... Nunca houve tanta gente no vale antes, imagino...

Pisoteando em tudo.

Você tem medo do que eles possam fazer com o vale? Com as plantas?

Tenho.

Ele balançou a cabeça.

Esse vale já viu coisa bem pior do que alguns soldados. Já assistiu a batalhas e à penúria. E chuva em cima de chuva. — Ele olhou para o meu rosto. — Você acha que eles vão machucar você?

Eu me encolhi por dentro. Talvez ele tenha percebido.

Falei com o Ian. Ele me disse que você estava agitada. — E, suavemente, acrescentou: — Por quê?

São soldados.

Mas eles vieram em paz. Têm sido tão educados quanto nós.

São homens do rei. Essa palavra...

Ele sacudiu a cabeça energicamente e disse:

Será essa a mesma garota? Aquela que confiava tanto no mundo? Que falava sempre de coração e de fé? Eu pensava que era eu quem costumava fazer julgamentos precipitados.

Mas...

Sassenach — disse Alasdair —, eu sei. Sei que tipo de vida você teve. Sei que você teve que fugir de problemas, e que esses problemas partiram, quase sempre, dos homens. Mas esses aqui são soldados... Nós juramos fidelidade ao rei a quem eles servem. Por que motivo iriam nos machucar? E por que agora, que estamos do lado deles?

Soltou o ar com força e ficou olhando para dentro do copo.

Se tivéssemos nos recusado a abrigá-los, o que teria nos acontecido? Nosso voto estaria sendo renegado, e teríamos que aguentar a ira do Holandês, por conta disso. Ou então eles teriam puxado suas espadas e nos obrigado a recebê-los. disse, antes de tomar mais um gole.

Eu sei.

Acho que vai ajudá-la saber — disse ele — que eles são parentes de Sarah.

De Sarah?

É. O homem que comanda esses soldados é um Campbell. Robert Campbell de Glenlyon. É primo de sangue de Sarah. — Alasdair levantou os ombros. — Tenho que admitir que ele tem o costume de beber e que gosta demais de jogar cartas, além de não fazer isso muito bem, mas, ainda assim, é um parente. E um homem decente. Ao menos, tanto quanto um Campbell pode ser. Por que motivo ele nos faria algum mal? Ou a ela?

Baixei os olhos.

Com a voz mais suave, ele disse:

Quando foi que você parou de confiar? Eu pensava que esse era o seu modo de ser.

É o meu modo de ser! É, de verdade. Mas eu já encontrei soldados antes.

Ele fez uma pausa. Por alguns minutos, não houve qualquer som, além do fogo chiando. Em uma voz mais grave e mais lenta, perguntou:

E eles machucaram você? Pensei em dizer:

Machucaram, sim.

Pensei em dizer que tinha sido um casaco-vermelho que havia me agarrado e tentado me tomar à força, contra a minha vontade, e quem tinha maltratado a minha égua, que eu amava tanto, e posto uma faca no meu pescoço, e o quanto eu tinha chorado, depois disso. E o quanto estava avorada de que aquilo acontecesse outra vez. Eu não queria ser forçada a nada. Não queria ter que sentir o peso de um homem estranho em cima de mim. Não queria nada daquilo: o toque de um homem, ou, pelo menos, não de um homem daqueles, e não daquele jeito. Só de pensar nisso, sentia meus olhos começando a ficar quentes e úmidos. Mas também pensava em Sarah. Via o quanto seu marido estava cansado, e quanta preocupação havia em seus olhos, e,

sendo assim, não disse nada. Que direito eu tinha de dizer alguma coisa? Resolvi guardar tudo aquilo em segredo.

Não, eles não me machucaram.

Alasdair inclinou-se para frente, na minha direção.

Concordo com você nesse ponto. Não gosto que estejam aqui, comendo a nossa carne, queimando o nosso óleo. Mas nós não temos escolha. E meu pai orgulha-se de ser um anfitrião, e um dos bons... Talvez, com o tempo, sejamos recompensados por nossa gentileza. — Ele piscou o olho e tocou minha mão. — Eles irão embora com o primeiro degelo. Eu prometo a você.

Pouco depois, ele partiu. A avelaneira estava pesada com a neve e ficava rangendo. A noite inteira ouvi aquele som, aquele rangido na escuridão.

vinheta

Parente de Sarah, senhor. Escreva isso aí. Campbell de Glenlyon.
Parente de Sarah.

Assim como eu, ela também não ia muito longe, naquele clima. Ao contrário de seu homem, ela não vagava pelas colinas nevadas, nem deixava a casa por mais tempo do que levava ir buscar a água no riacho. Ela cuidava muito bem de seus hóspedes. Cortava a carne salgada e assava raízes na lareira, e, certa noite, levou o osso do porco para o cachorro, lá fora. Ela chamou seu nome. Chamou o nome dele duas vezes, e ele fez um som com-prido, rouco, e depois pegou o osso, quando ela o atirou em sua direção.

Eu a vi. Eu tinha ficado parada perto do rio, que estava silencioso, de tanto gelo.

Alasdair estava certo. Eu não era de julgar ninguém. Nunca tinha feito isso. Ou, se fizesse, ficava zangada comigo mesma por tê-lo feito. Porque tinha sido julgada por toda a minha vida e simplesmente odiava aquilo. O modo como uns cabelos embaraçados ou uma voz fina os fazia ficar me olhando e falando por trás das mãos, e o modo como a beleza selvagem da Cora havia feito “bruxa” aparecer. Eu sempre ficara furiosa com aquilo, sempre. E, quando encontrei o cara de ameixa e seus Homens da Turfa na floresta, aprendi o quanto era errado julgar apressadamente. Ou julgar de qualquer modo. Ele foi muito bom para mim. Eu tinha pensado “Homem da Turfa”, e “problemas”, e sentira medo, no início. Mas, depois, tinha me sentido com eles ao lado do seu fogo e curado suas feridas. O cara de ameixa me contara histórias sobre a Escócia e sobre sua vida, e talvez aquele ladrão solitário tenha sido o homem mais gentil que encontrei, em anos e anos. Mesmo assim, “Homem da Turfa” era como era conhecido. E diziam:

Ladrão. Demônio.

Ninguém iria lembrar-se dele como uma parte deste nosso mundo.

Um coração que batia. Um amigo.

E, por isso, eu não iria julgar os soldados. Dizia isso para mim mesma. Olhando para dentro de um balde cheio d'água, tentava argumentar com meus olhos fantasmagóricos, com meu rosto magro:

Só um deles machucou você. E isso foi há anos... Não vai haver nenhuma confusão aqui.

Em uma tarde escura, tirei minhas ervas da bolsa. Encontrei flor de sabugueiro e unha-de-cavalo e guardei-as debaixo da minha capa. E lá fui eu, passando através dos rochedos que separavam meu vale do vale estreito, lá embaixo. Segui margeando o riacho e os vidoeiros, e cantava uma velha canção, enquanto atravessava os montes de neve, que chegavam à altura dos meus joelhos. Era uma canção da minha infância, que a Cora gostava de cantar. Ela costumava cantarolar baixinho, enquanto mexia a panela ou penteava seus longos cabelos.

O vale lá embaixo cheirava a fumaça de turfa e a homens. Couro. Metal, talvez. Era um cheiro frio, agudo. Passei por Achtriachtan e segui por baixo da Crista-Como-Uma-Igreja, que brilhava à luz da meia-lua e que ficou me olhando, lá de cima. Alguns soldados estavam em Achnacon. Eles ficaram me observando passar.

Já era noite e estava escuro quando cheguei à casa de Alasdair. Ela tinha a aparência que um lar costuma ter, ou deveria: fumaça saindo pela chaminé, e a luz das velas brilhando nas janelas, e um som abafado de vozes. Ouvi a risada de um homem. Do lado de fora, um cachorro estava coçando o queixo com uma das patas de trás e, depois, foi se deitar. Era uma visão bonita, humana. Fiquei observando, de dentro das sombras.

Sarah saiu da casa. Estava corada pelo fogo e tinha um osso na mão. Eu a ouvi chamar o cachorro e jogar o osso, e, ao virar-se para entrar em casa, perguntou:

Corrag? É você? Dei um passo à frente.

Sou eu.

O que você está fazendo aí, em pé nesse frio e nesse escuro? Entre! Eu me mexi, desconfortável.

Eu só vim trazer umas ervas. O Alasdair me disse que os soldados estavam com um chiado no peito, e então eu vim com um pouco de flor de sabugueiro, que ajuda...

Não importa por que você veio. Entre logo! Venha se aquecer — disse ela, me estendendo as duas mãos.

Lá dentro, vi muitos rostos. Era uma sala quente e enfumaçada, e meus olhos começaram a lacrimejar. Eu os esfregava. Abaixei meu capuz, por causa do calor. E logo vi quatro soldados, de rosto jovem, sentados em fileira, roendo uns ossos cheios de carne. Vi também alguns homens dos MacDonald. Dois de Inverrigan e um de Achnacon, aquele que estava ficando careca e que tinha dito:

Quer dançar? — certa vez para mim, no Hogmanay, o que parecia fazer muito tempo.

Eles também estavam comendo. Havia uísque. O fogo soltava sua fumaça, e, em um canto escuro, eu sabia que o bebê dormia. Alasdair estava encostado a uma parede, longe do fogo. Mantinha a cabeça inclinada para trás, como se estivesse dormindo. Quando entrei, levantou a cabeça.

Sarah disse:

Fique um pouco aqui. Aceite um pouco da nossa comida.

Mas eu só vim com essas...

Como se soubesse para que serviam minhas ervas, um dos soldados começou a tossir. Ele tossia, chiando contra o punho fechado, e depois engoliu uma vez, com força. Piscou um pouquinho e esperou. Porque, talvez, seus pulmões fossem começar a chiar novamente. Mas não chiaram, e assim ele voltou a roer sua carne.

Ouvi dizer que eles estavam com tosse, e a flor de sabugueiro é ótima para isso. E também unha-de-cavalo, se você amassá-la e colocá-la na água, e depois bebê-la, e...

Ela me agradeceu. Pegou as ervas e saiu de perto de mim, atarefada. Fiquei trocando o peso dos pés, perto da porta, enquanto os soldados olhavam para mim.

Um homem de Inverrigan me perguntou:

Você tem óleo suficiente, lá naquela sua cabana? Sorri.

Tenho, sim. Obrigada.

E comida?

O bastante.

Um dos soldados disse:

Inglesa? Você é inglesa?

Assenti. Alasdair levantou-se. Veio passando por cima de painéis e botas, e pelo tapete de couro de vaca até chegar a mim. Então falou:

Você trouxe ervas para eles?

Porque você estava certo. A respeito de não julgá-los. Eles são seres humanos e estão com tosse, e nem todas as pessoas toleram bem os meses de inverno. Eu estava errada.

Atrás dele, os homens de Inverrigan conversavam uns com os outros em gaélico. Os soldados falavam em inglês. O bebê deu seu gritinho de pássaro.

Fique para comer conosco. Venha para perto do fogo.

Balancei a cabeça. Eu a balancei rapidamente, uma vez só, como se uma folha tivesse caído em cima de mim. Ele entendeu. Sabia que eu não podia ficar e sabia o porquê. Quando olhei para além dele, no canto da sala, vi Sarah levantando o filho deles e ouvi-a dizer:

Meu pequeno passarinho...

Eu costumo ser durona, mas nem sempre. Olhei de volta para ele e

disse:

Tenho que voltar, agora.

Algumas coisas podem ser difíceis, mesmo que estejam certas. Mesmo quando sabemos que são a maneira decente e apropriada de agir. Eu me sentia bem por ter deixado as ervas para aqueles homens, cujos pulmões e mentes nunca tinham experimentado os invernos das Highlands. Era um gesto de bondade. E a bondade vale a pena ser praticada.

Meu fogão ainda brilhava, quando entrei de volta na cabana. Aquele lar pequeno, de telhado de palha, tinha cheiro de galinhas e um perfume suave de ervas. E parecia que eu tinha estado longe dali por mais tempo do que realmente estivera.

Naqueles últimos dias, levei ervas a outro lugar. Fui até Achnacon com um pouco de lavanda, porque sabia que a senhora de lá apreciava muito aquele aroma. Debaixo de uma nevasca grossa, andei até Inverrigan levando ale-crim, que é ótimo para limpar o ambiente. Eu sabia que haviam recebido muitos homens ali. O menino que partilhara o mel comigo estava dormindo no chão, de boca aberta, e havia mosquetes enfileirados contra a parede do saguão. O capitão, aquele homem chamado Glenlyon, estava sentado à mesa, com os filhos de Inverrigan, jogando cartas. Seus olhos eram escuros como dois botões. Assim que entrei, levantou os olhos para mim, mas não olhei de volta para ele. Em vez disso, pressionei o alecrim dentro das mãos da senhora da casa e sussurrei orientações sobre seus usos. Ela assentiu. Parecia cansada e envelhecida e, enquanto eu saía, pensei: “Fique bem. Purifique o ar. Fique bem.”

Levei também alguns ovos para Achtriachtan. A esposa do Velho Achtriachtan abriu as mãos para recebê-los, balançando a cabeça, e me empurrou para dentro do salão. Eu não estava esperando por aquilo. Não estava procurando por comida, queria apenas trazê-la, pois sabia que tinham matado sua última galinha para alimentar aqueles homens e que os ossos de Achtriachtan estavam velhos e cansados. Mas ela me empurrou até perto da lareira, me deu um beijo e disse:

Coma!

Contei sete soldados ali dentro. Achtriachtan tirou o cachimbo da boca. Disse, com uma voz retumbante, batendo com as mãos no meu ombro:

Sassenach!

Ele cheirava a aveia. Eu me lembro disso.

Estava dizendo seus poemas perto do fogo, e, para mim, não importava o fato de que eram em gaélico. Eu sentia como se os compreendesse. Sabia o suficiente. Podia sentir o suficiente.

Deixei um punhado de turfa do lado de fora da casa de Ian. Não era

uma grande quantidade para deixar de presente, apenas um pouquinho. Mas as coisas pequenas também podem ajudar, mais do que imaginamos.

E assim, por certo tempo, eu me acalmei. Olhava para o Urzedo de Rannoch, amplo, branco e vazio, e pensava: “Sim. Tudo está bem.” Encontrava consolo nas tarefas mais comuns: ordenhando minhas cabras, alisando sua pelagem oleosa, ou na beleza simples dos dias curtos de inverno. Os cervos e gazelas deixavam suas pegadas. A pena de uma águia apareceu, em cima da neve. Eu a peguei e guardei.

São parentes de Sarah...

Eu sabia. Tinha visto seus rostos, ouvido suas tosses.

Mas, ainda assim, apesar de tudo, nas noites escuras e silenciosas meu coração não se sentia confortável. Apesar de tudo, eu não gostava de ter aqueles solados lá no vale. Não tinha intenção de julgá-los, e, além do mais, sou capaz de amar todas as coisas vivas, até que elas me machuquem. Porque a amargura é uma coisa dolorosa, triste. Mas não gostava de saber que os animais que o clã esperava que ficassem vivos até o ano seguinte tivessem sido mortos para alimentar os soldados; nem aprovava a quantidade de combustível que estava sendo queimado. Detestava a vermelhidão daqueles seus casacos, contra a neve.

Mas eu amava os MacDonald. E, assim, levei presentes para eles, naqueles últimos dias.

Unha-de-cavalo. Turfa. Um ovo.



Há mais uma coisa que o senhor precisa saber. Uma só.

Estava tarde, bem tarde, naquele dia. A neve estava grossa, e tinha uma crosta por cima dela, e por isso rebrilhava na luz que ia morrendo. Brilhava como olhos, pensei. Eu estivera perto do lago Leven. Tinha colhido algas na beira da praia e enfiado conchas e mariscos nos bolsos, e depois acabei fazendo uma espécie de cesta com as minhas saias e as enchido de algas. As gaiivotas voavam em círculos. Fiquei de pé e olhei, por algum tempo, porque as montanhas estavam escuras, contra o céu, e o lago era de prata brilhante. A ilha de Eilean Munda estava dormindo, e pensei nas pessoas que tinham sido enterradas ali. Por algum tempo, eu me senti em paz, parada em pé, naquele lugar.

Debaixo de um céu de inverno, me virei para tomar o caminho de volta para casa.

Cada janela pela qual ia passando tinha a luz de uma vela. O ar cheirava a fumaça e ao couro dos uniformes dos soldados. Seus

cavalos se sacudiam em suas baias.

E, com as minhas conchas tilintantes e minhas saias molhadas, e alguns flocos de neve descendo pelo ar, pensei na Cora. Pensava no dia em que nasci, em um clima como aquele, e no quanto ela devia ter soltado fumaça e bufado, e em como devia ter ficado ouvindo as pessoas, cantando lá na igreja, enquanto urrava, até que sua voz se partiu. Eu tinha saído. E ela havia olhado para baixo e dito:

Bruxa — antes mesmo do meu verdadeiro nome.

Segurava minhas saias levantadas, com as algas dentro. E, enquanto caminhava, ouvi uma voz. Não era a voz da Cora. Eu estava além do bosque de Carnoch e perto da curva do rio. A luz já tinha quase ido embora, mas a fazenda em Inverrigan brilhava no alto da colina, cheia de vida, cheia da luz das velas, e das canções dos soldados. Parei. E me pus a ouvir. Será que aquela voz tinha vindo de lá? Mas ela voltou, dessa vez mais perto.

É aqui. À minha esquerda. Fiquei em pé, imóvel. Esperando.

A voz voltou. Era uma voz de homem, mas era fina e melodiosa, tão fraca que cheguei a pensar que pudesse ser o espírito de alguém, já que ouvi dizer que eles conseguem sussurrar.

Ouvi galhos chacoalhando perto de mim, e um estalo de água, como se alguém tivesse tropeçado e caído dentro do Coe. Ouvi um palavrão. Um soluço. Um sotaque das Terras Baixas.

Não era um espírito. Era uma pessoa real.

E pensei: “Vá embora, Corrag! Vá para casa!”

Mas, enquanto eu recolhia ainda mais as saias e me voltava para tomar a direção de casa, ele me chamou. Tinha ouvido o “créc” dos meus pés no mato. E então disse:

Quem está aí? Quem está aí, parado no escuro?

Sua voz era chorosa, como a de uma criança. E devia estar se debatendo enquanto falava, porque ouvi as árvores se sacudindo e um pouco de neve caiu de cima delas. Fiquei completamente imóvel, sem dizer uma palavra. Prendi a respiração, meio assustada.

Você é um espírito? — perguntou. — Veio até aqui para zombar de mim? Para me castigar ainda mais no meio de toda essa — tropeçou — neve?

Ficamos os dois em silêncio, por um ou dois segundos.

Então ouvi um galho se quebrar, e ele caiu, dando um gemido de dor, infantil. Ouvi o baque macio, pesado, que uma pessoa faz ao se sentar. Uma fungada. Um suspiro.

Você é um fantasma. — disse ele. — Eu não posso vê-lo, mas posso sentir você...

E, enquanto eu esperava no escuro, ele começou a chorar. Ouvi quando deu um soluço alto, de bêbado. Era um soluço profundo, que tinha muita perda dentro dele, além de muita tristeza. Eram os soluços

de um homem solitário, um bêbado, e nós os ficamos ouvindo. A neve, as pedras e eu. Ouvimos, quando ele disse:

Glenlyon...

E ouvimos quando disse:

Para ferir — E: — Atirar.

Dei um passo em sua direção. Fixei o olhar na escuridão e consegui vê-lo. Seus cabelos despenteados, seus olhos de botão. Tinha uma garrafa na mão esquerda. Na direita, segurava um pergaminho. Escuro, em contraste com a neve, e escrito em uma letra bem fina.

Eu o deixei ali.

Eu me esgueirei para longe dele. Fui seguindo através da brancura, com aquela sua canção nos ouvidos. Aquela sua canção bêbada e lamentosa, e sentindo seu hálito pesado de álcool. A Cora costumava dizer que certas canções eram cantadas pelas últimas pessoas. Por últimas pessoas ela queria dizer as pessoas solitárias. Era o modo delas de sofrer e de acalmar seus corações enregelados. E eu ia pensando: “Ele está cantando uma dessas canções.” Tinha certeza. Sentia pena dele, enquanto subia em direção à minha cabana. Sentia pena dele e de sua canção infeliz. Pensava: “Mantenha-o a salvo. Acalme-o.”

Mas aquilo era mais do que pena.

Não conseguia dormir, dentro da minha cabana. Ficava ouvindo aquela canção. Meu coração a cantava, uma e outra vez, e eu ficava olhando o fogo, pensando: “Por que ainda me sinto perturbada? Por que esse sentimento não sai de mim?”

Eu tinha ouvido “ferir...”. Eu tinha visto seus olhos brilhantes, escuros.

Ah, existe muita tristeza. Sempre. Sempre a dor. Já ouvi pessoas dizerem que essa vida poderia ser toda feita de dificuldades e tristezas, se simplesmente a deixássemos seguir. Se deixássemos nossos corações se fecharem.

Talvez eu devesse ter ficado. Podia ter me aboletado perto de Glenlyon e falado um pouco com aquele homem. Mas o que isso teria mudado?

Os homens precisam cumprir suas ordens.

Mais tarde, um lobo uivou.

Fiquei em pé na neve, lá fora, e fechei os olhos. Aquele uivo parecia tão triste, para mim... E como ecoou! Vinha lá de Bidean, que ficava ao Sul, mas vibrava ao redor de Coire Gabhail como se o lobo estivesse comigo. E ecoou também dentro de mim, de algum modo. Eu podia senti-lo. Abri os olhos.

Gormshuil. Certa vez, ela dissera:

— Venha a mim. Quando o lobo chamar. — E: — Ouça a voz do seu coração, pequena.

E eu soube que precisava vê-la. Soube que ela era a pessoa com quem falar. E deixei minhas algas secando nos beirais e minhas cabras dormindo com suas cabeças apoiadas umas nas outras. E comecei a correr.



Não estava tudo ali? Todos os sinais, Senhor Leslie, já não estavam ali? Ah, sim, agora estão. São claros como a água da chuva, aos olhos que olham para trás. O uivo do lobo, o coração inquieto. O silêncio da neve caindo, e a tinta negra na mão dele. Meu cervo tinha sumido. Tinha ido embora, com sua galhada e seu olho sábio. Tinha cruzado os picos, trotado através do urzedo. Os morcegos não haviam saído voando de seu esconderijo debaixo da ponte em meia-lua, dias antes de a minha mãe ser levada e amarrada dedão com dedão? E quando tinha sido que eu escutara o pio da coruja pela última vez? Fazia noites e noites que ela não me chamava.

O mundo sussurra para nós, e precisamos ouvi-lo. E, quando não o ouvimos, acabamos correndo lá fora, com neve pela cintura e a canção de lamento de um bêbado nos ouvidos. Eu sabia qual era a verdade. Tinha certeza quanto a ela. A estrela da manhã brilhava, e as árvores tinham galhos partidos pelo peso da neve.

Você virá até a mim, depois do lobo. Você virá.

E eu fui. Corri até a Gormshuil. E eu fui rápida, aquela noite. Rápida como se o chamado do lobo tivesse me acordado, para que eu saísse correndo pela ravina, por cima das pedras e dos poços gelados. Corria em direção ao Leste, com o coração fazendo “tum, tum, tum” e a respiração “para dentro e para fora, para dentro e para fora, para dentro e para fora”. E corria pelas colinas mais baixas da Montanha Escura, pensando “esteja ali, esteja ali”. Porque, e se ela não estivesse? O que iria acontecer?

Eu me pendurava nas pedras. Escorregava, cortava os joelhos. Mas ela estava lá. Estava sentada calmamente. Esperando.

Ah — fez ela.

Caí no chão. Caí diante dela e pus minhas mãos nos seus joelhos, sem me importar com suas feridas e nem com o seu cheiro de sangue coagulado, e disse:

Gormshuil, eu ouvi o lobo. Eu ouvi o lobo uivar. Ele estava chamando, e parecia muito triste, muito sábio...E eu vim até você...

Ela sorriu.

Por que você veio? Até mim?

Porque você me disse para fazer isso!

Não. — Ela balançou seu dedo à minha frente. — Você veio porque sabe que está na hora, não sabe?

Na hora? De quê?

Eu estava olhando desesperadamente para ela. Olhava e pensava. Por um instante pensei que podia enxergar através dela, por baixo de sua pele. Que podia ver sua verdade. Maltratada, solitária, assombrada. Meio perdida.

Então, olhei ao meu redor. O pico da montanha estava muito quieto, e por isso perguntei:

Onde está a Doideag? E a Laorag de Tíree?

A neve caía fina, em flocos pequenos. Flutuava no ar. Não caía, propriamente, mas se pendurava ao redor do rosto dela, grudando em seus cabelos empalidecidos.

Foram embora.

Embora? Para onde?

Ela apertou os lábios, dando um meio-sorriso, mas seus olhos estavam tristes.

Fugiram.

Fugiram? Fugiram por quê?

A Gormshuil soltou o ar, balançando a cabeça.

Você sabe. Toda essa sua conversa sobre visão profética, e como você acha que é o meu meimendro falando, quando eu falo como falo. Toda amarga. Toda de mãos verdes... Mas não é a erva quem está falando.

Não estou entendendo — sussurrei.

Ela limpou o nariz no braço e olhou para longe. Olhou para além do topo da Montanha Escura, para além do fogo de chão vazio, com seus ossos de animais e trapos e sujeira, e por um instante pareceu tão absolutamente triste que eu queria tocar seu braço, consolar seu coração. Mas não fiz nada disso, porque ela se virou de volta para mim. Passou a língua sobre os dentes.

Vem sangue por aí, Corrag. Já está vindo. As garotas abriram as asas e voaram, fugiram. Porque é mais sangue do que elas jamais viram ou têm vontade de ver. Ele está vindo. Um homem está vindo.

Sangue? Um homem?

Ah, é. Um homem. E ele vai escrever uma ou duas palavras sobre você. Você, com seus pulsos de ferro...

Olhei para os meus pulsos. Meus pulsos pareciam bem, e eram de carne, não de ferro.

Ele virá, virá, sim. E o frio não vai durar muito, para você. Você vai ficar quente. Vai ficar quente feito fogo...

Eu não conseguia entender. Não compreendia suas palavras, e dei um passo atrás, e soltei um gemido curto, único, porque podia sentir a neve no ar, e aquela verdade que eu não alcançava, aquela estranheza. E então eu disse:

Estou perdida! Não consigo entender...

Ela pegou na minha mão. Ficou segurando-a.

Meus olhos congelaram ao ver aquilo: minhas mãos pequeninas dentro das suas garras azuladas.

Você consegue. Você já entendeu. Você não sempre ouviu a voz do seu coração, criança? Ela não lhe trouxe até aqui? — Gormshuil inclinou-se para frente. — Ouça-a, agora. Ouça-a, agora...

Olhei para o seu rosto. Olhei para seu rosto humano, com seus vazios, seus roxos. Via sua tristeza profunda, sua vida dura, e via meus próprios olhos refletidos nos seus. E, enquanto olhava para dentro dos meus olhos, vi capim, e um dia cheio de dentes-de-leão, e, enquanto as sementes de dente-de-leão flutuavam pelo ar, um homem estava afogando alguns ga- tinhos. E eu *sabia*. Eu havia sentido. Meu coração dizia:

Corra! Salve-os!

E eu tinha ouvido meu coração e corrido através do capim e salvado cinco gatos cinzentos que deveriam ter sido afogados. Mas eles viveram! Eles viveram. Pisquei e continuei olhando para os meus próprios olhos dentro dos olhos de Gormshuil. E vi minha mãe. Não girando, pendurada em uma corda, mas em pé, com suas saias e as mãos por trás das costas, e seus cabelos voando no vento, e no último instante antes do alçapão fazer “bum!” ela tinha visto os céus de outono e pensado em mim. Em *mim*! Eu fora seu último pensamento. Eu fora seu único amor, seu amor de todo sentimento. E ela sorriu, enquanto morria, porque pensava em mim. Eu sabia disso. Tinha certeza. Tinha me acorado naquele bosque úmido na fronteira e pensado “ela está prestes a morrer”. E tinha enviado tanto amor para ela, lá daquele bosque, que ela havia sentido, na força. Tinha sentido o amor de sua filha. Eu sabia que sim! E o que mais? Enquanto me ajoe- lhava na frente de Gormshuil, vi o rosto do Homem da Turfa, sua cicatriz de ameixa e sua boca, e vi seus lábios formando a palavra “Highland” para mim. “Highland ” E meu coração tinha dito:

Sim! É lá! Lá é o lugar...

E eu ouvira meu coração falar, e pusera a minha égua a caminho. E, quando tinha respirado o ar da noite nas montanhas, e me ajoelhado para sentir o frio, enfiando o nariz na turfa dentro das minhas mãos, meu coração tinha dito “sim” para tudo aquilo.

Finalmente. Aqui.

Eu não havia chorado, ajoelhada ali? Não sempre soubera? “Glencoe.” Glencoe tinha me chamado. O vale tinha cantado meu nome durante todos os seus anos, esperando que eu viesse andar em cima da sua terra, com mariposas nos cabelos e espinhos nas saias. Ele tinha esperado e chamado por mim. E eu tinha vindo.

E “ele”...

Ajoelhada na neve, eu olhava para a velha. Olhava para dentro dos

seus olhos, e via os meus. E pensei: “Ele. Alasdair.”

De todas as coisas que o meu coração já reconheceu, sempre reconheceu a “ele” mais do que tudo.

Nunca ame uma pessoa.

E eu tinha assentido, diante da Cora, quando ela dissera aquilo. Tinha sussurrado:

Não vou amar.

Mas eu ainda era uma criança! Tinha ouvido meu coração se debatendo contra as costelas e gritando:

Você vai amar! Vai amar! Vai, sim!

E, muitos anos mais tarde, em um salão enfeitado com velas de cera de abelha, quando a chuva caía lá fora, tinha visto seu rosto e entendido.

A Gormshuil disse:

Você queria ter a visão profética? Queria que eu a ensinasse para você? Coisinha meio doida... Você sempre a possuiu.

E ela estava certa. Eu a possuía. E soube que era verdade, ajoelhada ali. Eu sempre a tivera, porque todos nós a temos. Todas as pessoas que têm um coração a possuem, porque ela é, simplesmente, a voz do coração. É a canção da alma. Eu já a possuía debaixo de cada céu estrelado e diante de cada abelha que voava contra o meu corpo, ao sair, zumbindo, de dentro de uma flor. Eu já a possuía diante da bondade, a minha e a dos outros. E a possuía perto de uma fogueira, ao sentir os pelos dos meus braços se arrepiarem, frente ao som das canções cantadas por um clã. Ou toda vez que meus olhos se enchiam de lágrimas, quando se deparavam com alguma coisa simples e bela. Porque é nesses momentos que o nosso coração fala. Ele diz:

Sim!

Ou então:

Ele!

Ou, ainda:

Esquerda. — Ou: — Direita.

E também:

Corra!

Todos nós a possuímos. Mas penso que as pessoas como nós, solitárias e apaixonadas pelo mundo das ventanias, é que são realmente capazes de ouvir o coração com mais clareza. Nós ouvimos sua respiração e o sentimos girar. Olhamos para aquilo que ele meio-que-vê.

Continuamos assim por mais alguns instantes. Minha mão dentro das mãos dela. A neve caindo sobre nós.

Então, ela inclinou-se para frente. Encostou a boca no meu ouvido, de modo que pude sentir seu hálito e seus cabelos úmidos contra o meu rosto, e pronunciou aquela palavra que eu tinha dito a mim

mesma por toda a vida. Aquela palavra que o coração de uma bruxa repete, uma e outra vez, noite após noite. Aquela palavra da visão profética.

Corrag?

Sim?

Você tem que correr.



E foi o que eu fiz. Eu corri. Deixei-a sentada na neve e desci correndo a montanha, escorregando no gelo, batendo meus ossos nas pedras. Corri atravessando o chão do vale, pensando: “Mais rápido! Mais rápido!” Porque eu sabia. Sabia, sim.

Não é o que os olhos veem. Não. E eu pensava que era... Pensava que a visão profética era como um sonho, ou uma visão, uma respiração subitamente apressada. Tinha pensado que a verdade iria entrar pela minha cabana, feito um fantasma, e pronunciar seu nome. Que poderia achá-la, se procurasse por ela. Mas, Senhor Leslie, eu estava errada.

Você irá saber, com o tempo...

E agora eu sabia. E sabia que ela era uma sensação. Profunda, dentro do peito; ou em alguns outros lugares, além do peito. Era uma sensação nos ossos, no útero, na alma. Era o animal que se esconde dentro de nós, sacudindo o pelo, apontando suas orelhas e dizendo:

Corra! Ou fuja! Ou ame! Ou esconda-se! E eu pensava: “Vá, vá, vá.”

Passei pelas Três Irmãs. Passei pela Crista Como Uma Igreja. Ia abrindo caminho através das rajadas de neve e passava raspando debaixo das árvores. E não parei de correr.

Estava escuro, quando cheguei à casa de Alasdair. O céu já tinha se apagado. Havia apenas a neve caindo, agora, e escuridão. Nem um sopro de vento no vale. Antes de bater à sua porta, parei para recuperar o fôlego. Ouvia toda a quietude. Ao meu redor só havia silêncio. A fumaça subia, alta e sem desvios. A casa inteira estava dormindo.

Mas ele abriu a porta como se não estivesse.

O que foi?

Fomos até um lugar mais escuro, debaixo de uma árvore. Eu não conseguia falar porque me faltava fôlego e tive que me curvar para frente, respirando com dificuldade. Ele pôs a mão sobre as minhas costas, e agachou-se ao meu lado, perguntando:

O quê?

Os homens vermelhos — respondi.

Os soldados?

Sim.

O que há com eles, Corrag?

Eles vão tentar matar você. Esta noite. Todos vocês.

Olhei para os seus olhos, seus olhos enormes e azuis, que brilhavam, e vi meus próprios olhos refletidos neles. Ele não disse:

Não... — E nem: — Você está enganada. Mas disse:

Como é que você sabe? Quem disse isso a você? Segurei em seu braço.

Ninguém me disse. Mas eu sei. Eu sei! — Eu batia no peito com o punho fechado. — Eu sei...

Corrag — disse ele, sacudindo a cabeça. — Por que motivo eles iriam nos machucar? Somos seus anfitriões... Seus anfitriões! Nós os alimentamos. Neste exato momento, meu pai está jogando cartas com Glenlyon...

Começou a balançar a cabeça devagar, mas logo parou.

Que motivo teriam?

Eu bati o pé. Segurei seu outro braço, de modo que agora estava diante dele, olhando para cima.

Eu sei. Sei o que a sua cabeça está dizendo, eu sei. Mas confie em mim. Por favor! Confie no que eu lhe digo, mesmo que pareça estranho. Não ajudei a sua mulher a trazer seu filho a esse mundo? Não costurei a cabeça do seu pai, quando mal o conhecia e estava morrendo de medo? E, mesmo assim, eu o costurei, não foi? Não sei por que eles querem machucar vocês, Alasdair, mas sei que vão fazer isso. Esta noite. Estou mais certa disso do que jamais estive a respeito de todas as outras coisas em toda a minha vida. Meu coração sabe disso. Bem aqui.

Ele estava me encarando.

Sei o que é visão profética, agora. E eu a tenho, Alasdair — continuei.

Nós todos a temos. Nascemos com ela, como todas as criaturas...

Estava conseguindo me acalmar um pouco.

Por favor, me escute.

A neve tinha começado a cair. Havia neve em seus cabelos, e sobre seu xale xadrez. Então ele disse:

Mas o que vamos fazer? Não temos armas. Ao menos, não como as deles. E agora começou a nevar...

Vão embora. Fugam!

Fugir? Nesse tempo? As pessoas vão acabar morrendo. Talvez só os homens devam fugir. As mulheres podem ficar para trás, porque eles, certa- mente, não as machucariam...

Não. Todos vocês. Leve todos com você.

As mulheres? E as crianças?

Sim. Vão embora. Fugam para Appin. Não acredito que uma única pessoa esteja a salvo, esta noite.

Ele deu um passo atrás. Ficou olhando para a terra e fez um som como se dissesse que estava cansado de tudo aquilo, cansado até de mim. Como se não confiasse em mim de jeito nenhum, depois de tudo. Virou de costas. Pôs as mãos na cabeça, e eu pensava: “Por favor, me escute. ”

Houve um momento em que só se ouvia a minha respiração, e nenhum outro som além dela.

Sim — ele disse por fim. — Sim. Você está falando sobre o que o coração já conhece? Desde que eles chegaram aqui, tenho sentido uma per- turbação dentro de mim. Bem aqui. — E pôs a mão no peito. — Ficam sor- rindo e cantando, e nós lhes damos comida, mas, ainda assim. Vou chamar

meu irmão. Vou dizer a ele e vou até Inverrigan, para escutar por trás da porta.

Não perca mais tempo. Traga todos os que puder para fora de casa.

Sim. — Ficou olhando fixamente para mim, como se eu fosse uma estranha, como se nunca tivéssemos nos visto antes. Ele era todo olhos.

Tenho que ir.

Ele deu um passo adiante.

O quê? Para onde?

Para Inverlochy — eu disse. — Vou correndo até lá. Você disse que o coronel Hill é bondoso e amigo dos clãs, e, sendo assim, vou contar tudo a ele. Vou lhe dizer que estão matando o povo de Glencoe e ele voltará comigo, trazendo cavalos e homens, para nos salvar. Tenho que ir.

Sentia vontade de dizer a ele:

Mantenha-se a salvo. Não morra.

Sentia vontade de falar sobre os meus sentimentos, que eram enormes, e além de qualquer palavra. Mas não disse nada.

Em vez disso, foi ele quem falou. Enquanto eu partia em direção ao Norte, ele me chamou e disse:

Vou vê-la novamente, Corrag.

E, como tinha acreditado nas minhas palavras, e na minha verdade, ou como se também ele tivesse o dom da profecia, eu acreditei no que ele disse.

Sorri, por um instante.

E depois continuei a correr.



Eu corria. E corria.

Pegue em minha mão. Estou correndo, agora. Estou sentada em uma cela, presa por essas correntes, mas estou correndo. Correndo

para o Norte, para Inverlochy. Correndo para salvar suas vidas.

Amanhã eu vou lhe contar sobre o massacre de Glencoe. Sobre os mortos e os vivos. Sobre ele. E sobre mim.

Segure a minha mão. Estou correndo, agora. A minha vida inteira, eu corri.

Jane, meu amor,

Perdoa minha última carta. Estava repleta de uísque, assim como meu sangue. Mas não há álcool algum dentro de mim, agora.

Já passa da meia-noite. No escuro, em meio aos pingos e a outros sons de água, parei e olhei para o local onde ela irá morrer. Vi o poste e uma grande quantidade de cordas. Eles têm mais cordas do que irão precisar, pois ela é de fato pequena.

A prisioneira fala em visão profética. Com seus olhos cinza cor de pombo e sua voz de criança, fala a respeito do que reconhece através de seu corpo.

Seu estômago, seus ossos. Eu ouvi. No passado, teria dado um passo atrás, bufado e dito uma oração. Mas esta noite ouvi-a falar a respeito de tudo aquilo que conhece, do que ama e em que acredita.

Em que acredito eu? Em Deus. Em Sua bondade. Acredito que, ao conhecê-l'O, a vida de uma pessoa torna-se mais rica, mais iluminada, e passa a ser vivida com um propósito mais elevado. Sempre acreditei nisso. Mas, agora, também acredito no reconhecimento de que os outros talvez possam pensar o mesmo a respeito de seus próprios deuses e de suas próprias religiões. Ela talvez sonhe com o dia em que toda a gente possua

o conhecimento das ervas. Ou, o que é mais provável, acredite firmemente que nesse mundo haja mais luz do que escuridão, maior bondade do que infortúnio, maior beleza do que a violência pode ser capaz de destruir. E talvez deseje que os outros também pensem dessa maneira. Para que parem de tentar modificar o modo como as coisas são. Devo confessar-te que ela me mostrou o que é a beleza. A mim, que enxergava beleza somente na santidade e em ti. Mas uma montanha possui beleza. Um lago, à noite, também.

E nós somos belos. Somos dotados de beleza em nosso interior. Essa é maneira de falar da prisioneira. Mas agora, Jane, é a minha também.

Dirigi-me até a forja. Sentei-me em meio ao seu calor e fiquei observando o ferreiro trabalhar. Olhava para suas ferramentas, penduradas apropriadamente em seus lugares, e perguntava a mim mesmo se ele seria alguém que acredita na voz do coração e no coração da alma. Porque não me pediu nada. Não me pediu para ir embora, nem me perguntou o motivo para estar ali. Talvez soubesse, ou não se importasse em saber.

Então, eu li e li. “Aquele que ama conhece a Deus, porque Deus é amor.” (1 João 4:8)

Eu te amo, Jane. O que quer que aconteça, de agora em diante, lembra-te de que te amo. E que, de todas as bênçãos em minha vida, tu és, sem dúvida, a maior.

Charles

QUATRO

I

“Vênus é a dona dessa erva e é dito que suas folhas, quando mastigadas ao mesmo tempo por um homem e por uma mulher, fazem nascer o amor entre eles.”

sobre a Pervinca

Senhor. Senhor Leslie. Aquele que ela viu que viria.

Não se sente nesse banco, hoje. Agache-se aqui, junto comigo, e cubra as minhas algemas e as minhas mãos com as suas. Essa vai ser uma história terrível. O que vou lhe contar agora é um relato de tamanha crueldade que sinto medo só de falar no assunto. Nunca disse uma única palavra sobre isso, até agora. Guardei tudo aquilo dentro de mim.

O senhor está quente. Vê?

Há muito, muito tempo, o senhor se sentia tão ultrajado pela minha sujeira e pelo meu olhar que nem chegava a se sentar. Ficava olhando para esse banquinho como se ele fosse uma armadilha. Lembra-se disso? E agora o senhor se senta em cima da palha, perto das minhas grades.

Nós todos sempre mudamos — eu tinha dito para Alasdair —, mas não os nossos corações.

Eles, não.

Nunca corri tão depressa quanto naquela noite. Mesmo com toda a neve que estava caindo, acumulando-se em montes que ficavam na altura dos meus ombros, nunca corri tanto, em toda a minha vida. Eu era só pernas e braços. Como uma aranha. Era feita de asas, como um pássaro. E quando, sem querer, assustei uma corça que estava agachada atrás das pedras, ela passou a correr ao meu lado, até cansar. E eu corria mais rápido do que ela, debaixo da neve.

No começo, não havia vento. Assim que cheguei à balsa, em Ballachulish, e depois que o homem tinha remado até a outra margem, a neve começou a cair, perpendicular e pesada. Caía sobre os meus cabelos, em cima do meu nariz e das minhas mãos. Até o lago estava escuro, cor de metal. Eu disse ao barqueiro:

— Vá embora. Depois que me deixar na outra margem, você precisa

fugir. Está me ouvindo?

O homem ficou olhando para mim. Tinha um rosto bondoso.

Eu voava. Subi pelas margens e corri em direção ao Norte, e ia tão depressa que o ar que eu respirava, com neve flutuando nele, entrava na minha boca e nos meus pulmões. E, assim, eu estava cheia de neve por dentro. Comecei a pensar na minha égua. Em quão rápido ela me levaria. Em como pareceria branca, em meio àquela brancura que caía do céu.

E eu corria. Corria por dentro d'água e através das colinas. Corria cruzando os campos e por cima do gelo, e corria, corria, corria, sem conhecer o caminho para Inverlochty. Sem conhecer com a minha cabeça, porque o meu coração sabia o caminho, e a minha visão ia dizendo “Norte”, e “por aqui”, e “vire à esquerda nesse monte de neve”. E assim, depois de algumas horas muito longas de corrida, desci por entre as árvores cobertas de neve e vi o forte abaixo de mim. Foi uma visão tão boa! Foi a melhor visão que eu poderia ter, e me encheu de esperança. E, assim, diminuí a velocidade. Pensava: “Estou aqui, consegui chegar. Tudo vai ficar bem, desse momento em diante.” O forte estava muito escuro. Tinha tochas ladeando seus portões, e luzes passavam através de suas janelas estreitas, que me aqueciam só de olhar para elas. Enquanto caminhava na direção dos portões, imaginei estar ouvindo a madeira estalando e o cheiro de comida no fogo, e por alguns instantes pensei “acalme-se, agora. Fique contente”, já que eu estava ali, em Inverlochty, cujo governador havia prometido proteger os homens de Glencoe.

— Você fez o que era certo, Corrag.

No pátio da guarnição vi muitos soldados reunidos, com suas espadas e mosquetes, e me agarrei às barras de ferro do portão, pressionando minha cabeça entre elas.

Chamei.

O guarda aproximou-se rapidamente. Ele perguntou:

Qual é o assunto?

Ele estava segurando uma tocha erguida, para poder me ver melhor, e deu um passo para frente, todo acolchoado e pesado, dentro do seu casaco úmido.

Por favor, vim até aqui para ver o coronel John Hill. É urgente. É um assunto de grande importância. Várias pessoas estão correndo perigo e vim até aqui para pedir ajuda a ele.

Eu resfolegava por trás daquelas grades. O soldado ficou olhando para mim como se eu estivesse falando uma língua desconhecida, como se o que eu tinha dito não fizesse o menor sentido, e acho que “feiticeira” passou por sua cabeça. Pensei que talvez ele fosse dizer isso ou “bruxa”. Não queria ouvi-lo dizer isso, não quando precisava tanto falar com o coronel Hill, com tanta urgência, e, sendo assim,

repeti o pedido:

Pode chamar o coronel Hill? E rápido?

O coronel não está recebendo ninguém esta noite. Eu me encolhi.

Ninguém? Por quê? Ele vai querer me receber, senhor. Vá até ele e lhe diga que trago uma mensagem de Glencoe e que ele precisa ouvi-la imediatamente. É um assunto muito grave e ele tem que me receber, ele precisa fazer isso. Vim correndo de lá, esta noite, neste mau tempo. — Olhei com tristeza para ele. — Por favor?

Sua expressão havia mudado, agora. Ela se alterou conforme eu ia falando, passando do desprezo por mim, aquele monte de trapos parado ali no portão, para um olhar de verdadeira preocupação e desconforto. Lançou os olhos rapidamente para as sombras que estavam dos meus dois lados e, depois, de volta aos seus companheiros, que estavam tentando aquecer as mãos com a boca.

Disse:

Glencoe?

Toda a Escócia conhecia aquele nome. Eu me perguntava se ele estaria pensando que eu ia roubar sua bolsa ou puxar um mosquete para ameaçá-lo. Mas eu era muito pequena, e minhas mãos se agarravam firmemente às barras do portão. E eu não aparentava ser uma ameaça.

Sim — eu disse. — Por favor, diga isso a ele.

Ele se afastou. Vi seu casaco comprido ir sumindo em meio à neve, enquanto passava pelos soldados com suas armas. E, na ausência dele, só me restava ficar batendo os pés no chão e ensaiando, na minha cabeça, a melhor maneira de falar com o coronel Hill. Estava experimentando as palavras comigo mesma e sacudindo as mãos para aquecê-las, quando vi, lá no pátio, um homem com um sobretudo de boa qualidade, abotoado até o pescoço, pondo os olhos em cima de mim. Parecia desconfiado. Eu o encarei de volta. Seu olhar não me importava nem um pouco, àquela altura, porque tinha certeza de que o coronel Hill iria me receber. Uma mulher jovem, na neve, em uma noite de tanto mau tempo... O coronel Hill era um homem bom. Era o que o clã dizia. Diziam que ele os compreendia e que mantinha sua palavra.

Eu estava calma. Mas, quando a tocha e a cara amarrada do guarda voltaram, em meio à brancura, até a mim, ele foi áspero e me falou com palavras duras. Disse:

Vá embora. Como eu disse, o coronel não vai receber ninguém esta noite.

“Ninguém?” Aquilo era terrível. Fiquei de boca aberta, totalmente apavorada, e me agarrei nas grades com mais força, gritando:

Mas ele precisa! Uma coisa terrível está prestes a acontecer! Ele não é amigo dos clãs?

O guarda cuspiu na neve e fez uma cara feia, e ouvi alguns palavrões antes que se virasse e sumisse outra vez dentro da neve. Eu não desisti, nem fui embora. Comecei a sacudir as grades, gritando:

Volte aqui! Ele tem que me receber!

E, quando percebi que, apesar de todos os meus chamados e pedidos, o homem de cara feia não iria mais voltar, decidi gritar tão alto que o próprio coronel acabasse me ouvindo, em algum lugar. Inverlochy era uma fortaleza poderosa. Isso eu podia notar. Era muito grande, mas não tinha sido construída de tal forma que pudesse manter todos os ruídos do lado de fora. Em uma noite daquelas, quando as ruas estavam abafadas de tanta neve e os únicos homens fora de casa eram os soldados, reunidos tão silenciosamente que se podia ouvir o barulho de suas botas e o tilintar de suas esporas no chão congelado, ele certamente iria me ouvir. Devia estar sentado ao lado do fogo, com o jantar ao seu lado. Então comecei a gritar pelo seu nome.

Dizia:

Coronel John Hill! Coronel Hill de Inverlochy! Eu vim pedir a sua ajuda! O senhor pode me ouvir?

Através da neve, continuei gritando:

Eu venho de Glencoe!

Gritei muitas vezes. Eu berrava:

Coronel Hill! Coronel Hill!

Será que ele chegou a me ouvir? Acredito que sim. Acho que ele me ouviu berrando e talvez tenha pensado: “Será o vento? Ou um fantasma?” Pois chegou até a janela, para olhar. Enquanto sacudia as barras do portão, olhei para cima, na direção de uma janela estreita e alta na torre oeste, por onde a luz brilhava, oscilando como fogo. E, conforme gritava “Coronel Hill”, vi uma sombra se movendo por cima da luz, uma sombra em forma de homem. E ela ficou parada ali, diante da janela, de modo que eu podia ver o contorno da sua peruca, o desenho do seu nariz. Ele estava olhando para baixo, para o pátio. Olhando para a garota que esperava diante dos portões, chamando por ele. Soltei as grades. Dei um passo atrás. Senti o medo me inundando, porque tinha entendido que ele não iria me deixar entrar.

“Ele sabe”, foi o que pensei. “Ele sabe o que está por vir.”

E sabia, mesmo. Tinha que saber. Porque as ordens do rei costumam passar de mão em mão. Pergaminhos são assinados e passados adiante, e depois passados à frente outra vez, e suponho que o coronel Hill tenha encontrado aquela ordem em sua escrivaninha, para “ferir e exterminar o ramo de Glencoe” — e o que ele poderia ter feito? Que escolha tinha, além de assiná-la? Que outra escolha?

Eu não o culpo. Não o culpo mais do que culpo o algoz que pôs a corda no pescoço da Cora e que sussurrou para ela:

Sinto muito.

Não o culpo mais do que culpo a chuva, quando ela cai e afoga os filhotes de passarinho, em seus ninhos. Porque são as nuvens que fazem a chuva. Não é culpa dos pingos.

E o coronel Hill ficou olhando lá para baixo. Ele me viu, parada ali, com meus farrapos. Viu a neve aumentando e deve ter pensado “é tarde demais”. Ou, talvez, “que Deus os proteja”. Porque dizem que ele era um homem de fé e que tinha um bom coração. E havia algo em sua silhueta, aquela noite, que parecia triste e envelhecido.

Balancei a cabeça.

E então pensei: “Corra!” Eu me virei e comecei a correr por todo o caminho de volta, através da neve.

Para frente, para frente. Passava correndo por árvores e pedras que tinham me visto antes e via minhas velhas pegadas sobre a neve, o que me dei-xava arrependida. Porque, afinal, de que tinha adiantado vir até o Norte? Eu via as minhas pegadas e dizia para o meu espírito: “Volte, volte. Não perca tempo.”

Era o pior dos climas, e o pior dos sentimentos: querer estar em um lugar, querer chegar em casa e sentir-se terrivelmente apavorada, enquanto cada uma das suas pernas vai se afundando mais e mais nos montes de neve, e o seu coração entra em pânico a cada vez que elas afundam. Mas o pânico só faz com que tudo piore. Eu caía e afundava. Minhas saias e minha capa estavam totalmente encharcadas de neve e colavam na minha pele, e eu não conseguia enxergar, no meio da tempestade. E nem conseguia escutar coisa alguma, com o uivo do vento ao meu redor. Pensava em Alasdair. Em como ele havia dito:

Que mal eles poderiam nos fazer? São nossos hóspedes...

E, embora aquelas parecessem ser palavras gentis e sábias, eu não tinha acreditado nelas. Mesmo tendo sido ditas por ele — ele, com suas mãos cheias de sardas, seus olhos. Eu amava o modo como dizia o meu nome e como costumava segurar os galhos para eu passar, enquanto íamos cami- nhando. E, enquanto eu corria pela neve, ficava repetindo:

Que tudo esteja bem, que tudo esteja bem...

Eu seguia, tropeçando. Quebrava gelo, caía dentro dos poços. Caí de encontro a uma rocha e bati com o queixo, e rasguei minha pele nos espinhos. E, assim, corria sangrando, deixando um rastro vermelho pelo caminho. Mas, quando queremos muito alguma coisa, descobrimos uma maneira de fazê-la. E eu dizia a mim mesma:

Levante! Levante!

Porque tudo o que eu queria era estar de volta a Glencoe. Sabia que o perigo se aproximava. Sabia o que estava por vir.

Vai haver sangue — a Gormshuil tinha dito. Enquanto eu corria, ia

dizendo:

Eu sou resistente. Sou nascida no inverno. Vou alcançar aquele vale antes mesmo que uma única espada tenha ferido a carne, antes mesmo que os currais tenham sido esvaziados. Ou, então, vou chegar ao vale para ver que todos fugiram. Todos aqueles que eu amo terão fugido e estarão a salvo.

Tinha tanta esperança de que isso fosse acontecer E disparava, como

fazem os cavalos. Minha pele estava azulada e salpicada de lama. Meus cabelos chicoteavam às minhas costas, e eu continuava a correr.

Cheguei às margens do lago Leven e vi que a balsa já tinha ido embora. Não havia mais barco, agora. Então segui em direção ao Leste, contornando as margens do lago até o seu extremo, por trás da Crista Norte. Sabia que havia uma garganta ali. Muito alta e cheia de ventos, mas era a única passagem através da crista que eu conhecia e descia diretamente para o interior de Glencoe. Era tudo o que me restava, e, assim, corri em sua direção. Não tinha alimento no estômago, nem calor no corpo. Mas, quando precisamos fazer algo, temos que fazer, e acabamos conseguindo. E assim eu seguia, tropeçando na bainha das saias, que já estavam mesmo esfarrapadas, mas as bainhas nunca foram importantes, no fim das contas. Comecei a subir pela garganta íngreme, debaixo de uma nevasca tão forte que fazia a neve de Inverlochty se parecer com um leve borriffo. Eu andava com a neve pelo peito. Usava os braços como nadadores. Minha cabeça era a única parte de mim que ainda sentia alguma coisa. Meu corpo estava anestesiado, agora. Se eu tivesse me sentado ali, no alto daquela garganta, suponho que a morte teria descido e me agarrado. Apesar do meu nascimento em dezembro. Apesar de eu ser durona e pequenina.

Eu não parei. Só fiz uma pausa ao alcançar o ponto mais alto daquela

garganta de ventania. Porque ouvi vozes, com sotaque das Terras Baixas. No meio daquela brancura, ouvi vozes de homem. Pisquei os olhos. Pensei “esconda-se”. Dois casacos-vermelhos estavam subindo pela garganta em minha direção, e, assim, eu me abaixei. Fiz um buraco dentro de um monte de neve com as mãos e me enfiei lá dentro, apertando as mãos sobre a boca para disfarçar minha respiração ofegante, enquanto passavam. Estavam com pressa. Um deles falou:

Eu não vou participar de uma coisa dessas! Não vou! Não posso...

E o outro respondeu:

É contra qualquer lei que eu conheça!

E os dois estavam tão aflitos quanto eu, aqueles dois homens em fuga.

Eles partiram. E disse a mim mesma: “Vá! Corra! Corra!” E, assim, me empurrei para fora do buraco, mas, quando estava descendo para o vale, tropecei, o que me fez cair rolando pela colina, como se fosse uma pedra. Aquilo me deixou muito dolorida e machucada, mas ao menos tinha sido uma descida rápida, e isso era tudo o que eu precisava. E então para Oeste, Oeste, Oeste, cada vez mais para dentro do vale, pelo mesmo caminho por onde eu havia chegado, da primeira vez, em uma noite silenciosa e cheia de luz. Quando me aproximei do Encontro das Águas, que agora estavam de um azul brilhante e congeladas, olhei para baixo, para o vale, e vi toda a sua beleza. Ele parecia silencioso, iluminado.

Diminuí o passo.

Fiquei parada, em pé. Naquele momento, enquanto apenas respirava e a neve caía macia, eu me perguntava se, algum dia, havia visto tamanha beleza. Aquilo, ali. Naquela hora. Era um mundo cintilante. Era suave e estava adormecido. A fumaça das lareiras de Achtriachtan subia, muito reta, e as árvores dobravam-se com o peso da neve, e eu via pegadas de cervos ao meu redor. A estrela da manhã tinha surgido.

Pensei: “Eu amo esse lugar. Profundamente.”

Enquanto estava parada, em meio a todo aquele silêncio, pensei também: “Será que eu estava errada, o tempo todo? Será que não há morte alguma se aproximando?” Quase sorri, pensando nisso. Quase gargalhei, dizendo a mim mesma:

— Olhe para toda essa beleza! Como pode haver mortes, aqui? Veja como você estava errada, Corrag. O quanto estava errada...

Eu achava que o vale era cheio de luz demais, para tamanha escuridão.

Era muito amado.

Mas, então, houve um tiro de mosquete. E aquele som partiu o vale em dois. Recomecei a correr, pensando “não, não, não, não, não, não, não, não”.

Entrei no vale. Coberta de neve e toda ensanguentada, das pedras.

Entrei arfando e vi uma explosão cor de laranja a Oeste, e depois um monte de fumaça cinzenta. Houve um segundo disparo, e mais um terceiro, e então ouvi o “bum” dos mosquetes ecoando em minha direção, vindo lá das alturas. Pensei nas lendas, naqueles antigos guerreiros que dormiam debaixo das colinas e que talvez fossem se erguer, com suas espadas, para proteger o vale. E pensei: “Levantem-se agora! Agora é sua hora de se erguer e lutar. Seu povo está em perigo. Seu vale está sendo atacado, incendiado e tingido de sangue. Levantem-se!” Mas, ainda assim, eles continuavam dormindo. Então comecei a gritar:

Levantem-se! — Gritava enquanto corria: — Levantem-se, agora!

Porque eu não podia salvar os MacDonald de Glencoe sozinha. Sabia que era pequena e lenta demais, humana demais para poder salvá-los por minha conta, e agora estava rezando para todas aquelas coisas: para o céu, para a neve, para os olhos nas árvores, para as águias, as pedras, as sombras, as que se moviam quando eu passava por elas e aquelas que estavam paradas. Que estivessem comigo enquanto eu corria, que apressassem meu passo e fortalecessem minhas mãos.

Levantem-se! — eu pedia a elas. Nunca tive tanto medo na vida.

Cheguei a Achtriachtan quando todos estavam mortos.

Era uma visão sinistra. A grande chaminé ainda fumegava, mas eles não estavam ao seu lado, dormindo. Agora não. O Velho Achtriachtan estava caído, de cara na neve, com as mãos abertas e o crânio explodido. A parte de trás da sua cabeça não estava mais lá. Em vez dela, havia apenas vermelhidão e uma linha fina de neve, pousada em seus cabelos. Pensei ter visto dois dos seus dedos se moverem, levemente, como se tivesse acabado de levar aquele tiro, mas quando me abaixei ao seu lado não havia mais respiração, nem o sangue batia mais em seu pulso. Seus olhos estavam fechados. A boca, parcialmente aberta. Ao seu lado estava seu irmão, meio enterrado na neve. Sufoquei um grito e olhei para cima. Atrás da casa, ouvi outro disparo. Pensei: “É sua esposa. Ela também se foi.” E, enquanto pensava nisso, vi três casacos-vermelhos arrastando o corpo dela para fora da casa. Conforme a arrastavam, seu avental ia ficando cada vez mais vermelho.

Ela tinha me beijado doze horas atrás. E tinha dito:

Coma — para mim.

Corra!

Deixei Achtriachtan. Porque, afinal, o que eu ainda podia fazer? O que poderia ser feito? O Velho não poderia mais dizer seus poemas, agora. Não poderia mais mexer a cabeça, quando eu passasse por ele, e sua senhora não poderia mais cantar. Eu secava meus olhos, dizendo:

— Não os lamente ainda. Corra para o Oeste, corra para o Oeste!

E corri em direção ao lugar onde o céu explodia, escurecido pela fumaça. Antes houvera silêncio. Ali, havia gritos. Enquanto eu estava ajoelhada ao lado do homem morto, não ouvira qualquer som, até escutar o “bum” da sua mulher. Mas agora havia barulho. Gritos e choros, e o som dos mosquetes, que era tão alto que estava partindo a neve nos picos, e ela vinha descendo com um estrondo, trazendo pedras com ela. Vi uma pessoa que tentava fugir para as montanhas sendo enterrada pela neve. Perdida no meio da neve.

Protegi meus olhos. Tinha que tentar enxergar em meio à fumaça que ardia nos olhos, e precisava procurar pelos rostos. E pude ver

alguns deles. Em meio à nevasca e à fumaça, vi que a família de cabelos verme-lhos da Achnacon estava correndo por entre as árvores, com suas capas apertadas, e trouxas amarradas em volta do corpo, as quais podiam ser comida ou crianças. Olhei-os fugir e pensei: “Sim! Vão embora!” E vi um casal de cabelos grisalhos subindo por entre as colinas, de mãos dadas, e pensei: “Apressem-se! Não parem até chegar a Appin.” Enquanto eu me movia, um casaco-vermelho aproximou-se de mim. Dei um grito. Mas ele não tinha espada nem mosquete. E estava chorando. Era um menino, tão jovem e pálido, e tinha se ajoelhado na neve, abraçando o próprio corpo. Um menino, apenas.

Corri até ele. Agarrei-o pelos braços e disse:

Por que vocês estão nos matando? O que é isso? Fale! Ele sacudia a cabeça. Começou a balbuciar:

Tem um homem morto ali... O rosto dele...

Diga! — gritei.

Havia catarro escorrendo do seu nariz, e ele estava soluçando muito, quando disse:

Eram as ordens.

Para matar?

Ele assentiu.

Para matar quem?

O Chefe. — Fechou os olhos. — Todos eles. Mas principalmente o Chefe. E seus filhos...

Eu o soltei. Dei um passo para trás e disse, em voz baixa:

Por quê?

O rapaz chorava convulsivamente. Abriu sua boquinha cor de rosa e disse:

O juramento estava atrasado. Não valeu...

E apoiou o rosto contra os joelhos, como se fosse uma criança. Eu o deixei ali. Porque não estava matando. Estava com tanto medo quanto eu.

Eu odiava tudo aquilo. Odiava o modo como a neve estava derretendo no calor das casas em chamas, e o mato e as samambaias velhas começavam a aparecer. Odiava assistir a Achnacon queimando, enquanto eu me aproxi- mava, e suas labaredas eram tão altas que eu não conseguia chegar perto, e tive que a atravessar correndo, com um braço levantado, para me proteger. As fagulhas caíam junto com os flocos de neve. Suas cinzas me encobriam, e ouvi um dos homens gritar:

Ali! Aquela mulher!

Alguns deles tentaram me agarrar, enquanto eu corria. Ouvi um “bum!” e o ar se deslocando, conforme aquilo passava por mim e, um segundo depois, senti a dor de uma mordida. E o cheiro da pólvora. Mais tarde, des- cobri uma faixa escura no meu corpete, onde o tiro

havia raspado, e um pouco de sangue.

Dei um ganido. Senti a dor.

Mas não parei. Queria chegar a Carnoch, para salvar quem eu pudesse, para alertar os que tivessem ficado para trás. Alasdair devia ter avisado à maioria, mas a todos? Nem todos, talvez. “Talvez Carnoch ainda não tenha sido incendiada.” E, assim, parti daquela Achnacon em chamas. E, enquanto ia embora, dei uma olhadela para a direita, para o lugar da estrumeira. Havia um volume ali. Tinha o formato de uma estrela e, vendo aquilo, gritei:

Não...

Corri tropeçando até lá e agarrei aquele corpo, puxando o homem. Era Ranald, o gaiteiro, que certa vez havia colhido amoras pretas comigo. Muito morto. Tinham passado a lâmina na sua garganta, e sua cabeça agora era quase um chapéu para o pescoço, meio erguida, como se estivesse dando um “olá”.

Nessa hora, eu golfei. Vomitei em cima da estrumeira.

E vomitei outra vez, ao arrastar o que restava de Ranald para fora daquele lugar. Porque ele merecia coisa melhor. Uma estrumeira não é lugar para se morrer.

Fechei seus olhos e rearrumei sua cabeça. Tentei dar a ele a aparência de uma morte suave.

Mantenha-o a salvo, no reino. Dê a ele a paz que merece.

Ali! Ali! — eram as vozes inglesas.

Virei e vi uns soldados apontando para mim.

Ali! Ela!

Reconheci um deles. Era o homem de cabelos de nuvem com os olhos de botão. Aquele que tinha chorado em uma vala, falando de fantasmas, e que tinha me feito sentir pena dele, ao passar por ali. Mas agora? Eu não sentia nenhuma pena. Sentia uma raiva escura, uma raiva tão desesperada que comecei a gritar:

Como é que vocês podem fazer isso? Eram seus anfitriões! Como é que vocês puderam?

Ele tinha me ouvido. Eu podia dizer isso, só de ver o seu rosto. Abaixou a mão que antes estava apontando para mim. Mas os outros ainda estavam gritando:

Ali! Peguem aquela ali! E eu tive que correr.

Passei por cima do corpo de uma mulher, ferida por um mosquete. Havia uma mão enterrada na neve. Uma mão, sozinha.

Segui correndo em direção a Inverrigan. A casa no bosque, perto da curva do rio Coe, onde, certa vez, eu tinha curado uma dor de dente. Onde havia uma cadela que, ao me ver, se deitava de barriga para cima, para que eu a acariciasse. Eu seguia, desabalada, para lá. Ia me movendo por entre as árvores. Havia muitos soldados ali, carregando seus mosquetes com pólvora ou limpando as lâminas de suas espadas,

e pude sentir alguns braços que tentavam me agarrar, enquanto atravessava correndo. Sentia seu bafo e seu suor, e seu cheiro de sangue. E, quando um deles me agarrou pelos cabelos, segurando-os com força, eu me virei e o olhei de frente. Comecei a gritar com todas as minhas forças, mandando raios com os meus olhos e arreganhando os dentes. Acho que a Cora estava comigo, nessa hora. Ela estava dentro de mim, urrando. Tinha olhos de tempestade e seu corpo estava coberto de sangue. Ela fez o soldado tirar as mãos de cima de mim, dar um passo atrás e dizer:

Bruxa...

Quando finalmente alcancei Inverrigan, era tarde demais.

A casa não estava queimando. Estava de pé, como sempre estivera. Mas atrás dela, na neve, eu vi todos os homens de Inverrigan. Estavam amarrados, deitados, formando uma fila. Estavam arrumados ombro a ombro, de barriga para cima. Mortos. O último da fila era uma criança. O menino de orelhas de abano, que tinha me ensinado a pegar mel.

Comecei a soluçar. Batia com o pé, de leve, no chão, e limpava o nariz no meu braço. Por que não tinham ido para o Sul? Por que não tinham fugido? Por que não deram ouvidos a Alasdair? Pois ele, certamente, devia ter avisado àqueles homens. Devia ter batido em sua porta, dizendo:

Corram!

Soltei um som de cachorro. Um uivo. Não conseguia enxergar direito, por causa das lágrimas que me pinicavam. Alasdair tinha dito:

Vou avisá-los.

Mas agora estavam amarrados e deitados ali. Mortos. Até o menino. Olhei para o seu rosto de morto e me lembrei de como era quando ainda estava vivo: risonho, com o queixo todo sujo de mel.

“Você não pode ajudá-los, agora”, pensei. “Carnoch. Vá para Carnoch, agora. Salve-os.”

Eu me virei. Mas um homem agarrou meu braço. Comecei a arranhá-lo e a lutar com ele. Mas o homem estava dizendo:

Corrag! Corrag! Sou eu.

Era o Ian. Estava com os olhos arregalados, e seus cabelos estavam cobertos de cinzas. Havia um pouco de sangue salpicado em seu queixo, como se alguém tivesse sido morto ao seu lado, e estava me segurando pelos ombros, dizendo:

Fuja. Não fique aqui. Eles estão matando a todos. As mulheres e as crianças também.

Tentei falar.

Vá embora — disse ele.

Então, olhou por trás de mim, para aquele lugar onde nove vidas tinham partido. Vi seus olhos se arregalarem. Percebi o quanto estava

triste, enquanto olhava para cada um daqueles corpos e dizia:

Vá embora daqui, Sassenach.

Por que você ainda está aqui? — perguntei. — Por quê? Eu disse ao Alasdair! Ele disse que iria avisar a todos vocês!

E avisou. Ele nos avisou, sim. Mas alguns não acreditaram nele.

Dei um chute na parede da casa, soluçando alto.

Mas por que não acreditaram nele? Por quê? — Então, eu disse: — Você tem que fugir, também. Eles estão atrás de você e do seu pai. Foi um soldado que me disse. Fuja para a costa. Vá para Appin.

Estamos indo para lá agora. Venha conosco.

Não.

Eles vão matar você, Corrag. Estão matando todos os que encontram pela frente...

Preciso salvar quem eu puder, Ian. Talvez alguns ainda estejam se escondendo, ou feridos. E eu tenho que os salvar...

Corrag! Há três vezes mais deles do que nós! Com mosquetes e espadas. E o que você tem para se defender? Seu coração? Seus olhos?

Sacudi a cabeça.

Ian — eu disse. — Você pode dizer ao Alasdair? Diga que eu fiquei. Diga a ele que eu fiquei e que ele precisa manter sua família segura, e a si mesmo, também. Para sempre. Caso eu não resista a esta noite. Você pode dizer isso a ele?

Ele deu um passo para trás, soltando as mãos de mim. Deu um suspiro profundo. Estava olhando na direção das árvores, quando falou:

Eu não posso fazer isso. Ele não está comigo. Ele não quer ir. Fiquei em pé, olhando para o nada, por um segundo. Então me dobrei para frente, como se tivesse sido ferida.

Ele não conseguiu fugir para Appin?

Não. Ele ainda está no vale. Em algum lugar...

Vomitei outra vez. Em cima da neve, diante dos pés dele, agachada. Limpei a boca e comecei a gemer. E, quando me levantei novamente, disse:

Mas por quê? Por que ele ficou? Ele disse que iria fugir! Ele me disse que ia fugir...

Ian pôs sua mão no meu ombro, brevemente. Abriu a boca, mas nenhuma palavra saiu dali.

Deixei-o ali. Saí correndo em disparada, de dentes trincados, através das árvores, sentindo-me ferida por aqueles seus cabelos de terra molhada, por aquele seu sorriso largo e pela sua teimosia. Porque ele deveria estar seguro, e, no entanto, ainda estava ali. No vale. Era o guerreiro que havia dentro dele. Sua natureza, seu jeito de ser. Passei a toda velocidade por mais alguns soldados. Cruzei com um bando de cabras que tinham se soltado e agora baliavam, cheias de

medo, revirando os olhos. Tomei um tombo naquele pasto onde, certa vez, houvera uma fogueira, danças, celebrando um nascimento, mas o fogo agora estava dentro das casas. Escorreguei no gelo derretido. Deslizei na direção de dois soldados e tive medo de que puxassem suas espadas e acabassem comigo ali mesmo, e comecei a me debater, dizendo:

Larguem de mim!

Mas eles se afastaram de mim e não me feriram. E ainda me disseram:

Não fique aqui.

Pareciam mais apavorados do que qualquer outra pessoa que eu tinha visto. Mais desesperançados.

Nem todos os soldados cometeram assassinatos naquela noite. O senhor anote isso.

Mas eu nem reparei. Nem reparava mais, porque tudo o que tinha na cabeça era “permita que ele ainda esteja vivo”. Dizia aquilo em voz alta, para o ar. Tinha esperança de que Carnoch não estivesse em chamas.

Mas estava. É claro que sim.

Todas as casas ali estavam queimando. Havia vacas mugindo, com os olhos esbugalhados de pavor. E chamei por ele em meio a todo aquele barulho. Gritava por ele. Ouvi um cachorro latir, e vi quando Bran aproximou-se de mim. Lambeu meu rosto, enquanto eu me ajoelhava para perguntar a ele por Alasdair.

Onde está ele, Bran? Bom garoto. Onde está ele?

Mas ele não sabia. Virou-se e saiu galopando para Oeste, em direção ao lago.

A casa deles tinha desmoronado. Não tinha restado nada. Rezei, pedindo que Sarah e o bebê tivessem conseguido seguir em direção a Sul-e-Oeste, e tive certeza de que haviam feito exatamente isso. Via a cena com o meu olho da mente: seu xale e seu bebê agarrado a ela, enquanto fugia para as montanhas.

Corra, Sarah. Vá!

Então me dirigi para as margens do Coe, para o lugar onde a casa grande ficava. Suas pedras e seus vidros não estavam em chamas ainda, mas pude ouvir o som de coisas quebrando e se batendo, lá dentro, e vi alguns casacos vermelhos também. Roubando. Pegando sua prataria e sua taça de chifre de vaca. Seus livros. As galhadas que enfeitavam suas paredes.

E eu o vi. O MacIán.

Fui andando pela lateral da casa. Tropecei, cheia de ansiedade, e cheguei bem perto de uma janela quebrada, onde a parede tinha sido derrubada. E lá estava ele. Lá estava O MacIán. E tenho dificuldade de lhe contar o que eu vi. Em vida, tinha sido um homem cheio de

dignidade. De grandeza. Mas na morte não foi assim. Tinha levado um tiro ao levantar-se da cama, para encontrar seus hóspedes, que devem ter entrado no seu quarto com seus sorrisos falsos e sinistros no rosto e seus mosquetes atrás das costas. E o que ele poderia ter dito?

— Cavalheiros! Bem vindos! O que lhes perturba o sono, a uma hora dessas?

Talvez. Tudo o que sei é que estava caído de barriga no chão, com um buraco de bala nas costas e as calças meio arriadas. Uma morte ignóbil. Uma morte errada. Ela me fazia sentir duplamente triste e me deixava o coração embrulhado, só de pensar naquilo.

Eu me ajoelhei ao seu lado. Dei um beijo em sua testa, no lugar onde a havia costurado, antes.

Do lado de fora, com lágrimas correndo pelo rosto, tropecei em alguma coisa.

Olhei para baixo.

Aquela coisa estava miando, feito um gato.

Era Lady Glencoe. Estava deitada na neve, seminua. Tinham arrancado a parte de cima de suas roupas, e ela tremia de frio, viva ainda, mas com o corpo inteiro coberto de ferimentos grotescos, todos feitos a faca. Seus dedos estavam ensanguentados e tinham marcas de dentes. Quase perdi o fôlego. Eu me atirei ao seu lado. Fiquei repetindo seu nome e a acariciando, e tirei minha capa para cobri-la, para que tivesse um pouco do calor e da dignidade que seu marido não tinha recebido. Disse seu nome outra vez, perguntando:

A senhora pode me ouvir?

Em uma voz desmaiada, ela disse:

Corrag?

Sim. Sou eu. Mas por que a senhora está aqui? Por que não fugiu para Appin? Alasdair não avisou a vocês?

Sim, avisou... Tarde demais. Mataram meu marido... Fechou os olhos e abriu a boca, dando um longo uivo mudo.

Shhh. — fiz para ela, enquanto alisava seus cabelos. Então disse: —

Vou tirar a senhora daqui e curá-la. Vou encontrar as ervas que...

Não — Suspirou. — As ervas não vão adiantar. Estou morrendo.

Estou morta, Corrag. E ele está morto, e fui esfaqueada...

Eu poso levantar a senhora e...

Deixe-me aqui — murmurou — Vá ajudar os outros. Os meus meninos.

Encostei meu rosto ao lado do seu, de modo a ver seus olhos. Então disse:

Lady Glencoe, eu vi o Ian. Ele está bem. Está fugindo para um lugar seguro, e vai sobreviver. Mas onde está o Alasdair? Preciso encontrá-lo.

Ela se remexeu, fazendo um som parecido com o de um animal sur-

preso.

Ele não encontrou você? — perguntou.

A mim?

Ele foi atrás de você. Em sua cabana. Corrag. — E deu um suspiro, soltou um suspiro longo e cansado, enquanto dizia isso.

E então seus olhos se enevoaram e seu maxilar relaxou, e, assim como seu marido estava morto dentro do quarto, ela estava morta lá fora, na neve. Baixei suas pálpebras. Era uma mulher de pura bondade. Nunca havia feito nada de mau, nada que merecesse uma morte como aquela.

Eu não me importava mais com os soldados que ainda estavam atacando o vale com suas espadas e mosquetes e que continuavam procurando mais homens de Glencoe para esfaquear e varrer da face da Terra. Não me importava mais com eles, nem com o que pudessem fazer comigo, porque ele estava em minha mente. Ele, com seus cabelos, com suas mãos. “Ele! Ele!”

E, quando corremos, cheios de pavor, a nossa é uma corrida veloz e dormente. Porque a cabeça só consegue pensar no motivo de estarmos correndo e no local para onde estamos correndo, e nem se lembra mais das feridas, nem da dor que estamos sentindo. Eu não sentia frio. Eu não sentia a dor do ferimento, que estava sangrando. Simplesmente corria, ao longo do lago Achtriachtan, que estava negro de tanto gelo. E foi assim que atraíse seus charcos e passei voando pela casa de Achtriachtan, que ardia em chamas, onde os homens ainda estavam deitados do lado de fora, sobre a neve, com uma camada de neve sobre seus corpos agora, e onde o avental vermelho de sua esposa brilhava, em meio à escuridão.

Para o meu vale. Para a minha cabana. Para o meu lar. E, enquanto atraíse o Coe, eu me lembrava do modo como Alasdair tinha beijado a cabeça de sua Sarah, enquanto ela dormia, com seu filho recém-nascido no peito. E em como eu tinha me sentido ao ver aquilo. Como tinha chorado aquela noite.

Aquele, pensava, tinha sido o meu momento. “Aquele foi o meu momento.” Do mesmo modo que o momento da Cora fora em cima de uma ponte em formato de meia-lua, enquanto via sua mãe afundar, vestida em seu camisolão branco, para depois se afogar. Aquele momento havia mudado sua vida para sempre. Havia alterado sua vida. E, como o momento da Mamãe Mundy fora naquela hora em que ela foi violentada por um pilhador, em uma noite não muito distante, cheia de fogo e de choros de dor. Será que tinha olhado para o céu, através do seu telhado em chamas, e entendido que, a partir daquele dia, estaria diferente para sempre? Que, embora ninguém mais talvez soubesse disso, estava mudada, pelo resto de sua vida? A

vida do homem com cara de ameixa tinha mudado em Hexham, naquele inverno em que esticaram o pescoço do seu irmão.

Todos nós temos esses momentos que nos transformam. Mas alguns deles transformam nossas vidas, também. A vida que ainda iremos viver. E o meu momento tinha sido enquanto Alasdair beijava os cabelos de Sarah, como se para ele o mundo inteiro estivesse contido ali, dormindo naquela cama. Porque desejei ser aquela mulher. Tinha desejado isso. Ser mãe e esposa. A esposa dele. Só isso.

Ainda assim, nossos corações continuam os mesmos. Continuam sendo como sempre foram.

Eu pensava nessas coisas, enquanto corria pela neve.

Na ravina que levava à minha cabana, os tiros de mosquetes soavam distantes, e a neve não estava tão alta, porque as árvores perto do riacho a tinham segurado, nos galhos. Eu me movia depressa. E rezava: “Permita que ele esteja bem.” E foi enquanto eu me apressava pela trilha, com o vale se aproximando, que eu vi. Era uma visão conhecida. Manchas escuras sobre a neve, como a tinta em um pergaminho, ou como as estrelas, mais escuras no centro e mais claras ao redor.

Comecei a chorar alto. Aquele meu grito era um grito de coruja, o grito de uma lebre depois que a águia a encontra.

Era o sangue de Alasdair. Disso eu tinha certeza. Eu sabia. E, correndo, fui encontrando mais e mais daquele sangue sobre a trilha, como se um gigante tivesse derramado todo aquele líquido de dentro de um vaso, e ali fosse o local onde a maior quantidade tivesse caído. Era uma tintura, não só sobre a neve, mas nas pedras também. Apoiei a mão em uma pedra e ela voltou úmida e vermelha. Eu a limpei na saia. Havia sangue demais ali para ter vindo de um único homem. Sangue demais.

Ele estava deitado mais à frente, na trilha, debaixo de um vidoeiro.

Não estava caído de cara no chão, mas deitado de lado, com um braço dobrado debaixo da cabeça e o outro descansando sobre o peito. Pensei “é assim que ele dorme”, embora eu não tivesse como saber, porque nunca havia visto. Mas talvez estivesse dormindo, agora, como as pessoas costumam fazer depois de andarem por muito tempo, ou depois de uma luta. Ele tinha me dito que dormira por muitas semanas, depois que Dundee fora morto, na batalha de Killiecrankie. E, assim, lá estava ele, dormindo, enquanto a neve caía devagar. Fui caminhando até ele com cuidado, como se meus pés pudessem acordá-lo e eu quisesse evitar isso. Ele precisava dormir. Em sua cama de neve e sangue. Eu me ajoelhei. Disse seu nome:

Alasdair.

E ele estava tão frio ao toque e tão pálido que seus cabelos de

samambaia pareciam negros contra o rosto. E então eu repeti:

Alasdair — com mais força. Ele não disse:

Corrag. — Nem abriu os olhos.

Continuou do jeito que estava, com o braço sobre o peito, e dei um grito, um uivo lancinante. Encostei meu polegar no seu pescoço, pressionando-o, procurando sentir as batidas do seu coração, que deviam estar ali. Precisei apertar os olhos com toda a força para senti-las. Uma batida. Duas. Ele não estava morto, mas só de me ajoelhar ao seu lado havia sangue em minhas saias e não podíamos continuar na neve daquele jeito. Minha cabana não ficava longe dali. Minhas ervas não estavam longe.

Corrag, a durona. Sempre. Ele tinha três ou quatro vezes o meu tamanho. Eu não tinha como arrastá-lo. Mas não iria deixá-lo morrer. Não iria deixar seu coração parar de bater debaixo de um vidoeiro, daquele jeito.

Acorde! — gritei.

E agarrei seu braço, passando-o por trás do meu pescoço, como se fosse uma posta de carne que eu precisasse carregar. Dei um urro e o levantei, atravessado, sobre as minhas costas, e fiz tanta força que meu ombro se soltou do osso outra vez, caindo para fora do encaixe com aquela velha quentura minha conhecida e seu som de “poc!”. O peito dele estava apoiado sobre as minhas costas, e sua cabeça estava ao lado da minha, de modo que seus cabelos cobriam meu rosto. Eu gritava de dor. Mas o arrastei para fora da ravina, em direção às pedras protetoras.

Acorde! — eu gritava, enquanto deixávamos uma trilha de sangue atrás de nós, do mesmo modo que eu, antes de conhecê-lo, certa vez tinha arrastado uma cauda de galhos.

Ele tossiu com força nos meus ouvidos.

Um fluido começou a descer, escorrendo pelo meu braço, e gritei:

Acorde! — outra vez, amando aquela sua tosse grossa.

Não me importava com o meu ombro, nem com a minha dor. Só queria ouvir de novo aquela tosse e, sendo assim, comecei a gritar:

Acorde! — E: — Acorde! — outra vez, mas ele não voltou a tossir. Conseguimos chegar até a minha cabana. Minha cabana feita de lama, pedra e urze. Ela estava escondida pela neve, muito silenciosa e tão serena, depois de tudo o que eu havia visto e ouvido no vale. Meu fogo ainda estava queimando. Minhas cabras ainda dormiam ao lado dele, e minhas galinhas cacarejavam, baixinho. Levei Alasdair lá para dentro e o deitei na minha cama de pele de corça e musgo.

Ele gemeu, como a égua tinha gemido ao se deitar, anos antes. Eu me virei de costas por um instante. Mordi o lábio inferior com força, arqueei as costas e puxei meu ombro até que “ploc!”. Ele tinha voltado ao seu lugar.

Alasdair? — Estava ajoelhada ao seu lado e batia de leve em seu rosto.

Suas pálpebras se abriram, e consegui ver um pouco daquele azul. Pus alguma palha por baixo da sua cabeça, para acolchoá-la, e fiquei olhando para o seu rosto. Estava muito pálido. Estava pálido de morte.

Comecei a lhe dizer:

Você está a salvo. Está comigo, e em breve vai estar bem novamente. Cortei seu blusão. Ele estava empapado de sangue, e a camisa por baixo dele estava ensopada, também. Eu a cortei fora, também. Ele contraiu o rosto. A camisa tinha se grudado completamente à ferida, e tive que puxá-la com força, levantando sua pele. Então pensei em usar papoula para anestesiar a dor e fui buscá-la. Não havia tempo suficiente para preparar uma tintura, então coloquei uma ou duas sementes em sua boca, dizendo:

Mastigue isso. Vai ajudar.

A ferida em seu peito havia sido feita por uma lâmina pequena. Tinham tirado um naco dele, e o sangue estava bem vivo. Mas, depois que rasguei minha saia para usá-la como pano e consegui limpar o sangue da ferida, vi que era rasa. Não era funda o suficiente para matar um homem. Apliquei confrei imediatamente, o que de fato ajudou. Mas sabia que, em algum lugar, devia haver outro ferimento, maior. Aquele que tinha sangrado sobre a neve, deixando as tais manchas-estrela.

Deve haver outra — murmurei. Ele se remexeu.

Olhei para baixo. Seu kilt estava enrolado em suas pernas como se fizesse parte delas. Totalmente encharcado. Estava tão molhado de sangue que, ao tocá-lo, o sangue subia, atravessando a lã. Como se a lã estivesse embebida nele. Eu estava com seu sangue em minhas mãos. Elas brilhavam, à luz do fogo. Ele deve ter visto meu rosto, porque sussurrou:

É muito ruim?

Eu preciso olhar.

Ele assentiu. Eu me agachei ainda mais. Peguei seu kilt e comecei a enrolá-lo cuidadosamente. Eu o enrolava assim como podia ter enrolado a turfa. Vagarosa e delicadamente. O tecido foi revelando sua pele pálida, seus pelos avermelhados. Eu via seus joelhos e suas antigas cicatrizes, e, ao enrolar o tecido xadrez acima deles, encontrei o sangue. Em sua perna esquerda, a pele não era mais pálida, mas brilhante e úmida, e havia coágulos em algumas partes. Continuei enrolando o tecido. E ali estava ela, ali estava a ferida.

Era terrível. Não era larga, mas funda. Como se uma lâmina tivesse sido enfiada ali com toda a força, e torcida, enquanto ainda dentro da carne. Era um buraco através do qual eu podia ver sua carne, e o músculo, que também tinha sido cortado, além de partes macias do

interior do corpo, as quais nunca deveríamos ver.

Ele tornou a perguntar:

É muito ruim?

Ele tinha entendido.

Não parece nada bom — eu respondi.

Encontrei minhas ervas. E me preparei para trabalhar naquele corpo como se não pertencesse a Alasdair Og MacDonald. Aquele a quem eu amava. Como se fosse o corpo de um homem que eu não conhecesse, de quem não soubesse nem o nome. Usei uísque para desinfetar o ferimento. Acendi minha única vela, feita de banha de carneiro, e trouxe-a para perto de sua perna, para poder ver a ferida claramente. Rasguei uma tira da saia. Apliquei um cataplasma de cavalinha, betônica e tapete-verde³⁰ diretamente sobre o ferimento, pressionando-o. Enquanto eu fazia isso, ele mantinha os olhos fechados. Era como se estivesse dormindo outra vez: pálido, imóvel.

Acorde — disse a ele.

Ele abriu as pálpebras levemente e olhou para mim. Continuei pressionando o cataplasma contra sua coxa, para que ele fizesse as ervas pene- trarem na ferida, e também para impedir o sangue de continuar saindo de suas veias, mantendo-o lá dentro.

Corrag — disse ele.

Sim.

Você está sangrando.

Eu disse a ele que era o sangue dele em mim e que parasse de falar, porque iria precisar da sua força em outro lugar.

É o seu sangue.

E, conforme eu o apertava com mais força, ele contraiu o rosto, e disse mais alguma coisa, mas em uma voz tão baixa que não pude ouvir.

Olhei para baixo e vi que ele estava certo. Havia uma mancha de sangue saindo de dentro do meu corpete. Aquele sangue era meu, isso estava claro. Pois, enquanto a olhava, ela começara a aumentar. E, logo depois de olhá-la, comecei a sentir uma dor aguda, e me lembrei do raspão do tiro de mos- quete, em Achnacon. O ar passando por mim, a ardência.

Estava se abrindo como um botão de rosa, aquele meu sangramento. Nós não podemos ajudar os outros quando estamos precisando de ajuda, e, de fato, nem conseguimos. Queria que não fosse verdade, mas era.

Alasdair? — Peguei em sua mão, dizendo: — Pressione isso contra o seu corpo. Com o máximo de força que puder.

Sua mão estava dura de fria e eu a coloquei em cima do cataplasma, e me lembrei de sua sardas, de suas marcas e cicatrizes. Lembrei-me de quando tinha segurado em sua mão, tantos meses

atrás, antes de conhecê-lo de verdade. De que modos mais estranhos, pensava, o mundo pode ecoar.

Segure-a aí.

E fui cuidar de mim mesma. Cortei os cadarços do meu corpete para sair de dentro dele, porque estavam embaraçados demais para ser desatados de outro modo. E o atirei para longe. Então me agachei. Meu camisolão tinha um rasgo na cintura. A pele estava macerada e toda respingada de preto, além de avermelhada.

Preparei meu próprio cataplasma com um pedaço da saia rasgada. Estava úmida o bastante para grudar no meu corpo, sem precisar da mão de alguém para segurá-la no lugar.

Você tinha mariposas — disse ele.

Era a papoula falando, do jeito que costuma fazer. Era a fala partida do choque, de perda, de um homem que tinha mais sangue do lado de fora, na neve, do que dentro do corpo. Tirei minha agulha de dentro da panela e comecei a passá-la pela chama da vela, para limpá-la, com o calor. Disse:

Mariposas? — perguntei, e acrescentei: — Não fale.

Então removi sua mão de cima do cataplasma, e quando retirei o cataplasma de sua coxa vi por que o nome de tapete-verde é mais do que merecido. Porque eu podia ver o quanto o corte era imenso e estava vermelho e inchado, mas a verdade é que ele sangrava menos e não havia sujeira nenhuma em seu interior. Comecei a secá-lo. Depois, tapei a ferida com algumas outras ervas e então juntei as duas pontas da pele. Peguei minha agulha. E empurrei-a através da pele. Ao fazê-lo, vi que ele se retesara, mas não tinha contraído o rosto e, assim, empurrei a agulha para dentro. Vagarosamente, comecei a costurá-lo.

Ele perguntou:

Tem ideia de quando vi você pela primeira vez?

Eu não disse nada. Queria que ele ficasse quieto, porque precisava poupar forças, mas não disse nada disso. Fiquei ali sentada, costurando.

Era o começo da noite. Você tinha mariposas nos cabelos...

Comecei a respirar mais rapidamente.

Você me viu?

Você estava em pé, debaixo da cachoeira. Tinha deixado as mariposas numa árvore, bem perto de mim.

Sua boca emitiu um som.

Você me viu? Naquele dia?

Vi.

Nevava, do lado de fora. Do lado de dentro, o fogo iluminava as paredes da minha cabana e seu rosto, que me observava, enquanto eu ia costurando. Estava pensando em como ele tinha carregado duas galinhas, no meio da escuridão, e em como mais tarde eu tocara

aquelas galinhas, pensando “ele tocou nelas. Segurou-as pelas pernas”. Eu costumava andar por onde ele tinha andado. Dizia palavras que ele tinha dito, como se tivessem sabor.

Levantei meus olhos para olhar para o seu rosto.

Por que você não fugiu para Appin, como eu tinha dito? Ele sorriu.

Você sabe por quê.

Não, não sei — eu disse. — Não sei! Eu pensava que você estava a salvo! Todo o tempo, pensava que você tinha escapado. E olhe para você, agora. Veja como está machucado!

Fale baixo — disse ele. — Acalme-se. Como eu poderia ter ido para lá, sem você?

Eu queria chorar. Comecei a piscar e apertei meu lábios, e pensava em como nossas vidas são curiosas. Como são tristes e estranhas. Como, entre todos os pores do sol e os besouros pequeninos, abrindo caminho em cima de uma folha, e entre todas as visões do capim, ondulando sob o vento, aquela era a maior das belezas. Agora. Aquele meu amor por ele.

Corrag — sussurrou ele. — Estou morrendo.

Não, não está.

Muito gentilmente, como se estivesse falando com uma criança pequena, que não quisesse encarar a verdade tal como ela era e pensasse que havia algum meio de alterá-la, repetiu:

Estou.

Não está!

Você não pode mudar o modo como o mundo funciona.

Mas eu posso estancar seu sangramento e costurar você. E lhe dar comida. E agasalhá-lo, até você ficar curado.

Olhe para mim — disse ele.

Mas eu não olhei. Tinha que continuar dando aqueles pontos. Piscava com força, limpando o sangue seco de cima da sua pele, deixando-a branca outra vez, e costurando os pedaços rasgados.

Olhe — repetiu — para mim.

Diminuí o ritmo. Estava fungando. Baixei minha agulha e estiquei meu corpo. Não conseguia olhar para os seus olhos, mas ele pegou a minha mão e a balançou de levinho, como se dissesse:

Olhe para mim — mais uma vez.

E, sendo assim, eu olhei. Meus olhos se encontraram com os dele.

Sassenach. — Ele sorriu. — O juramento. Que nós fizemos. Não era para os reis. Nunca foi para os reis. Era para manter seguros aqueles que

nós amamos. Foi por isso que o fizemos.

Fiquei olhando para seu rosto.

Eu queria que você estivesse segura. Você...

Então nos entreolhamos como se existissem muitas coisas dentro de

nós que mais ninguém tivesse visto, mas que nós podíamos enxergar. Podíamos ver muito claramente. Pensei em todos os anos que haviam se passado. Pensava em quantas perdas tinham acontecido. Tantas perdas, tanta dor. Por toda a minha vida eu andara em meio à morte e a sentira na pele, mas tinha visto mais mortes naquele vale, aquela noite, do que nunca antes em minha existência. E mortes tão dolorosas... E tamanhas mentiras! Cada morte naquele vale era uma mentira. Assim como a política, o dinheiro e as leis.

O que importa nunca foi o dinheiro, nem as leis. Mas, sim, as pessoas.

Chegue mais perto — disse ele.

Então pôs sua mão no meu rosto, acariciando a minha pele. Fiz um som baixinho, quase infantil.

Shhhh — sussurrou. — Minha coisinha pequena...

Eu chorava, sentindo a mão dele me tocando, olhando para o seu rosto. Era um rosto e tanto. Era o seu rosto, aquele rosto, e eu chorava por vê-lo tão perto de mim. Tão próximo que nossos hálitos se misturavam. Eu via o quanto seus olhos eram azuis, e cada fio da sua barba, e as rugas ao redor dos seus olhos, deixadas por todos os seus dias de risos ou então de tanto apertá-los para se proteger da chuva. Olhava para aquele seu nariz reto e para os lóbulos macios das suas orelhas.

São as pessoas o que importa. Elas e seus corações. E eu me inclinei, bem devagar. Eu me inclinei como o cervo tinha feito, na direção da minha mão. Suavemente, e em silêncio, de olhos atentos, porque é tão difícil, tão difícil, mesmo, entregar toda a nossa confiança para outro ser vivo, baixar a nossa guarda e sermos frágeis, por algum tempo. Eu estava amedrontada, em parte. A minha vida inteira, tinha passado meio amedrontada. Mas agora estava cansada daquilo. Estava tão imensamente cansada, em meu corpo, em minha mente. Pensava na pelagem encorpada do cervo. Pensava em sua vida inteira, cheia de chuvas e de pedras e em como ele tinha se virado nas patas e fugido correndo. Ele também tinha acabado se cansando. E eu vira aquilo no modo como ele tinha vindo, cada vez para mais perto. Eu vira seus olhos semicerrados, enquanto ele se aproximava da minha mão. Sua boca se abriu lentamente. Sua respiração estava tão quente, e, como a dele, a minha também. Eu respirava sobre o rosto de Alasdair e mantinha minha boca sobre a sua boca, inspirando sua respiração. Estávamos frágeis, naquele momento. Pairávamos, compartilhando nossas respirações. Éramos olhos, respiração e medo, e desejo, e aquele foi o momento — o momento pequeno e simples — em que tudo se tornou tarde demais. Para virarmos, para nos afastarmos.

A luta tinha acabado, para mim.

E, para mim, “bruxa” também tinha acabado. Chegava de ser durona.

Alasdair estava semiescuro e semi-iluminado. O fogo sussurrava atrás de nós, e do lado de fora havia neve, e ele era a quem eu amava, mais do que todas as montanhas, que todos os céus e que todos os lugares de vento. Quando meu nariz tocou no seu nariz, ele sorriu. E, quando nos beijamos, era algo que eu já conhecia. Como se aquele nosso beijo estivesse esperando por nós, o tempo todo.



Vi o vão da porta pouco a pouco se clarear. Estava deitada, com meu queixo apoiado em sua clavícula. Podia ouvir seu coração batendo e pensava na aurora vermelha de inverno sobre o Urzedo de Rannoch, anos atrás, desejando que ele também tivesse podido vê-la.

Por toda a minha vida tinha arrastado “bruxa” atrás de mim. Por causa daquela palavra, tinha chorado e me sentido sozinha. Fora perseguida e machucada, além de cuspirem em mim, por causa dela. E minha mãe tinha sido morta, assim como a mãe dela. Mas aquela palavra também havia me trazido até ali, àquele momento: com ele.

Não falamos mais em amor. Não era preciso. Ao nos deparamos com ele, tínhamos entendido do que se tratava. Eu soubera, assim que ele tinha dito:

— Está chovendo.

E ele soubera certa noite, assim que se agachara perto de uma queda d’água, e vira uma mulher pequena, em pé e nua, debaixo do luar, com mariposas e teias de aranha nos cabelos.

Tinha sido o amor que o salvara, no fim das contas.

Alguns talvez digam que é ele que nos salva a todos, mas não tenho certeza disso. Sei apenas a respeito dele. Sei apenas que o coração amoroso da minha mãe certa vez disse para mim:

Norte-e-Oeste.

E que o meu próprio coração amoroso tinha dito:

Glencoe, Glencoe.

E veja só o que eu tinha encontrado ali. Isso. Ele.

Sendo assim, o amor salvou Alasdair e outros do seu clã. E ele amaria sua esposa e seu filho. Iria viver sua vida com eles, contar-lhes histórias, trazer turfa para o fogo e fazer mais crianças, à luz daquele fogo, e como é que eu podia me incomodar com aquilo? Não podia me incomodar. Ele estava vivo. E eu o havia amado por toda a minha vida.

Alasdair deu um suspiro. Senti seu peito subir e descer. Ele encostou sua boca na minha testa e a beijou.

E eu sorri. Seus dedos seguravam meus dedos e a nossa parecia

uma única mão.



Nós somos a magia. Somos, sim. A magia mais verdadeira deste mundo está dentro de nós, Senhor Leslie. Está nos nossos movimentos, e em tudo o que dizemos e sentimos. Aprendi isso com o segundo filho do décimo segundo Chefe, na noite de nevasca em que seu povo foi morto com imensa crueldade, dentro de seu próprio vale. Seu pai havia morrido, e também sua mãe, e as Highlands morriam, também, a seu modo. E, apesar disso, ele viera procurar por mim. Ele tinha segurado em minha mão, e quando nos beijamos tinha feito o som de alguém que finalmente podia descansar. Como se tivesse imaginado aquele beijo um milhão de vezes. Aquele beijo.

Depois de algum tempo, ouvi um cavalo do lado de fora e sabia a quem ele pertencia. E sabia de quem eram aqueles pés que atravessavam a neve.

Ian tinha o ar cansado. Viu seu irmão e ajoelhou-se.

Ele está dormindo — eu disse. — Sua perna está muito ferida. Ele pôs a mão sobre o rosto de Alasdair, dizendo:

Temos que ir. Alasdair? Há soldados no vale procurando por nós. Por você e por mim. Temos que sair daqui, agora.

E, assim, eles partiram. E me deixaram. O Ian carregou o Alasdair para fora, até a luz do dia, que estava muito branca e muito limpa, e levantou seu irmão até o cavalo. Eles montaram no animal, os dois: o irmão que tinha samambaias secas no lugar dos cabelos e o outro, com samambaias molhadas, ou cabelos de colinas depois da chuva, todo enrolado em minha pele de corça. O Ian ia sentado atrás, segurando as rédeas com uma das mãos. Com a outra mão, ele segurava Alasdair contra seu corpo, apertando-o.

Olhei para o seu rosto. Para seus olhos azuis. Ian então me disse: Obrigado.

Assenti. E enfiei todas as minhas ervas dentro dos seus bolsos, e enchi sua bolsa com elas.

Ferva-as e pressione-as sobre as feridas dele.

É — ele disse, dando um sorriso-fantasma, um sorriso muito triste. Então, virou o cavalo e o esporeou.

E então eles partiram. Eu os observei enquanto cruzavam os declives do meu vale, na parte de trás das Três Irmãs e sobre a cordilheira, fora de alcance. Permaneci próxima à minha cabana por um instante mais e reparei em como estava a manhã — o céu, a aveleira, a neve.



Depois disso, voltei ao vale. Passei através do capim enegrecido, das baías vazias. Segurei na mão de cada uma das pessoas que haviam morrido e rezei por elas, e as pranteei. A luz era cor-de-rosa, gentil. Eu me sentei ao lado de cada uma delas, por alguns instantes.

Nolocal onde Carnochtinha virado um braseiro, queimandoem silêncio, encontrei Lady Glencoe. Estava morta e gelada por debaixo da minha capa e todas as suas joias haviam sido levadas. Passei as mãos nos seus cabelos, disse-lhe que seus meninos estavam a salvo. Todos os dois.

A casa arruinada era só fumaça e cinzas. Fiquei enegrecida com sua madeira e queimei minhas mãos nas paredes. Debaixo de algumas pedras, encontrei a espada do velho Chefe. Eu a arrastei para fora. Fui puxando-a para fora da casa, e ela escavou uma linha escura na terra. Nas margens do Lago Leven, fiz um desejo. Desejei, com toda a minha alma e todo o meu coração, que noites como aquela tivessem seu fim. Que mais nenhuma men- tira como aquela, mais nenhuma traição, mais nenhuma sangria se repe- tissem, jamais. Que os homens e as mulheres e as crianças de Glencoe não tivessem mais que morrer daquela maneira. Nunca mais. Fiz esse desejo. Eu rezei.

E então joguei aquela espada dentro do lago.

Enterramos as coisas que odiamos para mantê-las longe de nós — dizia a Cora. — Nós as queimamos ou as afogamos.

E fiquei olhando para o modo como a água retomava sua aparência tranquila, selando a espada embaixo de si.

E assim foi.

E assim deveria ter sido, tudo aquilo que aconteceu. Eu tinha feito o meu melhor, para sempre, e agora um único floco de neve tinha começado a cair. E, então, dois. Três.

Os soldados vieram. Eles me cercaram na beira da água.

É essa aí. Foi ela que avisou a eles. Avisou, sim.

Essa coisinha minúscula?

Foi ela. Amarrem-na!

Como podiam saber? Através dos mortos, acho eu. Acho que, antes de morrer, os mortos contaram a eles. Imagino que, enquanto a lâmina da espada era levantada acima dos seus corações, perguntavam-lhes:

Quem foi que avisou a vocês? Quem deu o alarme?

Porque a maior parte do clã tinha fugido e estava a salvo. A maioria das camas estava vazia. Porque quem dormia ali já havia se levantado e já estava nas colinas, com seus capuzes puxados sobre a cabeça e as mãos dos seus filhos nas suas mãos, dizendo:

Corram, agora. Não olhem para trás.

Quem avisou a vocês? Quem foi?

Foi a Sassenach...

E foi assim que souberam. Um soldado de olhos calmos aproximou-se de mim. Ele tinha sangue nos seus cabelos bem penteados. Limpou o rosto, ficou olhando para mim e disse:

Então essa é a bruxa inglesa?

Eles me acorrentaram. Puseram correntes nos meus punhos e bateram em mim. Eles me chutaram, sibilando “feiticeira” e “mulherzinha intrometida”, mas o soldado de rosto calmo tirou as luvas, olhou para sua mão e depois me deu um soco tão forte que abriu meu olho e me fez cair no chão. Comecei a sangrar. Quando olhei para ele, vi que estava vermelho.

Mas não chorei.

Em vez disso, enquanto me levavam embora, eu me virei. Virei-me para olhar para Glencoe, que tinha queimado, e estava silencioso. E lá, por cima das árvores, vi o Bico-do-Seio. Vi suas alturas cobertas de neve. E disse:

Adeus — para ele.



Fui arrastada durante muitas noites. Dormia em cima de pedras, na areia molhada, presa em minhas correntes. Eles conversavam sobre os assassi- natos. Sobre as pessoas que tinham matado. E sobre quem havia cometido os crimes. Ouvi muitos nomes.

E os filhos do Chefe?

Eu feri um deles. Enfiei a faca nele, e bem fundo. Mas suponho que os dois conseguiram escapar.

O Stair não vai gostar nada disso.

Sorri ao ouvir aquilo. Sorri por debaixo dos meus cabelos, por entre os joelhos. Por que, afinal, o que mais importava? Não a minha ferida de mosquete, nem o meu olho ensanguentado. E nem, tampouco, o lugar para onde estavam me levando, ou o porquê.

Mais tarde, em uma noite de nevasca, próximo ao Castelo de Barcaldine e do mar revolto, ouvi:

Qual é o nome dela?

Tinham feito uma fogueira. Estavam se aquecendo, bebendo uma gar- rafa que haviam tirado do meio das cinzas de Glencoe. Eu estava deitada nas sombras.

Essa daí?

Eles se referiam a mim. Vieram se aproximando, e um casaco-vermelho me arrancou do meu quase sonho perdido, apertou o salto

do sapato na minha cintura, bem no lugar onde o mosquete havia me acertado, e começou a me sacudir para frente e para trás.

Ele se agachou e disse, dentro do meu ouvido, quase cuspindo:

Qual é o seu nome?

Bruxa. Isso basta, para ela.

Puta do Diabo! Rá...

Mas não. Eu nunca tinha sido aquilo. Meu nome verdadeiro nunca fora “bruxa”, nunca, e nunca tinha sido “feiticeira”, nem “coisa ruim”, nem “mulher do Diabo”, nem “puta”. Quando foi que eu fui cruel com alguém ou agi como uma puta? Quando? E, apesar disso, por toda a minha vida tinha tido que ouvir aquilo: aqueles nomes falsos, aquelas mentiras, aquelas maldições que me jogavam, e além do mais não tinha um nome de família, o que os fazia dizer “puta” mais ainda e “o Diabo é o pai dela, além de seu amante”, e o que era tudo aquilo? Eram mentiras! Tristeza e mentiras. Mas pensei: “Agora, não.” Perto daquela fogueira pequena eu pensava: “Chega...

Isso não é quem eu sou. Esse não é o meu nome.”

Rolei meu corpo de barriga para cima e abri meus lábios, e um dos soldados disse:

Ela está falando, senhor! Eu não consigo entender Há sangue em sua boca.

É inglês?

Não consigo ouvir.

E pisquei os olhos, olhando para o céu, com suas estrelas espalhadas e para as árvores de galhos nus. E pude sentir o gosto de sangue e um dente solto dentro da boca. Então empurrei o dente para fora, com a língua, e ele foi escorregando pelo meu queixo até cair na areia. E então falei. Disse meu nome muito claramente.

O quê? O que foi que ela disse?

MacDonald — por eles.

Pelas pessoas com quem eu vivera e por quem havia lutado, e a quem salvara. E, conforme empurrava meu dedo indicador para dentro da areia fresca e úmida, sorri.

— Corrag — eu disse. Porque eu tinha lhes mostrado o caminho.



Pronto.

Aí está. Tudo o que o senhor queria, Senhor Leslie. “Minha versão dos fatos.” O que eu vi e o que eu fiz.

Valeu a pena, senhor? A longa espera?

O mundo irá falar sobre as mortes de Glencoe. Irá falar sobre as mentiras, sobre as espadas enfiadas na carne. Isso irá arregalar seus

olhos, e eles dirão:

— Mataram crianças.

E, sim, tudo isso precisa ser comentado. Fale sobre suas mortes.

Lamente-as.

Mas Glencoe?

O seu nome não quer dizer “morte”, para mim. Quer dizer “ele”. Quer dizer os goles gelados que eu tomava nos lagos, com meus cabelos boiando sobre a água. E o modo como a neblina fazia seus ninhos nos buracos das rochas. E samambaias. E sons de vento.

Um lugar escuro...

Por ora, é isso. Por ora, o chamarão assim, e sacudirão suas cabeças ao dizê-lo. Por ora, as pessoas não irão até lá. Ou, se forem, passarão correndo, e vão se esquecer de olhar para suas alturas cheias de vento. Mas as sombras passam. Antes que as sombras cheguem, existe a luz. E o que se segue às sombras é luz, outra vez. Porque, afinal de contas, de que outro modo a sombra poderia existir? Se não houvesse luz?

E, sendo assim, “um lugar escuro”? Por pouco tempo. Glencoe será sempre um lugar iluminado.

30 *Rupture-wort* — Algo como “Erva-do-corte”. Nome inglês dado a *Herniaria Glabra*, planta conhecida no Brasil como Tapete-verde, e que teria, entre suas propriedades, o poder de cicatrização. (N. da T.).

Jane,

Não hei de escrever demasiadamente, hoje. Não é preciso. Pois tu hás de ler essa carta quando tudo estiver terminado. Tu hás de ler essa carta quando tudo já tiver acontecido e quando já me encontrar bem longe de

Inverary, onde há de haver histórias sobre um irlandês que veio e que se foi. E sobre uma bruxa, que não estará mais aqui.

Não obstante, escrever-te-ei com um pedido de desculpas, meu amor.

Escrevo-te para expressar o meu humilde, profundo e inexprimível sentimento de amor por ti, e para dizer-te o quanto me arrependo pelas dificuldades que meu dever vos impõe, a ti e aos nossos meninos. Vim até aqui a serviço de um rei. Vim até aqui para servir a ele, provando os pecados e infrações do homem que ocupou o seu lugar. E faço isso em nome de Deus. Sinto que é correto estar aqui. Mas tenho consciência do que se encontra além-mar, longe de mim. Tenho consciência de que deves caminhar pelo jardim sozinha, e ficar ouvindo a leitura dos nossos meninos sem que teu esposo esteja a teu lado. Eles crescem sem um pai que os ensine. E sinto muito por todos vocês que seja essa a verdade dos fatos.

Perdoa-me. Compreenda que não tenho a intenção de fingir que seja fácil. Para ti, para nossos filhos. Sei que não o é. E sei que tu me apoias. Mas sei, também, que devem haver momentos em que bates teus pezinhos ao pensar em mim, ou ergues teu punho, desejando que retorne. E eu hei de retornar. Hei de fazê-lo.

Espero que seja um consolo para ti saberes que não faço isso apenas pelo bem de James. E nem, tampouco, que tenho apenas Deus em minha mente. Penso em ti, Jane. Em minhas lutas pela causa dos Stuart, em minhas esperanças por um mundo melhor, mais seguro, tenho a aspiração de fazer-te orgulhosa de mim. Eu amaria, deveras — amaria apaixonadamente —, que nossos filhos se tornassem homens que falassem a respeito do pai com orgulho. Com orgulho e afeição. Que possam dizer:

— Nosso pai, Charles Leslie, fez diferença no mundo. Imagina uma coisa dessas... Eu mesmo tento fazê-lo. Jane, como sinto falta de ver o teu rosto...

Amanhã, irei até ela.

E hei de tirá-la de lá.

II

“[Ela] pode ser corretamente chamada de Trevo Coração, não apenas porque sua folha é triangular, como o coração do homem, mas também porque cada folha reproduz, à perfeição, seus detalhes, apresentando a mesma coloração, ou seja, a cor de carne.”

sobre o Trevo Coração

Nunca ame ninguém. Está me ouvindo?

Era assim que a Cora falava. A Cora, com suas ervas e seus cabelos negro-azulados, como as asas de um corvo. Ela havia segurado meu rosto nas mãos e dito:

Porque elas não vão amá-la de volta. Ou, se amarem, esse amor vai ser levado embora de você. Entendeu?

E tinha se afastado, limpando as mãos nas saias.

Ninguém ama as pessoas como nós. Ame o gelo, em vez disso; o vento, as montanhas.

E eu amava essas coisas. Amava os tufos embaraçados de pelos das minhas cabras. Amava o modo como o vento vinha me procurar, em um pico, e depois se enrolava em volta de mim, me sacudindo. Como se fosse meu amigo. Eu amava os céus. Cada um deles. E o jeito do lobo de uivar.

Mas a Cora estava enganada. “Nunca ame” estava errado. E eu fico triste ao pensar nisso, porque acho que ela tinha um coração que queria amar e amar. Acho que ela sonhava com isso. Porque eu ouvia seus sussurros, à noite.

Será que ela pode me ver, agora? Ah, sim. Ela me vê, aqui dentro dessa cela. Está passando essas horas finais comigo e me dizendo:

Estou com você, Corrag. O reino está próximo e esperando por você.

E eu não estou longe.

Senhor Leslie. Sabia que o senhor viria. Costumava pensar que não, que a minha sujeira e a minha voz, além de “bruxa”, iriam lhe mandar embora e mantê-lo longe de mim. Pensava “ele se foi” e ficava triste. Mas, com o tempo, meu coração começou a sussurrar para mim:

Não, ele vai voltar. Vai, sim...

E o senhor voltava. Todas as vezes.

Então. Nada de penas, hoje. Nada de pasta de couro. O senhor poderia se aproximar?

Eu gostaria de lhe dizer minhas últimas palavras segurando em suas mãos.



Tenho nomes. Tenho nomes ligados àquela noite, e eu vou dá-los ao senhor. Barber. Drummond. Hamilton. Sei que também havia alguns homens dos Campbell. Não muitos, só alguns. Sei que aquele Glenlyon, que chorava dentro da vala “perdoa-me Senhor, perdoa minha alma” não estava arrepen- dido pelos seus erros passados, como eu tinha pensado, enquanto o ouvia, agachada ali: “Pobre homem. Tão solitário. Olhe só como se arrepende dos

seus erros.” Mas ele estava rezando pelos seus pecados futuros. Suas ordens tinham chegado, enviadas pelo rei.

Talvez ele continue sendo “um pobre homem”. Porque o seu choro era profundo e vinha da alma, naquela noite. Só de ouvi-lo, sentia minha alma ferida. E me fez pensar: “Encontre sua redenção. Perdoe a si mesmo.”

Tenho, também, o nome “Stair”.

“Stair.” Um nome curioso. Mas foi o nome que ouvi, enquanto me acor- rentavam. Depois que já tinham me surrado e cuspidos em cima de mim, e me derrubado, eu os ouvi dizendo:

Foi ela quem os avisou.

O Stair tem que saber disso.

O Stair não vai gostar nada disso. Os planos do Stair foram arruinados por ela.

E um dos soldados acorrou-se bem perto do meu ouvido e disse:

Ele não vai ser nada gentil com você...

E não foi, mesmo. Nem um pouco. O Senhor de Stair veio até aqui. Veio a cavalo, desde Edimburgo, para ver a criatura de olhos cinzentos que desmanchara os pontos que ele, cuidadosamente, tinha dado. E que tinha salvado a tribo dos ladrões. Ficava me olhando através das grades.

Mulherzinha enxerida — dizia. — O mundo estaria melhor se tivesse se livrado daquele clã.

E ele? Estaria melhor, livrando-se deles? Sem dúvida alguma. Fiz com que perdesse um título, eu suponho. E favores. Terras.

Mas e o que os outros perderam? O que se perdeu, em meio àquela nevasca?

Essa será uma fogueira da vingança. Isso é a verdade. Mas “bruxa”

é o motivo que eles alegam. “Bruxa” é a razão para me queimarem, ao menos é o que diz o povo da vila.

Quem vai ser queimado?

A feiticeira. A bruxa.

Ela, que sempre tentou me matar. Essa palavra, essa minha vida.



Não tenho muito tempo, senhor. Não muito tempo, agora.

Amanhã eles virão e me levarão para fora. Vão me levantar, amarrar minhas mãos no poste e atar uma corda em volta do meu pescoço, para me segurar firme, para me impedir de me encolher e, assim, apressar a minha morte. E quem será que fica pensando nessas coisas? Eu poderia uivar, dizendo:

Mas que mundo é esse? Um mundo que concebe uma coisa assim Mas não vou dizer nada. Não vou morrer pensando em coisas ruins e nem na dor.

Senhor? Senhor Leslie?

Será que eu fui muito difícil? Foi difícil vir me visitar, todos os dias? Espero que não, não muito. Espero que tenha valido pelo banquinho empinado e por esse “pinga, pinga”. E espero ter lhe oferecido uma boa ajuda, nisso que o senhor chama de “a minha causa”. O senhor sabe que eu não sou a favor dos reis. Nunca fui. Meu coração me diz que, em nome de James, ainda há mais sangue, muito mais sangue por vir. Mas espero estar enganada e espero que esse sangue não seja o seu. Tome cuidado. Não vá se meter em guerras. Lute com sua pena. Dê seu grito de guerra com tinta e passe seus sonhos para a página em branco.

A verdade Conte-lhes a verdade. Conte a minha história, quando eu me for. Diga:

Bruxa? Esposa do Diabo? Ela não era nada disso...

Faça o seu melhor. Por favor. Porque os únicos que me conheceram, que dividiram sua sopa e suas canções comigo, foram os Highlanders. E quem é que acredita neles? Sei que lendas vão surgir, como se fossem fantasmas. Lendas sobre maldades e feitiços. Sei que alguns irão sempre se benzer, ao ouvir meu nome. Mas espalhe algumas verdades por aí, em um sussurro. Diga meu nome. Porque falar dos mortos os torna mais vivos.

Entrego o meu relato ao senhor. Passo-o adiante, através dessas grades. E vá até Appin, senhor. Cavalgue até o Norte, ao longo da costa. Em seus abrigos e pequenos lares encontrará alguns dos MacDonald. Fale com eles,

e eles lhe dirão muito mais.

Calma? Não. Mas a Cora está me esperando, e eu sinto saudades dela. Vou tentar deixá-la orgulhosa, e não gritar enquanto estiver queimando, nem encolher meus pés, quando as chamas vierem lamber a pele entre os meus dedos.

“Corrag, a durona.” Eu não era assim? Pois tenho que ser assim novamente. Tenho que ser mais firme do que nunca e olhar para além das casas e do lago, e para além das árvores ressecadas, pensando “estou pronta” e “não me importo”, pois veja só toda a beleza que “bruxa” trouxe para mim. E, além do mais, “ele está vivo, ele está vivo”, e eu tive sorte. Não tive a sorte de viver uma vida tão cheia de ventania? Meu coração falou, e eu o escutei. Deixei que cantasse sua canção. Confiei em mim mesma e tive fé no mundo. Por que, afinal, não deveríamos confiar nele? Se uma pequena semente, com o tempo, pode se tornar uma árvore, e se os pássaros lembram onde ficam seus antigos ninhos, se uma égua pode entender “Norte-e-Oeste” e “Vál!”, e se a lua puxa e empurra de volta o mar prateado, então o mundo merece a nossa confiança. Eu acho que sim. E eu sempre confiei. Apesar de todas

as vezes em que desejei não ser eu mesma, e pensei “sua idiota! Sua desastrosa!”, sei que não mudaria nada em mim. Porque me esforcei para ser bondosa e amar o mundo cheio de vento, e até um solene homem da igreja, com sapatos de fivela, pode se sentar ao meu lado e sorrir. Olhe para nós! O senhor e eu! Alguma vez pensou que isso seria possível? Eu nunca pensei. Nem a Cora.

Estou tagarelando, como sempre. Mas tenho mais um pedido a fazer.

O senhor poderia assistir a minha fogueira? Lamento muito lhe pedir isso. Lamento, de verdade. É um pedido terrível. Mas, quando o fogo ainda estiver baixo, e eu estiver esperando, esperando, torcendo minhas cordas e desejando desesperadamente viver, sei que vou chorar e sentir medo. E gostaria de ver seu rosto entre todos os outros rostos que vão dizer “bruxa!”. Gostaria de poder ver os seus óculos, a sua testa enrugada. Vai ser um rosto amigo para o qual olhar. Vai ser menos terrível. Pois vou pensar “não estou sozinha”. E, apesar de, enquanto eu estiver queimando, o senhor não ter como segurar a minha mão, vai poder me dar um sorriso de carinho, e isso será a mesma coisa, para mim.

Quem sabe, enquanto o meu espírito se solta, o senhor não vai fazer uma oração? Nós somos diferentes, sim, mas ambos rezamos e fazemos nossos desejos, e pode ser que as nossas preces, ao rolar para fora das nossas bocas como se fossem um hálito frio, se dirijam a lugares diferentes. Mas imagino que acabem se encontrando, em um mesmo lugar, no fim das contas.

Diga que vai se lembrar de mim. Que está feliz porque uma estrada coberta de neve o trouxe até essa cela.

Diga que não vai pensar em mim como uma garota que foi queimada, ou destruída, mas, sim, em como eu fui, quando fui mais feliz. Em Glencoe, com meus cabelos ao vento. Com Alasdair ao meu lado.

Diga “sim” para esse meu pedido. Diga “sim”.

Mas o senhor está dizendo:

Não, Corrag, não! Você não vai morrer.

Todos nós morremos, Senhor Leslie. O reino está esperando...

Com o tempo, sim, nós vamos morrer. Mas você não vai morrer amanhã. Não vai morrer desse jeito.



Uma vez, só uma vez, pensei ter visto minha morte. Estava afundada até os joelhos, nos charcos da Inglaterra, com os sapos fazendo “croc, croc” e o vento sacudindo os juncos. Era o início da noite, e, quando olhei para baixo, vi meu rosto refletido na água. E ele me parecia estranho. Era o meu próprio rosto, só que muito velho. Meus cabelos estavam cinzentos. Vi, também, o reflexo dos gansos e do céu e pensei: “Aí está. Esse será o seu rosto, quando sua vida estiver chegando ao fim.” Então saí de lá de dentro e fui andando para casa.

Uma morte tranquila, de velhice. Terá sido isso o que eu vi? Eu vi uma velha bebendo água de um poço, na mata. Vi uma vida tranquila, afinal. Silenciosa. Longa.

E tinha me esquecido. Por todos esses anos, eu tinha me esquecido disso.

Não ame.

Mas amar foi tudo o que eu sempre fiz.

Pare de falar — o senhor está dizendo. — Abra suas mãos.

E, em meus ouvidos, o senhor diz:

Venha comigo, Corrag. Venha!

CINCO

Jane,

Está feito. Acabou-se. O homem que eu fui, no passado, está morto agora. E eu estou de pé em seu lugar.

Tenho tantas palavras para dizer-te... Tantos instantes e pensamentos... Como poderia escrever sobre todos? Não saberia como. Terei de guardá-los, em grande parte, dentro de mim. Ao menos por ora. Contar-te-ei sobre cada um deles, quando nos encontrarmos face a face, quando estiveres ao meu lado. Talvez possamos caminhar em nosso jardim, depois da chuva, quando o ar cheira à terra e umidade, que é o aroma da Irlanda, para mim. Talvez possamos nos sentar, tu e eu, naquele banco debaixo do salgueiro. E eu possa então te contar sobre como peguei emprestada, da forja do ferreiro, uma lima grande e assustadora e a escondi debaixo do meu casaco. Ele tinha várias. Acredito que não vá dar pela falta dessa. Ou melhor, espero que não. “Não roubarás”, Jane. Mas o que é que também dizem os salmos, os salmos que as traças roeram em tua Bíblia? “Quem é como o Senhor, nosso Deus?/ De seu trono nas alturas/ele baixa seu olhar/sobre o céu e sobre a terra./

Ele ergue o fraco da poeira,/tira o pobre do monturo,/para o instalar com

os príncipes,/com os príncipes do seu povo.” (Salmo 113: 5-9) E não sou Seu servo? Não estava ela necessitada de ajuda?

Ela diz que o amor é tudo o que verdadeiramente importa. O amor é o coração da fé, acredito.

Se acaso tomei algo do ferreiro, ofereci alguma coisa ao carcereiro.

Amor, para ele, significa uísque. Sempre reacendia com um e sempre falou como se o uísque corresse em suas veias. Sendo assim, dei-lhe de presente uma garrafa, em agradecimento pelas últimas semanas. E, tão logo o deixei, ouvi-o abrir a garrafa, e começar a beber. Era o uísque mais forte que pude encontrar. Desejava deixá-lo dormindo, ou, ao menos, entorpecido.

Quem é esse homem em mim, capaz de tais gestos?

Corrag estava apavorada, quando a encontrei. Estava sentada ao lado das grades, esperando, e por algum tempo ficamos em silêncio. Ela falava em sua morte. Segurava em minhas mãos, e estava tão corajosa, Jane. Era tão corajosa, em sua fala. Não se enfurecia, nem amaldiçoava o mundo. E, enquanto me sentava ao seu lado, pensei “ela nunca me pediu ajuda. Nunca me pediu que escrevesse para Stair ou que a ajudasse a escapar”.

Entreguei-lhe a lima.

Hei de lhe contar sobre a expressão em seu rosto quando estiver vendo

também o teu. Para ver eu mesmo tua expressão. Mas talvez possas imaginá-la. Ela ficou olhando aquela lima e depois olhou para os meus olhos, e pude ver, em seu rosto pequenino, um milhão de pequenas coisas.

Enquanto ela esfregava a lima sobre suas correntes, seus cabelos caíram ao redor do seu rosto, e fiquei pensando nos teus. No modo como ele forma lindos cachos, nas pontas. Meu amor, em meio a tudo isso, eu pensava em ti.

As correntes se partiram. Corrag segurou-as brevemente nas mãos. Olhava para elas, apalpando-as, e acredito que estivesse dizendo adeus àquele pequeno momento. Um adeus à sua vida acorrentada, na prisão.

Odiei-a, certa vez. Não é verdade? Queria que ardesse em chamas e desaparecesse daqui. Mas esta noite, enquanto ela se esforçava para passar por entre as grades, eu dizia:

Empurre! E: Vire-se! — desejava que se libertasse.

Puxei-a pelo braço, e a torci. Tentava afastar as barras de ferro, mas ela sacudiu a cabeça, dando um passo atrás.

Tente outra vez — eu disse.

Mas ela não conseguia enfiar-se ali, e, sendo assim, repeti:

Tente outra vez! — como se fosse uma ordem.

E então? O que aconteceu, então? Vi-a fechar os olhos. Vi-a agarrar seu próprio pulso e puxá-lo, e logo se fez um som, Jane. Um “poc”, um estalo.

E o ombro dela se ergueu. Ele subiu bem alto, como se fosse uma asa. Sua boca estava aberta. Desejava gritar de dor, creio eu, mas então se aproximou das grades nesse seu novo formato. Mordeu o lábio, prendeu a respiração e esgueirou-se por entre os ferros. E, quando caiu por cima de mim, era tão leve e tão cálida... Como se fosse um gato, ou um passarinho. Foi quando ouvi um segundo “poc”. E um miado fraco partiu dos seus lábios, e pude perceber que seus olhos encontravam-se úmidos. Mas ela estava em pé, ao meu lado, e retomara sua forma humana outra vez.

Secou o nariz e olhou para mim.

Eu a carreguei para fora dali. Pulei por cima do carcereiro, que falava, em seu sono, e carreguei-a sem segurá-la, propriamente: eu a levava dependurada, com seus dedos agarrados às minhas roupas e suas pernas envolvendo meu corpo. E, em uma noite como essa, eu ia segurando minha capa longa ao redor de mim. Foi uma noite úmida e cheia de vento. E eu a carregava. Pus-me a caminhar pelas ruas, sentindo aquela vida agarrando-se a mim, sentindo seu rosto contra o meu peito e seus dedos cravados em meu corpo e, ao passar por algumas pessoas, rezei para que apenas enxergassem um homem de capa abotoada, correndo para casa debaixo da chuva, em uma hora daquelas. E me apressei. Andava olhando

para o chão. Mas, ao chegar ao cavalo castanho, que me esperava do lado da estalagem, montei cuidadosamente e pude ouvir um pequeno gemido contra mim, como se tivesse me apoiado sobre ela.

O cavalo tinha ferraduras novas e duas semanas de descanso acumulado. Ele nos levava facilmente.

Saí cavalgando, enquanto pensava: “Mas o que é isso? Que vida será essa?” Meu coração batia com tanta força que julguei que fosse explodir. Era como se ela estivesse agarrando-se a ele, e pudesse puxá-lo para fora do meu corpo. Meus pulmões arfavam depressa e minhas costas doíam, enquanto eu pensava: “Como podem essas mãos ser minhas, e como, essas pernas?” Jane, eu levava comigo o espírito de nossa filha. E cavalgava, pensando em ti.

Perto de algumas árvores enfileiradas, diminuí a velocidade do animal.

Inverary encontrava-se atrás de nós, e naquele local o aroma era uma mistura de pinheiros úmidos, cavalo úmido e terra úmida. E foi bem ali que desmontei Corrag.

Por um curto momento, ela continuou exatamente como estivera.

Debaixo daquela chuva forte ela ficou de pé, com os braços esticados para frente, os dedos contraídos e os olhos fechados com toda a força, como se sentisse medo de abri-los para olhar. Mas, por fim, ela os abriu. Abaixou os braços, encheu os pulmões com o ar de chuva e olhou ao redor, piscando.

E eu nunca hei de me esquecer daquela cena, Jane.

Que palavras poderei usar, quando estivermos em nosso jardim, ao falar sobre aquele momento? Eu não sei. Ainda não disponho da maneira certa de falar a respeito disso. Olhamos um para o outro. Seus cabelos estavam úmidos e colavam no seu rosto. Ela tomou minhas mãos. Segurou-as, sem dizer uma única palavra. Mas que expressão havia em seu rosto! Era pura graça e sabedoria. Então, apertou minhas mãos, soltou-as, e aquele foi o seu modo de dizer “obrigada”.

Ela pôs-se a correr. Minha última visão foram suas saias rasgadas e seus cabelos voando. Continuei parado, ao lado das árvores. Permaneci ali por um longo tempo, até que meu cavalo sacudiu sua crina. Até que suas pegadas pequeninas fossem lavadas pela chuva.

Vou deixar-te, agora. Já é quase manhã, e tão logo o céu se torne mais claro pretendo remontar e partir. Appin não fica muito longe, e lá serei bem recebido. Hei de sussurrar “Jacobita”. Talvez diga o nome dela.

O que há de acontecer, eu não saberia dizê-lo. Um carcereiro meio bêbado pode sair gaguejando pelas ruas, gritando:

Ela sumiu! Fugiu voando!

E talvez encontrem alguma outra pobre alma para queimar, por algum outro motivo. Ou apenas por queimá-la, de qualquer maneira. Caso tentem partir atrás do irlandês que a visitava todos os dias, hão de estar procurando por um fantasma. Pois Charles Griffin já terá fugido. Como um sonho, ou por magia, terá desaparecido.

Jane. Meu amor. Espero que leias essa carta, dobre-a e depois a pouse em

teu colo, com um pequeno e verdadeiro sorriso em teus lábios. Espero que te sintas orgulhosa desse homem, o qual pensava servir a Deus, mas que sabe, agora, que a melhor maneira de servi-l'O é servindo a todos os seres.

Tenho sentido tua falta cotidianamente. Mas sei que te encontras na mais pura beleza, e isso te mantém próxima a mim.

Sigo para ti. Imagina-me a andar pelo caminho que leva até nossa porta. Olha pela janela a cada dia e vê isso: a mim, com meus óculos e minha bolsa de couro de bezerro, por entre as rosas cor-de-rosa da janela, totalmente em flor, a caminhar em tua direção. E saiba que, um dia, essa imagem será verdadeira.

Então, adiante, para Appin, em minha missão de servir ao mundo. E adiante, adiante, adiante com o meu amor por você!

Charles

I

“... que homem algum a despreze por ser simples e comum.

Os meios de Deus também o são.”

sobre a Cinco-em-Rama

Eu corri. Movia minhas pernas, e elas me levavam. Corri através da terra molhada e da neve antiga, e segui em direção a uma fileira de árvores. Ao alcançá-la, fiz uma curva. Você ainda estava de pé, no mesmo lugar. A chuva tinha escurecido seu vulto, sua peruca, seu colete. E pensei: “Lembre-se do rosto dele, lembre-se para sempre. Lembre-se dele, daquele que salvou você.” Porque você salvou um milhão de coisas.

Nós não acenamos, não foi? Não.

E não dissemos palavra. Porque que palavras haveria que pudessem dizer tudo aquilo? Eu tinha me agarrado a você. Tinha colado meu corpo no seu, fechado meus olhos, respirado seu cheiro quente, humano. E, quando você envolveu o próprio corpo com os braços, eles também me envolveram. Quem é que já havia me abraçado, antes? Quem já havia me estreitado junto ao corpo, desse jeito? Nem mesmo um pai. Apenas Alasdair, dezesseis noites atrás.

Eu sentia o cheiro do mar, enquanto você corria, me carregando. Sentia seus ossos e me agarrava às suas roupas.

— Obrigada — eu disse, enquanto montávamos em seu cavalo. E mais tarde, perto das árvores enfileiradas, você sorriu para mim. Sorriu, olhou a chuva que caía e esticou sua mão para senti-la. “Lembre-se dele, em pé, ali.”

O Senhor Leslie, que serve a Deus, que perdeu uma filha e que é o homem mais gentil que já conheci. Entre todos os homens. E que ama sua esposa. E que sente saudades de casa.

— Lembre-se dele, Corrag.

E, então, você se virou e partiu.

Quando finalmente cheguei a um poço, me ajoelhei na lama e bebi, e bebi. Lavei minhas axilas. Peguei a água com as mãos em concha e levei meu rosto até a ela, lavando todo o sangue e sujeira. Havia

cinzas nos meus cabelos. Minhas mãos tinham marcas e feridas, mas, pensei: “Elas vão viver. Vão sobreviver, e não vão ser queimadas. Agora não.”

Ao lado daquele poço, chorei.

Não por muito tempo, e em silêncio. Mas chorei. Porque estava viva. Estava em um lugar selvagem, onde sempre devia estar. Chorei pelos meus punhos de ferro. Pela morte que quase tinha sofrido, mas não sofrera. Chorei por todos aqueles que ainda teriam que morrer daquele jeito.

Pelos MacDonald que tinham partido. Por todos os momentos mágicos, pequenos, que passam e morrem sem ser notados. Pela minha égua. Por Alasdair.

Por não poder mais ver você.



Quem nós éramos não é mais quem somos, esses dias. O que era uma men- tira não carrega mais muitas mentiras por dentro. Nós mudamos. O sangue e o amor nos transformaram. E as palavras, também. “Norte-e-Oeste” e “fujam para Appin” mudaram a minha vida, e também outras vidas. E também “bruxa”, e “Sassenach”. E “coisinha pequena...”.

E você? Quando se sentou pela primeira vez à minha frente, com sua pena de asa de ganso, tinha desprezado o que vira ali. Disse “bruxa”, e não pensava em aproximar seu banquinho de mim. Acho que tinha medo dos meus piolhos. Pensava que a minha fogueira iluminaria os céus. Mas, então, ouviu a minha história. E puxou uma lima de ferreiro de dentro do bolso, passando-a por entre as grades. E disse:

Depressa!

E me ajudou a limar minhas correntes, limou e limou até que se par- tiram. Você disse:

Agarre-se a mim.

E me levou para a chuva.

A minha história, que eu julgava que morreria comigo. Porque quem mais iria contá-la? Quem é que sabia o que eu tinha visto? O que eu tinha sentido? E feito? Mas nós duas estamos livres das correntes, agora. Tanto eu quanto a minha história podemos caminhar em liberdade. E ser levadas pelo vento.

O que era escuridão será escuro para sempre, eu sei disso. A morte continua sendo a morte. O ódio nunca estará muito longe, nessa vida.

Mas também existe a luz. E ela está em todo lugar. Ela inunda esse mundo. O mundo transborda com ela. Certa vez, eu estava sentada

perto do Coe e vi uma lâmina de luz, descendo pelo meio das árvores, passando através das suas folhas. E me perguntei se haveria uma beleza maior do que aquela. Ou mais simples. Existem muitas belezas grandiosas. Mas todas elas — da neve caindo aos cabelos de samambaias vermelhas, passando pelos olhos da minha égua refletindo o céu, enquanto ela aspirava o ar de Rannoch —, todas elas possuem luz no seu interior, e valem a pena. Vale a pena passar pelas partes escuras.

E essa luz também está dentro de nós. A Cora sempre dizia isso. Ela falava da nossa luz interior, e nisso eu acredito. Talvez seja a alma ou, simplesmente, os nossos pensamentos, os nossos corações e pulmões e fígados nos mantendo vivos. O fluxo da vida. A magia. Nossa pulsação, nossos amores, nossos sonhos e esperanças. Quando beijei Alasdair, passamos nossas luminosidades de um para o outro. A dele entrou na minha boca, e a minha, na dele. E, sendo assim, levo sua luz dentro de mim, agora, e ele carrega a minha.

A Cora. Ela está morta, mas carrego cada uma de suas histórias comigo. E cada uma das suas risadas, também. O modo como adorava groselhas. O modo como chorava, ao ver um arco-íris, pois ele parecia lindo demais aos seus olhos. Lindo demais, como se ela, sendo aquela “feiticeira” de cabelos embaraçados, não tivesse o direito de vê-lo. Mas ela tinha todo o direito. E o arco-íris não era mais bonito do que ela, a minha mãe.

Então isto eu lhes digo: falem sobre eles. Falem sobre aqueles que já morreram. Falem sobre todos aqueles que já morreram, em toda a história desse mundo, em suas guerras, e em seus dias perdidos, faz muito tempo. Falem sobre aqueles que encontraram a morte em Glencoe, no meio da neve. Mas não falem de suas mortes: antes disso, falem de suas vidas. Não falem sobre como morreram, mas sobre como costumavam se curvar para acariciar a cabeça de um cão. Ou sobre quais baladas gostavam de cantar. Ou sobre o modo como a pele ao redor de seus olhos se enrugava toda vez que sorriam. Ou, ainda, sobre o seu clima. Porque isso os mantém vivos. Isso interrompe sua morte.

E fazer isso — escrever ou falar sobre eles — devolve a respiração às suas bocas. E levanta-os de suas camas de terra. Fazer isso sacode suas minhocas, e os traz adiante, e os põe de pé ao lado de quem fala ou escreve sobre eles. E então eles andam, saindo de dentro das páginas dos que escrevem sobre eles. E lá do reino, sorriem para nós. Todas as pessoas que morreram. Só que não estão mortas.

Sempre irão me chamar de “bruxa”. Isso vai continuar comigo. E duvido que a minha lenda seja, algum dia, contada de forma verdadeira. Porque, com o tempo, vai ser contada por homens que nunca vi, que apenas ouviram rumores a meu respeito. E eles dirão “o

mal”. Dirão que o Diabo vinha me visitar, em minha cela. Que ele me transformou em um besouro, ou em uma coruja, ou em um gato, e que eu esvoacei embora, ao lado dele.

Mas Charles Leslie de Glaslough conhece a verdade. Ele a ouviu, com sua Bíblia no colo. E, enquanto embala seu filho para dormir, ao lado do fogo, cantando uma canção das Highlands, um dos MacDonald, aquele de olhos azuis, o segundo filho do Chefe, conhece a verdade. E de agora em diante — e pelo resto da minha vida — cada passarinho que passar voando pelos meus cabelos vai sentir a verdade se erguendo de mim e irá gritar:

— Corrag! Corrag!

Em isso é o bastante. Estou sozinha, agora, como sempre estive. Mas eu fui mãe, amante e esposa. Fui bondosa, ou ao menos me esforcei para ser. E isso é o bastante.



Esta é a minha quinta vida. Acordo junto com o sol e o assisto, modificando o céu. Olho para ele e me sinto grata. Posso sentir meus braços, meus ossos.

São dias longos, tranquilos. Dias simples, como os dias que certa vez conheci. Durmo em buracos aquecidos. Enfio meus calcanhares nos brejos e fico observando as pequenas gotas de orvalho, penduradas nas pontas verde-esmeralda do musgo. E me agacho perto de lagos tão plácidos que têm suas próprias montanhas dentro deles, seu próprio céu a se mover.

Os cervos passam em fila e sigo atrás deles. Dois dias atrás, encontrei uma corça que estava tendo um filhote e fiquei assistindo. Vi sua bolsa azulada, seu silêncio, e o modo como suas narinas se abriam e fechavam. Ela reconheceu seu filhote quando ele finalmente chegou, e ele também a reconheceu. E, enquanto eu o observava experimentar aquelas pernas novas pensava em como o mundo era perfeito. O quanto é perfeito!

As noites chegam devagar. Às vezes eu me sento em uma rocha pelo dia inteiro e fico olhando para os céus. Para o modo como a luz se move do Leste para o Oeste. Esses são dias bem gastos. Mas nenhum dia é como o dia anterior, aqui no Urzedo de Rannoch.

E, em meio a tudo isso, senhor, eu penso em você. Penso em seu rosto, nos seus óculos. Em sua voz.

E espero que esteja muito bem, Senhor Leslie.

Espero que esteja feliz, onde quer que se encontre. Espero que, quando a brisa balançar as árvores por onde você caminha, que você feche seus olhos para ouvi-las.

Que pense “elas se movem para mim. Em minha honra”. Porque é

isso o que elas fazem. Para um homem bom, como o senhor.

Na minha cela, pensava que encontraria a morte, dizendo:

— Eu amo um homem. Eu amo Alasdair.

E eu o amo, mesmo. Sempre vou amar. Todos os dias, penso em como minha mão ficava dentro da mão dele, e em como ele certa vez, em um dia tingido de vermelho, afastou meu cabelo do rosto. E sinto sua falta. Digo o nome dele, apenas para ouvi-lo. Sinto as partes do meu corpo em que ele tocou.

Mas ele está vivo, assim como eu.

E, agora, eu amo mais de um homem. Suponho que ame dois.



Penso nisso e ergo meus olhos.

É noite. A lua está pequena e nova. As estrelas saíram, e posso ouvir o som de um riacho, e também as asas dos insetos, no meio da escuridão. Então eu penso “quantos presentes nos são oferecidos!”. E que presentes! Todos os dias.

Enrolo sua capa em volta de mim. Respiro. E sorrio. E atravesso o urzedo, caminhando debaixo do céu.

Posfácio

Em maio de 1692, três meses depois do massacre, um panfleto intitulado *Carta de um Cavalheiro na Escócia* começou a circular em Edimburgo. Nele, havia um relato em primeira mão das mortes em Glencoe, com depoimentos de soldados, além do de sobreviventes. Embora esse panfleto seja considerado uma peça de propaganda Jacobita, continua a ser a fonte mais substancial de informações a respeito do Massacre de Glencoe. Publicado anonimamente, é provável que seu autor tenha sido Charles Leslie.

O próprio Leslie, posteriormente, redigiu uma série de panfletos religiosos, permanecendo dedicado à sua luta pela causa dos Stuart. Em 1715, juntou-se à corte do exilado Rei James VII/II, na Itália, onde morou por seis anos. Em 1721, com a idade de 72 anos, finalmente recebeu permissão para retornar à sua Irlanda natal, onde veio a falecer. Foi enterrado em Glaslough.

As notícias do Massacre provocaram uma onda de indignação nacional. Em 1693, foi aberto um inquérito para investigação das mortes, o qual se revelou inconclusivo. Dois anos mais tarde, um segundo inquérito apontaria John Dalrymple, Senhor de Stair, como responsável. Ele foi destituído de seu título, mas, posteriormente, reintegrado. Em 1701, foi promovido a Conde de Stair.

Depois de buscar abrigo por vários meses em Appin, e nas montanhas de Argyll, os MacDonald de Glencoe voltaram para o seu vale. Em agosto de 1692, Ian, o novo chefe, assinou mais uma vez o Juramento de Lealdade, garantindo assim a segurança de seu clã. Não existem outras informações a respeito de Alasdair Og.

O rei William continuou governando por mais dez anos, até ser sucedido, em 1702, por sua cunhada, Anne. A despeito de mais de cinquenta anos de tentativas, e de uma série de rebeliões sangrentas, a causa Jacobita nunca foi vitoriosa, e nenhum Stuart jamais pôde voltar ao trono.

A última execução de uma “bruxa” na Inglaterra aconteceu no ano de 1727. O *Ato de Bruxaria de 1735* pôs fim a vários séculos de medo e de perseguições. Ao longo dos trezentos anos anteriores, estima-se que mais de

Quanto à Corrag, existe ainda uma história envolvendo o seu nome. Seu desejo de proteger o povo de Glencoe da espada do exército inglês acabou entrando para o folclore. Rumores alegam que, por mais de dois séculos, nenhum homem de Glencoe foi morto pela espada de um inimigo, em batalha. Somente em 1916, depois que uma espada antiga foi encontrada no lago Leven e trazida para terra firme, foi que alguns homens oriundos daquele local vieram a morrer, em uma guerra. A Batalha do Somme³¹ teve início no dia seguinte.

Não existem relatos sobre a morte de Corrag, embora as lendas digam que, ao falecer, era uma mulher de idade avançada. Também supõe-se que tenha sido enterrada, coberta de honras, pelo clã dos MacDonald. Na década de 1930, um esqueleto minúsculo foi, acidentalmente, desenterrado das margens do lago Leven por operários de uma estrada. Acreditando que seriam os ossos de Corrag, removeram o esqueleto do local e o enterraram novamente. Embora seu túmulo não possua qualquer identificação, seu novo local de repouso continua próximo à água. Dizem que dali é possível desfrutar de uma belíssima vista do Bico-do-Seio de Glencoe.

31. Batalha do Somme — uma das maiores batalhas da Primeira Grande Guerra, que durou de julho a novembro de 1916, e na qual a Grã-Bretanha sofreu grandes baixas. (N. da T.)

Agradecimentos

Meus agradecimentos a Tish e Geoffrey Alderson e à sua família; Louise Barret e Mark Barret (*in memoriam*); Max e Mandy Beason; Sarah Bower (como sempre); Margi Brady, da Prisão de Hexham; Helen Carpenter; David Cooper, do *Crafts and Things*; Karen e Collin Jennings; Charlotte Kissack; James e Pippa Mciuskie; Paul, Jill, Erin e Ruaridh Mills; Denise e Willie Stewart; e a Andrew Stevenson (*in memoriam*), que foi quem primeiro me disse que eu poderia escrever — ele estava comigo no início e ainda está.

Agradecimentos especiais a todos que encontrei em Glencoe e que foram tão generosos com seus conhecimentos e seu tempo. A semente deste livro foi semeada no Centro do Visitante do Fundo Nacional Escocês. Sou extremamente grata a todos os que trabalham ali.

Meu sincero “muito obrigada” a todos os meus colegas de trabalho na The Clachaig Inn: especialmente para Alex Balch, Kat Bardem, David Barnes, Jillian Blair, Adam Brown, Martyn Cooper, Jimmy Coemack, Paul Dickson, Gerry Doolna, Vicky Dwyier, Jack Eadie, Esther Gunn, Gordon Keppie, Loes Knopper, Rich Livorese, Mikey MacFarlane, Angela MacLeo, Mike Martin, Ian Mcnamara, Heather Meeten, Rachael Murphy, Isi Oakley, Criag Orr, Alex Roddie, James Roddie, Wil Stewart, Aidan Watson, Ewelina Wlodarczyk e ao brilhante Tom McAree. Obrigada por tantas coisas, mas, acima de tudo, por seu temperamento.

Sou profundamente grata a todos na *Fourth Estate* e na *Curtis Brown*, por seu profissionalismo, sua confiança e sua gentileza. Sem eles, não seria capaz de escrever. Mais do que nunca, acredito que os livros são um trabalho de equipe.

Meus agradecimentos, também, a Andrew Motion e Paul Magrs. Um agradecimento atrasado, mas um “obrigada” ainda maior, para compensar. Só agora percebo claramente tudo o que aprendi com eles e a extensão da minha boa sorte.

E um “obrigada” extraespecial à minha família, que grita “você pode fazer isso!” sempre que penso que não vou conseguir; e aos meus amigos, que gritam isso, também; e a Scott McCombie — meu *Tearlach Dubh* e meu *ulaidh* — por ter me ajudado a andar pelas montanhas.

Finalmente, meu “muito obrigada” a Katie Fforde, Mil Millington e Katie Owen. Foi sua decisão, em 2005, o que me levou até Glencoe.

Nota da autora

Apesar de ter buscado manter a exatidão histórica e apesar de a maioria das pessoas neste livro ter, de fato, existido — algumas delas, ao menos segundo rumores —, esta continua sendo uma obra de ficção, e deve ser considerada como tal.

Este e-book foi desenvolvido em formato ePub
pela Distribuidora Record de Serviços de Imprensa S. A.

A bruxa das Terras Altas

Wikipédia da autora:

[https://en.wikipedia.org/wiki/Susan_Fletcher_\(British_author\)](https://en.wikipedia.org/wiki/Susan_Fletcher_(British_author))

Twitter da autora:

<https://twitter.com/sfletcherauthor>

Goodreads da autora:

https://www.goodreads.com/author/show/1305504.Susan_Fletcher

VISIT...

LANZAROTE
Caliente.COM